



UFAM

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA

TANIAMARA QUEIROZ DE FREITAS

DAS SOMBRAS AO PROTAGONISMO

Relações de gênero: A inserção das mulheres no universo do jornalismo esportivo de
Manaus

MANAUS

2019

TANIAMARA QUEIROZ DE FREITAS

DAS SOMBRAS AO PROTAGONISMO

Relações de gênero: A inserção das mulheres no universo do jornalismo esportivo
de Manaus

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas, do Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia.

Orientador: Prof. Dr. Odenei de Souza Ribeiro

MANAUS

2019

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

F866d Freitas, Taniamara Queiroz de
Das Sombras ao Protagonismo : Relações de gênero: A inserção das mulheres no universo do jornalismo esportivo de Manaus / Taniamara Queiroz de Freitas. 2019
245 f.: 31 cm.

Orientador: Odenei de Souza Ribeiro
Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Jornalismo. 2. Gênero. 3. Esporte. 4. Mulher. I. Ribeiro, Odenei de Souza II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

TANIAMARA QUEIROZ DE FREITAS

DAS SOMBRAS AO PROTAGONISMO

Relações de gênero: A inserção das mulheres no universo do jornalismo esportivo de Manaus

Projeto de dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas (PPGSCA/UFAM).

Área de concentração: Processos Socioculturais na Amazônia.

Linha de pesquisa 2: Redes, Processos e Formas de Conhecimentos.

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor Odenei de Souza Ribeiro (Presidente)
Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia
(PPGSCA/UFAM)

Professor (Membro)

Professor (Membro)

Professor (Suplente)

Professor (Suplente)

Data da defesa: 23/08/2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a Deus pela oportunidade de fazer um mestrado em um país onde a educação ainda não é prioridade, e também pela sabedoria concedida nos momentos onde a pós-graduação teve uma carga superior ao que esperava. O percurso foi intenso em todos os sentidos, mas a vitória foi alcançada.

Ao meu amado pai, Francisco Magalhães de Freitas (*in memoriam*), que sempre acreditou no meu potencial e mostrou-me o quanto a educação poderia me levar a lugares inimagináveis.

A minha mãe, Maria Queiroz de Freitas, por sempre ter me incentivado, apoiado, a continuar estudando; mesmo com tantas adversidades durante o percurso do mestrado.

Ao meu esposo, Kleiner Soares de Souza, por dividir muitos sonhos e conquistas ao longo de mais de uma década de união. Por diversas vezes ter feito o papel de pai e mãe da nossa amada filha, Valentina, enquanto estudava.

A minha filha, Valentina Queiroz de Freitas Soares, que viveu intensamente este mestrado. Afinal, esteve no meu ventre durante o primeiro semestre e depois acompanhou a minha rotina de estudo, de mãe, esposa, filha e irmã. O meu coração transborda de amor por ela!

A minha irmã, Heloisa Queiroz de Freitas, pela compreensão e apoio; de sempre.

A minha tia, Vera Queiroz, pelo incentivo mesmo em dias sombrios.

Ao meu avô materno, Osvaldo Nogueira (*in memoriam*), que mesmo sendo analfabeto ensinou que estudar é a forma de adquirir o mais valioso tesouro que um homem pode ter: o conhecimento.

A todos os meus amigos, que se mostraram compreensivos em face das lacunas importantes que deixei no dia a dia por conta dos compromissos acadêmicos.

Agradeço grandemente as minhas queridas amigas que o mestrado concedeu: Gisele Bahia e Tássia Patrícia Silva. Dois anjos enviados por Deus, sempre dispostos a ajudar, a compartilhar alegrias e tristezas ao longo dessa jornada.

Agradeço aos meus professores, especialmente, à Prof^a. Dr^a. Selda Vale da Costa e ao Prof. Dr. João Luiz da Costa Barros. Sou grata por todos os ensinamentos e orientações. A vontade de ensinar e motivar os pesquisadores é inquestionável.

Agradeço, de modo especial, o professor orientador, Dr. Odenei de Souza Ribeiro, pela parceria durante esta etapa tão especial da minha vida. Obrigada por acreditar no meu potencial, por conceder horas do seu tempo à orientação, e principalmente por compreender as minhas limitações por conta de tantas adversidades que vivenciei ao longo do mestrado. Lapidou-me com muita paciência e dedicação, como somente os grandes mestres fazem. A forma humanizada de ensinar motiva a caminhada pela ciência. Um ser humano incrível!

A todos os jornalistas esportivos, homens e mulheres, pela gentileza de me receberem e dividirem seu precioso tempo e experiência de vida comigo. Por acreditarem na pesquisa, pelas boas conversas e relatos de grande valor humano, social e científico.

DEDICATÓRIA

Dedico esta obra ao meu pai, Francisco Magalhães de Freitas (*in memoriam*).



“Se os bons combates eu não combater, minha coroa não conquistarei, se minha carreira eu não completar de que vale a minha fé tanto guardar.”

Padre Fábio de Melo

MEMORIAL (IM) PERTINENTE

Cursar o Mestrado era um desejo, ainda na graduação, que ganhou alicerces mais sólidos ao adentrar ao mercado de trabalho. Ao perceber a necessidade de se transmitir conhecimento e promover uma análise crítica do jornalismo como um todo o desafio do processo seletivo tornou-se uma realidade. Este passo rumo a ciência promoveu um novo impulso a minha história acadêmica e pessoal, tendo em vista a possibilidade de uma ampla visualização dos objetivos e metas que almejo para a minha vida. Ao longo desse 1 ano e 9 meses foram muitas escolhas e aprendizados capazes de gerar um crescimento e amadurecimento grandioso, fortificando assim, o ser humano que sou hoje. Gratidão é a palavra certa nesse momento. Sou e serei grata por tudo e todos que de certa forma ajudaram-me a chegar até aqui, seja direta ou indiretamente.

Levo para a minha vida a seguinte filosofia de um dos gregos mais respeitados e lidos em todo o mundo, Aristóteles.

*“O prazer no trabalho aperfeiçoa a obra. Aqueles que sabem, fazem.
Aqueles que compreendem, ensinam.”*

Por acreditar que quando se tem o prazer em trabalhar é possível aperfeiçoar-se, dar o melhor de si, a busca incansável pelo conhecimento ganha uma dimensão maior. Sendo assim, não importa os entraves que encontrei e ainda encontrarei pelo caminho, o Mestrado é a realização de um sonho, e todo esforço é válido para cumpri-lo. Afinal, o conhecimento é um dos mais valiosos bens passíveis de se ter e que nunca o perderemos. Partindo deste princípio, somente conhecer não é o suficiente, é preciso ir além do superficial e aprofundar a pesquisa, de maneira a não usar o conhecimento para o próprio bem, mas para passar a frente, ajudando o outro.

Dessa forma, começo dizendo que escrever um memorial faz-nos refletir sobre a trajetória acadêmica, profissional, pessoal que até agora percorremos; bem como o conhecimento adquirido ao longo deste caminho. Irei escrever de maneira clara e objetiva, cuja leitura não se torne cansativa. Sou Taniamara Queiroz de Freitas, tenho 30 anos de idade, natural de Manaus-AM. Aluna regular

do Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas (PPGSCA/UFAM).

Sou Jornalista (2011) formada pelo Centro Universitário do Norte (UNINORTE) e Cientista Social (2014) pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM); Especialista em Comunicação Empresarial e Marketing (2013) pelo Centro Universitário do Norte (UNINORTE). Minhas áreas de interesse de pesquisa são: Jornalismo, Comunicação, Gênero e Sociologia.

As experiências profissionais que possuo são mais voltadas à Comunicação Social. Tal aspecto é fruto do desejo que desde a adolescência possuía, o de ser jornalista. Porém, antes de cursar a faculdade tão almejada optei por fazer Ciências Sociais, aos 17 anos em 2006, devido a acreditar que o conhecimento aprofundado de Sociologia, Antropologia e Política resultariam em uma visão mais complexa da sociedade e como o jornalismo lida com aspectos do dia a dia do cidadão não seria um mero reproduzidor de notícias, mas um profissional capaz de promover uma reflexão no consciente do leitor, ouvinte e telespectador. No ano seguinte comecei a fazer o curso de Jornalismo (2007), uma dupla jornada acadêmica que pode ser realizada até 2009; por conta do trabalho tive que optar por terminar primeiro Jornalismo e tranquei Ciências Sociais. Fiz logo após a faculdade de comunicação social, uma especialização na área e somente em 2014 consegui finalizar a primeira graduação. Uma caminhada árdua, onde cada passo é valorizado intensamente.

Ao longo da carreira de jornalista tive a oportunidade de trabalhar com rádio, jornalismo online e de TV, além de assessoria de comunicação e imprensa. O dia a dia, a rotina de trabalho, as conversas com os colegas de profissão, leituras de matérias e visitas a empresas do ramo levaram-me a perceber que a inserção das mulheres em determinados campos jornalísticos eram menores do que em outras, e que muitas vezes a diferença no quantitativo não se dava pela qualidade do trabalho, mas pelo quesito gênero e o estereótipo de que há ocupações destinadas ao sexo feminino e ao sexo masculino. Tal elemento fomentou a vontade de estudar como se dá admissão de mulheres no jornalismo esportivo impresso de Manaus, os desafios enfrentados por elas para se manter neste mercado, que ainda é dominado pelos homens, e se há um perfil para exercer a função em questão. Fatores, estes, norteadores para uma pesquisa.

Diante disso, em 2016, participei do Processo Seletivo para o Mestrado em Sociedade, Cultura na Amazônia e fui aprovada, para cursar no ano seguinte, o que para mim se tornou uma grande conquista, não somente pessoal, mas para o estudo voltado a comunicação e gênero, além das mulheres que trabalham ou que desejam trabalhar com jornalismo esportivo impresso em Manaus; devido esse veículo ter predominância masculina.

Todavia, esses quase dois anos de pós-graduação *Stricto Sensu* é e continua sendo um período de adaptação para conciliar a família e os estudos, por conta do nascimento da minha filha; Valentina Queiroz de Freitas Soares; e ao diagnóstico e luta contra o câncer no cérebro do meu amado pai; Francisco Magalhães de Freitas; que partiu em agosto de 2018. Mas, graças a Deus e a orientação e paciência do meu orientador, Professor Dr. Odenei de Souza Ribeiro, estou conseguindo progredir na pesquisa científica deste projeto. E percebo que a dissertação é como uma criança, precisamos conhecê-la bem para poder moldá-la de acordo como desejamos, mas essa construção surge aos poucos com a paciência aliada à persistência, em querer fazer o melhor para apresentar de forma coerente o produto final à sociedade.

RESUMO

O jornalismo esportivo vem ganhando destaque com o passar dos anos, embora isto não queira dizer que trilhar uma carreira (ou mesmo consolidá-la) seja uma tarefa fácil. Mais difícil ainda quando se é mulher, uma vez que essa ramificação do jornalismo é dominada pelos homens. A inserção das mulheres nos cadernos de esportes dos jornais impressos e rádio aparenta ser mais complexa do que na TV. Tendo em vista tal fator, busca-se analisar como se dá o trabalho e a aceitação das mulheres nesta especialidade jornalística, além da questão simbólica atrelada às atividades tidas como masculinas ou femininas, bem como os elementos necessários para exercer a profissão nos cadernos de esportes dos jornais impressos *A Crítica*, *Amazonas Em Tempo*, *Diário do Amazonas* e rádio *Difusora do Amazonas*. Por que os editores só escalam mulheres para escrever sobre esportes olímpicos? Existe um conjunto de habilidades e competências para ser jornalista esportiva? Estes são questionamentos que servem de alicerce para a análise proposta. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, com o objetivo de identificar os processos de inserção da mulher no jornalismo esportivo impresso e radiofônico de Manaus, no período de 2009 à 2014. A escolha do período, bem como das empresas jornalísticas, foi feita com base na participação de mulheres nesta editoria (em época anterior ou posterior não teve mulheres trabalhando simultaneamente em tais empresas; era e é algo esporádico). Metodologia se baseia no método empírico indutivo, com o intuito de elaborar o perfil das mulheres que trabalharam no período a ser estudado, a partir das entrevistas. A técnica de pesquisa a ser empregada será a entrevista aberta, com o intuito de obter dados referentes aos mais diversos aspectos da vida social dos sujeitos; experiências reais. Elemento este que permitirá verificar desafios e prazeres desta atividade. Dentre os entrevistados estarão jornalistas esportivas e editores-chefes.

Palavras – chaves: jornalismo, gênero, esporte, mulher.

ABSTRACT

Sports journalism has been gaining prominence over the years, although this does not mean that to run a career (or even to consolidate it) is an easy task. Even more difficult when one is a woman, since this branch of journalism is dominated by men. The inclusion of women in the sportsbooks of print newspapers and radio appears to be more complex than on TV. In view of this factor, it is sought to analyze how the work and the acceptance of women in this journalistic specialty, besides the symbolic question linked to the activities considered as masculine or feminine, as well as the necessary elements to exercise the profession in the sports books of newspapers printed *The Critic*, *Amazonas In Time*, *Diário do Amazonas* and diffuser radio in Amazonas. Why do editors only scale women to write about Olympic sports? Is there a set of skills and competencies to be a sports journalist? These are questions that serve as a basis for the proposed analysis. This is a qualitative research with the objective of identifying the processes of insertion of women in printed and radio sports journalism in Manaus, from 2009 to 2014. The choice of the period, as well as the journalistic companies, was made based on the participation of women in this issue (in previous or later times, women did not work simultaneously in such companies, it was and is rather sporadic). Methodology is based on the empirical inductive method, with the purpose of elaborating the profile of the women who worked in the period to be studied, from the interviews. The research technique to be used will be the open interview, with the purpose of obtaining data referring to the most diverse aspects of the social life of the subjects; experiences. This element will allow you to check the challenges and pleasures of this activity. Among those interviewed will be sports journalists and editor-in-chiefs.

Key - words: journalism, gender, sport.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Taxas de analfabetismo no Brasil.....	21
Quadro 2 – Taxas de analfabetismo entre sexos	25
Quadro 3 - Mulheres no legislativo.....	28
Quadro 4 – Eleitores brasileiros	29
Quadro 5 – Frequência escolar	39
Quadro 6 - Graduação entre homens e mulheres	39
Quadro 7 – Mulheres em cargos de chefia	41
Quadro 8 – Rendimento entre os sexos.....	43
Quadro 9 – Tempo de ocupação no lar e família	43
Quadro 10 – Características do Assédio Moral.....	91
Quadro 11 – Características do Assédio Sexual.....	92

LISTA DE SIGLAS

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da

Fundação Getulio Vargas (CPDOC/FGV)

Federação Nacional dos Jornalistas no Brasil (FENAJ)

Instituto Brasileiro de Geografia e estatística (IBGE)

Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL)

Ministério da Educação (MEC)

Partido Democrático Social do Amazonas (PDS-AM)

Partido da Reconstrução Nacional de Minas Gerais (PRN-MG)

Partido Trabalhista Brasileiro de Roraima (PTB-RR)

Partido dos Trabalhadores (PT)

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD)

Plano Nacional de Educação (PNE)

Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA)

Sistema de Seleção Unificada (SISU)

Tribunal Superior Eleitoral (TSE)

Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Universidade de São Paulo (USP)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1ª SEÇÃO - A MULHER NA SOCIEDADE BRASILEIRA.....	21
1.1 O PROCESSO DE INSERÇÃO DO GÊNERO FEMININO NA HISTÓRIA DO BRASIL DOS SÉCULOS XX E XXI.....	22
1.2 O ESPAÇO FEMININO NO MERCADO DE TRABALHO	31
1.3 A MULHER NA IMPRENSA BRASILEIRA	45
2ª SEÇÃO – MULHER E JORNALISMO ESPORTIVO	51
2.1 BIOGRAFIA DO JORNALISMO ESPORTIVO BRASILEIRO	52
2.2 ‘SEXO FRÁGIL’ NO JORNALISMO DOS ESPORTES	61
2.3 OS CAMINHOS DO FAZER JORNALISMO ESPORTIVO	67
3ª SEÇÃO – UM RETRATO DAS JORNALISTAS ESPORTIVAS DE MANAUS ..	75
3.1 CONFIDÊNCIAS: OS DESAFIOS DAS JORNALISTAS ESPORTIVAS DO IMPRESSO E RÁDIO MANAUARA	76
3.2 OLHAR DAS REPÓRTERES SOBRE A CONSTRUÇÃO DO CONTEÚDO ESPORTIVO E O MERCADO	96
3.3 PELO PRISMA DOS EDITORES-CHEFES	106
CONSIDERAÇÕES.....	116
REFERÊNCIAS.....	120
APÊNDICES.....	125
ANEXOS	244

INTRODUÇÃO

O jornalismo esportivo é um segmento ou especialidade jornalística. Durante a primeira metade do século XX, seu espaço era restrito dado o grau de relevância de conteúdo que o mesmo possuía frente aos aspectos comerciais dos veículos de comunicação da época. Este cenário só começou a se alterar a partir da década de 1960, quando obteve uma expressiva relevância, em função da criação de editorias específicas para coberturas esportivas.

As mulheres só começaram a ganhar espaço nas redações de esportes na década seguinte. Um campo de atuação exclusivamente masculino passou a possuir relações sociais de trabalho envolvendo o gênero feminino, onde os indivíduos atuavam na mesma função; a de repórter. Esse retrato de participação, relativamente mínima, perdurou por décadas. Hoje, o número de jornalistas esportivas apresentou aumento, no entanto isto não significa equilíbrio entre homens e mulheres. Este universo jornalístico continua sendo dominado pelos profissionais do sexo oposto.

O estigma de que a mulher não tem qualidades e atributos para atuar em determinadas áreas de trabalho, resultante de uma estrutura social, é tido por muitos autores como um dos fatores para a pouca inserção do gênero feminino em campos de atuação específicos; como o do jornalismo esportivo. Elemento este capaz de restringir o aumento da atuação de mulheres, bem como assinaturas femininas em cobertura esportivas, principalmente quando o tema das matérias envolve futebol (esporte com maior participação masculina), uma vez que os esportes amadores¹ são aqueles que possuem que permitem, de forma significativa, a participação do gênero em questão. Tais elementos possibilitam uma reflexão a cerca dos últimos 18 anos, refletindo, desta forma, a ideia de que apesar do fato de termos transposto do século XX para o XXI, ainda há entraves relacionados a inserção de mulheres nessa área de atuação jornalística, bem como em outras profissões.

Nos jornais impressos e programação das rádios de Manaus tal fato chega ser perceptível. Devido isto, pretendemos verificar e analisar nessa dissertação a inserção das mulheres e as relações de gênero presentes nos três jornais de grande circulação da capital amazonense: Diário do Amazonas, A

Crítica e Amazonas Em Tempo, além da Rádio Difusora do Amazonas; que trabalha com transmissão de esportes; no período de 2009 a 2014. Como se dá a contratação, a divisão do trabalho entre homens e mulheres, e as qualidades profissionais exigidas para o exercício da profissão também são analisadas durante o processo de construção deste trabalho. Por conseguinte, a iniciativa colabora para elaboração de um perfil social, econômico e cultural destas profissionais, além de identificar os problemas e os desafios do exercício do jornalismo esportivo realizado por mulheres na capital amazonense.

A escolha do período, bem como das empresas jornalísticas, foi feita com base na participação de mulheres nesta editoria (em época anterior ou posterior não teve mulheres trabalhando simultaneamente em tais empresas; era e é algo esporádico). Por este motivo são apenas três jornais impressos e uma rádio. A delimitação acabou por excluir os seguintes meios: TV e internet. Essa medida foi tomada devido os mesmos possuírem uma outra realidade e formato jornalístico, além de uma maior participação feminina. Esta postura também está relacionada ao prazo de tempo da pesquisa. No período escolhido, sete jornalistas e uma editora-chefe desempenharam atividades nas editorias de esportes das empresas jornalísticas em questão; sendo que cinco atuaram nos jornais e duas no rádio.

O tema relações de gênero, apesar dos avanços consideráveis das últimas décadas, ainda está em construção. Tal fato ocorre devido as ideias e valores sobre o que representa o homem ou mulher ser criado culturalmente pela sociedade. Sendo assim, as questões de gênero estão diretamente relacionadas a forma como os indivíduos configuram os diferentes papéis sociais e comportamentais vinculados aos dois sexos, como se fosse uma espécie de reprodução de regras decorrente de um comportamento natural do ser humano; resultando em condutas específicas. Este cenário contribui para a concepção de que as relações existentes possuem ligação direta com a disposição social de valores.

Com o intuito de alcançar os resultados durante a pesquisa, tomamos como alicerce os seguintes questionamentos: Por que os editores só escalam mulheres para escrever sobre esportes amadores? Existe um conjunto de habilidades e competências para ser jornalista esportiva? Surgem a partir daí, algumas hipóteses para tais questionamentos e verificamos se elas possuem

algum fundo de verdade. Uma delas está ligada à característica de que no Brasil o universo do futebol é basicamente ocupado por homens, e devido o mesmo ser uma paixão nacional, os editores buscam evitar problemas e agradar o senso comum, escalando as jornalistas esportivas para escrever sobre esportes amadores¹, na medida em que tais modalidades são tomadas como próprias ao mundo feminino. É mais fácil demonstrar conhecimento sobre natação, ginástica e atletismo do que futebol, território onde o machismo ainda impera. Já a suposição da segunda questão é a de que, em Manaus, não existe um perfil para ser jornalista esportivo no ramo do jornalismo impresso e no rádio, uma vez que seria preciso apenas ter noções das regras para poder comentar e não só narrar. Tais elementos ressaltam, de certa forma, a importância da realização desta análise.

No entanto, vale destacar outros pontos que fundamentam a relevância da pesquisa, como o fato de que assim como em diversas profissões, o jornalismo vem se desenvolvendo ao longo dos anos, e que entre as subdivisões do mesmo se destaca o jornalismo esportivo, considerado por muitos a carreira mais difícil a ser trilhada no campo jornalístico. Devido a esta situação, desde o início do século XXI já há vários encontros para discutir os problemas do seguimento promovidos ou com o apoio da Federação Nacional dos Jornalistas no Brasil (FENAJ), apesar da sua fundação ter acontecido em 1946. Nas pautas das reuniões realizadas a questão salarial já foi discutida, uma vez que não é na editoria de esportes que se encontram as melhores remunerações das grandes redações. Mas é para ela que são encaminhados os novatos, na maioria das vezes, o que desfavorece quem quer seguir carreira em outras áreas; mais nobres do jornalismo; como a editoria de economia, política, cidades e etc., prejudicando o desenvolvimento do jornalismo esportivo.

Outro ponto relevante é que há jornalistas e leitores que procuram lutar tanto contra o preconceito existente em relação às editorias de esportes, quanto em relação ao vínculo das mulheres neste segmento jornalístico. Os impactos que tais acontecimentos geram na sociedade, e mais precisamente nas jornalistas

¹ De acordo com o livro *Jornalismo Esportivo* (2009), de Paulo Vinícius Coelho, o termo esporte amador, quando utilizado nesta ramificação jornalística, necessariamente não está atrelado ao amadorismo. Este posicionamento é reflexo do jornalismo esportivo ter uma produção maior de matérias sobre futebol, a atividade esportiva mais popular do país. O espaço jornalístico dedicado aos demais esportes é relativamente menor, por isso são tratados como esportes amadores, ainda que constem entre eles, por exemplo, o vôlei e o basquete, que já são bastante profissionalizados. O termo pode ser considerado um jargão do jornalismo.

esportivas de Manaus, é um fato a ser averiguado, tendo em vista que até o momento não foi realizada nenhuma pesquisa neste âmbito na capital amazonense. Além destes pontos, existe um assunto até então não estudado no viés do nosso Estado. Ele está ligado ao fato da inexistência de um possível perfil para atuar como jornalista esportivo nos jornais *Amazonas em Tempo*, *Diário do Amazonas*, *A Crítica* e *Rádio Difusora*. Dessa forma, poderemos ajudar a comunidade científica e jornalística na medida em que será possível identificar quais as características essenciais para o bom desempenho de um jornalista esportivo nas editorias de esporte de Manaus, bem como o que se leva em consideração quanto ao conhecimento acerca do assunto, a linguagem e postura exigida, além de expor como essas atividades reproduzem as desigualdades e estigmas entre os gêneros que se revelam no cumprimento das atividades e hierarquia de salários e cargos.

A intenção desta dissertação de mestrado está em sincronia com os debates e desafios enfrentados pelas mulheres, não só no âmbito social, mas na esfera do trabalho e no jornalismo esportivo. Os elementos pesquisados poderão contribuir para uma maior inserção das mulheres nesta profissão com aspectos de universo masculino. Isso só será possível devido o jornalismo esportivo ser um produto e produtor dos sentidos da sociedade, sobretudo como uma prática social e uma manifestação cultural. Esse elemento acaba por caracterizar a atividade jornalística como área de conhecimento.

Quanto a abordagem da pesquisa, ela tem cunho qualitativo pois não se preocupa com representatividade numérica, mas sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, neste caso o formado por jornalistas esportivas. Para pôr em prática a pesquisa, conceitos como: *gênero*, *campo*, *habitus*, *capital* e *estigma*; utilizados por autores como: Joan Scott, Pierre Bourdieu, Erving Goffman, Cristina Bruschini, Helena Hirata, Georg Simmel e Laís Abramo; possuem papel imprescindível para compreensão da problemática em questão. Propomo-nos a fazer uso de recursos metodológicos que combinam o estudo bibliográfico e histórico da presença da mulher no jornalismo esportivo brasileiro concomitantemente com entrevistas realizadas com as/os profissionais deste segmento jornalístico no Amazonas.

Utilizamos o método empírico indutivo, na busca de elaborar o perfil das mulheres que trabalharam no período estudado a partir das entrevistas. Sendo a entrevista aberta a técnica de pesquisa empregada que possui o intuito de obter dados referentes aos mais diversos aspectos da vida social dos sujeitos; experiências reais. Não sendo mencionado o nome dos entrevistados devido a exposição de informações pessoais. Há a garantia de sigilo e anonimato, para tanto são utilizados números e letras quando citados. Procedimento este capaz de verificar desafios e prazeres desta atividade. Dentre os entrevistados estão jornalistas esportivas e editores-chefes que atuaram entre os anos de 2009 à 2014 nos veículos de comunicação supracitados. No total são 14 entrevistados.

Disposta em três partes, a primeira seção desta dissertação denominada “A mulher na sociedade brasileira” contém pontuações sobre o processo de inserção do gênero feminino na história do Brasil dos séculos XX e XXI, o espaço feminino no mercado de trabalho e a mulher na imprensa brasileira. Nela se traça um panorama das lutas e conquistas femininas para o seu reconhecimento como um agente social ativo, frente as particularidades e costumes de uma sociedade.

Na segunda seção temos “Mulher e Jornalismo Esportivo”, cujas subseções são: biografia do jornalismo esportivo brasileiro, ‘Sexo frágil’ no jornalismo dos esportes e os caminhos do fazer jornalismo x relações sociais. Nela através da revisão de literatura e os pressupostos teóricos buscamos descrever o modo como as mulheres são vistas e obtem espaço na especialidade jornalística em questão.

A terceira e última seção “Um retrato das jornalistas esportivas de Manaus” está estruturado em três subseções: confidências - os desafios das jornalistas esportivas do impresso e rádio manauara, olhar das repórteres sobre a construção do conteúdo esportivo e o mercado, além do item pelo prisma dos editores-chefes. Ela busca destacar como as profissionais do jornalismo esportivo dos veículos analisados observam e percebem as relações, contrastes, desafios e conquistas da profissão a partir da questão gênero, bem como verificar o olhar dos editores chefes quanto a participação feminina em um ambiente tido como masculino.

1ª Seção

A MULHER NA SOCIEDADE BRASILEIRA

1.1 O PROCESSO DE INSERÇÃO DO GÊNERO FEMININO NA HISTÓRIA DO BRASIL DOS SÉCULOS XX E XXI

O gênero feminino no Brasil não foge a trajetória de outras localidades e temporalidades, tendo sua figura vinculada aos afazeres do lar e algumas atividades pesadas, como, por exemplo, a agricultura. A figura da mulher, em momentos anteriores ao século XX, era atrelada a ideia de segundo sexo, onde a subordinação ao homem fazia parte da construção da sua identidade. As principais funções das mulheres eram: reprodução, criação dos filhos, fição, tecelagem e alimentação. Essa visão é ainda mais limitada se retrocedermos até a civilização grega, uma vez que elas eram excluídas de atividades ligadas ao conhecimento e ao pensamento. No entanto haviam exceções, pois as únicas a usufruírem desses elementos eram as cortesãs, que ao fazerem uso do pouco domínio que possuíam a cerca das artes buscavam agradar os homens que as procuravam para momentos de lazer/prazer. O direito à educação era negado às mulheres; algo exclusivo dos homens.

O código legal romano legitimava a discriminação da mulher. Entretanto, contam Alves e Pitanguy, em 195 d.C., as mulheres se dirigiam ao Senado Romano para protestar contra o privilégio masculino do uso dos transportes públicos e contra a obrigatoriedade de só poder se locomoverem a pé. Um dos senadores se manifestou, expondo aos demais o “perigo” de deixar as mulheres em igualdade com os homens, pois, de acordo com ele, as mulheres seriam capazes de em pouco tempo desejar governar os homens. Para Alves e Pitanguy, o direito aparece nessa passagem como instrumento de legitimação da posição inferior da mulher romana (SIQUEIRA, 2005, p. 6-7).

Este panorama teve alterações ao longo dos tempos, as mulheres passaram a ser ouvidas (apesar de parcialmente) pela esfera pública. O medo não fazia parte da luta pelos direitos do gênero em questão. A organização de manifestações em prol da classe ganharam força, as greves e reivindicações por espaço na sociedade tornaram-se contínuos e persistentes. Um dos alicerces dessa iniciativa é a educação, uma vez que as lideranças dos movimentos eram letradas. O cenário dessa busca por igualdade de direitos, por conhecimento, é tortuoso, dado que as mulheres não possuíam prioridades e em muitos casos eram limitadas a cuidar apenas da casa; fato este que comprometeu a imagem

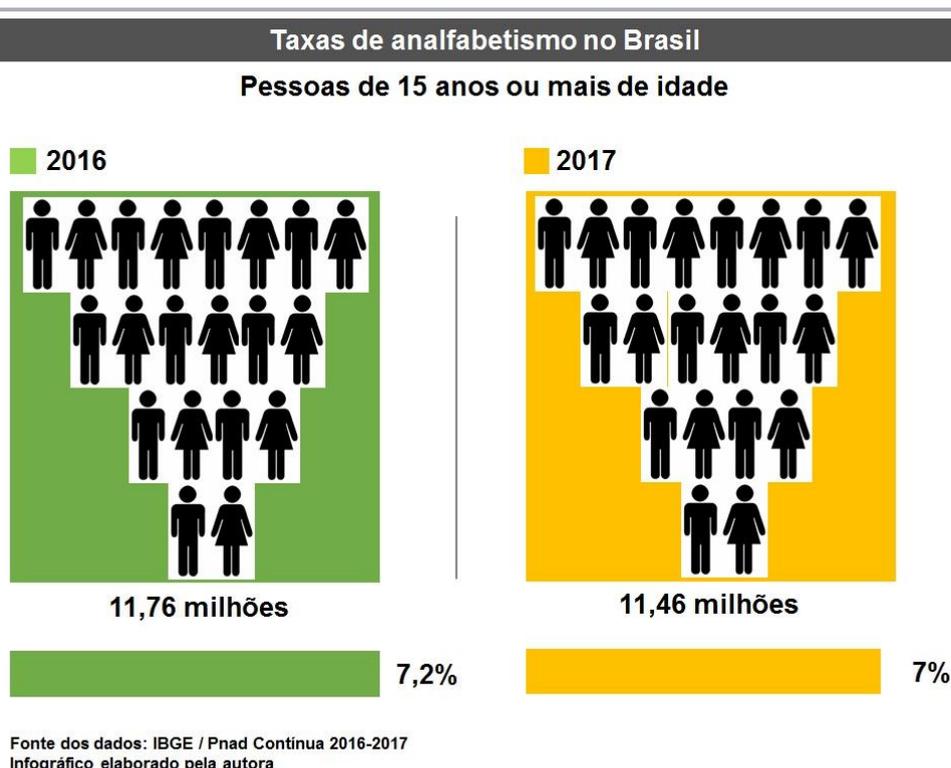
delas durante anos. As mulheres brancas eram subordinadas aos pais e se casavam muito cedo, passando a ser propriedade do esposo após o enlace matrimonial. A reclusão em um convento era a única opção de fuga dessa circunstância.

No âmbito da sociedade brasileira, a educação não era algo tão valorizado até as primeiras décadas do século XX, uma vez que neste período a dedicação maior dos homens era principalmente a agricultura e a economia cafeeira. Na concepção dos indivíduos desta época não havia a necessidade estudos para por em prática suas tarefas diárias. Apenas com o passar dos anos verifica-se as mudanças, mesmo que restringidas a classes sociais e de raça. A princípio, as únicas mulheres que tinham acesso à cultura eram as brancas, entretanto limitadas a somente o contato social, o que acabava tornando-as em determinados momentos espelho do conservadorismo do gênero masculino.

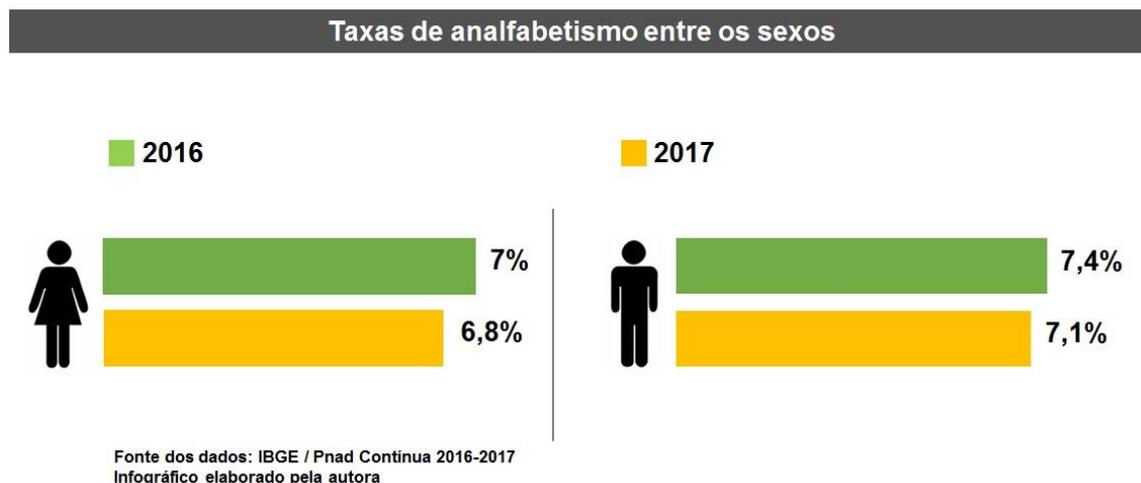
Os filhos do sexo masculino provenientes da oligarquia patriarcal do Brasil estudavam na Europa e eram responsáveis pelas inovações no âmbito cultural, social e político; dada a experiência de viver no Velho Mundo. No entanto, os mesmos careciam de algo: a influência e a orientação da mãe para que eles pudessem conhecer o mundo com outros olhos. Vale salientar que as primeiras mulheres com domínio de leitura e escrita apareceram no fim século XIX. Contudo, restringiam-se ao universo do romance francês. Por conseguinte, o gênero feminino passa a ganhar novas características no seu papel social, saindo da domesticidade e começando a integrar-se a educação; no primeiro momento como professora ou escritora.

Podemos visualizar melhor a inserção da mulher na sociedade e seu enriquecimento cultural, analisando os fatos sócio-econômicos, que se desenrolaram desde o período colonial até a fase de industrialização do país. No período colonial, a igualdade jurídica entre os homens dificulta a realização da principal meta do sistema capitalista: a acumulação de capital. Por essa razão, a utilização da força de trabalho escrava constitui-se no meio adequado para atingir esse objetivo. Contudo, a Revolução Industrial inglesa do século XVIII gera a necessidade de mão-de-obra livre assalariada para garantir a existência de um mercado consumidor e, assim, possibilitar a sobrevivência do capitalismo industrial. Como a tendência desse sistema de produção é conquistar cada vez mais mercados consumidores, a economia brasileira, baseada na mão-de-obra escrava não consumidora, mostra-se um entrave para a expansão do sistema (CERDEIRA, s/a, p. 9-10).

A ausência do direito a educação para a mulher e depois a demora da disponibilização da mesma à todas, independente de diferenças classes e raça, contribui para a atual realidade e empecilhos para o crescimento do Brasil. O exemplo disso é o analfabetismo, que apesar de estarmos no século XXI ainda é um problema social. Para ter uma noção deste quadro, de acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua); realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); no ano de 2017 o país possuía 11,46 milhões de pessoas de 15 anos ou mais de idade sem saber ler ou escrever um bilhete simples. Apesar da queda do analfabetismo entre as mulheres de 7% para 6,8% o entrave está longe de ser erradicado. Dado o lento progresso e os problemas sociais enfrentados, o Brasil segue distante de atingir a meta do Plano Nacional de Educação (PNE) de 2014, de erradicar o analfabetismo até 2024.



Quadro 1 – Taxas de analfabetismo no Brasil



Quadro 2 – Taxas de analfabetismo entre sexos

Vale ressaltar, no entanto, que por meio da conquista do nível de instrução as mulheres conseguiram alcançar diversas conquistas a nível mundial, como, por exemplo, o voto feminino e a inserção na política. Na América do Norte, os Estados Unidos foram o primeiro país, ainda no século XIX, a ter mulheres fazendo parte de movimentos em prol da abolição da escravidão. Em 1969, no estado de Wyoming, uma norte-americana conseguiu votar. Tal ação só pôde ser realizada por conta da autonomia que a constituição, naquela época, delegava aos estados. No outro extremo, na América Latina, o Equador, em 1929, foi o primeiro país a conceder o direito de votar as mulheres. É interessante frisar que essa história poderia ter outro país e período de tempo em destaque, devido em 1890, no Brasil, César Zama e Almeida Nogueira; dois políticos e intelectuais da época; terem dado início a luta por esse direito feminino.

Para a Constituição de 1890, um dos obstáculos para a mulher exercer a cidadania estava ligado a ideia de o voto feminino ser um estímulo ao fim das famílias. A concepção de que a figura feminina só possuía duas funções sociais sólidas, como procriar e servir o esposo; faziam parte da consciência masculina daquela época. Após muitas lutas e insistência, a professora Celina Guimarães tornou-se a primeira brasileira a fazer o alistamento eleitoral. O fato aconteceu em 1927, na cidade de Mossoró, pertencente ao Estado do Rio Grande do Norte. Essa conquista regional impulsionou a luta feminina da expansão dos votos. Nesse período são fundadas diversas organizações a congregar as militantes

feministas, mas uma em especial já atuava de forma contundente, a Federação Brasileira Pelo Progresso Feminino, que foi fundada no Rio de Janeiro em 9 de agosto de 1922. O perfil das mulheres que buscavam o direito ao voto era de pessoas cultas, que tinham acesso aos noticiários do mundo.

Perry Anderson, por exemplo, afirma que o movimento mais importante do século XX é o movimento feminista. Realmente, as mulheres viraram o mundo de cabeça, desistindo do papel de coadjuvantes da história para fazerem parte do elenco principal. Para serem vistas e ouvidas, falaram alto evocando Simone de Beauvoir, que dizia que a emancipação da mulher não é uma questão de felicidade, mas de liberdade. Liberdade para trocar a paz pela luta, a segurança pelo questionamento.... Para eles, quem estava sendo ameaçada era a família, que se desagregaria com a mulher que não tivesse mais como única função servir o marido e procriar (COLLING, 1997, p. 39).

Frente à linha de tempo e conquistas femininas apresentadas pode-se verificar que apesar de o Brasil ter sido o último país a eliminar a escravidão (oficialmente), ele não foi o último a conceder o voto às mulheres. Ponto positivo, visto que nações de grande influência mundial, como, por exemplo, a França, só disponibilizou esse direito algum tempo depois.

A conquista do voto no plano nacional aconteceu através do Código Eleitoral Provisório, de 24 de fevereiro de 1932, que determinava que todas as brasileiras casadas, com a autorização do marido, solteiras e viúvas, com renda própria, poderiam votar. Esse decreto aconteceu durante o governo do presidente Getúlio Vargas, e por meio do artigo 121 deixava claro que não havia obrigatoriedade do voto feminino.

O alistamento eleitoral foi realizado no Brasil inteiro. Em alguns Estados o número de mulheres que havia se inscrito ficou aquém do esperado. A motivação era pouca, mas havia exemplos dignificantes, como o caso da moradora de Itabira, em Minas Gerais, Virgínia Augusta de Andrade Lage, que fez questão em se inscrever perante a justiça apesar de contar com a idade de 99 anos (RIBEIRO, 2009).

Apesar de todas as exigências, como autorização do esposo e obrigatoriedade de renda, o voto tem aspectos de conquista. Elemento este que fortaleceu os movimentos feministas, que prezavam pela organização e tinham seus objetivos delimitados. Elas aproveitaram a conquista do voto para realizar outras reivindicações quanto a condição da mulher, como o direito a ocupar

cargos políticos. O dia 3 de maio de 1933 é histórico para as lutas do gênero em análise, devido a marcar a conquista de a mulher brasileira poder pela primeira vez, na esfera nacional, votar e ser votada. As batalhas pelo reconhecimento perante a sociedade transpassaram séculos de condição subalterna. Para que os avanços fossem alcançados foram realizadas muitas passeatas, manifestos, entre outras atividades.

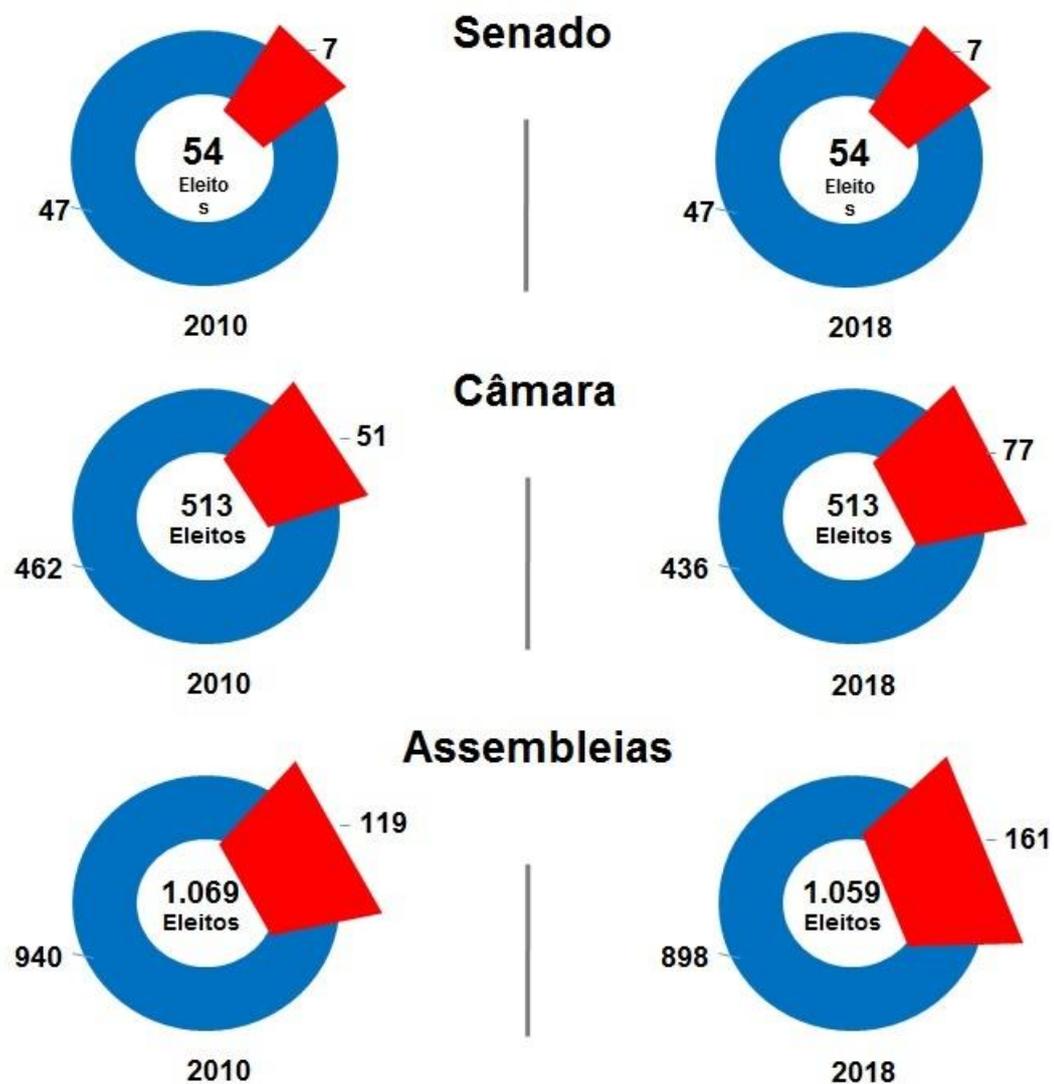
Sabemos que, para um país como o Brasil, a presença da mulher nas decisões políticas precisaria ser significativa e adequada ao seu verdadeiro *status* frente a sociedade, pois ao longo dos tempos ela vem mostrando a importância do seu trabalho fora de casa, como, por exemplo, no campo. Mas a realidade ainda não expressa essa importância.

De acordo com dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), no pleito de 2018 o número de mulheres eleitas para o Senado foi o mesmo da eleição de 2010, em contrapartida houve um aumento na Câmara e nas Assembleias, de uma maneira geral. Dos 54 eleitos para ocupar vagas no Senado, apenas sete exercerão o cargo como senadora, este número representa 13% dos eleitos. Na Câmara teve registro de aumento de 51% no número de mulheres eleitas se comparado as eleições de 2014. Antes eram somente 51 representantes do sexo feminino, agora serão 77 deputadas. Este dado equivale a 15% da composição da Câmara Federal. No quadro de deputados estaduais eleitos, as mulheres também representam 15% da totalidade. Ao todo, foram 161 deputadas, o que corresponde a um aumento de 35% quando se utiliza o ano de 2014 como parâmetro. Os números retratam o fato de se estar longe da igualdade entre homens e mulheres quando o assunto é a ocupação de cargos políticos. Na prática, é possível observar que, embora as mulheres representem atualmente 52% dos eleitores brasileiros a representação feminina ainda está abaixo do esperado.

A mulher e o legislativo

Quadro comparativo referente a mulheres eleitas para a Senado, Câmara e Assembleias

■ Homens ■ Mulheres



Fonte dos dados: TSE - 2018
 Infográfico elaborado pela autora

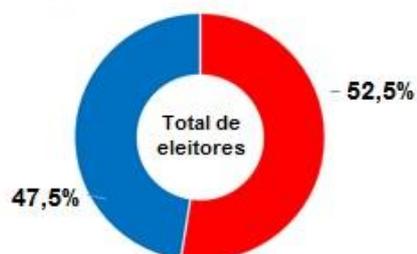
Quadro 3 – Mulheres no legislativo

Quantitativo de eleitores brasileiros em 2018



147.302.357 eleitores

■ Homens ■ Mulheres



Eleitores



Fonte dos dados: TSE - 2018
Infográfico elaborado pela autora

Quadro 4 – Eleitores brasileiros

Para Alves (2009), o sistema político brasileiro tem uma inquestionável natureza excludente. Juridicamente, “todos são iguais perante a lei”. No entanto, a realidade vai contra a esse princípio na medida em que existe algo que distribui o poder político, separando-os entre os gêneros masculinos e femininos, mas sempre levando uma maior parte para os homens, excluindo as mulheres de certas decisões. Tendo como base essa realidade, deve-se ir além, com medidas voltadas para a ascensão da equidade, uma vez que para muitos autores a discriminação não será combatida apenas com a concretização de normas jurídicas.

É este raciocínio que fundamenta as políticas de “ação afirmativa” enquanto medidas temporárias e especiais de proteção a grupos sociais excluídos, visando a promover sua ascensão na sociedade até um nível aceitável de equiparação aos demais grupos historicamente privilegiados. No Brasil, a lei que pretende garantir um nível mínimo de candidaturas femininas foi instituída nas eleições de 1996, estabelecendo cotas de 20% para as mulheres. A cota mínima passou para 25% em 1998 e para 30% a partir das eleições do ano 2000. (ALVES, 2009, p. 2).

Pesquisas apontam que, para a população, as mulheres têm capacidade, competência e responsabilidade para assumir funções públicas, mas isso não depende apenas da sociedade. Enquanto cresce a popularidade do sexo feminino devido ao bom desempenho nas atividades públicas, percebe-se que uma gama de partidos e seus partidários fazem vista grossa para essa situação. Para eles, a figura feminina ainda é vista como a representante e zeladora da família: mãe e dona de casa, por causa de suas características biológicas.

Acredita-se que por conta da vida pública do indivíduo do gênero feminino ter sido propriedade dos homens por muito tempo, determinados vestígios ainda se fazem refletir na atualidade. Isso porque para algumas mulheres os problemas políticos e econômicos que afligem o mundo ainda são elementos desconhecidos. Esses casos acabam por influenciar na ocupação de cargos políticos.

Se dependesse somente do eleitorado, haveria crescimento expressivo do número de vereadoras e prefeitas eleitas. Acontece que as mulheres não dependem apenas dos eleitores. Para se chegar ao parlamento municipal, estadual ou federal é preciso passar por um verdadeiro vestibular que afunila as chances de uma mulher ser candidata. E, o pior, neste “vestibular” os critérios de escolha não são baseados no mérito, mas, sim, na lógica da hierarquia partidária. Infelizmente, a maioria dos partidos políticos

brasileiros herdou práticas sexistas e abrem espaços para as mulheres somente como “formiguinhas” que trabalham muito nas bases, mas raramente são aceitas como “companheiras de poder” na hora de decidir as candidaturas e a ocupação de cargos públicos em que o partido esteja contemplado (ALVES, 2009, p.2).

A presença feminina na política ganhou força 1928, ano em que foi a eleita a primeira mulher no Brasil. Alzira Soriano marca o início de uma era, quando nomeada prefeita do município de Lajes, pertencente ao Estado do Rio Grande do Norte (pioneiro quando o assunto é o reconhecimento do gênero no cenário político brasileiro). Porém a representante do Partido Republicano não conseguiria terminar o seu mandato por conta de uma Comissão de Poderes do Senado ter anulado os votos de todas as mulheres. Tal luta se perpetuaria por mais cinco anos. Somente nas eleições convocadas por Getúlio Vargas para uma Assembleia Constituinte, nos anos de 1934 e 1935, foi eleita outra mulher, agora a primeira deputada federal, a médica paulista Carlota Pereira de Queiroz; o grande nome do pleito de 1933. Seu mandato foi marcado pela defesa das crianças, da mulher e educação visando métodos que gerassem melhor tratamento das mulheres. Durante sua vida pública publicou uma série de trabalhos em defesa da mulher brasileira.

Apesar dos movimentos feministas terem alcançado grandes conquistas no âmbito do meio político e social, até a década de 1970, elas não foram suficientes para mudar esse quadro de exclusão. Só no ano de 1979, com a morte do titular no senado João Bosco de Lima, a primeira mulher assume um posto no Senado, Eunice Michiles, pelo Partido Democrático Social (PDS-AM).

Vale ressaltar que a partir do final da década de 1980, com a ajuda do crescimento industrial, o cenário político começou a mudar, pois dez anos depois outras mulheres seriam eleitas senadoras, tais como: Júnia Marise (PRN-MG) e Marluce Pinto (PTB-RR) e, após quatro anos, Roseane Sarney (PRL) foi eleita, no Maranhão, a primeira mulher governadora. Acontecimentos como esses contribuíram e muito para o crescimento das mulheres. Elas já conseguiram ocupar alguns ministérios e secretarias, como a Especial de Políticas para as Mulheres. Suas participações foram ampliadas nas esferas do poder. A prova de que a participação do sexo feminino está cada vez incisiva reflete-se nas urnas. Nas eleições de 2010 o Brasil elegeu a primeira mulher presidente.

Na medida em que foram se constituindo como sujeitos políticos, as mulheres elaboraram um discurso sobre si mesmas, nomeando o que significa o feminino e as relações que se estabeleceram numa situação de opressão. É o processo de masculinização e feminização dos sujeitos. Pesquisas mostram que as mulheres não permanecem omissas ou passivas ao longo da história, mas sua participação é desconsiderada. Esta passividade, entendida como docilidade feminina, serviu a interesses determinados, mantendo os mecanismos de poder inalterados (COLLING, 1997, p. 94-95).

Atualmente (2019), 51 vagas da Câmara Federal são ocupadas por mulheres, mas esse número ainda é pequeno, pois há um total de 513 cadeiras. O número de mulheres cresce a cada eleição. Esse panorama pode ser visto quando se analisa a eleição de 1989, quando apenas 16 deputadas foram eleitas, ou seja, tem diminuído a barreira existente entre os gêneros no que se refere à participação delas no legislativo. No entanto, ao compararmos com o quantitativo, é notável que a desigualdade ainda permaneça.

Outro ponto a salientar é a representação feminina no Senado. No total são 12 mulheres nessa casa legislativa, sendo três do Partido dos Trabalhadores (PT), aquele que mais elegeu representantes do sexo feminino na Câmara Federal e na história do Senado. É importante evidenciar que, durante o percurso histórico político do país, mais de 50% delas são senadoras das regiões Norte e Nordeste.

No Brasil, um processo ainda recente, refere-se ao de implementação de cotas para a ocupação de cargos na esfera política. A lei em vigor prevê que ao menos 30% dos candidatos devam ser do sexo feminino. Essa vertente vem dando, mesmo que de forma tímida, visibilidade aos processos de exclusão da mulher dos espaços políticos e, portanto, explicitando a diferença existente neste cenário a cerca do gênero feminino e masculino. Em função disso, as cotas são tratadas como tema central nas discussões e reuniões relacionadas à política, além, é claro, do fato de ser considerada pelos movimentos feministas algo crucial para um reconhecimento do papel da mulher.

Equívocos quanto às cotas ainda são comuns, dado o fato de que muitas pessoas ainda desconhecem o real sentido da iniciativa. De acordo com Ferreira (2004), em seu artigo “Mulher e política: do voto feminino à lei das cotas: a difícil inserção das mulheres nas democracias representativas”, a norma em vigor não resolve o problema da desigualdade, e que suas lutas deveriam ser por 50% das

cotas. Apesar de o movimento lutar pela igualdade, segundo a autora, 30% representa apenas um ganho quando comparado à estrutura da sociedade e às lutas pelas quais as mulheres passaram.

Outro ponto invariavelmente ressaltado diz respeito a circunstância de as pessoas acharem que a lei das cotas, por si só, não garante o direito de poder. O simples incremento quantitativo de mulheres a ocupar mais espaço no âmbito legislativo não é fator decisivo para uma alteração substantiva na relação de poder. Mas assim como as cotas podem trazer à tona a própria condição subalterna da mulher, acredita-se que por meio desse mecanismo, no decorrer do tempo, seja possível vislumbrar mudanças a respeito dos valores que permeiam o exercício do poder.

Por fim, a população ainda não percebeu, na sua amplitude, que as cotas são algo positivo para as mulheres, ou seja, ainda não ficou claro que a iniciativa pode ajudar no crescimento do número de mulheres e, conseqüentemente, criar condições mais favoráveis para a participação feminina nas direções de sindicatos, câmaras, assembleias, partidos, etc. Por meio deste recurso, elas pretendem tornar mais visíveis o que o gênero feminino enfrenta na sua integração ao poder, uma instância ainda caracterizada como eminentemente masculina.

As ações afirmativas (mais precisamente a lei de cotas) constituem-se em formas positivas de reverter formalmente o quadro de desigualdade entre os gêneros e demais atores sociais historicamente excluídos. A Lei 9.100/95, voltada ao cenário político, aperfeiçoada pelas leis 9.504/97 e 12.034/09, vem responder às reivindicações dos movimentos feministas, muito embora seja do conhecimento de todos que somente com uma ação conjunta das diversas organizações de mulheres com os partidos políticos e, a partir de um projeto de educação política que tenha o gênero como enfoque, será possível diminuir estas disparidades. A prova dessa percepção é o fato de que, mesmo com as leis supracitadas, a atual representação feminina no Congresso Nacional corresponde a 11,3% dos parlamentares.

É certo que a Lei das Cotas não irá mudar esse quadro nas próximas eleições, entretanto, a legalidade permitirá uma maior ousadia das mulheres de adentrar num mundo antes interdito. O ato de permitir o que foi negado de forma autoritária e irracional

pode ser também estimulante. A presença cada vez maior de mulheres nas Câmaras Municipais significa sua preocupação com os destinos da Cidade da qual elas estão mais próximas, mais receptivas e com maior poder de articulação para intervir, dadas as suas relações familiares. Sua inserção em um espaço geográfico mais favorável, o deslocamento para exercer a vida pública é mais facilitado. Diferente das Assembléias Legislativas e Câmara Federal, que significa muitas vezes dificuldade de conciliar a vida pública com a vida privada, dadas as cobranças que em geral são feitas às mulheres, ao contrário dos homens que são mais estimulados, uma vez que o poder lhe é visto como algo natural, intrínseco a sua condição de homem (FERREIRA, 2004).

1.2 O ESPAÇO FEMININO NO MERCADO DE TRABALHO

A introdução do gênero feminino no universo do trabalho teve início ainda no mundo antigo quando as mulheres exerciam atividades no campo, porém sempre no domínio familiar. As atividades foram se diversificando com o passar dos séculos, as viúvas ou aquelas que pertenciam à classe menos favorecida da sociedade tinham de sustentar seus filhos e, para isso, utilizavam tarefas simples que geravam renda, tais como: bordados, doces, aulas de música, entre outras. Essas atividades não eram respeitadas pelos cidadãos, uma vez que acreditava-se que o homem era o provedor do lar, e a mulher era apenas a mãe, esposa e dona de casa; fortalecendo a ideia da subalternidade.

O advento da I e II Guerra Mundial (1914–1918 e 1939–1945) é um marco para a profissionalização da mão de obra feminina. Nos períodos em questão, as mulheres passaram a assumir a posição dos homens no mercado de trabalho. Este cenário é reflexo da necessidade deles irem para as frentes de batalha e o fato de ter de alimentar os filhos. O término desses eventos históricos reforçou ainda mais a importância do gênero, pois muitos homens perderam a vida ou retornaram ao lar mutilados, impossibilitados de voltar ao trabalho.

Não se pode esquecer que no século XIX as mulheres também receberam incentivos, tendo em vista que, com a consolidação do sistema capitalista, houve transformações na produção e organização do trabalho feminino. Apesar de alguns resquícios da exploração ainda continuarem em algumas empresas.

Desde então, algumas leis passaram a beneficiar as mulheres. Ficou estabelecido na Constituição de 32 que “sem distinção de

sexo, a todo trabalho de igual valor correspondente salário igual; veda-se o trabalho feminino das 22 horas às 5 da manhã; é proibido o trabalho da mulher grávida durante o período de quatro semanas antes do parto e quatro semanas depois; é proibido despedir mulher grávida pelo simples fato da gravidez”. Mesmo com essa conquista, algumas formas de exploração perduraram durante muito tempo. Jornadas entre 14 e 18 horas e diferenças salariais acentuadas eram comuns. A justificativa desse ato estava centrada no fato de o homem trabalhar e sustentar a mulher. Desse modo, não havia necessidade de a mulher ganhar um salário equivalente ou superior ao do homem (PROBST, s/a).

Em suma, aos poucos as mulheres deixaram de ser apenas agentes responsáveis pelos afazeres domésticos e, em certos casos, passaram a dividir essa tarefa com o homem. No entanto, isso não quer dizer que este processo tenha acontecido a todo vapor; embora ao longo do tempo ele venha ganhando maior solidez. O acúmulo de funções é o diferencial deste processo, pois muitas delas possuem tripla jornada, trabalham em empresas, cuidam dos filhos e ainda realizam afazeres domésticos, diferentemente de um número expressivo de homens. Ou seja, além de cumprir os papéis tradicionais, passou a ser uma das principais fontes de renda, ganhando autoridade e tornando-se uma espécie de exemplo moral para a família. Qualquer deslize ou descuido nesse campo moral, no entanto, pode prejudicar essa imagem. Enquanto aos homens há certa leniência quanto a certos vexames, tais como embriagar-se ou cometer traições, para as mulheres tais deslizes são completamente vedados.

O ideal de reciprocidade na relação geralmente é rompido quando os homens se recusam a assumir as tarefas domésticas.... Uma pesquisa realizada nos Estados Unidos, ainda na década de 1960, por James Morgan com 2214 casais, revelou que, ao se casarem, os homens efetuavam, por semana, duas vezes menos horas de trabalhos domésticos do que durante o período de solteiros (4 horas por semana em vez de 8), enquanto o inverso valia para as mulheres (40 horas semanais contra 20 para as solteiras). Nesse aspecto, parece que a realidade não mudou tanto assim em quatro décadas. Em pesquisa publicada pelo Datafolha em 1998, 47% dos homens admitiram nunca limpar a casa. Das mulheres entrevistadas, por sua vez, 58% disseram nunca ter tempo para ver shows musicais e 76% revelaram nunca ir ao cinema. Maior carga de trabalho doméstico e menores chances de lazer tornaram as mulheres céticas em relação aos benefícios do casamento... Por aqui ainda pesam os efeitos da tradição cultural que faz com que tanto homens quanto mulheres encarem o trabalho profissional como complementar ao do marido, mesmo que seja a única a entrar com dinheiro em casa. Isso torna

invisível seu esforço fora do lar (CARREIRA, AJAMIL, MOREIRA, 2001, p.129-152-153).

A redução no número de filhos pode ser considerada um dos fatores que contribuiu bastante para o crescimento significativo do gênero feminino no mercado de trabalho. Nas décadas de 1970 e 1980, ainda no século XX, ocorreu; com mais intensidade; a queda na taxa de fecundidade. Com menos filhos, as mulheres puderam conciliar melhor o papel de mãe e trabalhadora. De acordo com dados da revisão 2018 da Projeção de População do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgados no primeiro semestre do ano em vigor, a média atual é de 1,77 filhos por mulher. Essa é a menor taxa de todos os tempos. Isto é perceptível quando se comparam os dados dos anos 1960 (havia 6,3 nascimentos por cada cidadã), da década de 1970 (5,8), e dos anos 1980 (4,4), e de dez anos (2,9).

Por conseguinte, para consolidar sua posição enquanto mão de obra relevante na sociedade, a mulher tende a adiar os projetos voltados para a construção ou aumento da família. As preocupações são muitas, e variam da seguinte forma: como vão poder educar seus filhos? Onde e com quem deixá-los no período do trabalho durante os cursos de aperfeiçoamento profissional ou viagens a trabalho? Este cenário se agrava quando elas não possuem cônjuge, pois nessa situação o trabalho chega a ser triplicado. Em casos desse tipo, a popular 'dupla jornada' pode ganhar aspectos de maratona. Tal aumento de mulheres que comandam os lares pode ser explicado por várias razões, entre elas: uma possível mudança no padrão de comportamento social; atrelada a aceitação de modelos menos tradicionalistas, além alterações de auto percepção das mulheres em relação a sua posição dentro da família.

A estrutura familiar brasileira sofreu modificações entre 1992 e 2008. O tipo de arranjo predominante à época era o do casal com filhos (62,8% do total). No ano passado, esse modelo representou 50,5% do total de arranjos familiares. Houve também um aumento significativo de famílias chefiadas por mulheres, que subiram de 4,5% para 31,2% no período pesquisado, somando 4,3 milhões de famílias em 2008. Essa elevação está relacionada ao crescimento da participação feminina no mercado de trabalho, segundo o estudo do IPEA. O aumento da proporção de mulheres cônjuges que contribuem para a renda familiar evoluiu de 39,1% para 64,3% (GANDRA, 2009).

Entretanto, a multifuncionalidade feminina é vista por muitas empresas como uma vantagem estratégica. Aos poucos a razão, a matemática e a disciplina que imperam no âmbito masculino vão sendo assimiladas ou substituídas pela criatividade, maior dedicação e afetividade próprias do mundo feminino. Outras características também fazem a diferença, como a facilidade de trabalhar em equipes heterogêneas. Grupos desse tipo, quando atuam em sintonia, possuem facilidades de encontrar soluções variadas e criativas para problemas tidos como impossíveis de ser resolvidos. Há quem diga que esses elementos podem ser encontrados com mais facilidade entre aquelas que são mães. Tal ideia vai contra a concepção de que filhos atrapalham a inserção das mulheres no mercado de trabalho.

Ao contrário do que sempre se pensou, maternidade é hoje em dia considerada uma escola para as mulheres que almejam a liderança. No trabalho de direção, coordenação e gestão exigem-se muitas das habilidades que a mulher desenvolve quando nascem seus filhos e como organizadora e administradora do lar. Dentre tais habilidades destacam-se: capacidade de organização, conciliação e equilíbrio entre diferentes atividades, como ensinar, dirigir, monitorar, manejar conflitos ou dividir informações. Para realizar múltiplas atividades, as mulheres precisam dialogar, negociar, ter visão de conjunto, compartilhar papéis e responsabilidades, trabalhar em equipe etc (CARREIRA, AJAMIL, MOREIRA, 2001, p. 68).

As mudanças no perfil das trabalhadoras é um elemento importantíssimo para análise referente ao crescimento da participação feminina no mercado de trabalho. Algumas delas correspondem à faixa etária, ao estado civil e à escolaridade. Segundo os professores doutores em Ciências Sociais do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas, Rodolfo Hoffmann e Eugênia Troncoso Leone (2004), esse aumento generalizado do sexo feminino no campo de trabalho ocorreu principalmente com as mulheres acima de 25 anos, chefes e cônjuges, com nível de escolaridade elevado. Tal grupo com uma renda salarial muito menor do que a dos homens. Carece indagar que o aumento de empregos em situações precárias tem contribuído para a redução de uma parcela dos homens na disputa pelo mercado de trabalho.

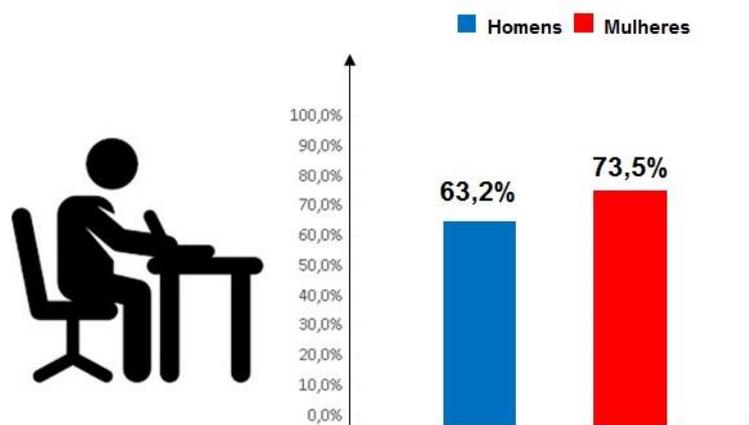
De certo modo, também é perceptível a diminuição nas diferenças entre o gênero feminino e masculino, não só pela falta de escolaridade do homem e nem pelo trabalho conjunto que ambos estão oferecendo, mas pela capacidade que as

mulheres vêm adquirindo em adentrar o mercado reservado somente para homens.

Entre as mulheres situadas em níveis ocupacionais mais baixos – em setores que no passado serviram de postos de entrada no mercado de trabalho para jovens que posteriormente se deslocavam para outros setores –, a dificuldade de encontrar alternativas de emprego melhor levou muitas dessas mulheres a permanecer nas mesmas atividades, usufruindo de um progresso muito menor do que no passado, quando tiveram a oportunidade de mudar de ocupação. Já as mulheres em níveis ocupacionais mais elevados e que entraram mais tarde no mercado de trabalho ocuparam as oportunidades criadas por alguns setores, como o de atividades sociais (saúde, educação, previdência e assistência social), serviços auxiliares da atividade econômica e administração pública, muitas vezes disputando essas ocupações com os homens. Essa disputa foi mais exacerbada nos setores de atividade em que não houve aumento no total de oportunidades ocupacionais (HOFFMANN; LEONE, 2004).

As mulheres estão demarcando território por diversas características, já citadas, porém não se pode esquecer que o fator educação é imprescindível para este cenário; embora não garanta um mercado equiparado entre os dois sexos. Dados recentes (2018) divulgados pelo IBGE, resultado do estudo de Estatísticas de Gênero - Indicadores sociais de mulheres no Brasil (baseados em dados da Pnad Contínua de 2012 a 2016), apontam que na faixa dos 25 a 44 anos de idade, 21,5% das mulheres tinham completado a graduação, contra 15,6% dos homens. Enquanto que no ensino médio, as mulheres de 15 a 17 anos de idade possuíam frequência escolar líquida de 73,5%, contra 63,2% dos homens. Esse panorama reflete, de certo modo, nos papéis de gênero no mercado. Essa trajetória escolar desigual faz com que as mulheres tenham maior nível de instrução.

Taxa de frequência escolar líquida ajustada no ensino médio

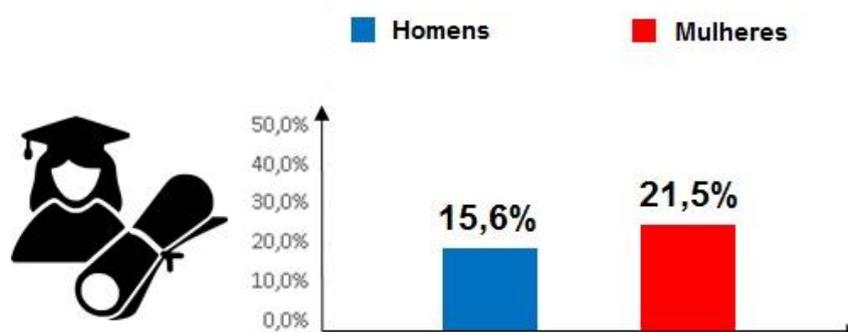


Fonte dos dados: IBGE / Estatística de Gênero – Indicadores Sociais das Mulheres no Brasil (2018)
Infográfico elaborado pela autora

Quadro 5 – *Frequência escolar*

Taxa de mulheres com graduação

Faixa de idade de 25 à 44 anos de idade



Fonte dos dados: IBGE / Estatística de Gênero – Indicadores Sociais das Mulheres no Brasil (2018)
Infográfico elaborado pela autora

Quadro 6 – *Graduação entre homens e mulheres*

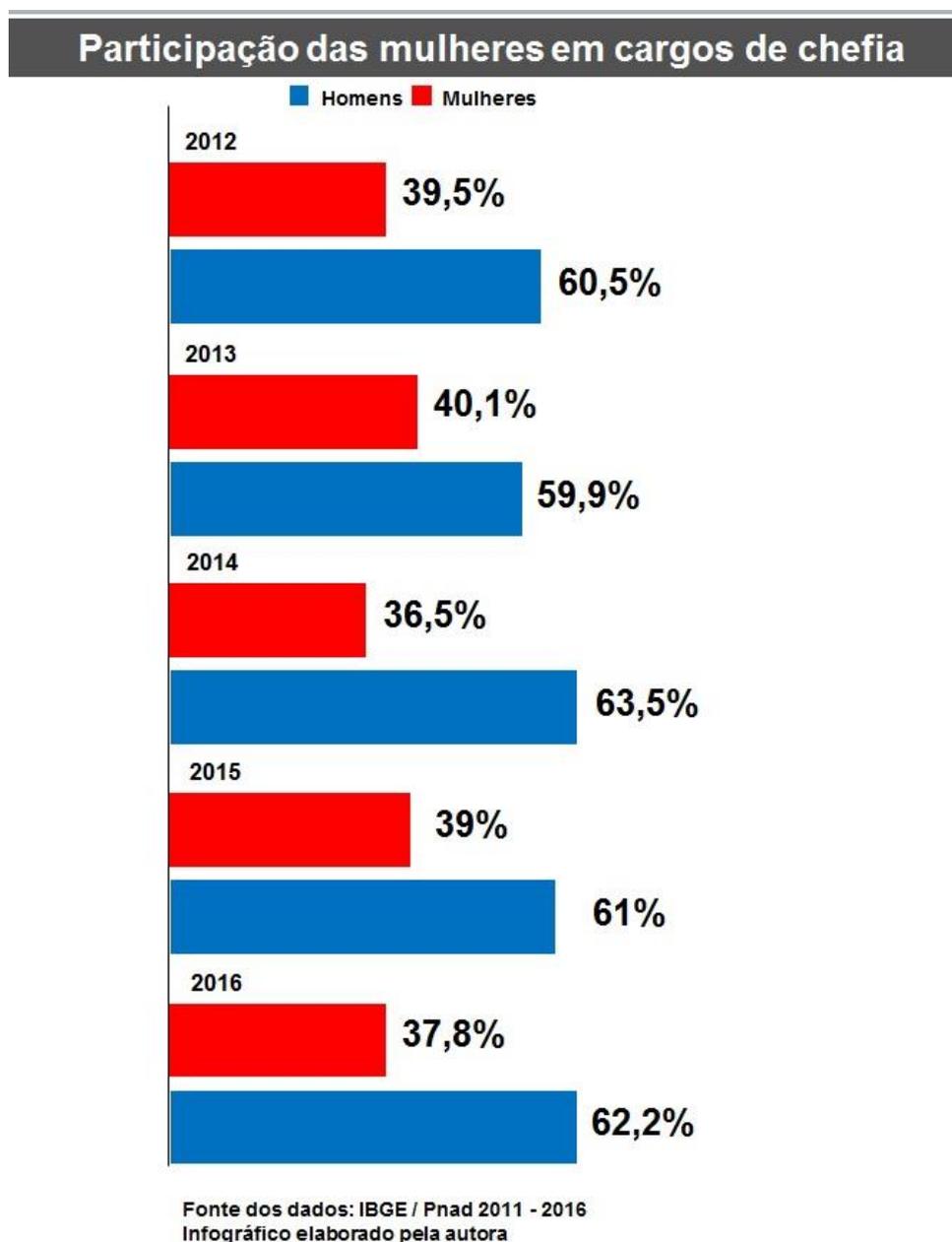
Dentro das empresas os homens sempre estiveram à frente das mulheres no que diz respeito a ocupar cargo relevante dentro de um organograma. Na maior parte das vezes a divisão foi feita da seguinte forma: homens executando atividades industriais, já as mulheres os serviços leves e que exigem delicadeza. No entanto, essa distribuição de tarefas, que já é uma expressão constitutiva da própria sociedade, vem sofrendo algumas alterações em determinados ramos da economia que, de acordo com Cristina Bruschini (1998), são provocadas, até certo ponto, por novas metodologias então adotadas para desvencilhar o mercado de trabalho e que tende a dar maior visibilidade à presença feminina nas ocupações agrícolas.

Os avanços na busca por espaço são significativos. Mesmo com a marcante presença feminina em setores de serviços e áreas sociais, pelas razões metodológicas já mencionadas, já é possível perceber-las em cargos que alguns anos atrás só eram ocupados por homens. Nas ocupações administrativas é perceptível o crescimento das mulheres em funções burocráticas, como cargos de diretorias, chefia na administração pública e etc.

Quando se examinam as relações de emprego (posição na ocupação) mantidas pelos trabalhadores verifica-se que, embora as mulheres predominem, como seus colegas, entre os empregados/assalariados (42% das ocupadas e 57% dos ocupados) e os trabalhadores por conta própria (27% dos ocupados e 17% das ocupadas) um percentual expressivo de trabalhadoras (quase 40%), mas não de trabalhadores, ocupa posições precárias no mercado de trabalho, seja como trabalhadoras domésticas, seja como não remuneradas e como trabalhadoras para o autoconsumo. Enquanto a atividade não remunerada feminina predomina no setor agrícola e, em menor escala, no comércio, a produção para o autoconsumo é basicamente realizada pelas mulheres na agricultura. A primeira destas formas de atividade incorpora, prioritariamente, crianças de ambos os sexos (52% das meninas e 59% dos meninos, na faixa de 10 a 14 anos de idade) e mulheres com mais de 60 anos, embora estas predominem na atividade voltada para o consumo familiar (BRUSCHINI, 1998).

É perceptível que embora as mulheres brasileiras já alcancem nível de formação superior ao dos homens, elas ainda são minoria no comando das empresas. Em 2016, 37,8% dos cargos gerenciais no país eram ocupados por elas. De acordo com o levantamento do IBGE (2018), a presença feminina em

cargos de gerência diminuiu nos últimos anos. Em 2011, elas respondiam por 39,5% destes cargos, uma queda de 1,7% em cinco anos.



Quadro 7 – Mulheres em cargos de chefia

Entretanto, deve-se salientar que, a participação da mulher no mercado de trabalho, principalmente em áreas antes designadas exclusivamente aos homens, possui outro ponto de destaque: a desigualdade de renda entre os gêneros. Embora a inserção da mesma tenha aumentado consideravelmente no século XXI, não foi o suficiente para mudar a realidade salarial dela. O

interessante é que essa situação vem acompanhando o sexo feminino desde o início da sua jornada.

Para Bruschini, (1998), entre 1985 e 1995 houve uma grande diminuição na concentração de trabalhadoras nas faixas de baixa renda, porém os resultados mais positivos em relação à média salarial foram no período de 85-90, quando ambos passaram a receber um valor superior a dois salários mínimos. Deste então, uma nova melhora só veio acontecer de 93-95, após a estabilização econômica propiciada pelo Plano Real. Mesmo assim, a mulher chega a receber acerca de 36% a menos que as remunerações relativas aos homens.

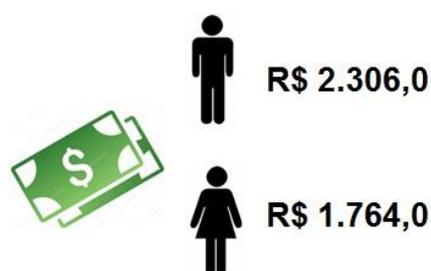
O livro *Mudando o mundo: a liderança feminina no século 21*, mostra que em 10 anos, de cada 100 mulheres brasileira, 37 trabalhavam, um aumento de 9% se comparado com outras décadas. Vale ressaltar que em 1998 o preconceito não acontecia somente entre os sexos masculino e feminino, mas também em relação à raça e cor, pois enquanto as mulheres brancas recebiam 79% do salário médio do homem, as negras ficavam com 40% dos rendimentos destes.

As mulheres representam 44% do contingente de servidoras da administração pública federal. A participação feminina supera a masculina nos ministérios da área social (Educação, Cultura, Saúde, Previdência e Assistência Social). Nos ministérios da área econômica e de infra-estrutura, a predominância é masculina. A maior parte das mulheres recebe por mês até três salários mínimos (44,6%), enquanto apenas 11,7% ganham mais de dez salários mínimos. Mais da metade dos homens com o curso superior (52,4%) ganha acima de dez salários mínimos; isso acontece somente com 29,9% das mulheres na mesma situação. Cerca de 75% das mulheres em cargos de direção têm vínculos com o serviço público, segundo a Escola de Administração Pública – ENAP, de Brasília. Segundo a OIT – Organização Internacional do Trabalho, as mulheres chegarão a igualdade de condições com os homens, se as conquistas continuarem no ritmo atual, somente daqui a 470 anos (CARREIRA, AJAMIL, MOREIRA, 2001, p. 31- 32).

Atualmente, dados do IBGE (2018), referentes à análise do período de 2012 a 2016, estimam que as mulheres trabalham, em média, três horas a mais por semana do que os homens. Isso combinando afazeres domésticos, trabalhos remunerados e cuidados de pessoas. Apesar disso, e ainda tendo o fator nível educacional ao seu favor, ainda ganham, em média, 76,5% do rendimento dos homens. Em números o dado em questão equivale a uma média salarial de R\$2.306 para o gênero masculino contra R\$1.764 do gênero feminino. Vale

destacar que o estudo aponta que elas estudam, trabalham fora, e ainda passam cerca de 73% a mais do tempo cuidando da casa e dos filhos do que os homens. Em função desse aspecto muitas mulheres acabam se sentindo forçadas a procurar ocupações com horários mais flexíveis. Elemento este que ajuda a explicar o porquê da quantidade expressiva de mulheres ocupando postos de trabalho com carga horária de até 30 horas semanais, 28,2% contra 14,1% do sexo oposto, o dobro em termo de proporção.

Rendimento médio mensal dos trabalhadores em 2016



Fonte dos dados: IBGE / Estatística de Gênero – Indicadores Sociais das Mulheres no Brasil (2018)
Infográfico elaborado pela autora

Quadro 8 – Rendimento entre os sexos

Tempo dedicado a afazeres domésticos e familiares



Fonte dos dados: IBGE / Estatística de Gênero – Indicadores Sociais das Mulheres no Brasil.
Infográfico elaborado pela autora

Quadro 9 – Tempo de ocupação no lar e família

A inserção da mulher no mercado de trabalho, apesar de todos os entraves e desigualdades, é um avanço no quesito parâmetros sociais e de gênero. É necessário relatar, ainda neste tópico, uma conquista feminina, que apesar dos preconceitos deve ser citada, a sua incorporação nos quadros das Forças Armadas. Mesmo já tendo provado sua competência e responsabilidade, elas são limitadas a apoiar o quadro administrativo e exercem funções nas equipes de médicos, dentistas, farmacêuticos, veterinários, professores, economistas, advogados e outras atividades que não exigem muito da força física. Hoje, o gênero feminino pode adentrar de forma permanente em qualquer uma das três forças armadas, seja como sargento, tenente, oficial e etc. Sendo que não há sequer alguma possibilidade delas chegarem a uma hierarquia maior, como a de general, por exemplo, pois esses tipos de patentes cabem exclusivamente aos homens. Tais postos superiores estão condicionados ao exercício do comando, área ainda limitada para as mulheres.

Para a pesquisadora do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas – CPDOC/FGV, e também professora da Universidade Federal Fluminense, Maria Celina D'Araújo, a identidade feminina construída pelos militares brasileiros vai além da metáfora da guerra. Em vários aspectos, sente-se a força do argumento da fragilidade servindo de estrutura para restrições. A ideia de proteção coloca a mulher em uma posição destinada ao ser que necessita de defesa em qualquer situação, nunca como um agente direto do exercício da violência. Enfim, o fato é que, apesar de a mulher ter conseguido o direito de entrar para os quadros das Forças Armadas, ela ainda é vista como o sexo frágil, um ser emotivo, sensível e frágil, que não suportaria enfrentar certas missões militares, não só em termos de valentia, mas também de capacidade física.

A presença da mulher em missões bélicas está associada normalmente a momentos excepcionais. Fora disso sua imagem está sempre mais remetida ao lar, aos filhos, à maternidade, à ternura do que à violência e ao mundo rude e cruel da guerra ou mesmo ao mundo impessoal e frio da caserna. Há exceções como Joana D'Arc que confirmam a regra de que mulheres guerreiras são mais comuns em tempos de guerra. Por isso mesmo são normalmente figuras lendárias, temas para filmes e mitologias. Por essas percepções, sua entrada na vida militar se deu de forma muito especial: são admitidas, em geral, desde que limitadas a funções administrativas. Não podem ser deslocadas para funções

de combate e na Marinha de vários países estão impedidas de embarcar. Os grandes desafios da luta, do combate e do medo, continuam no mundo masculino e várias razões são usadas neste sentido (D'ARAUJO, s/a).

Enfim, as desigualdades entre os sexos fazem parte da estrutura de diferentes sociedades, resultado de uma construção histórica na qual as mulheres foram colocadas em situação inferior a dos homens. Elas passaram a se destacar em diferentes áreas nas sociedades contemporâneas, onde houve as alterações nas relações de gênero, quer dizer, nas aptidões atribuídas a cada sexo. O aumento da presença feminina no mercado de trabalho é parte destas modificações, todavia as contradições nas oportunidades laborais disponíveis para homens e mulheres ainda se fazem presentes. Apesar de elas ocuparem cada vez mais espaços no mercado de trabalho “algumas áreas ainda são predominantemente masculinas e, nos cargos mais altos, em praticamente todas as áreas, elas são minoria” (ABREU;MEIRELLES, 2012, p.11).

1.3 A MULHER NA IMPRENSA BRASILEIRA

Antes de falar sobre a mulher na imprensa brasileira, é preciso voltar um pouco no tempo e lembrar como esse processo se deu em seus inícios. Com a chegada da família real portuguesa ao Brasil no ano de 1808, toda e qualquer forma de atividade voltada para a comunicação – tais como jornais, livros ou panfletos – era proibida, uma vez que isso fazia parte das peculiaridades controladoras da América portuguesa. Um verdadeiro atraso quando comparado ao restante dos países europeus, onde a imprensa já existia desde o século XVI. No Brasil, portanto, a imprensa surgiu oficialmente somente com o consentimento do príncipe regente da época, Dom João, em 13 de maio de 1808, no Rio de Janeiro, através da criação da Imprensa Régia, conhecida atualmente como Imprensa Nacional. Apesar desta conquista, os setores da comunicação ainda enfrentaram a censura.

Apesar das transformações econômicas, sociais e políticas ocorridas no Brasil desde a chegada da família real, a situação da imprensa não se alterou antes de 1821. Nesse ano, devido às decisões das Cortes portuguesas, as restrições à imprensa diminuíram, enquanto no Brasil as tensões que levariam à independência faziam florescer uma imprensa política, polarizada

com as posições políticas do momento, com espaço até para o *Conciliador do Reino Unido* (apenas sete edições), criado pelo mentor da Abertura dos Portos, José da Silva Lisboa, Visconde de Cairu, que se tornou o primeiro brasileiro a redigir e publicar um jornal totalmente privado, embora fosse, simultaneamente, membro do conselho de censura da Imprensa Régia e inspetor-geral dos estabelecimentos literários (Autor desconhecido, s/a).

Os primeiros noticiários publicados eram destinados a ambos os sexos e feitos por homens. Somente 19 anos depois, em 1827, é que apareceu o primeiro veículo dirigido ao público feminino, chamado *Espelho Diamantino*, e que retratava assuntos da política, literatura, belas-artes e moda. Aos poucos os periódicos e jornais deste tipo foram se espalhando pelo Brasil, chegando a estados como São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco.

De acordo com Eugênea Cabral, a escritora Dulcília Schoeder divide a imprensa do século XIX em dois grupos: a tradicional – aquela que não permite liberdade de ação fora do lar e que engrandece as virtudes domésticas e as qualidades femininas -, e a progressista – que defende os direitos das mulheres.

O primeiro é composto de jornais feitos, em sua maioria, por homens e com textos que transitam entre moda, entretenimento e serviços. Um dos principais foi *O Correio das Moças*, publicado no Rio de Janeiro de 1839 a 1841. Em 1843, ele ganhou uma continuação chamada *O Espelho Fluminense...* O precursor do grupo progressista foi o *Jornal das Senhoras*, fundado em 1852. Os historiadores divergem sobre a responsável inicial por ele. Foram editoras Cândida do Carmo Souza Menezes e Violante Ataliba Ximenes de Bivar e Velasco. A autora do primeiro editorial e quem dirigiu o jornal por mais tempo foi Joana Paula Manso de Noronha. Estranhamente, o público alvo do *Jornal das Senhoras* não era o feminino e sim os homens. Era usada uma linguagem persuasiva para convencê-los de que a mulher não era uma boneca-propriedade deles. Houve, nessa época, uma troca de imagem. A própria mulher reivindicava nos textos o papel de anjo e santa. Meigas e piedosas mães deveriam ser educadas para melhor ensinarem os filhos e administrarem a casa. Para elas, era preferível ser idealizada e vista como companheira a permanecer como objeto da casa do pai ou do marido. O jornal não atingiu seu objetivo, tendo sido alvo marcadamente de críticas de ambos os sexos. Outros periódicos feministas foram *O Sexo Feminino* (1875-1877), *A Família* (1889-1897) e *O Quinze de Novembro do Sexo Feminino* (1890-1896). Com *O Sexo Feminino*, de Francisca S. da M. Diniz, que também era proprietária do *Quinze de Novembro*, ocorreu uma mudança de alvo. Desta vez, os textos esclareciam às mulheres sobre sua condição na sociedade e seu potencial, e ainda defendiam “a ideia essencial de que a dependência econômica determinava a subjugação feminina e de

que uma educação melhor poderia ajudar a elevar o status da mulher (CABRAL, s/a, p. 3 - 4).

O interessante é que os periódicos permitiram que as mulheres trocassem informações de forma mais incisiva, principalmente as que pertenciam à classe alta e média. Algumas participavam de forma anônima, outras, mesmo podendo assinar, ainda permaneciam utilizando pseudônimos ou iniciais. No século XIX, o jornal que possuía o maior número de colaboradoras chamava-se *A Família*. Ele deteve um tempo de existência relevante, nove anos, pois esteve presente nos lares dos brasileiros no período de 1888 a 1897. O jornal tratava de temas até então pouco trabalhados pelas mulheres, como os direitos sociais, que abrangiam a conquista do voto, por exemplo, e o de exercerem profissões tachadas como masculinas. Um grande salto, na realidade, quando comparado com alguns periódicos existentes na época que pregavam a ideia de que a mulher era apenas um ser do lar. A luta principal era pela emancipação da mulher em todos os setores da sociedade.

Na primeira fase de *A Família*, o objetivo declarado do jornal era "facilitar às mães de família uma leitura amena que as iniciasse nos **deveres de esposa e mãe**". Quando já publicado no Rio de Janeiro, e posteriormente à proclamação da República, acrescenta aos objetivos que a folha tinha surgido "para advogar a causa da **emancipação da mulher**". *A Família* foi, dos jornais femininos, o que teve maior duração (1881–1897); e também o que registrou o maior número de colaboradoras escritoras (Inês Sabino, Anália Franco, Maria Amélia de Queirós, Corina Coaracy, Marie Benotte, Revocata de Melo e outras). Seus temas feministas abrangeram o "direito de voto", o direito de serem médicas, advogadas, professoras ou seguirem a carreira teatral (que era então considerada caminho para a prostituição) (COELHO, 2001).

Enfim, desde o início a mulher tem sido colocada à margem da sociedade, e isso não foi diferente na imprensa. Apesar de o campo jornalístico oferecer diversas especialidades, boa parte do aparato jornalístico, a princípio, tratava a mulher com restrições, limitando-a a assuntos destinados ao âmbito doméstico e cultural, tais como: poesias, receitas de bolos, reportagens de figurinos, consultório sentimental, dentre outros.

No livro *A imprensa feminina*, Dulcília Schroeder Buitoni dá ênfase a Carmem da Silva, em uma referência onde ela afirma que há séculos o homem vem descrevendo as mulheres como luxo de minúcias: o que ela é, o que pensa,

sente e como reage, além do que espera da vida. Ou seja, um retrato feminino de corpo inteiro tirado da fantasia e do desejo dele. Querendo ou não, a imprensa feminina é vista como continente para tudo que se relacione com a mulher e a família, perguntas, respostas, comida, emoção, sexo, fantasia e utilidades domésticas. Devido a este fato, muitas pessoas valorizam mais a imprensa em geral do que a imprensa feminina, uma vez que ela aborda diversos assuntos e não se delimita a apenas um ramo. Para eles, o jornalismo sério é aquele que visa o conjunto do público, não um sexo determinado.

Quando falamos em imprensa feminina, focalizamos preferencialmente veículos impressos, fonte mais abundante de nossa exemplificação. Porém as características de um programa feminino de rádio ou televisão são muito parecidas com as que apontaremos aqui. Na verdade, os programas da mídia eletrônica estão calçados nas formas impressas. Imprensa feminina não é jornalismo, afirmam muitos. Hoje com o desenvolvimento da publicidade, as revistas femininas só serviram de pretexto para o catálogo de anúncios ficar mais interessante. Não se poderia falar em jornalismo o fato, os periódicos femininos quase nunca estão atrás do fato (BUIIONI, 1990, p. 11).

O curioso é que o “verdadeiro” jornalismo se reveste de valor na medida em que ele está ligado à notícia, objetividade e neutralidade. Uma vez que os últimos elementos são tidos como ideais inatingíveis, vale mais pensar em suas funções do que caracterizar a imprensa feminina como jornalística ou não.

Um ponto importante, e que deve ser salientado, refere-se ao caso das matérias deste segmento ser vistas como jornalismo de serviço. Termo utilizado pelas pessoas que trabalham em revistas, que não se define pelo assunto, mas pela maneira de veiculá-lo. Muitas vezes o que está sendo produzido está ligado à economia do consumo, que vê a mulher como um objeto do mercado.

Esta segmentação entre feminino e masculino está claramente expressa na imprensa. Encontramos no mercado revistas para todos os segmentos da sociedade, principalmente para homens e mulheres separadamente. O nosso objeto de estudo é a imprensa feminina, aquelas revistas que são criadas de acordo com o que a sociedade “acha” que interessa às mulheres. Os assuntos destacados seguem aquele velho conceito de que mulher só se interessa pelo que é fútil, superficial e aparente. Diferentemente da imprensa masculina, que visa mais os assuntos profundos, de contextualização da sociedade, atuais e, também, os machistas – principalmente os que referem-se às mulheres como objetos (RODRIGUES, s/a).

Apesar dos pontos negativos, a imprensa feminina vem ganhando lugar no mundo inteiro. A revista contribuiu e ainda contribui para essa conquista, seja devido à forma pela qual os assuntos são explorados, seja pelas apresentações gráficas. Tal reconhecimento é possível ao fato de a revista ter um poder relevante, chegando a alguns momentos a influenciar outros meios não impressos, como rádio e TV. Por detrás desse prestígio existem diversas mulheres que trabalham incessantemente para que seja dado o valor exato ao produto final. As revistas femininas brasileiras contam com muitos colaboradores e que por diversas vezes respondem a centenas de cartas, além das publicadas. Uma forma de prestar serviços aos leitores, descobrir o perfil de quem lê o periódico e saber o que deve ser alterado para agradar o cliente. Os assuntos mais publicados estão ligados à culinária, moda e beleza, mas outros temas vêm ganhando espaço, como: sexo, romance, saúde, entre outros.

Novos temas foram surgindo (comportamento, saúde, educação e etc), mas nenhum com a força para comparar-se aos principais. É possível falarmos numa imprensa do coração, que não traz moda, beleza, culinária: no entanto, isso acontece raramente. Outros elementos parecem fazer parte integrante da imprensa feminina, pois existem em quase todos os veículos: cartas das leitoras, testes, horóscopo. De revistas populares a sofisticadas, testes “psicológicos” e horóscopos sempre marcam presença. E as cartas, seja no consultório sentimental, seja solicitando as mais diversas informações e serviços, elogiando ou criticando – funcionam como realimentadores indispensáveis ao processo de produção da imprensa feminina (BUITONI, 1990, p. 23)

Vale ressaltar que a imprensa voltada ao gênero feminino elegeu a revista como seu veículo de excelência, pois foi com ela que as mulheres conseguiram aos poucos conquistar seus leitores e viram a imagem delas refletirem nas revistas. Isso foi/é possível devido a este meio ser repleto de ilustração, cor, jogo, linguagem mais pessoal e variedades, características que chamam a atenção das mulheres.

Hoje, as revistas geralmente são fruto de uma estrutura empresarial de porte. Papel caro, impressão sofisticada, diagramação bonita e grande utilização de cores requerem boa sustentação financeira. A revista é uma janela, uma vitrine – geralmente colorida (e aí entram os anúncios que ajudam a compor um mundo diferente do que parece no jornal). A publicidade no diário está mais ligada à duração temporal do veículo, à ideia de notícia: assim, os classificados, os anúncios de

liquidação ou ofertas, sempre relacionados a datas bem definidas (BUIIONI, 1990, p. 18).

No entanto, é interessante frisar que a presença feminina vem crescendo no âmbito da imprensa (e que o desenvolvimento não ocorreu apenas no século XIX e XX, como comentamos anteriormente) e no jornalismo como um todo e, por conta disso, várias características estão sendo alteradas. Ela quebrou preconceitos, conquistou seu espaço, construiu conceitos e sua estrutura social atravessando barreiras impostas pela sociedade. Apesar de esta inserção ter sido lenta, a mulher está conquistando campos que antes eram de domínio do homem.

Na área jornalística, por exemplo, a mulher conseguiu penetrar em diversas especialidades como: economia, política e esportes. Tais especialidades foram dominadas pelo gênero masculino ao longo de várias décadas. A luta feminina para entrar no universo esportivo foi/é uma das mais difíceis, vem desde a Grécia, onde as mulheres não podiam nem assistir aos jogos. Porém, esse quadro sofreu mudanças e, aos poucos, elas não só prestigiam os eventos esportivos, como comentam e escrevem sobre o assunto. Seu envolvimento com a comunicação e os esportes ultrapassou limites e demarcou novos territórios.

2ª Seção

MULHER E JORNALISMO ESPORTIVO

2.1 BIOGRAFIA DO JORNALISMO ESPORTIVO BRASILEIRO

A editoria de esportes dos dias atuais está bem diferente daquela do início do século XX. É perceptível o fato do jornalismo esportivo receber uma atenção especial por parte das empresas do ramo comunicacional e da população. Hoje, os jornais impressos dedicam um espaço significativo a matérias desta editoria, o oposto do cenário jornalístico dos cinquenta primeiros anos do século anterior; mesmo que a paixão do povo brasileiro por atividades como o remo e o futebol fosse expressiva. No entanto, o primeiro foi perdendo força com o passar dos anos. Um dos veículos de maior circulação da época, *O Correio Paulistano*, em 1927, dedicava apenas uma coluna às atividades físicas.

O Brasil ter se tornado bicampeão sul-americano de futebol – 1919 e 1922 – colaborou para o *boom* dos esportes no jornal impresso. Nos anos 1930, no Rio de Janeiro, houve a circulação do primeiro diário de notícias voltado ao universo esportivo: *Jornal dos Sports*. O criador desta iniciativa, o cronista Mário Filho, enfrentou os diversos desafios de mantê-lo em circulação. O periódico acompanhou a primeira grande crise do futebol brasileiro, além do início da profissionalização dessa especialidade do jornalismo. Porém, apenas com o advento da década de 1940 é que as matérias e notas dos jornais como um todo ganharam relatos envolventes e em espaços relativamente maiores. Vale ressaltar, que neste mesmo período, o embate atrelado ao jornalismo esportivo se devia ao fato de os críticos comentarem que apenas as pessoas de menor poder aquisitivo poderiam ser leitores deste segmento.

Durante todo o século passado, dirigir uma redação esportiva queria dizer tourear a realidade. Lutar contra o preconceito de que só os de menor poder aquisitivo poderiam tornar-se leitores desse tipo de diário. O preconceito não era infundado, o que tornava a luta ainda mais inglória. De fato, menor poder aquisitivo significava também menor poder cultural e conseqüentemente ler não constava de nenhuma lista de prioridades. E se o futebol – como os demais esportes – dela fizesse parte, seria necessário ao apaixonado ir ao estádio, isto é, ter menos dinheiro para comprar boas publicações sobre o assunto. Assim, revistas e jornais de esportes foram surgindo e desaparecendo com o passar dos anos (COELHO, 2009, p. 9).

O jornalismo esportivo chamava a atenção do público devido a forma como era feito/produzido. Mário Filho e Nelson Rodrigues foram os nomes de destaque desta época. As crônicas de ambos tinham no seu 'DNA' drama e

poesia, elementos capazes de envolver o receptor do material. Na concepção do jornalista e escritor, Paulo Coelho (2009), tal produção textual atuava como uma incitação/instigação ao torcedor, que ao ter acesso ao conteúdo ia ao estádio; principalmente para ver o seu ídolo jogar; dada a encenação feita através das palavras transformava seres mortais em semideuses. Por conta dessas características, o jornalista chega a relatar que o conteúdo elaborado e finalizado por estes profissionais não se enquadrava como jornalismo, tendo em vista o fato de terem 'vida própria'. De acordo com Coelho, entre a lenda e a verdade, a literatura vai sempre preferir a lenda, enquanto o jornalismo deve ir pela verdade, pois este elemento torna uma cobertura mais qualificada. No entanto, admite que o choque de realidade (o excesso) pode provocar uma redução no âmbito da atração do leitor. Maurício José Stycker, assim como outros estudiosos do período em questão, dão a entender que comentários desta natureza possuem alguma ligação com o modelo jornalístico utilizado nos Estados Unidos, tendo em vista o fato de levarem em conta a objetividade e a liberdade de imprensa; permitindo ao receptor elaborar a sua própria conclusão referente ao assunto abordado por este profissional da comunicação.

A partir da década de 40 e ao longo dos anos 50 e 60, período em que *A Gazeta Esportiva* e o *Jornal dos Sports* se tornam referência em termos de jornalismo esportivo, a imprensa brasileira viverá uma de suas mais notáveis transformações técnicas. Os jornais mais importantes vão incorporar o modelo consagrado, meio século antes, pelos jornais de prestígio nos Estados Unidos. Dois valores formam a espinha dorsal desse modelo: liberdade de imprensa e objetividade. Por trás do primeiro está a ideia de que uma imprensa livre é a garantia de uma sociedade democrática – e os jornalistas, sempre em busca da verdade, são os cães de guarda desse valor. O segundo, a ideia de que só o registro mais factual possível da realidade, livre de opiniões, permite ao cidadão fazer escolhas livremente (STYCKER, 2007, p.6).

É importante ressaltar a relevância da década de 60, do século passado, para a constituição do jornalismo esportivo brasileiro, dado que os cadernos jornalísticos de esportes alcançaram a tão desejada atenção por parte dos empresários dos veículos e do público, conseqüentemente. No estado de São Paulo, um deles propiciou até a criação de um jornal, como é o caso do *Caderno de Esportes*, que gerou o *Jornal da Tarde*. De lá para cá, vários periódicos foram

lançados, embora isso não represente sucesso, pois alguns duraram poucos anos, seja pela falta de profissionais qualificados, ou pela linguagem utilizada.

A imprecisão diminuiu bastante nas páginas dos anos 70 em diante, graças ao compromisso da imprensa de contar a verdade. O que exclui o mito. O resultado é, muitas vezes, uma crônica tão desprovida de paixão que é capaz de jogar na vala comum atletas que certamente já mereceram lugar na história... O problema, evidentemente, é que o que é verdade, o que é opinião e o que é lenda se misturam e nem todo mundo é capaz de diferenciar o que é jornalismo do que não é. Mas na maneira como os principais jornalistas esportivos de cada tempo se referem aos jogadores de cada época produz distorções difíceis de corrigir (COELHO, 2009, p. 18-19).

Com este panorama, as revistas foram, por conseguinte, 'invadidas' pelo conteúdo esportivo. Isso aconteceu, especificamente, ainda na década de 60, com o surgimento da *Placar*. Claro, se compararmos a outras realidades, países, é possível verificar o quanto o Brasil esteve atrasado quanto a produção e divulgação de material deste tipo no veículo de comunicação em questão. Para se ter uma noção do atraso, a Itália; país europeu; por exemplo, publicou a primeira revista dedicada ao tema em 1927, ou seja, uma diferença de 33 anos. Porém, se analisarmos esta discrepância verificaremos que foi nesse período que o Brasil começou a adentrar o universo da produção de massa do jornalismo esportivo. Todavia, o cenário não representava estabilidade para as empresas do ramo, visto que após 10 anos do seu lançamento no mercado a *Placar* esteve ameaçada de fechar as portas. No livro intitulado *Jornalismo esportivo: relatos de uma paixão*, o autor e jornalista, Celson Unzelte, aponta alguns motivos que corroboraram para esta crise. Um deles estava atrelado aos investimentos, muito altos para época, a revista, por exemplo, foi a pioneira em relação às fotos coloridas. Diversas estratégias para amenizar, ou até mesmo cessar, a crise foram pensadas/elaboradas; uma das executadas foi a do bolão dos jogos. O resultado desta iniciativa é surpreendente dado a compra dos exemplares comercializados em um curto período. Em 1972 chegaram a ser vendidos 250 exemplares, um número significativo para o período. Mesmo assim, a revista que era semanal até 1990, passou a ser comercializada mensalmente. Tentativas foram feitas com o intuito de voltar a ser produzida semanalmente, mas todas sem sucesso. Segundo Unzelte (2009), o conteúdo redigido dificultou a

viabilidade das iniciativas propostas, uma vez que ao manter a linha editorial de comportamento do veículo os quatro exemplares semanais, ao final de cada mês, pareciam mensais. No século XXI, existem vários periódicos deste tipo, o que enobrece o segmento. Elemento capaz de impulsionar a concorrência, fazendo com que os profissionais da área sejam levados a se profissionalizem de maneira contínua, em resposta a tal posicionamento o leitor ficou mais criterioso. Reflexo desse panorama é o lançamento de mais de cinco revistas, somente em 2008, entre elas: *Show de Bola*, *Roxos & Doentes*, *Gol F.C*, *Fut!*, *Four Four Two* e *A+*.

A *Placar* sobrevive hoje como publicação mensal, com reportagens mais comportamentais e menos factuais, a fim de fugir da concorrência da cobertura do dia-a-dia. E também em edições especiais feitas com base no calendário do futebol brasileiro (Guias da temporada, da Libertadores, do primeiro e do segundo turnos do Campeonato Brasileiro e edição dos campeões do ano). Continua sendo a principal revista esportiva do país e o sonho de consumo para o currículo de quem gosta ao mesmo tempo de jornalismo esportivo e de fazer revista... A revista, que durante muito tempo correu sozinha, começa a enfrentar certa concorrência. O que é bom, muito bom para quem procura emprego nessa área (Unzelte, 2009, p. 61).

O rádio e a televisão também tiveram grande participação na história do jornalismo esportivo, visto que parte do crescimento dessa especialidade foi graças a eles que possuem um jeito especial de passar a informação, um através da voz, o outro por meio da imagem.

No Brasil, antigamente, o rádio não possuía uma linguagem própria. Por conta disso, as primeiras reportagens esportivas deste veículo de comunicação, ainda na década de 30, eram consideradas amadoras e improvisadas. Isso porque essas notícias eram extraídas do jornal impresso e assim repassadas. Havia uma justificativa para o fato, a ausência de equipes destinadas a cobertura de esportes. Situação parecida acontecia com notícias de outras ramificações jornalísticas.

A irradiação pioneira de futebol marcou a criação de segmento. Anteriormente, o rádio limitava-se as repartições das notícias de jornais ou a transmissões de informações sobre os jogos após a sua realização. Ao longo dos anos, o rádio esportivo tornou-se um fenômeno de comunicação de massa. Com linguagem diferenciada, os locutores, na tentativa de despertar o imaginário do receptor, transformam a narração em grandes espetáculos que chegam a superar a realidade... O rádio esportivo foi essencial para a transformação do futebol em esporte de massa e um

complemento na definição do rádio como meio de comunicação de massa. O ponto de partida desse processo é a primeira narração detalhada de um jogo de futebol (SOARES, 1994, p. 13; 17).

A arte de fazer jornalismo esportivo no rádio foi se modificando com o passar dos tempos. As matérias, bem como as narrações, ganharam sofisticação, além de uma série de complementos que, por conseguinte, oportunizaram o desejado reconhecimento da sociedade. O rádio atual e o de antigamente possuem um universo de diferenças. Uma delas está atrelada a participação dos gêneros nos veículos radiofônicos. Havia uma predominância masculina no início do segmento, dado que somente os homens falavam de atividades esportivas e faziam transmissões das partidas de futebol. Hoje, é possível perceber que este cenário mudou e continua mudando, isso porque as mulheres estão presentes também na ‘beira’ do campo realizando coberturas futebolísticas ou comentando sobre o jogo, e até mesmo narrando jogos. Tal cenário pode ter pouca relevância para alguns, no entanto representa uma expressiva vitória uma vez que durante décadas elas não podiam ao menos adentrar a um estádio. Outro elemento colaborativo quanto a essa alteração está atrelado a criação de editorias, que permitiu a construção de equipes destinadas a realização de coberturas esportivos de futebol e profissionais, como: pauteiros, repórteres, editores, entre outros.

As mudanças ocorridas na imprensa na segunda metade do século XX levarão, por consequência, a uma reconfiguração das posições no subcampo do jornalismo esportivo. No caso dos jornais de prestígio, que se tornam mais sóbrios, o espaço dedicado à cobertura esportiva aumentou, a partir dos anos 60, chegando a conquistar, em alguns jornais, uma certa autonomia, em forma de cadernos próprios. A divisão do trabalho, dentro de um grande jornal, também se tornou mais nítida. As “seções” passam a ser chamadas de “editorias”. O termo “cronista” como forma de designar todos os jornalistas da categoria cede espaço a termos mais específicos. A editoria de esportes de um grande jornal chega a contar com 20 profissionais, entre repórteres, redatores, assistentes de edição e o editor (STYCER, 2007).

Já a televisão, no Brasil, teve início na década de 50, ou seja, bem depois do rádio. Segundo registros da história, o meio de comunicação em questão acompanhava o esporte; desde o princípio; sobretudo o futebol. No início muito mais através de reportagens. Luciana Bistane e Luciane Bacellar, no livro

Jornalismo de TV, alegam que de acordo com dados do IBGE, o aparelho de televisão está presente em cerca de 90% das residências brasileiras, ou seja, o seu conteúdo consegue alcançar quase todos os municípios do país. Característica importante para a questão da audiência, chegando a ser bem maior se comparado com os jornais impresso de maior de circulação no Brasil. Particularidade que colabora para a propagação do jornalismo esportivo.

A televisão, ainda de acordo com as autoras, já passou por muitas mudanças ao longo da sua existência; que já tem mais de meio século. Ela se popularizou e avançou quanto a tecnologia, tudo para captar olhares pelo país afora. Por conta desse desenvolvimento a TV transmitiu ao vivo, pela primeira vez, um mundial futebolístico: a Copa do Mundo de Futebol no México, em 1970. Na ocasião, o telespectador teve acesso a algumas novidades tecnológicas, entre elas: o *replay* em *slow motion* (câmera lenta). A inovação permitiu visualizar com detalhes toda a magia das jogadas de Pelé.

Embora o trabalho realizado já fosse considerado de alto nível para época, após quase duas décadas, as emissoras ainda tinham como desinteressante transmitir partidas. O panorama só começou a apresentar mudanças na década de 90 devido os investimentos no setor, período em que as quartas-feiras e os domingos tornaram-se os dias consagrados a transmissão de jogos de futebol. Um espetáculo televisivo, repleto de cores, cheio de *replays*, recursos gráficos e outros. Tais elementos forçam o jornalista a ficar ainda mais atento, pois qualquer ação pode se tornar pauta.

As novas descobertas da tecnologia praticamente forçam o jornalista esportivo a acrescentar informação ao que está sendo mostrado, ele deve ficar atento o tempo todo. Numa Olimpíada, geralmente as TVs recebem sinal de várias competições ao mesmo tempo; com a evolução da tecnologia, as disputas são gravadas digitalmente e quase que no mesmo instante estão à disposição da equipe esportiva. O apresentador deve estar preparado para informar qualquer tipo de competição que a TV tiver interesse em mostrar. Isto dá mais dinamismo à transmissão. Mas a velocidade da tecnologia não pode interferir na qualidade do jornalismo (BARBEIRO; RANGEL. 2006. p. 98- 99).

Vale frisar que a internet é a nova tendência do jornalismo esportivo. A propagação do esporte nesse meio de comunicação aconteceu a partir da segunda metade da década de 90, período em que os *sites* passaram a ser um

negócio de sucesso. O primeiro veículo voltado ao segmento chama-se *lancenet.com*, que surgiu junto com o diário impresso também intitulado *Lance!*

Contudo, apenas em 1999 a internet tornou-se um fenômeno mais abrangente, retirando vários profissionais dos demais veículos, como: rádio, televisão, jornais e revistas. Paulo Coelho, no livro *O jornalismo esportivo*, expõe alguns exemplos, como o do jornalista José Eduardo Carvalho que trabalhava no *Jornal da Tarde* há mais de dez anos e largou tudo para se aventurar no site PSN. Assim como ele, outros repórteres esportivos foram para a *web*. Devido a pagar um dos piores salários da época, o periódico *Lance!* apresentou o maior número de perdas profissionais. Por tal motivo, Coelho considera que a questão salarial foi o estopim deste novo meio para deixar a população informada sobre esportes. O ordenado era altíssimo para a época, maior; entre três ou quatro vezes; quando comparado a remuneração daqueles que atuavam em jornais ou revistas.

Junto com a PSN, uma porção de outros sites tomou conta do mercado de esportes. O IG tirou o repórter André Rizek do *Lance!* e o *Sportsya* tirou-lhe metade da redação. O diário era muito visado pelas novas empresas por pagar alguns dos piores do mercado. Não era difícil também ver gente saindo de redações maiores. Luís Estevam Pereira deixou *Placar*. Alexandre Gimenez largou a *Folha de São Paulo*. Ambos foram seduzidos por propostas do portal *Pelé.net*. Parecia a redenção dos jornalistas. Acostumados a salários minguados no final do mês, alguns receberam propostas milionárias. A situação lembrava de longe a de jogadores de futebol, convidados por clubes rivais a ganhar duas, três vezes do que recebiam nos clubes anteriores (COELHO, 2009, p. 60).

Diante dos fatores acima ressaltados, algo não sai como o previsto pelos proprietários dos veículos deste segmento. Em 2001, a “febre” dos sites acabou numa crise. O fato aconteceu após os anunciantes analisarem a questão da produção jornalística, enquanto que em muitos portais haviam somente uma pequena editoria destinada a assuntos esportivos, os impressos possuíam uma página inteira no mínimo.

Mas isso não quer dizer que o jornalismo esportivo *on-line* teve fim, pois as redações tradicionais criaram seus sites, outras extinguiram a versão impressa e escolheram ficar apenas com a ferramenta da internet, como é o caso da *Gazeta Esportiva*. Já outras, como a revista *Placar*, remetem para o site parte do

conteúdo produzido, dão notícias “quentes” e antecipam quais assuntos irão tratar na próxima edição. Interatividade virou a palavra chave.

Enfim, só os fortes sobreviveram. A estabilidade voltou a reinar no ano seguinte. Empresários deixaram de investir e outros, apesar do momento, resolveram insistir no segmento.

A *Globo* logo tratou de se mexer, criando o portal *Globo.com*. Segundo pesquisa Ibope/Nielsen Netratings realizada no primeiro trimestre de 2008, trata-se atualmente do maior portal esportivo da Internet brasileira, em primeiro lugar em audiência e também onde as pessoas permanecem navegando por mais tempo. Os portais UOL, Terra e IG, sinônimos de Internet no Brasil, têm hoje o esporte como um de seus assuntos mais acessados (UNZELTE, 2009, p. 66).

O princípio de colapso passou, apesar de ter deixado marcas; teve profissionais que foram dispensados e não conseguiram voltar para o mercado de trabalho. Quem continuou precisou se adaptar às mudanças, uma delas os textos; pois notas tornaram-se prioridades. A tendência preza pela rapidez. Dar a notícia em primeira mão passa a ser essencial para o processo jornalístico. Elemento este imprescindível para alimentar, ainda mais, a concorrência entre os sites. De acordo com Unzelte (2009), surge daí a proliferação de tantas notas corrigindo as anteriores. O autor ainda acrescenta que, a despeito de a internet funcionar em tempo real, devem-se ter critérios. Outros estudiosos sobre o tema chegam até comentar que cada centímetro de matéria escrita em uma velocidade expressiva correspondia a um crescimento desse ramo de jornalismo, pois mais leitores ela iria adquirir.

Assim, aumentava o volume de títulos inéditos entrando no ar, o que passava ao investidor a sensação de que estava à frente do concorrente. E o IG se jactava de colocar mais notas no ar do que o UOL, seu concorrente direto. O mesmo valia para o UOL. Cada centímetro de matéria escrito em velocidade maior do que o rival valia um ponto para a redação. Cada segundo no ar antes do concorrente valia também um elogio. Não importava sequer que a precisão da informação ficasse em segundo plano. Se fosse preciso, nova nota entraria no ar corrigindo a anterior. Tudo com o aval de gente competente, como Matinas Suzuki Jr., jornalista experiente, com passagens pela secretaria de redação da *Folha de S. Paulo* e pelo gabinete da presidência do grupo Abril (COELHO, 2009, p. 62).

Existem, apesar deste retrato, empresas jornalísticas que resistem a essas tendências e buscam enriquecer suas matérias com reportagens especiais, fotos e colunistas. No entanto, não se pode esquecer que a agilidade é essencial em qualquer meio de comunicação, principalmente no jornalismo *on line*, onde já não se tem a famosa chamada “até o fechamento desta edição determinado jogo ainda não havia acabado”, como acontece no impresso.

Cientes disso, de que a internet não é só dar a notícia na frente dos outros, alguns sites esportivos parecem caminhar cada vez mais também para o enriquecimento de seu conteúdo, das informações, apostando, por exemplo, em colunistas ou em reportagens especiais. Em contra partida, há sites esportivos que parecem ainda não ter se dado conta do mínimo de agilidade que um veículo como a internet exige. Experimente consultar os dados técnicos de algum torneio de futebol patrocinado pela Confederação Sul-Americana de Futebol, Conmebol, sem seu site oficial, por exemplo. Seja ele um jogo das Eliminatórias para a Copa do Mundo ou de um obscuro Mundial Sub-17 feminino, o critério é sempre o mesmo: a informação só vai ser colocada no ar dias depois, quando o rádio, a televisão e até os jornais já cumpriram essa função (UNZELTE, 2009, p. 82).

O esporte vem ganhando espaço ao longo das décadas, o interessante está no fato de que não importa o meio de comunicação ele está presente. Porém é necessário frisar que o futebol sempre é o destaque, e as demais práticas desportivas são apenas complementares. No Brasil, isso é reflexo da centralidade do futebol no âmbito da realidade brasileira. Não é à toa que Paulo Coelho (2009) comenta que nas editorias esportivas a equipe que se dedica ao futebol geralmente fica separada daquelas que tratam das demais modalidades esportivas. Mas não significa que quem se dedica a determinado tema não vá cobrir outro esporte. Por isso retrata que não existe jornalista de esportes, mas o jornalista, aquele que se dedica a transmitir informações de maneira geral, o especialista em generalidades. Tornando-se melhor quando é, de fato, conhecedor de uma determinada atividade física. Jamais de esportes.

O problema é que o mercado só permite a criação de jornalistas de futebol, de automobilismo, por vezes de tênis. O que vale dizer que não há jornalistas de basquete, de vôlei, de atletismo, de judô etc. O que explica o aparecimento de atletas como comentaristas; sempre é preciso aprofundar-se em grande competição. O mercado não contempla quem quer aventurar-se nessas áreas específicas. Esse aventureiro poderá ter muito sucesso. Mas vai ter de brigar muito mais por isso (COELHO, 2009, p. 37).

2.2 'SEXO FRÁGIL' NO JORNALISMO DOS ESPORTES

No decorrer da primeira metade do século XX, o jornalismo esportivo, visto como uma das especialidades do próprio jornalismo como profissão, detinha um grau de menor importância editorial. Na década de 30, no Rio de Janeiro, começou a circular o *Jornal dos Sports*, considerado o primeiro diário exclusivamente dedicado ao esporte e que lutava ferozmente contra a desigualdade nesse ramo jornalístico.

Segundo Paulo Vinicius Coelho (2009), naquela época estar a frente de uma redação esportiva representava tourear a realidade e lutar contra o preconceito de que só as pessoas da classe baixa poderiam tornar-se leitores desse tipo de diário. O passar dos anos e décadas mudou este quadro, tal característica perdeu força, e atualmente o público é formado por indivíduos de diversos grupos econômicos e sociais.

Só no fim da década de 1960, os grandes cadernos de esportes tomaram conta dos jornais. Ou melhor: em São Paulo, surgiu o *Caderno de Esportes*, que originou o *Jornal da Tarde*, uma das mais importantes experiências de grandes reportagens do jornalismo brasileiro... De todo o jeito, a partir da segunda metade dos anos 60, com cadernos esportivos mais presentes e de maior volume, o Brasil entrou na lista dos países com imprensa esportiva de larga extensão. Não quer dizer de alta ou baixa qualidade (COELHO, 2009, p. 10).

Algo é certo, o tempo passou só não mudou uma coisa: o futebol continua sendo a atividade esportiva que comanda os cadernos de esportes dos jornais impressos do Brasil. Em algumas redações, é nítida a separação entre a equipe que se dedica exclusivamente ao futebol daquelas que trabalham em outros esportes (vários autores intitulam esta especificidade de jornalismo poliesportivo). Mas isto não quer dizer, necessariamente, que quem faz matérias sobre esportes amadores não possa vir a cobrir futebol. Investimento e tempo são requisitos primordiais para se alcançar o bom trabalho em várias modalidades esportivas. Consequentemente, o jornalista deve estar ciente de que nesta especialidade qualquer tipo de reconhecimento só acontece de quatro em quatro anos, quando são realizados os jogos olímpicos.

Mas como e por que se tornar um jornalista poliesportivo. Com as redações, em geral subdivididas em futebol e área poliesportiva, o jornalista que faz basquete, por exemplo, acaba também fazendo

vôlei, atletismo, ou boxe, mesmo que goste ou se dedique mais a um desses esportes. Isso poderia facilitar a proliferação de jornalistas poliesportivos. Outro fato que pesaria a favor é que, nessa área, a pressão sofrida é infinitamente menor do que aquela exercida sobre os profissionais que cobrem futebol. No entanto, na prática, são raros, raríssimos os jornalistas capazes de trabalhar com a mesma desenvoltura em mais de um ou dois esportes (UNZETTE, 2009, p.97).

Outro elemento interessante está atrelado a divisão de tarefas na editoria em questão. Alguns editores costumam encaminhar jornalistas esportivas para produzir reportagens sobre esportes amadores, evitando assim deixá-las escrever sobre futebol, campo ainda dominado pelos homens. É importante destacar que na década de 1970 as redações de esportes, até então campo de atuação exclusivamente masculino, passou a conviver com mulheres, embora que em grau relativamente mínimo. Hoje, a participação feminina é maior nesta segmentação. No entanto, o novo panorama não implique em quadro funcional equilibrado entre homens e mulheres.

O dado relatado acima propicia uma análise quanto a construção social das relações entre os dois gêneros que, de certa maneira, resultam em oposição e conflitos ligados a concepções de relações de dominação que permeiam o tecido social e, claro, se manifestam na esfera do trabalho. Partindo deste ponto de vista, os empregadores podem contratá-las para algo de fácil compreensão no âmbito feminino, como também podem recusá-las na medida em que o trabalho venha “perturbar” a rotina vivenciada nas redações e análises das matérias assinadas nos jornais.

Lorena Holzmann (2000) aponta que, ao se inserir no mercado de trabalho, a mulher é requisitada para tarefas tradicionalmente visualizadas como as mais adequadas às características femininas, ou que já surgiram como ocupações tipicamente deste gênero. Essa colocação vem ao encontro do que estamos analisando. Isso porque o jornalismo esportivo, neste caso, é um reflexo do que acontece em diversas áreas de trabalho, embora o pensamento moderno tente a todo custo derrubar tal paradigma. Desta forma, fica explícito o fato de que as mulheres, na maior parte das vezes, são encaminhadas para as editorias de esportes amadores porque é mais fácil demonstrar conhecimento sobre vôlei, basquete e tênis, por exemplo, do que sobre futebol e automobilismo. Territórios onde o machismo ainda impera, como diz Coelho (2009).

Uma das particularidades que deve ser exigida e que, devido ao preconceito, é deixada de lado, diz respeito ao profissionalismo, pois em uma redação jornalística passar a informação corretamente é importantíssimo e, segundo os grandes nomes da área, parte essencial do processo. Elemento que não está relacionado a gênero, mas capacidade de apurar de qualquer um. Tal fator não seria diferente com as profissionais da editoria de esportes, especialidade do jornalismo. Eliot Freidson é bastante enfático ao falar sobre as especializações.

Como qualquer ofício e ocupação, uma profissão é uma especialização: um conjunto de tarefas desempenhadas por membros da mesma ocupação, ou donos de mesmo ofício. Mas é bom lembrar que a especialização é intrinsecamente relativa. As tarefas indispensáveis em um ambiente são diferentes das que se exige em outro. São, portanto, especializadas (FREIDSON, 1995, p.3).

Sendo assim, vale salientar que, se existe a presença do sexo feminino no jornalismo esportivo, logicamente homens e mulheres são donos do mesmo ofício. Chama a atenção o fato de que o preconceito ainda interfere bastante na inserção das mulheres neste mercado jornalístico. Por conta desse elemento, poucos rostos e assinaturas femininas são vistas nas coberturas esportivas, principalmente quando o assunto está relacionado ao futebol. Tais conjunturas confirmam a ideia de que, apesar de estarmos no século XXI, ainda prevalecem muitas barreiras com relação à aceitação das mulheres nesta área de atuação do jornalismo. No passado a situação era pior. Paulo Vinicius Coelho chega a citar em um livro que:

Pode-se dizer que as redações de esporte do país têm 10% de mulheres. Isso já provocou mais preconceito no passado do que hoje em dia. Nos velhos tempos, o veterano repórter Oldemário Toguinhó, do *Jornal do Brasil*, telefonava para a redação durante as grandes coberturas e procurava o editor. Quando este indicava uma mulher para recolher o material que vez ou outra tinha de ser passado por telefone, Oldemário simplesmente se recusava a entregar os relatos (COELHO, 2009, p. 35).

A situação descrita por Coelho (2009) é no mínimo constrangedora, e deixa claro que os obstáculos quanto a inserção das mulheres na imprensa esportiva derivam dos valores que a sociedade impõe a elas. Por exemplo, a mulher, diversas vezes, é ligada a afazeres domésticos, ou áreas que têm relação

com a educação e saúde. Quando vista em uma área tipicamente masculina, como o jornalismo esportivo, aparecem as implicações. Maria da Glória Bonelli utilizou Bruschini para elucidar o panorama em questão:

Segundo o estudo de Bruschini (1978) das enfermeiras, engenheiras e professoras, os valores dominantes da sociedade sobre o papel da mulher reproduziam-se nas profissões. Construíam-se socialmente estereótipos sobre as carreiras mais adequadas a elas, que na prática se configuravam como inadequadas. Assim, porque as mulheres assumem na família atividades ligadas a educação e a saúde, na profissionalização elas se concentravam nestas áreas (BONELLI, 1995, p. 305).

De certo modo os elementos citados pela autora ainda fazem parte do imaginário de um número expressivo de pessoas, que ainda insiste em perpetuar e ideia de que a mulher deve ter uma profissão e especialização adequada ao seu sexo. Conforme a autora, seria por tal motivo que as mulheres possuem a difícil tarefa de se integrar a um quadro tido como masculino: é o que acontece nas editorias de esportes. Esta discriminação do trabalho feminino tem como base os tabus e preconceitos que buscam imprimir a ideia de inferioridade da mulher e incompetência para assumir determinados cargos, mantendo-a em função subalterna. Fato que acaba dificultando uma ascensão seja dentro de uma empresa, seja na própria carreira.

Em *A dominação masculina* (2007), Bourdieu questiona as estruturas da divisão sexual e dos princípios de divisão correspondentes. Para ele, isto faz parte da “dominação simbólica” que se reflete sobre todo o tecido social, corpos e mentes, discursos e práticas sociais e institucionais, deshistoricizando diferenças e naturalizando desigualdades entre homens e mulheres. Ou seja, a dominação masculina estrutura a percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social. Esta perspectiva de Bourdieu, enfim, vincula a opressão das mulheres à naturalização do sistema patriarcal que atribui aos homens, na esfera pública e privada, privilégios materiais, culturais e simbólicos.

É preciso realmente perguntar-se quais são os mecanismos históricos que são responsáveis pela deshistoricização e pela eternização das estruturas da divisão sexual e dos princípios de divisão correspondentes. Colocar o problema nestes termos é marcar um progresso na ordem da ação. Lembrar que aquilo que, na história, aparece como eterno não é mais que um produto de um trabalho de eternização, que compete a instituições

interligadas tais como a família, a igreja, a escola, e também, em uma outra ordem, o esporte e o jornalismo (estas noções abstratas sendo simples designações estenográficas de mecanismos complexos, que devem ser analisados em cada caso em sua particularidade histórica) é reinserer na história e, portanto, devolver à ação histórica, a relação entre os sexos que a visão naturalista e essencialista dele arranca (e não, como quiseram me fazer dizer, tentar parar a história e retirar às mulheres seu papel de agentes históricos) (BOURDIEU, 2007, p.5).

Para muitos homens o esporte, mais especificamente o futebol, não é coisa de mulher. Esta atitude acaba potencializando uma insignificância social quanto à participação feminina no futebol. Um exemplo disso é a Copa do Mundo de Futebol Feminina 2019, realizada na França. Apesar do futebol ser paixão nacional e parar as atividades trabalhistas durante a edição masculina para que todos possam assistir e apoiar a seleção a situação não se repete quando é a edição dedicada as mulheres. Para mudar esta realidade foi criado no ano vigente o movimento 'Jogue como uma garota', com a ideia de unir mulheres (bem como o público geral) para assistir aos jogos do mundial. O objetivo em si seria desmistificar que o futebol é um esporte masculino, desta forma valorizar as jogadoras que lutam por igualdade no esporte, salários e em valores de patrocínio e investimentos no segmento. Na edição em questão, importantes conquistas individuais foram alcançadas, como o fato da jogadora Marta ter se tornado a maior goleadora das Copas, ao lado de Miroslav Klose no masculino e a única a marcar em cinco edições diferentes; da jogadora Cristiane alcançar Pelé na artilharia histórica da seleção e da Formiga bater o recorde de participações no torneio (a sétima disputa). No entanto, o futebol feminino tem um longo caminho para consolidar seu processo de profissionalização dado os investimentos. Atualmente, no Brasil, é realizado o Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino porém ainda sem o investimento necessário. Em Manaus, o time do Iranduba ficou conhecido no país por conta do desempenho feminino no Brasileiro, a equipe passou a ser chamada por 'Hulk da Amazônia' após grandes feitos para uma categoria ainda sem tanta expressividade, devido levar um público expressivo ao estádio e bom futebol. No entanto, após bons resultados poucas coisas mudaram. De certa forma isto reflete decisivamente na inserção feminina no jornalismo esportivo. Parte da população, por exemplo, ainda cria restrições ao ver uma mulher como árbitro de uma partida de futebol.

O esporte, enquanto área reservada masculina, atua no sentido de manter uma denominação simbólica dos homens sobre as mulheres, atribuindo-as um aspecto grosseiro de mulher objeto. No processo de espetacularização do esporte, a mídia confere à presença feminina um papel promocional, constituindo um atrativo a mais ao evento, e os discursos jornalísticos apontam para isso. Particularmente sobre o objeto contemplado por essa investigação, os discursos jornalísticos decorrentes da inserção da mulher na arbitragem de futebol masculino e a presença futebolística feminina nos Jogos Olímpicos, oferecem importantes elementos, pistas consubstanciam para a compreensão gênero-esporte. Para isso, no entanto, é imprescindível que o fenômeno não seja contemplado isoladamente, mas sim, enredado em uma série de elementos determinantes nas configurações do esporte moderno e da sociedade atual (BOSCHILA, MEURER, 2006, p. 6).

Um dos pontos positivos está no fato de que as mulheres vêm demonstrando bom desempenho nos cadernos esportivos. Várias já cobriram Copa do Mundo por mais de três vezes, assim como Olimpíadas. De acordo com Coelho (2009), as redações de esporte do país têm 10% de mulheres, lembrando que em anos anteriores essa estatística era quase nula, conseqüentemente o preconceito era ainda maior.

Bourdieu (2007) analisa as mudanças visíveis como fator para ocultar a permanência nas “posições relativas”, relacionando-as à igualização de oportunidades de acesso e índices de representação. Porém, as mesmas não devem mascarar as desigualdades que permanecem nas carreiras profissionais. Apesar de encontrar mulheres em todos os níveis do espaço social, nem que seja em um número relativamente baixo, não apaga a ideia de que as mudanças quanto à condição feminina obedecem sempre a lógica do modelo tradicional entre o masculino e o feminino.

Em função das conquistas femininas neste campo de trabalho, ainda predominantemente masculino, já é possível visualizar algumas jornalistas ocupando cargos que antigamente eram intrinsecamente exercidos por homens, como o de editor-chefe de esportes. O jornal *Estado de São Paulo* já teve mulher no comando, a Isabel Tanese, que permaneceu na função por aproximadamente três anos, entre o afastamento de um colega de trabalho e o seu próprio pedido de demissão em março de 2001.

Este caso é um retrato das mulheres ocidentais que, com a sua trajetória permeada por questionamentos, resistências, lutas e conquistas, está alterando este quadro de trabalho. Elas estão ganhando espaço. Apesar das dificuldades,

investem cada vez mais na trajetória profissional e buscam “vãos” mais altos nas empresas, e em muitos casos até chegam a abdicar de outros projetos pessoais. Apesar da resistência, estereótipos e preconceitos quanto às mulheres ocupando cargos de comando, as organizações começam a valorizá-las dentro das empresas, mesmo que instigadas pelas próprias alterações do mercado de trabalho atual. No caso das esferas do jornalismo, desempenhar a função de editor-chefe é de extrema importância, dada a sua relevância na qualidade final dos produtos disponibilizados nos jornais.

Para se chegar a editor-chefe, é necessário ter tido grande experiência como repórter e, depois, como editor. Edição é seleção, seja de foto, texto, imagem, assunto, levando em conta espaço, interesse e público-alvo. O editor participa de toda a etapa na notícia, até mesmo quando se define a pauta. Isso já é edição. O editor é o profissional que coordena a equipe, define o destaque e relevância das matérias, orienta o enfoque, calcula gastos, escolhe os jogos a serem transmitidos (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 64).

A inserção delas é maior na TV, pois comandam a apresentação de programas, fazem reportagens e, em alguns momentos, atuam como editora, como foi o caso da jornalista Glenda Kozlowski da rede *Globo* e Milena Ciribelli da *Record*. Muitos crêem que o aumento delas no segmento televisivo está aliado à questão estética, porém elas demonstram que não são apenas um “rosto bonito”, mas que possuem conteúdo esportivo e competência. No entanto, tal fato levamos a pensar que as mulheres que lutaram pelos direitos ao trabalho fora do lar e a independência são pressionadas pela sociedade a manter um estereótipo de beleza que esteja dentro do padrão exigido para atuar em determinadas posições. Em *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*, Gilles Lipovetsky (2000) relata que a beleza é vista como uma poderosa arma feminina, capaz de se destacar frente aos homens e estabelecer uma influência sobre os indivíduos. Por esse motivo ela é tão desejada pelas mulheres. Nesta mesma linha de pensamento surge Renato da Silva Queiroz (2000), em *O corpo do brasileiro: estudos de estética e beleza*, onde a sociedade é analisada como uma estratificação da beleza. Queiroz compreende a situação através do fato de que as pessoas bonitas são mais capazes e bem-sucedidas do que as feias. Ou seja, para ele, o corpo passa a ser visto como item fundamental para a atratividade

feminina e elemento essencial da auto-imagem, ajudando a prever futuras conquistas em alguns campos.

Muitos diziam que a inclusão da mulher no jornalismo esportivo foi única e puramente uma estratégia de marketing estético. Mas elas já provaram que isso é uma grande mentira inventada para aplacar o ego de muitos homens, que não reconhecem que a mulher se mostra muito mais competente no âmbito profissional. Se a mulher tem como aliada a estética, melhor ainda. Mas esse não é o meio pelo qual se estabeleceu nas redações e ancoragens de programas e jornais esportivos. Poderíamos listar inúmeras qualificações para que a mulher justifique seu espaço no jornalismo esportivo. Entre elas poderíamos citar a fato dela ser muito mais emotiva. Isso ajuda ao transmitir emoção no texto apresentado. Já o homem, não tem tanta facilidade (ROALEY, s/a).

A primeira mulher brasileira a integrar a equipe de esportes de uma emissora bastante conhecida foi Isabela Scalabrini. Isso aconteceu no início dos anos 80 quando ela passou em um programa de estágios e foi contratada pela TV. Só depois de quatro anos trabalhando na editoria de esportes é que a jornalista foi chamada para cobrir uma Copa do Mundo, em 1986. Antes dessa etapa profissional ela era escalada para fazer apenas esportes amadores como natação, atletismo, ginástica, vôlei, dentre outros modalidades que integram esse quadro de esportes não tão favorecidos.

A linguagem utilizada pelas mulheres é que faz a diferença no mercado. Emoção, carisma e desenvoltura, juntamente com o embasamento do assunto, chamam a atenção. Por tal motivo, algumas pessoas, como a jornalista Ana Paula Ramos, chegam a comentar no *site Canal da Imprensa*, que elas marcam uma nova geração do jornalismo esportivo brasileiro. Todavia, isso não exclui o medo de errar, uma vez que o gênero feminino já é bastante visado há tempos pelos críticos nesta ramificação jornalística. Qualquer deslize pode gerar momentos desagradáveis e alimentar a discriminação.

São 20 anos de carreira. Quinze na TV Bandeirantes... e nunca sofri nenhum tipo de preconceito. Pode parecer estranha essa afirmação, mas procurei sempre me pautar pela ética, pela correção e pelo comportamento bem mais sóbrio do que qualquer profissional masculino, isso porque nós mulheres temos que ter um comportamento ainda mais correto, exatamente para que não pareça nenhum tipo de dúvida. E não só no jornalismo esportivo, acho que em qualquer carreira (apud GOUVÊA, s/a).

O interessante é que muitos jornalistas escolhem essa área imaginando que gostar de esportes, ter boa memória e contatos é o suficiente para fazer de si um bom profissional. Sem dúvida, essas três características são importantes, mas escrever bem e ter o hábito de ler são primordiais e essenciais para o exercício desse cargo. Diversas repórteres e apresentadoras, e que também são ex-atletas, convertem-se em modelos bem sucedidos de como essa junção pode ser proveitosa. Tanto Kozlowski, como Mariana Becker (ambas da rede *Globo*), são exemplos disso.

2.3 OS CAMINHOS DO FAZER JORNALISMO ESPORTIVO

A realização de uma matéria esportiva, assim como das outras especialidades jornalísticas, requer vários requisitos. Um deles é a pauta. Ela deve estar bem elaborada, saber fazê-la é importantíssimo. Devido a editoria de esportes ser composta por poucas pessoas (fato que ocorria no início do jornalismo esportivo, e ainda acontece até hoje), o jornalista acaba exercendo o papel de produtor e repórter. Quando há um “pauteiro”, o trabalho flui melhor, tendo em vista que esquematizar reportagens exclusivas e enriquecer o dia-a-dia do repórter é o seu serviço, ou seja, contribuir para a obtenção de um dos fins mais almejados do jornalismo, a notícia inédita ou o furo de reportagem. Um bom “pauteiro” sempre desconfia de tudo. É preciso parar e pensar do início ao fim, pois a pauta é essencial para o desenvolvimento de uma reportagem com qualidade.

A pauta é mais do que uma simples ideia, é um roteiro detalhado que explica como realizá-la, que situa o repórter no assunto e diz onde e quem deve ser entrevistado, além de direcionar o tipo de abordagem da matéria. Uma boa pauta é o início de uma boa reportagem. Uma está para a outra como o alicerce está para a construção de uma casa: se malfeita, tudo pode ruir, e nesse caso não haverá redação ou edição capaz de salvar o texto. É por isso que a pauta deve ser bem detalhada, de preferência por escrito. Um ritual que os jornalistas infelizmente resistem em cumprir. O que é pena, porque o tempo e atenção dedicados a uma pauta nunca são perdidos. Trata-se de um investimento recuperado, na maioria das vezes, logo nas etapas seguintes do trabalho (UNZELTE, 2009, p. 23).

Toda redação jornalística busca dar uma notícia em primeira mão, muitas delas não se preocupam como esta vai ser repassada, mas no prestígio que ela pode lhe proporcionar. Isso, a rigor, é menos importante, pois não vale saber quem primeiro divulgou a informação, e sim quem deu o fato com mais detalhes. Porém, muitas vezes o leitor não sabe quem foi o repórter que fez aquela matéria, e se tal informação estava somente em um jornal.

O “furo” move uma equipe, em especial o editor-chefe, o jornalista e o produtor. Trata-se de uma busca insaciável, faz parte da profissão tentar achar o que ninguém ainda conseguiu. Mas, para que isso aconteça é necessário sempre manter contato com as fontes: aquelas pessoas de confiança que passam informações novas e corretas. A informação repassada por elas reflete na oportunidade do repórter conseguir um grande “furo” e, conseqüentemente, ter a sua matéria na capa do jornal, decisão que passa pela decisão do editor responsável que analisa tal material.

Pierre Bourdieu, em *Sobre a televisão* (1997), chega dizer que este profissional ocupa este cargo devido suas categorias de percepção estarem ajustadas às exigências objetivas: “Certamente, nas diferentes posições no interior mesmo do meio jornalístico, os diferentes jornalistas consideram desigualmente evidente o que ele tomava por evidente”, (p. 36). O poder da hierarquia também está envolvido nisto, afinal é um campo simbólico, onde há conflitos, concorrências e hostilidades que, neste caso, o autor chama de campo jornalístico. Um espaço social reflexo de um campo de forças, onde existem os dominados e, por consequência, os dominantes, onde cada um, na sua essência, define tornar claro a sua posição, bem como as suas estratégias.

Em outras palavras, se quero saber hoje o que vai dizer ou escrever tal jornalista, o que ele achará evidente ou impensável, natural ou indigno dele, é preciso que eu conheça a posição que ele ocupa nesse espaço, isto é, o poder específico que possui seu órgão de imprensa e que se mede, entre outros indícios, por seu peso econômico, pelas fatias de mercado, mas também por seu peso simbólico, mais difícil de quantificar (BOURDIEU, 1997, p. 58).

Por fim, cabe ressaltar que, ao estampar a capa do jornal ou do caderno de esportes, o reconhecimento vai ser garantido dentro da redação, pois embora o leitor não se dê conta da qualidade do repórter, o editor saberá que vai poder

contar com aquele profissional para as melhores pautas. Um dos pontos positivos para a empresa é a possibilidade dele sempre trazer notícias em primeira mão, o que ajuda na venda e comercialização dos exemplos, pois a procura aumenta por parte dos leitores.

O campo jornalístico está sujeito ao mercado, seja pela sanção direta e indireta por parte do público leitor, ou da audiência. Sendo assim, os jornalistas, nos seus diversos cargos, tendem a adotar o índice de audiência como critério que acaba perpassando pela necessidade de “furos”. Fato este que coloca a prática jornalística sob o efeito da velocidade e renovação, levando o profissional a viver e pensar o presente segundo a função da atualidade, favorecendo, assim, um esquecimento contínuo devido a busca incessante pela novidade, a informação de “última hora”. Daí fica visível a constante oposição do novo contra o ultrapassado. Por isso, manter uma boa relação com as fontes pode fazer a diferença.

Dar furo desse tipo, essencialmente noticioso, é como fazer gol em campeonato e ninguém vê. Como ser artilheiro do Campeonato Estadual do Piauí. O jogador vai comemorar. A torcida do time dele vai saber todos os detalhes a respeito do craque. E isso não vai representar rigorosamente nada para ele. Uma sequência de grandes informações exclusivas é mais importante, mas extremamente difícil. O furo depende de fonte e não há repórter que consiga fontes em dez lugares diferentes ao mesmo tempo. E não há dez informações exclusivas disponíveis na mesma semana, no mesmo lugar. Mas há um tipo de informação exclusiva que as rádios, as televisões e a internet não irão repercutir. Aquela informação que não é noticiosa, mas que resulta do esforço de imaginação da redação (COELHO, 2009, p. 77).

Partindo deste pressuposto, se confirma a concepção de Bourdieu quanto ao campo jornalístico ter as forças externas como particularidade, uma vez que a ingerência dos elementos externos se faz de maneira mais contundente do que em outros campos de produção simbólica, tais como o campo da matemática, da literatura, o campo científico. Isso acontece devido a uma dependência estrutural diretamente da demanda de vendas, por estar sujeito à sanção do mercado, daí a importância dos leitores e fontes.

Vale ressaltar que, apesar do repórter cultivar um bom relacionamento com sua fonte, amizade não pode ser confundida com trabalho. Ele tem que saber separá-las. Porém, essa “amizade” sempre acontece e com muita

frequência. Segundo Celso Unzelte, o melhor a se fazer é evitar o contato exagerado como, por exemplo, um churrasco no domingo ou uma ida ao *shopping center*. Algo que deve ser deixado bem claro na relação com a fonte é que não há trocas de favores, muito menos vantagens. No jornalismo esportivo, as principais fontes dos repórteres são os atletas, treinadores e dirigentes dos times.

Quem escolhe o esporte para trabalhar já sabe, de antemão, que não encontrará facilidade no acesso às fontes. Em geral, elas são celebridades ou, mesmo que não sejam, costumam agir como tal. Sorriem para as câmeras de TV e ignoram a imprensa escrita, rádio e internet. Negam dar declarações que depois de publicadas complicaram suas vidas. Além disso, esses atletas nem sempre rendem um bom material, por não serem bem articulados, pelo menos, não tão articulados como o repórter gostaria que fosse. Nesse último caso, o mais importante é não ceder a tentação de colocar palavras na boca de seu entrevistado, por menos que o discurso dele “renda”. Como aconteceu certa vez com um repórter que, ao entrevistar um técnico, não conseguiu dele nada mais que a seguinte declaração: “No meu time, quero que todos se movimentem muito”. Arditoso, o repórter tratou de fazer a seguinte pergunta, para colocar na boca do treinador as palavras de que precisava. “Movimentando-se como? Como um carrossel?”. “É pode ser”, respondeu rapidamente o treinador, sem imaginar que sairia publicado que o time dele, no Campeonato Paulista, seria um carrossel, como a Holanda na Copa de 1974 (UNZELTE, 2009, p. 106).

Diferentemente da TV, o jornal impresso requer mais detalhes, o repórter precisa expor o que passou, ou viu no local da realização de sua matéria. É neste veículo que cabe ao jornalista descrever qual o grau de emoção do entrevistado, pois não há o recurso da imagem. Deve-se levar em conta o respeito, pois não importa qual seja o nível intelectual do personagem. A maioria das entrevistas realizadas para os cadernos de esportes é viciada, perguntas previsíveis e as respostas mais ainda. Muitas vezes o repórter pergunta dando a resposta ao entrevistado, o que colabora para que a linguagem do jornalismo esportivo seja apenas narrada, e não comentada.

O jornalista esportivo, quando está diante de um entrevistado, deve saber que é o representante do público diante deste tema. Uma pergunta bem colocada instiga o público como se fosse ele, público, o entrevistador. O jornalista esportivo deve ter a consciência de que no momento da entrevista ele faz o papel de milhares de torcedores que gostariam de fazer aquela pergunta ao técnico do seu time, ou gostariam de saber, por exemplo, por

que aquele atleta não conseguiu seguir adiante no evento (BARBEIRO & RANGEL, 2006, p. 36).

O repórter esportivo necessita ir além para alcançar esta tarefa. Um bloqueio triplo do vôlei, ou um gol sensacional, até mesmo a superação de um recorde precisa ser mais que uma mera ilusão. A utilização de palavras repetitivas acaba tornando um fato esportivo importante em algo do dia-a-dia, comum. Alguns redatores persistem em empregar um mesmo vocabulário cotidianamente, o que torna determinadas matérias pobres e cansativas. De acordo com o jornalista esportivo e escritor Heródoto Barbeiro, para ter um bom texto é necessário possuir um número expressivo de informações, de maneira clara e criativa. O texto só prende o leitor quando se leva em conta o último acontecimento que interferiu no andamento de um fato.

A partir da análise da linguagem esportiva, podemos notar que o discurso do jornalismo esportivo não se resume apenas à verificação dos níveis linguísticos, da aparência semântica do texto, do método de interpretação, mas também ao processo de exame que são denominadas “classes de produção”.

A linguagem não é transparente. Ora, sabedor disso, cabe ao analista superar uma contemplação dos aspectos puramente linguísticos, como também de uma mera leitura interpretativa. Presume-se do analista que ele consiga transpassar o discurso, superar as superficialidades interpretativas para que, finalmente, possa apreciar nele as determinações discursivas, as suas condições de produção, a fim de que seja possível extrair as suas significações históricas, sociais e ideológicas (BOSCHILA, MEURER, 2006, p. 5).

Um bom texto de esportes leva em conta a ortografia, linguagem, além da emoção, embora esta deva ser utilizada na dose certa e com ética, pois o repórter jamais deve fazer julgamentos apressados. Tal ato acaba ocasionando a parcialidade. Por exemplo, é comum em um jogo de futebol determinado jogador se desentender e agredir um colega. Isso é um ato reprovável, todos sabemos, mas o jornalista não é o juiz da partida, nem psicólogo para julgar ninguém, muito menos o agressor, ou o agredido. Esses são problemas a serem resolvidos pela justiça desportiva, ou, se for um caso grave, pela justiça comum.

O jornalista esportivo, pela tipicidade do seu trabalho, precisa estar apto a lidar com frustrações, controlar emoções e se relacionar com as pessoas. Isso não quer dizer que outros fatos

sociais também não exijam isso, mas o esporte exige mais e com maior frequência. Não faz mal a ninguém manter um acompanhamento psicoterápico. Nenhum jornalista precisa se transformar no Homem de Lata, do *Mágico de Oz*, que não tinha coração. É bom que fique claro que o objetivo é o equilíbrio e não a eliminação das emoções, uma vez que todo sentimento tem seu valor e sentido. O ser humano tem o senso lírico e os valores mais elevados do coração humano, ou seja, fé, esperança, devoção, amor, e suas antíteses, entre elas o ódio. Tudo isso cabe no jornalismo esportivo com mais espaço do que qualquer outro assunto (BARBEIRO, RANGEL, 2006, p. 48).

Enfim, separar as emoções dentro e fora do seu ambiente de trabalho é uma das características que o jornalista esportivo deve levar em conta, visto que a ética e a sabedoria serão essenciais (ambos) para o exercício da profissão, permitindo transmitir as notícias de forma clara e objetiva. O jornalista esportivo deve ser prático e neutro, mas sem perder sua paixão pelo futebol. Para isso ele deve ter uma exata noção de quando e como essa paixão começa afetar a objetividade e a imparcialidade de seu trabalho jornalístico.

No jornalismo esportivo, a paixão atrapalha principalmente quando se manifesta de duas maneiras: em relação à soberba no conhecimento do próprio assunto ou à preferência explícita por uma das partes de uma disputa esportiva. Em relação ao conhecimento do esporte em si, a grande inimiga que a paixão gera é a autossuficiência. É ela que se faz presente quando, em um ato falho, o jornalista escreve Torneio de Wembley, em vez de Wimbledon, trocando o nome da maior disputa de tênis pelo do maior estádio da Inglaterra (UNZELTE, 2009, p. 12-13).

Limitar as ações humanas, criticar a moralidade e se constituir em princípios e disposições, são umas das principais características da ética. Ela é a percepção do mundo ativo, uma vez que a sociedade se altera constantemente e é preciso identificar onde estão as características corretas. Vale lembrar que não devemos confundi-la com a moral, pois são coisas distintas, ainda que interligadas. Diferentemente da moral, a ética não está submetida aos códigos de justiça. Devido a isto, há mais revolta contra a moral do que contra a ética.

A ética tem sido o principal balizador do desenvolvimento histórico do esporte. Ele se desenvolve no campo ético desde os tempos da Antiguidade greco-romana. O código de ética jornalística não é para ser feito como uma verdade absoluta, mas como objetivo de constantes debates, com a busca do consenso e a pressão de caráter moral para que todos sigam o que foi acordado (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 114).

3ª Seção

**UM RETRATO DAS JORNALISTAS ESPORTIVAS DE
MANAUS**

3.1 CONFIDÊNCIAS: OS DESAFIOS DAS JORNALISTAS ESPORTIVAS DO IMPRESSO E RÁDIO MANAUARA

As repórteres esportivas dos jornais *Amazonas Em Tempo*, *A Crítica*, *Diário do Amazonas* e *Rádio Difusora*; relataram durante as entrevistas que se identificavam, de alguma forma, com a comunicação, sendo algo nato em cada uma, apesar dessa manifestação ocorrer de diversas formas: gosto pela leitura, escrita, oratória, divulgação de informações. De acordo com a psicologia, os indivíduos vivem de maneira subjetiva e assimilam os conteúdos ao seu redor, sendo essas experiências e táticas utilizadas no processo de autoconhecimento que dão início ao processo de significação, selecionando atividades e situações capazes de satisfazer necessidades e desejos. É neste momento que nascem os motivos que levam a os indivíduos a decisões. Ou seja, são tais elementos que formam uma espécie de quadro de motivos que impulsionam ações e acabam por orientar os sujeitos a determinadas escolhas. Este ciclo de vivência não inclui somente a família, mas o convívio com outros grupos sociais e locais. Duas das entrevistadas prestaram vestibular para outras áreas devido a influencia de familiares, porém ao obterem a aprovação, já nos primeiros períodos descobriram que a escolha feita estava bem distante das suas características e gostos.

Desde dos 13 anos, eu sempre trabalhei. Meu primeiro emprego nessa parte de comunicação foi como vendedora no shopping Cecomiz. Eu conversava bastante, ai eu pensava assim: “Acho que é essa minha praia”, mas eu não sabia que queria ser comunicadora, muito menos jornalista. Eu ficava sempre migrando nessas duas áreas. Achava que iria ser psicóloga, comecei a estudar sobre psicologia porque gostava muito de conversar. Daí com 15 anos eu vendo muito jornal, lembro que eu assistia televisão e eu me inspirava na Arthemisa Gadelha, pensei: “Cara, acho que eu quero ser jornalista!”. Em casa eu assistia muito jornal e programa esportivo por causa da minha mãe, ela foi jogadora. Eu lembro que fiz prova para UFAM e UEA. Na UFAM passei para contabilidade, que é a profissão do meu pai, e na UEA passei para engenharia, nada a ver comigo mas tem uma remuneração boa. Eu achei que iria fazer engenharia, não tinha dinheiro pra pagar uma faculdade de jornalismo. Meu pai, que não mora comigo, disse que me ajudaria caso fizesse o vestibular em uma faculdade particular. Eram quatro opções, eu coloquei as quatro na área de comunicação, e claro jornalismo que eu queria. Nunca quis apresentar na televisão, mas eu queria reportar. Foi a melhor escolha que fiz. (Entrevistada 1, 2019, p.136).

A rotina vivenciada ao longo da vida corroboram para as escolhas, e essa característica ganha força com a entrevistada 2. O fato de ter participado do universo dos esportes ao longo do seu desenvolvimento como indivíduo a levou ao jornalismo esportivo, porém através de um outro prisma desta segmentação: o da utilidade pública de tal atividade. Alguns estudiosos acreditam que a escolha na orientação profissional é resultado das contribuições da psicologia sócio-histórica construída ao longo da vida (Aguiar, 2007).

Eu acho que a utilidade pública que o jornalismo tem me trouxe esse desejo pela área. Quando era bem menina eu praticava atletismo e gostava do que o jornalismo fazia, no caso jornal impresso, mas tinha TV. Como eu tinha um destaque no atletismo e gostava muito de corrida de rua, também praticava na Vila Olímpica, comecei a aparecer de forma tímida nos veículos de comunicação por ganhar as competições. Eu morava no interior, no Iranduba na época, e aquilo foi crescendo e eu não queria mais apenas aparecer, queria divulgar e mostrar coisas que eram interessantes que pudesse ajudar outras pessoas, então isso me atraiu, a utilidade. (Entrevistada 2, 2019, p.145)

A entrevistada (2) acima é formada em jornalismo desde 2006, passou pela assessoria de comunicação da Prefeitura de Manaus e em seguida foi para o jornal impresso. Havia uma vaga especificamente no caderno de esportes; não era o que ela estava buscando. No entanto, a oportunidade surgiu em um momento propício para o seu desenvolvimento profissional, uma vez que buscava experiência em redação. O interessante é que desde criança praticava esportes, como já relatado.

Tal envolvimento com as atividades esportivas ratifica o que foi comentado anteriormente no segundo capítulo, pois ela, assim como famosas jornalistas – Glenda Kozlowski e Mariana Bercker –, é uma ex-atleta. A prova de que conhecimento aliado à competência, carisma e emoção é a receita do sucesso.

Das seis jornalistas entrevistadas, com exceção de apenas uma, houve a passagem por outras atividades da área jornalística. Ou seja, passaram por distintas editorias e meios de comunicação antes de dedicarem-se ao esporte. O elemento em questão acaba por contradizer o argumento utilizado por Coelho (2009) de que o seguimento esportivo é o local para onde são encaminhados os “focas”, os iniciantes no jornalismo.

Iniciei a faculdade em 2009, e em 2010 no 3ª período eu consegui um estágio e desde então estou na área. Foi meu primeiro emprego. Eu comecei na Rede Amazônica, tinha um contrato de 1 ano de estágio, e em 6 meses fui contratada como produtora. Fiquei lá 2 anos e 4 meses e depois pedi pra sair e vir pra rádio. Eu nunca tive a pretensão de ser repórter de TV, como trabalhava como produtora o único crescimento que eu tinha era ser editora, que era muito difícil porque as pessoas estavam lá há milhões de anos. Então pra subir de cargo eu também poderia ser repórter, porém não tinha pretensão. Mas eu tive experiência de atuar como repórter, eu era repórter mãozinha porque mesmo contratada eu não fazia passagem. (Entrevistada 4, 2019, p. 168)

Somente a entrevistada 3 deu os primeiros passos jornalísticos no âmbito do esporte. Um desafio que foi superado com dedicação, já que apesar de gostar e até mesmo praticar alguma atividade física não tinha os domínios das técnicas jornalísticas e regras dos esportes.

Eu nunca trabalhei em outra área, sempre foi no jornalismo esportivo. Abriu uma vaga de estágio na Secretaria Municipal de Esportes e fiz o teste. Passei, e logo de cara foi uma experiência muito boa. Na primeira semana já foi um desafio porque a assessora de comunicação da época viajou para Portugal. Fiquei desesperada porque nunca tinha trabalhado, estagiado, na área. Havia uma outra estagiária que me ajudou muito junto com o fotografo que tínhamos lá. Como sempre pratiquei esporte, mas nunca pensei em ser jornalista esportiva eu tive que pesquisar muito. Então eu observava como a colega fazia as atividades. 6 meses depois eu estava olhando os classificados e vi uma chamada no jornal impresso para estagiário do caderno de esportes do jornal ***** , onde passei um bom tempo. (Entrevistada 3, 2019, p. 156)

A atuação na segmentação em análise é reflexo das escolhas feitas pelas jornalistas que fazem parte do cenário analisado no período de tempo em questão. Ambas participaram de processos seletivos, que contemplam entrevistas e testes escritos, como produção de conteúdo; matéria, nota, entrevista. No entanto, a imposição a área aconteceu em um dos casos. A candidata a vaga para editoria de Cidades do jornal impresso ***** foi surpreendida no primeiro dia de trabalho quando o editor responsável pela sua contratação a informou que por conta de problemas no quantitativo de pessoas; falta de profissionais em outras áreas da empresa; estava realocando. A situação, no mínimo constrangedora, não a fez dizer não, afinal era uma oportunidade de atuar em um veículo de comunicação de forte expressão no mercado jornalístico do Estado. O fato de

gostar de acompanhar fatos e notícias do esporte colaborou, também, para evitar a negação da vaga destinada de última hora.

Eu sempre gostei muito de esporte, mas sempre tive dificuldade pra praticar o esporte. Assistia e tal, mas vou te falar que nunca me imaginei trabalhando no jornalismo esportivo. Eu fui trabalhar na área porque na época estava começando no Portal ***** e o meu editor precisava de alguém pra fazer esporte e estava na editoria de Cidades. Nesse início de contratação ele ficou sem uma pessoa que fizesse esporte. No dia que eu cheguei, no meu primeiro dia de trabalho no portal, ele falou: “Você não vai mais ficar em Cidades, você vai fazer esporte!”, e eu disse: “ Tá!”. Achei uma oportunidade legal pra trabalhar com uma coisa que já gostava apesar de não me imaginar trabalhando com o jornalismo esportivo, foi uma grata surpresa na minha vida. Eu me descobri jornalista esportiva, fui muito feliz durante todo o tempo que trabalhei nessa área. Ela encanta mesmo apesar de ser difícil. As pessoas acham que fazer jornalismo esportivo é muito fácil basta entender de futebol e não é. Ele é um universo inteiro de modalidades, normas, regras, atletas; uma área que você se apaixona e que exige muito de você. Imagina! (Entrevistada 5, 2019, p.177)

Após integrar o quadro da editoria de esportes os desafios aumentam, as mulheres começam a participar de um processo de comprovação de conhecimento diário da área esportiva. O fator gênero citado nos capítulos anteriores ganha força na construção das relações de trabalho e sociais. Este panorama permitem elucidar as dificuldades voltadas a inserção das mulheres no universo do jornalismo esportivo manauara.

No caso do gênero, por exemplo, é perceptível o fato dele transpassar por toda a problemática levantada com a proposta desta dissertação. No dicionário da língua portuguesa Sacconi, gramaticalmente a palavra se limita ao seguinte significado: “Grupo de espécies que apresentam características comuns distintas. Todo agrupamento de indivíduos de caracteres comuns, raça.” (SACCONI, 1999, p. 358). No entanto, o sentido vai muito além desta definição, envolve o aspecto sexo, o caráter histórico e social da sociedade. Esta perspectiva é abordada pela historiadora norte-americana, Joan Scott, estudiosa do conceito desde 1980 e considerada umas das principais teóricas do tema.

O interessante é que atualmente o destaque dado ao gênero não é tão explícito como se deveria, apesar dos avanços, apesar de estabelecer uma visão da dimensão da organização social, bem como de igualdade e desigualdades, das estruturas hierárquicas e a relação masculino e feminino. Essas

características acabam por dar ênfase a clara ligação entre gênero e poder defendida por Scott. Tal conceito pode ser percebido como uma ferramenta de decodificação e compreensão das relações complexas da interação humana. Fato este presente no seio das redações jornalísticas esportivas.

Minha definição de gênero tem duas partes e várias sub-partes. Elas são ligadas entre, mais deveriam ser analiticamente distintas. O núcleo essencial da definição baseia-se na conexão integral entre duas preposições: o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. [...] Precisamos de uma visão mais ampla que inclua não só o parentesco, mas também o mercado de trabalho, a educação, o sistema político. (SCOTT, 1995, p. 86-87).

A divisão de tarefas dentro da editoria, de alguma forma, esteve ligada a questão de gênero, como que tipo de conteúdo jornalístico a mulher deve produzir. As jornalistas entrevistadas relataram gostar de todos os esportes, porém possuem preferências diferentes se tiverem a opção de escolher sobre o que escrever. Dos seis indivíduos da pesquisa, quatro disseram ter mais identificação com a produção voltada ao esporte amador. Vale ressaltar que afirmaram cobrir qualquer atividade esportiva apesar da empatia por alguns especificamente, chegam até a afirmar que escrever sobre os tidos como amadores (os chamados olímpicos ou não, conforme explicado no capítulo II) é mais complexo do que a paixão nacional: o futebol. O elemento 'desafio' é o 'combustível' dessa concepção, pois, segundo as mesmas, o papel do jornalista tende a ser maior. A missão de um repórter é vista a partir do prisma delas como complexa, o que alimenta a vontade de fazer jornalismo, uma vez que popularizar uma atividade física não é nada fácil.

Eu gosto mais dos esportes amadores porque acho que o futebol é muito fácil de fazer. Tu não cresce vendo ginástica rítmica na TV, se vê na época das Olimpíadas. Agora que é possível assistir o UFC em canal aberto, mas na minha época não tinha. Não se vê campeonato de taekwondo todo domingo, nem natação. O futebol já é enraizado, se cresce vendo, passa na TV todos os dias algo relacionado a este esporte. Então, o futebol é mais simples, aprendendo as regras conseguisse escrever muito rápido sobre ele. Basta chegar no campo marcar 45 minutos/ 45 minutos, verificar quem faz os gols, pegar um personagem e acabou; outros não. Além das técnicas, dos nomes, de tudo isso, se desvenda pessoas que são desconhecidas do público em geral. É uma Bianca Maia que ganhou no Pan Americano de

Guadalajara mas que muita gente não sabe quem é, que é daqui, que hoje em dia mora fora. Então sinceramente, eu acho mais difícil o amador porque tudo que não é do gosto da maioria é mais difícil de vender para o outro. Eu cobria a Copa Super Kart que acontecia no Kartódromo e ela durava três meses, e todo domingo praticamente tinha que ter uma matéria sobre isso. Imagina o que é escrever um campeonato de kart em Manaus, tinha que desvendar personagem, tinha que entender como funcionava o carro, como era a pista; se era inversa ou não era; quais são os pilotos que estão na frente, que estão atrás, de onde eles vieram, porque eles entraram na competição e passar essa explicação para o público da melhor forma possível, para que haja interesse do público. Eu gosto mais desse desafio. (Entrevistada 3, 2019, p.165)

Esta é uma questão de identificação, realmente, pois na contramão desse posicionamento há duas que possuem maior apreço pela produção de material jornalístico atrelado ao universo futebolístico. Alguns subsídios colaboram para tal posicionamento, como fontes e o fator da empresa onde trabalham (trabalharam) darem um espaço de quase 100% ao futebol, deixando o amador em segundo plano.

95% dos meus textos é sobre futebol, mas eu também escrevo sobre outros esportes. É mais fácil escrever sobre futebol porque os esportes amadores não são divulgados como deveriam. Se tu colocar no Google encontra várias tabelas de jogos de diversos times, no caso de outros esportes é mais difícil ter acesso aos dados. (Entrevistada 1, 2019, pág.145).

No entanto, a distribuição de atividades em uma redação também pode ser algo imposto, apesar de mascarado; velado. A entrevistada cinco, por exemplo, confessou que na maioria das vezes foi encaminhada para coberturas voltadas aos esportes não populares, onde a participação feminina é mais intensa, porém a princípio não visualizava como machismo. Não era nem uma questão de escolha, quando se tinha uma mulher na equipe ela seria a responsável por este conteúdo, o futebol era sempre dos homens. O cenário só mudava se não houvesse equipe suficiente para a cobertura dos times de futebol.

Este panorama nos remete a noção de habitus, trabalhada por diversos sociólogos (Emile Durkheim, Max Weber, Marcel Mauss), que quando explorada por Pierre Bourdieu funciona como uma válvula de escape para o chamado estruturalismo sem sujeito. Este conceito permite uma análise convincente entre o individual e o social, as estruturas internas da subjetividade e as externas

traduzidas nos determinismos sociais. É o habitus que estrutura as formas de pensar, agir e o entendimento dos indivíduos, todavia este é um sistema de disposições socialmente construído.

Desta forma, conclui-se que este pode ser reestruturado constantemente tendo em vista as diferentes posições ocupadas pelos indivíduos ou pelos grupos numa hierarquia social. “Construir a noção de habitus como sistema de esquemas adquiridos que funciona no nível prático como categorias de percepção e apreciação, [...] como princípios organizadores da ação, significava construir o agente social na sua verdade de operador prático de construção de objetos.” (BOURDIEU, 1990, p. 26). Tal posicionamento conduz a ideia do sujeito interiorizar a estrutura social a que pertence, sem deixar de agir sobre ela. Ou seja, após um determinado tempo a jornalista conseguiu perceber que a limitação de suas atividades estavam atreladas ao fator gênero e não a competência, não havendo reação naquele momento inicial da sua participação no caderno de esportes devido a interiorização da estrutura de poder e social daquele espaço. Porém um indivíduo ativo, em ação naquele meio. A alteração na percepção da mesma só pôde se tornar possível dado o poder de reestruturação das relações, seja as de poder ou social, bem como em ambas simultaneamente, ao longo da sua passagem pela editoria.

Um caderno de esporte era algo diferente das outras editorias, só tinha uma mulher, no caso eu naquele momento mas passaram outras antes. Então era assim: um universo com 5/6 homens e uma mulher, sendo que a mulher era estagiária ou aquela mulher que não cobriria o futebol, fazia os outros esportes. Na época, a gente não tinha visão do que se tem hoje: do empoderamento feminino, do que é machismo claramente, então naquele tempo eu achava legal, até porque amo cobrir esporte poliesportivo. Óbvio que gosto muito de futebol, mas meu sonho dentro do jornalismo esportivo eu consegui realizar: cobrir as Olimpíadas devido ser todos os esportes que eu era apaixonada. Os atletas das outras modalidades acabam sofrendo muito mais do que os do futebol. Quando cheguei no Craque não fazia futebol, só os meninos, ficava com aqueles esportes que eram considerados mais fáceis, olímpicos também chamados de amadores. Teve uma época que começou o campeonato amazonense com muitos times, não tinha equipe suficiente para cobrir, e aí o chefe disse: “Lorena, tu vai ter que fazer futebol!”. Só por isso. (Entrevistada 5, 2019, p. 179)

Essa característica confirma a opinião de Paulo Coelho (2009). Segundo ele, o fato de as mulheres serem encaminhadas para coberturas de esportes

desse segmento está ligada ao fato de que é mais fácil demonstrar conhecimento sobre basquete, vôlei, entre outros, do que sobre futebol e automobilismo. Territórios onde os homens comandam. Concepção que faz parte de uma construção social das relações entre homens e mulheres, tal como salientada por Pierre Bourdieu (2007), e que acabam por permitir conflitos voltados para relações de dominação no tecido social.

Duas das entrevistadas, conseguiram, quando atuaram no jornalismo esportivo no período em análise, exercer duplamente o cargo de repórter e editora de texto; uma espécie de revisora do conteúdo produzido; uma subeditora. Há uma diferença muito clara com relação a essas funções. A repórter entrevista, cobre eventos e escreve. Subeditora tem que fazer praticamente o mesmo que uma editora chefe: editar, revisar textos, colocar títulos e legendas, escolher fotos. A diferença é que a capa do caderno de esportes, as principais pautas e o planejamento do mesmo são decididos pela editora chefe. Reconhecimento, claro, porém uma responsabilidade a mais para as mulheres, que não refletia em melhores salários; apenas em sobrecarga de trabalho. Uma situação capaz de gerar desgastes físicos e mentais.

É perceptível que trabalhar fora de casa é uma conquista para as mulheres. No entanto, elas não querem apenas exercer uma atividade, mas também receber um bom salário, desejo de qualquer trabalhador. Porém, nem sempre acontece dessa forma. No caso das mulheres, ganhar seu próprio dinheiro, bem como uma remuneração almejada, faz parte da independência financeira e competência reconhecida pelos seus serviços.

Do total de seis jornalistas, objetos de estudo desta dissertação, quatro apontaram que o contraste entre os valores salariais dos integrantes da equipe poderiam chegar a até 100%. O que acabava por provocar um intenso desconforto e revolta em todas. No caso da entrevistada três, especificadamente, que passou pelo cargo de estagiária e logo após foi contratada, ao ver a carteira de trabalho com um aumento de apenas R\$500,00 reais; uma diferença de mais de 110% em relação aos demais colegas; sendo que realizava o mesmo trabalho: o de cobertura esportiva, gerou uma decepção. São elementos como este que Lorena Holzmann (2000) diz que colaboram para a nomeação de atividades tipicamente masculinas ou femininas, contribuindo para uma menor inserção de

determinados gêneros em certas profissões. Ou seja, há um fortalecimento dessa concepção. O interessante está no fato de que o sujeito em questão é a única jornalista que ainda continua no jornalismo esportivo; após outras experiências profissionais na área este cenário salarial mudou. Mas, jamais esqueceu o que passou:

Todos da minha editoria ganhavam mais do que eu. Meu salário após ser contratada não nivelou ao nenhum integrante da equipe, o meu era o menor. Quando eu era estagiária ganhava R\$1.000,00, e dentro jornal eu era a que ganhava mais na função entre homem e mulher porque trabalhava nos finais de semana. Após ser contratada como repórter de esportes passei a ganhar R\$1.500,00. O repórter que ganhava o menor salario dentro da editoria de esportes ganhava R\$3.000 e pouco, o restante ganhava bem mais. Eu ganhava menos que o dobro dos meninos, então eu sentia essa diferença salarial, sendo que fazia as mesmas coisas. Eu fiquei arrasada quando soube o valor do salário após ser contratada. Eu sofri com tudo isso. Pensava: “Tenho boas fontes, e só ganhei R\$500,00 a mais. Eu vou ter mais responsabilidade porque nada será perdoado, vou trabalhar sem folga. Isso é injusto, mas preciso trabalhar.” Então foi um baque. (Entrevistada 3, 2019, pág. 162)

Todavia, é importante frisar que há também uma diferença salarial entre as demais editorias e a de esportes. Coelho (2009) aponta os fatos culturais e esportivos vistos pela sociedade como algo mais ‘leve’ e que essa característica acaba por influenciar na remuneração dos profissionais do jornalismo. Afinal, acredita-se no poder de impacto da notícia de economia, cidades, política, na interferência das mesmas no dia a dia da população. O que não se leva em consideração são os principais itens do processo de construção do conteúdo, da matéria, deles serem o mesmo para toda a atividade: pesquisa, apuração, realização de entrevistas, seleção dos pontos mais importantes, utilização da linguagem e técnicas jornalísticas na produção textual e radiofônica, ética, entre outros. Então se o método é único, o que muda são os temas, o porquê dessa distinção corre o risco do descredito.

Na época quando entrei na editoria de esportes recebia, tipo, R\$1500, e quem entrava em Cidades era R\$1700. O pior é que só sabíamos o horário que iríamos sair em dias comuns, mas nos fins de semana, na quarta-feira e em época de competição esportiva não era assim...Me deixava chateada porque o que me exigia de informação de qualidade, que me exigia de notícias, de reportagens, exigiam também de Cidades, por exemplo, é claro que tudo tem o perfil de quem está na condução dos trabalhos. Infelizmente o esporte não tinha o mesmo peso do que tinha Cidades, Política. (Entrevistada 2, 2019, pág. 151)

A ideia acima ganha força se analisado o fator de trabalhar com as emoções e um texto permeado por eles, item que não é cobrado no exercício das atividades de outras segmentações. Por fim, se verifica que é possível se ter mais dificuldades ao produzir matérias de cunho esportivo e cultural.

Infelizmente é um problema muito sério, eu não queria estar aqui falando que mulheres ganham menos pelo simples fato de serem mulheres. Isso, infelizmente, não é só um problema do jornalismo esportivo. Mas o jornalismo esportivo já é uma área que paga menos porque as pessoas pensam que não é uma editoria necessária, se você for comparar com as mais tradicionais. Quando é tão importante quanto. O jornalismo esportivo pode salvar vidas, ajudar, alegrar. Tem histórias bonitas apesar de histórias tristes também. Então, ela é uma editoria importante dentro do jornalismo. Eu acho essa questão salarial muito ruim em todas as áreas, principalmente no jornalismo porque a gente acaba sofrendo muito mais por ser mulher por conta de tudo que já ouvi. Ter que ir para o estádio de futebol fazer o seu trabalho e ao mesmo tempo se preparar para ser xingada, pra ser vaiada, pra ser desrespeitada dentro do ambiente de trabalho e chegar no final do mês ganhar um salário menor que o do seu colega que não teve que se preocupar com isso, que na hora de escolher uma roupa ele não pensou se a calça era justa e que chamaria atenção. Então é muito injusto em todas as áreas. Vou defender meu peixe, porque o jornalismo esportivo é uma área muito difícil de se fazer, exige muito da gente. (Entrevistada 5, 2019, pág. 184)

Vale ressaltar que antigamente a situação era pior. Bruschini (1998) ressalta o fato de ter havido alguma equiparação salarial entre homem e mulher no período compreendido entre 1985-1990, e uma nova melhora só voltou a acontecer no período entre 1993-1995, após a estabilização da economia com o Plano Real. Porém, a mulher ainda chega a receber cerca de 36% menos que as remunerações relativas aos homens.

As relações sociais construídas dentro de uma editoria de esportes são importantíssimas para a realização das reportagens. Todos trabalham para o mesmo empregador, apesar de cada um desejar fazer a matéria de capa ou dar o chamado furo (notícia exclusiva, de primeira mão). Por esse e por outros motivos é visto como vantajoso estreitar laços, caso não tenha o contato de um entrevistado ou aquela foto que contempla o conteúdo, entre outros, os colegas de equipe podem fornecer. Isso facilita a qualidade do trabalho final. Entretanto, não é sempre assim que acontece durante a rotina jornalística. Três jornalistas apresentaram detalhes do bom relacionamento com os demais funcionários do

grupo que integravam (am) no período de 2009 à 2014, e outras três apresentaram casos de uma convivência taxada como boa porém permeada pelo preconceito.

A relação sempre é boa, mas a gente sempre ver a questão do preconceito por ser mulher. Tinha sempre informações que eu falava na ***** e eles suspeitavam da informação: ‘Como eu tinha aquilo? Como eu sabia daquilo?’, entendeu? Eles sempre perguntavam quem tinha me passado as informações e eu falava que não iria falar, se eles quisessem noticiar bem, se não era uma decisão deles. Isso aconteceu até eles perceberem que de fato eu sabia, que entendia, e que a informação poderia ir para o ar sem que eles ficassem suspeitando ou que querendo apurar também. (Entrevistada 4, 2019, pág. 169)

Essa desconfiança pode se tornar mais complexa se o mal estar não for só no ambiente de trabalho, mas diante daqueles que recebem a informação; o público; e os colegas de imprensa.

Eu já senti algo próximo durante transmissão por parte de repórteres de campo antigos. É notável que você é nova e quando chega num ambiente com pessoas mais antigas há um impacto. Eles duvidavam tanto de mim no ar que queriam ficar me corrigindo onde não tinha erro, eu tinha convicção do que estava falando. Quando eu palestro, as pessoas perguntam como é o preconceito. Eu falo: ‘Primeira coisa o preconceito tu sente na pele quando tu duvida de ti, de tanto que os colegas duvidam.’. Chegou numa situação que colegas da imprensa chegaram comigo e falaram que ele estava me corrigindo. No início eu não sabia como reagir, foi o primeiro impacto que tive na área. Teve partida de futebol semanal em 2012 que só tinha eu de mulher trabalhando. Eu nunca pensei em desistir frente a essas dificuldades, mas eu me benzi por diversas vezes para entrar no Sesi porque eu sabia que só teria eu de mulher e eu tinha que enfrentar jogador, comissão e os meus próprios colegas. (Entrevistada 1, 2019, pág. 140)

O constrangimento dentro das redações por conta de piadas machistas representa uma forma de marcar território. A entrevistada cinco salientou que algumas situações a forçaram a fazer uso de artefatos para evitar o recebimento de informações deste tipo. Uma espécie de limitação das relações sociais, já que a mesma tinha que se isolar. Um mecanismo de auto exclusão para evitar atritos e se manter no grupo.

Era um ambiente totalmente masculino onde eu ouvia muitas piadinhas machistas, tipo, falando de corpos de mulheres: “Ah, a fulana conseguiu isso porque ela era desse jeito, porque ela usava uma roupa assim. Tenho fotos dela com calcinha, sem calcinha.”;

e eu era uma menina sabe. Era uma forma de mostrarem que era o espaço deles, que não deixariam de falar porque tinha uma mulher no ambiente. Aquilo me incomodava muito porque sempre fui tímida, apesar de não parecer, mas naquela época era mais. Aí imagina você chegar para trabalhar na editoria de esportes vista como uma área masculina, apesar de não ser uma área só masculina, então me incomodava bastante. Daí eu tive que usar fone de ouvido, coisa que não posso usar por muito tempo, para evitar ouvir coisas desagradáveis, desrespeitosas. (Entrevistada 5, 2019, pág. 180)

No caso da entrevistada quatro (assim como de outro sujeito da pesquisa, embora em diferente contexto), um agravante chama a atenção, momento em que admitiu o preconceito dos demais colegas de imprensa, de outras empresas. Sua sexualidade foi colocada em dúvida por gostar de futebol, por atuar em coberturas jornalísticas deste esporte. Segundo ela, por receio, da parte deles, em estarem perdendo espaço para as mulheres pois não conseguiam ver a presença feminina como a soma de forças para uma melhor divulgação dos conteúdos.

Eles falavam que só estava chegando mulher, 'cadê os homens que gostavam de futebol?'. As vezes duvidavam do nosso gênero: 'Ah, são lésbicas!', sempre um preconceito, de certa forma... Naquela época era muito forte, muito forte, porque eles faziam de certa forma parecer que só porque nós gostávamos de futebol podiam suspeitar que nós éramos lésbicas, ou que a homossexualidade era o mais importante, que estávamos ali porque tínhamos um gosto pelo que o homem gosta, do que é de homem, tipo: 'Lugar de homem é no campo, mulher não pode estar aqui!'. (Entrevistada 4, 2019, pág. 170)

Os problemas vivenciados pelas jornalistas esportivas possui relação com o estigma, uma categoria de análise abordada pelo sociólogo, antropólogo e escritor canadense Erving Goffman como uma situação pela qual o indivíduo se ver impossibilitado de adquirir aceitação social por completo. O conceito deriva, bastante, da construção da identidade social dos que nos rodeiam; a partir das representações e dos preconceitos constituídos. Isso acontece devido a sociedade ser detentora de um modelo de vida e acreditar que todos devam atender aos padrões predeterminados por um sistema de controle social.

Dentro deste conjunto de normas são estabelecidas posições de poder, status, qualidades pessoais, valores, entre outras. Uma forma de classificar e rotular os indivíduos, e como nem todos os sujeitos sociais respondem a esses critérios surgem os estigmatizados, aqueles vistos com pouco potencial; em

alguns casos rebeldes e prejudiciais a convivência. Ou seja, o modelo social elabora e estabelece um padrão externo ao indivíduo.

A característica central da situação de vida, do indivíduo estigmatizado pode, agora, ser explicada. É uma questão do que é com frequência, embora vagamente, chamado de 'aceitação'. Aqueles que têm relações com ele não conseguem lhe dar o respeito e a consideração que os aspectos não contaminados de sua identidade social os haviam levado a prever e que ele havia previsto receber; ele faz eco a essa negativa descobrindo que alguns de seus atributos a garantem. (GOFFMAN, 1988, p.11).

As relações de poder colaboram para a ideia de estigmatizado no âmbito do jornalismo esportivo. No caso das redações de impresso e radiofônico em análise isso é muito claro. Após entrevista com as profissionais, objetos de estudo deste trabalho, foi diagnosticado em dois casos as dificuldades de relacionamento entre repórter e editor chefe. Uma hierarquia que acabava por gerar transtornos psíquicos, por conta do assédio moral e psicológico. As duas repórteres atuaram no mesmo veículo de comunicação e uma delas chegou a dizer que já tinha conhecimento do comportamento do chefe, por conta de atitudes, como: pressão psicológica e humilhação. A entrevistada cinco relatou determinadas situações de constrangimento sofridas ao longo da sua passagem pela editoria, em uma delas descreveu cenas com gritos na frente dos colegas de redação de esportes e de outras segmentações. Fato este que mexeu com o significado de paixão que a mesma possui quanto a especialidade jornalística a qual se dedicava. Hoje, ainda trabalha no meio mas apenas como *freelance*. No caso em questão a repórter que, muitas das vezes, atuavam em outras plataformas devido a sua curiosidade; disponibilidade para aprender e atração por desafios; foi designada a fazer uma cobertura jornalística em um município do interior do Estado, São Gabriel da Cachoeira, com a presença do então ministro de Esportes da época. Na ocasião sentiu-se inferior ao colegas de trabalho e sozinha.

A gente saiu super cedo, tipo umas 6h já estava no aeroporto, era uma pauta cansativa porque você vai para outra cidade, São Gabriel é longe apesar de ir no avião do Exército que é melhor e tal. Daí quando eu voltei de lá estava sem internet na redação, mas o meu texto do portal estava pronto então eu passei, e meu texto impresso estava encaminhado também, enfim só cheguei pra revisar e colocar algumas falas. E aí um sub editor que não estava editando o meu texto resolveu pegar pra ler por curiosidade e começou a questionar algumas coisas que não

tinham haver coma minha pauta, tipo: “Mas essa tribo faz o que? Ela é de onde? Qual é a origem?”, eu tinha contado isso, o que iria influenciar. Eu comecei a argumentar com essa pessoa, falei que ele nem estava editando meu texto e não tinha porque está me questionando, meu editor era outro. O meu editor- chefe ao invés de chegar e ficar ao meu lado, qualquer pessoa que chegasse iria ver que estava certa, gritou comigo. Eu não vi ele agindo desse jeito com nenhum dos meninos. Minha reação foi ir ao banheiro chorar, porque eu me senti humilhada, estava trabalhando desde às 6h da manhã e eram tipo 9h da noite. Ele disse que se eu quisesse ter uma vida fácil deveria ter escolhido uma outra profissão porque jornalismo é isso. Cara, eu me senti humilhada porque eu sempre fui uma pessoa muito responsável no meu trabalho e sou até hoje, então eu tenho certeza absoluta que estava entregando o melhor que eu podia fazer. Ali, o que ele estava questionando não tinha nada haver com a minha pauta. Não tive o apoio do meu chefe porque eu era mulher, se eu fosse homem não iria gritar comigo na frente da redação. A partir dali eu coloquei na minha cabeça que eu não iria viver exclusivamente do jornalismo esportivo porque ele simplesmente já fazia parte da minha vida, eu não estava recebendo o que achava que merecia receber em troca. A partir dali, a paixão meio que mudou, eu vejo que aquela situação era puro machismo dos dois envolvidos. (Entrevistada 5, 2019, pág. 180)

A entrevistada três, que foi estagiária e depois contratada pela empresa, relatou durante conversa que recebia constantemente ligações fora do ambiente de trabalho e em horários impróprios, envio de e-mail ameaçando de alguma forma que se caso não entregasse o matéria poderia ser demitida. Com receio de passar por situações piores de assédio moral e psicológico chegou a não assumir o namoro com um dos integrantes da equipe de repórteres, de acordo com a mesma a decisão teria sido de comum acordo com o companheiro dado que ele também tinha a mesma visão do comportamento do chefe; porém ambos precisavam trabalhar. Vários elementos a fizeram se questionar quanto ao porquê da contratação já que apresentava várias características de aversão ao seu trabalho e gênero. Entretanto acreditava que ele teria gostado do seu teste, do potencial apresentado no conteúdo produzido, e que também teria tido o apoio da equipe quando o chefe compartilhou o seu desejo contratação com os demais jornalistas. No entanto, como já tinha um histórico de comportamentos do tipo, supõe que acreditasse na possibilidade de engrossar a voz, coisa que não faria com os homens. Ela expôs além de casos de assédio moral, também um com aspectos de assédio sexual apesar de não reconhecer desta forma:

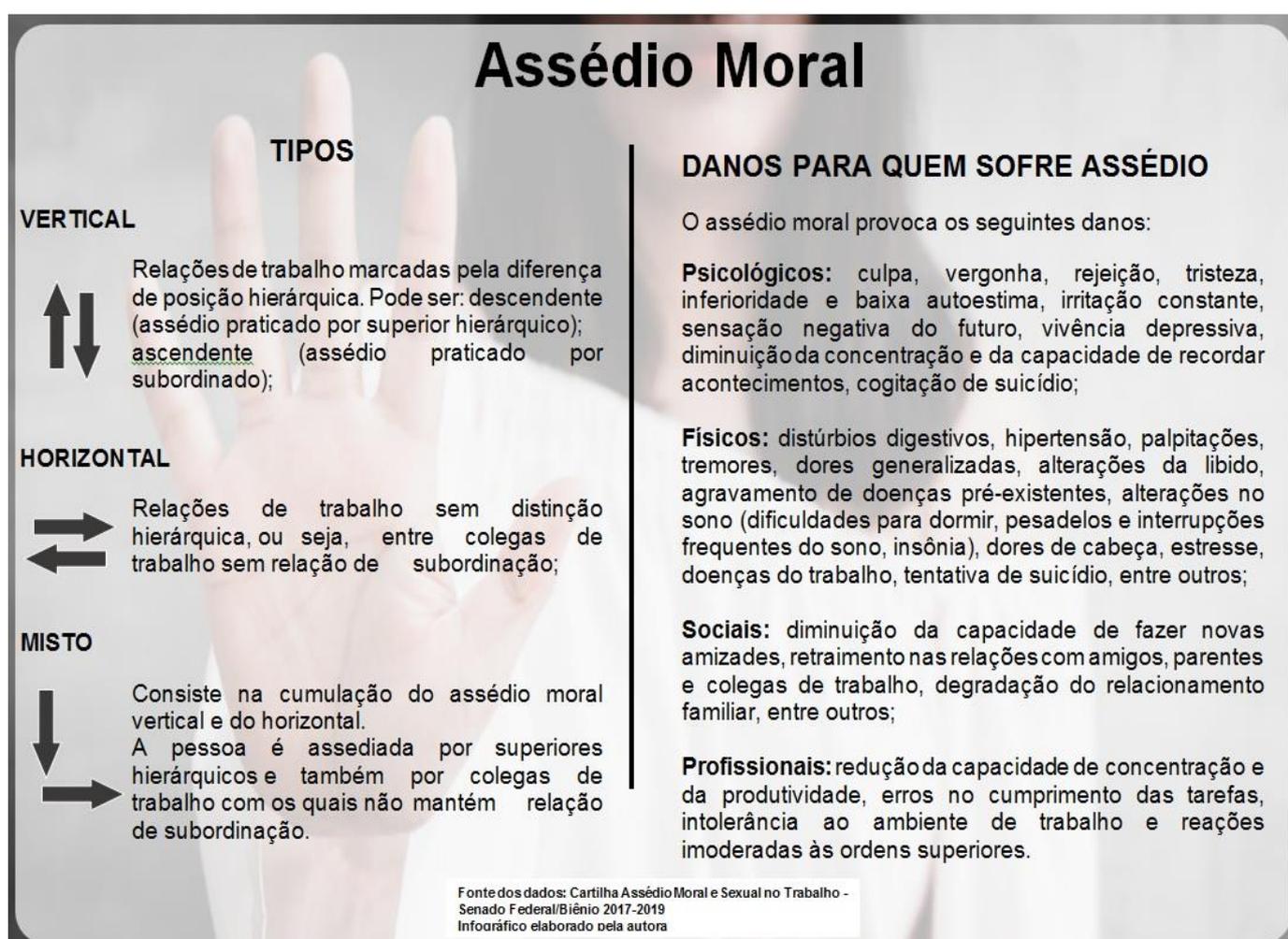
Quando ele ia corrigir meus textos, por exemplo, claro que pelo fato dos meninos estarem há mais tempo tivesse até mais respeito, sentia que ele era grosso comigo. Tipo, ele colocava minha cadeira perto dele e começava: 'isso aqui eu não gostei não!', 'isso aqui tu muda!', 'isso aqui não dá para usar!', tudo em tom de arrogância e esnobando, ou então ele me entupia de matéria. Enquanto uns e outros faziam uma, duas ou três matérias por dia, eu pegava 6, 7 pautas por dia. Eu tinha que dá meu jeito. Então eu tinha que fazer umas duas páginas, produzir e produzir. Antigamente o caderno tinha muitas páginas, era uma editoria grande. Eu entrava no início da tarde e às vezes eu saía praticamente junto com o editor, à noite. Eu perdi muitos dias de aula com isso, fiquei até com medo de não conseguir me formar. Fora os tipos de tratamento ríspidos tinham as brincadeiras pesadas, brincadeira sensual de não respeitar que a gente estava na sala, intimidades não só dele mas questionando como era a minha. Eu odiava isso! Eu ficava sentada na cadeira e ele tinha um negócio de vim por trás de mim e ficar mexendo na alça do meu sutiã, o colega que sentava ao meu lado percebia meu mau estar e sempre tentava meio que ajudar. Ai, eu fico até nervosa quando falo sobre isso! (entrevistada chora – paramos um tempo para ela se recompor e continuar caso se sentisse a vontade)...Era muito difícil, ficava pensando: 'Meu Deus, se eu falar para coordenação do jornal serei demitida. O que irá pesar mais? Anos de carreira do meu editor ou eu, uma simples estagiária que está começando agora?'. (Entrevistada 3, 2019, pág.157)

O fato dela visualizar a situação como uma brincadeira e não como um assédio é reflexo da falta de informação da população quanto o que se caracteriza como assédio moral, psicológico e sexual. Ainda há um desconhecimento dos elementos que estão presentes nas leis do Código Penal Brasileiro. Essa é apenas uma amostra de que o grau escolaridade não é garantia de conhecimentos dos direitos de cada indivíduo. Muitos quando pensam em assédio imaginam uma mulher sendo importunada na rua. Porém, o conceito em si vai muito além; há várias tipos. Por assédio, no contexto geral, se compreende uma série de comportamentos que em algum momento possui aspectos de incomodo, importunação, humilhação e perseguição em relação a uma pessoa ou grupo social. Ele se manifesta de diversas maneiras, sejam aquelas mais explícitas até as mais 'veladas'.

Uma pesquisa realizada em 2015 pelo site Vagas.com, bastante popular no Brasil, apresenta dados preocupantes quanto aos casos de assédio seja moral ou físico. Do universo de 4.975 entrevistadas de todo o país, 52% relataram que já sofreram com situações do tipo. Sendo que entre o percentual daquelas que

não foram vítimas, 34% presenciou algum tipo de abuso. Como pode-se verificar, esse número poderia ser maior se houvesse mais domínio da informação, propriedade sobre o que é, de fato, assédio. Sendo assim, o número de denúncias poderia aumentar.

Tal ato é considerado crime no Brasil desde 2001, quando foi estabelecida a pena de uma a dois anos para o agressor. Para mudar essa realidade várias entidades, instituições, órgãos públicos, produziram cartilhas, divulgaram nos meios digitais e também distribuíram fisicamente como uma forma de orientar a população e incentivar as denúncias, bem como coibir qualquer tipo ação desta natureza. Todos com o tema explorado a partir da conceitualização, diferenças, consequências para a vítima e o assediador, da criminalização e cuidados.



Quadro 17 – Características do Assédio Moral

A relevância do tema e a exploração do mesmo deve-se as condições de trabalho e as relações entre trabalhadores acabarem por influenciar na qualidade de vida dos indivíduos, claro, além da produtividade. Os transtornos podem ser dos mais variáveis.

Assédio Sexual

TIPOS

VERTICAL

Ocorre quando o homem ou a mulher, em posição hierárquica superior, se vale de sua posição de chefe para constranger alguém, com intimidações, pressões ou outras interferências, com o objetivo de obter algum favorecimento sexual. Essa forma clássica de assédio é caracterizada como crime e aparece descrita no Código Penal.

HORIZONTAL

Ocorre quando não há distinção hierárquica entre a pessoa que assedia e aquela que é assediada, a exemplo do constrangimento verificado entre colegas de trabalho. Essa forma não é “crime de assédio” previsto no Código Penal brasileiro, embora a conduta possa também ser punida penalmente, enquadrada em outros tipos penais.

DANOS PARA A PESSOA ASSEDIADA SEXUALMENTE

- ✓ Privação da autonomia;
- ✓ Integridade física e psicológica afetada, decorrente da desestabilização emocional causada pelo assédio, do sentimento de vergonha, do autoisolamento e da introjeção da culpa mediante questionamento da própria conduta;
- ✓ Significativa redução da autoestima;
- ✓ Diminuição da produtividade;
- ✓ Afastamentos por doenças;
- ✓ Desligamentos;
- ✓ Aumento das doenças profissionais, do absenteísmo, dos acidentes de trabalho;
- ✓ Comprometimento permanente da saúde físico-psíquica em função da pressão psicológica sofrida

Fonte dos dados: Cartilha Assédio Moral e Sexual no Trabalho - Senado Federal/Biênio 2017-2019
Infográfico elaborado pela autora

Quadro 18 – Características do Assédio Sexual

Os casos de assédio também estão ligados ao elemento estigma citado anteriormente. O conceito nos ajuda a compreender o que as jornalistas esportivas desta dissertação passam/ram ao terem contato com alguns técnicos, dirigentes, esportistas, leitores e ouvintes. Das seis entrevistadas, todas relataram ao menos um episódio envolvendo, um deles. O fato vivenciado pela entrevistada dois possui cenas de constrangimento cometidas por técnico de futebol.

Tipo, o ***** é fogo, um técnico durão, super durão. Ele teve temporadas no Nacional. ***** também era super durão. Não

lembro o nome dele agora, mas lembro que riu na minha cara porque não sabia detalhes de formação, por exemplo 3-5-2, 4-4-2. Ele falou da formação do time, eu não entendi e perguntei, daí ele disse tipo assim: 'Pow, tu quer me entrevista e tu não sabe o que é que é isso?'. Aquilo de certa forma foi uma chateação muito grande e eu sei que estava bem relacionado a ser mulher, não só o fato de eu não saber, se fosse um homem ele teria sido agido diferente, teria explicado como já vi. (Entrevistada 2, 2019, pág. 148)

O ambiente esportivo por si só possui relações complexas, atreladas a emoções intensas, hierarquia, conflitos, competição, costumes, valores, entre outros. Mas também ajuda a lidar com medos, habilidades e limites. Muitos imaginam que ao praticar um esporte, ou fazer parte dele de alguma forma, há a garantia de que o mesmo funcionará como solucionador de futuros problemas, uma vez que resultaria em caráter exemplar, disciplina e educação. No entanto, a atividade esportiva não é dotada de super poderes, capaz de 'salvar' a humanidade de seus pecados e mazelas.

O esporte é um dos fenômenos sociais de maior alcance porém é necessário deixar de lado o sendo comum, de que ele fará tudo por si só. Quando utilizado, de maneira correta, torna-se uma poderosa ferramenta na complementação da educação, capaz de ensinar virtudes, algumas populares, como: respeito, tolerância, coragem, trabalho em equipe, persistência. Pierre Parlebás, estudioso dos esportes, já defendia algo parecido em 1997, "o desporto não possui nenhuma mágica. Ele não é em si mesmo nem socializante nem anti-socializante. Ele é aquilo que se fizer dele. A prática do judô ou do rúgbi pode formar tanto patifes como homens perfeitos, preocupados com o fair-play.". Tais apontamentos acabam por ajudar a entender a situação vivenciada pela entrevistada 1 em um estádio de futebol, na porta de um vestiário. De acordo com ela a pior experiência vivida como repórter esportiva:

No SESI eu vivi a pior experiência de repórter. Quando acabou o jogo eu ainda estava ao vivo, o técnico foi expulso eu fui atrás dele, o rádio começou a chiar e eu não sabia se estava ao vivo ou não. Daí pensei: 'Quer saber, por mais que a gente não esteja ao vivo vou pegar a sonora dele porque foi expulso.'. Eu chamei o técnico na porta do vestiário, quando estava entrevistando ele um jogador percebeu que eu estava lá e que eu era uma mulher, daí ficou dançando atrás do treinador pelado. Aí eu esquivei meu rosto pra ver se era aquilo mesmo, daí quando eu fiquei vermelha, o técnico percebeu e olhou pra trás. Quando ele viu voltou rindo para a entrevista, mesmo assim continuei, só estava eu, não tinha

mais ninguém de repórter lá. Quando eu terminei a entrevista, o treinador percebeu que eu desliguei o gravador e disse: 'Até parece que nunca viu homem pelado'. Eu respondi na hora: 'Professor, o que eu vejo ou deixo de ver fora do Sesi é problema meu e saí engasgada; querendo chorar. Saí tão abismada que erreí o caminho. Depois encontrei a minha equipe, mas não tive coragem de contar, de tanta vergonha que eu fiquei. Estava com vergonha de sair do Sesi porque o caminho até o carro ia passar por este jogador. (Entrevistada 1, 2019, pág.141)

O público é reflexo das relações construídas seja no campo, na quadra, nas piscinas, enfim nos vários ambientes em que se há a prática esportiva, afinal é um sujeito ativo importante: é o torcedor que transmite apoio, otimismo, alegria, tristeza, revolta, uma mistura de sentimentos. Entretanto não se pode esquecer que tanto o atleta, como o técnico, dirigentes, o público estão ligados a um todo: a sociedade. Ela que carrega no seu DNA as raízes do seu povo, as conquistas, defeitos e problemas. Um dos seus desafios é superar o preconceito, o estigma de que existem tarefas definidas por gênero e não por talento, desenvoltura, dedicação. Ainda é comum, apesar de inaceitável, atos de assédios contra jornalistas esportivas.

Recentemente, em 2018, foi criado um movimento, como salientado no capítulo II, chamado "Deixa Ela Trabalhar". Mobilização que busca combater o assédio contra mulheres na mídia esportiva brasileira, seja na redação, no campo, nas ruas. A medida foi tomada após casos de perseguição insistentes e ofensivos. As profissionais manauaras aderiram ao manifesto. Porém no período analisado, de 2009 a 2014, a classe de jornalistas do segmento esportivo da capital amazonense não era organizada, portanto diversos eram os desafios, apesar deles continuarem até hoje mas agora são alvos de repressão e até condenação pela justiça. Com exceção de apenas uma entrevistada, todas relataram casos de assédio moral ou sexual por parte da torcida; público que vai aos ambientes onde há a realização das atividades esportivas. Os depoimentos sempre se resumiram a ideia de que mulher e futebol não podem ter uma ligação.

Então sempre tem uma piadinha, tipo: 'Ixi, mulher não entende de futebol, tá fazendo o que aqui?'. Ou então, aquela mais pesada: 'Ei gostosa, vem aqui me dá um beijo. Qual teu telefone?'. Isso me incomodava bastante até porque naquela época eram pouquíssimas as mulheres que cobriam esporte, então você sempre sabia pra quem estava direcionado. Muitas vezes não tinha mais nenhuma ali comigo, isso me ofendia

profissionalmente. Eu estava ali trabalhando e sempre tinha uma gracinha. Aquilo era triste, uma falta de respeito mesmo. (Entrevistada 3, 2019, pág.160)

Todas as entrevistadas acreditam que as barreiras impostas ao exercício da profissão pelas mulheres vêm apresentando uma queda, apesar de ainda existente. As conquistas ocorrem por conta da persistência nas lutas, no aperfeiçoamento do profissionalismo das mesmas. O olhar do gênero feminino no âmbito da produção jornalística do conteúdo esportivo é diferenciado, característica a ser explorada no decorrer deste trabalho, que faz com que o espaço seja conquistado, apesar das dificuldades, com êxito.

A mulher hoje em dia ganhou um espaço muito grande por mostrar o profissionalismo, apesar de não só aqui em Manaus, como na região norte, ainda se ter poucas mulheres na área; mas muitas com vontade de ingressar. Nacionalmente falando, a mulher ganhou um espaço grande, tem uma representatividade muito boa. A gente vê a Fernanda Gentil, Cris Dias, Glenda Kozlowski em canal aberto, já nos canais fechados há muito mais. Elas cobrem centro de treinamento dos times, tanto quanto os homens. Na rádio Band News FM tem a Juliana Yamaoka e a Alinne Fanelli, que já fizeram uma transmissão onde as duas eram setoristas no âmbito nacional. Cada dia, em cada lugar desse mundinho, vai abrindo a cabeça dos profissionais que trabalham na área quanto a ideia de que mulher pode ganhar o espaço dela; e está ganhando. O olhar da mulher é muito diferente do homem. Dizem que a mulher é o sexo frágil, mas não tem nada de frágil. Precisamos desmistificar isso. (Entrevistada 4, 2019, pág.175)

A entrevistada seis vai mais além nesta perspectiva ao afirmar que não se deve analisar a questão da inserção e participação feminina nas editorias esportivas a partir do prisma do feminismo ou do machismo; do extremismo; mas de direitos iguais.

Infelizmente, se o Brasil está atrasado, Manaus está ainda mais. Vivemos no século 21, com muitas mulheres ainda sendo subestimadas e tratadas como se estivessemos no século 19. Para conquistarmos espaço como profissionais, precisamos “mostrar serviço” de uma maneira que os homens não precisam. E somos cobradas a ser mães, deixando a carreira de lado ou abrindo mão de tempo de qualidade para nós mesmas, enquanto pais podem exercer a paternidade quando e se quiserem. Sei que o papel de mãe é único, mas cansa vê-las se sacrificando tanto, sem rede apoio ou uma licença-maternidade que realmente atenda à necessidade de quem quis ter filhos. Poucos são os países que valorizam as mulheres, não as tratando como homens – algo que discordo, porque na essência sempre seremos diferentes –, mas proporcionando direitos necessários. Sou contra

feminismo e machismo. São dois extremos que só causam divisão e ódio. Sou a favor de direitos, conforme a necessidade de cada um. (Entrevistada 6, 2019, pág.191)

3.2. OLHAR DAS REPÓRTERES SOBRE A CONSTRUÇÃO DO CONTEÚDO ESPORTIVO E O MERCADO

Escrever para editoria de esportes de Manaus é um desafio por diversos elementos já citados nessa dissertação, seja pela linguagem diferenciada, por falta de investimentos no esporte, preconceito, estigmas, entre outros. O texto do produzido pelo jornalista do segmento esportivo preza pelo envolvimento e não apenas pelo fato de noticiar em si. A objetividade dá espaço a emoções. Há estudiosos do jornalismo que acreditam no fato deste modelo, único, dar espaço para a tão temida parcialidade, um risco que acaba valendo pena devido a receptividade do público; seja através do impresso ou das ondas do rádio.

A necessidade de controlar as emoções no ato da construção textual é defendida por autores como Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel (2006), que acreditam na que a isenção jornalística como uma meta diária na cobertura de qualquer esporte; seja em uma disputa por uma medalha de ouro no judô ou na final da Copa do Mundo onde o Brasil é um dos finalistas; evitando a partir desta postura o comprometimento do trabalho do repórter.

A força da narrativa acaba por ser um dos mediadores e fomentadores das emoções. Ao noticiar, por meio deste modelo, acaba-se construindo a ideia do elo entre a informação e o entretenimento, capazes de produzir e pôr em evidência temas e personagens do universo esportivo diferente do formato utilizado por outras editorias tradicionais, como: cidades, economia, política. Desta forma, as notícias esportivas demonstram ser “produtos simbólicos de massa, capaz de organizar significados e coisas e (...) obviamente dentro das limitações que lhes são próprias e de intenções outras – alimentar em sujeitos-receptores o imprescindível luxo da fantasia” (SILVA, 2005, pág.104).

É perceptível que a imprensa esportiva está cada vez mais próxima de elementos que antes eram exclusivos da literatura e do teatro, embora não deva-se se ter como item central o lado imaginário, até mesmo mentiroso, uma vez que analisar as notícias a partir da sua narrativa “não nega o valor de as considerar

como correspondentes da realidade exterior (...) mas introduz uma outra dimensão às notícias, dimensão essa na qual as ‘estórias’ de notícias transcendem as suas funções tradicionais de informar e explicar” (BIRD DARDENNE, 1999, pág. 265).

Todas as entrevistadas durante a pesquisa relataram implicitamente ou explicitamente a importância das emoções na construção do produto final, e do quanto isso pode ser difícil devido a luta contra a parcialidade. Ambas possuem o conhecimento de que a imparcialidade é utópica devido o jornalista ser o indivíduo responsável pela retransmissão da informação concedida ao mesmo, fornecendo ao público final o seu olhar a cerca do que foi lhe passado. Se formos levar em consideração determinadas características, apurar, por si só, corresponde a uma ação de parcialidade. Opta-se por um fonte por acreditar que ela seja a melhor para fornecer os dados necessários para transformar uma pauta em matéria. No entanto, “devamos buscar a tal “imparcialidade” como uma utopia a ser perseguida de forma a sermos o mais justos possível, sem nos perdermos em ilusões.” (VIANA, 2013, pág.1).

O texto de uma matéria esportiva, além de levar em consideração a questão ortográfica, gramatical, estrutura textual jornalística, a busca da imparcialidade, deve ter emoção como já percebemos, é uma característica da editoria. Nesse ponto a entrevistada dois, alerta para os critérios de noticiabilidade utilizados como parâmetros pela imprensa:

Os critérios de noticiabilidade que se usa no jornalismo serve para qualquer área, mas no esporte por ele ser um jornalismo especializado tem que saber falar diretamente com o público dele. Então quando escrevo um material de futebol tem aqueles termos que trazem os apelos do leitor. Você precisa conhecer o perfil daquele leitor já que ele liga para o jornal. Principalmente sensibilidade, porque muitas vezes os detalhes importantes não estão na fala, mas na tua observação, por exemplo. Tem vezes que os técnicos não dizem o esquema do jogo e daí somente prestando atenção se consegue descobrir antes da partida. Outra coisa, é que o jornalismo esportivo tem que ter emoção no texto, não pode ser frio. (Entrevistada 2, 2019, pág.153)

O elemento emoção, nas suas diferentes facetas, foi salientado, em alguns momentos, pelas entrevistadas como um item explorado de maneira diferenciado pelas mulheres. A riqueza de detalhes e a sensibilidade colaboram para tal impressão. Isso porque acreditam possui maior probabilidade, por

exemplo, de transformar uma nota pequena em uma matéria completa. Esses subsídios são transmutados pela escrita feminina na medida em que a linguagem utilizada é carregada de mais emoção e desenvoltura. Todavia, isso não anula qualquer erro, afinal eles podem provocar situações constrangedoras e dar força à discriminação. Enfim, a atenção é imprescindível. A entrevistada dois chega a ser enfática ao ter certeza de que o olhar diferenciado, distanciamento e objetividade deixam a matéria mais leve e empolgante.

Eu creio que a percepção dos fatos faça a diferença nos textos feitos por mulheres; não que a matéria seja cheia de “florzinhas”. É que tem mais detalhes. Às vezes a gente consegue dar um olhar diferenciado, um detalhe, uma forma de a pessoa se expressar mesmo. Há textos muito objetivos, aquela coisa bem técnica, e nós fazemos diferente, nos atentamos e pegamos até características corporais, por exemplo. (Entrevistada 2, 2019, pág.154).

O quesito machismo foi levantado pela entrevistada três como fator essencial para a distinção. De fato é, a sociedade apesar dos avanços de igualdade, de gênero, ainda evidencia a concepção de que o homem é sinônimo de razão, já a mulher sinônimo de emoção. Ou seja, pode colaborar para uma inibição da expressão das suas emoções e dos seus afetos. Uma expressiva parte dos atores sociais do nosso país, até mesmo de outros, ainda punem os seus por expressarem sentimentos e emoções, resultado de uma cultura com tantas regras e papéis atribuídos aos gêneros. Uma espécie de controle emocional, podendo ser associada a heterossexualidade.

Eu acho que a mulher tem uma forma descritiva realmente, de colocar emoção. Os detalhes, textos que alguns homens fazem e não abusam disso. A mulher tem uma pegada emocional, do detalhe, ela escreve para todos entenderem; quem conhece ou não o esporte da matéria. Porém é preciso relatar que o homem também sofre preconceito, se ele for escrever de uma forma emocional vão dizer: ‘Vixe esse daí é meio gay!’. A mulher não, ela tem total liberdade de escrever dessa forma. Ele também sofre se for cobrir matérias de modalidades com características femininas. (Entrevistada 3, 2019, pág. 166)

A produção jornalística esportiva possui um outro diferencial, além do emocional, entre: a construção de conteúdo na segunda, terça, quinta e sexta-feira, e a quarta-feira com o fim de semana. Essa característica possui relação com os eventos esportivos, principalmente com jogos de futebol que realizam

partidas costumeiramente no meio da semana, sábados e domingos. O conteúdo do dia a dia costuma ser voltado a notícia factual, já os dos dias atípicos são os voltados também ao factual porém com a responsabilidade da realização de uma grande reportagem. No caso dos dias comuns, os desafios são muitos tanto para um, quanto para o outro. Um dos mais corriqueiros, quase unanimidade entre os indivíduos da pesquisa realizada, é o de tornar algo corriqueiro em atraente ao público.

Você tem que se virar nos 30 durante os dias comuns, mas o jornalista esportivo ou de qualquer outra área que é competente, esforçado, tem fontes, sempre terá uma boa história pra contar. Então, o grande diferencial, é que os grandes eventos aconteciam no final de semana, mas durante a semana tinha muito treino. Então era você ir para o treino e não olhar só para o treino em si, era captar outras histórias, se aproximar dos atletas, buscar histórias diferenciadas, mesmo em um treino de futebol, por exemplo. O jornalista esportivo tem que ir lá com a mente aberta para buscar novas histórias e era isso que eu fazia. Eu gostava de ter o diferencial mesmo indo numa coletiva, coisa que acontece durante a semana, sempre buscava puxar por um assunto que eu sabia que a galera não ia buscar. É fazer o diferencial onde tende a ser feijão com arroz. Ou seja, dá trabalho também. (Entrevistada 5, 2019, pág.185)

A busca pelo olhar diferenciado também praticado por aquelas que abordam os assuntos, pautas, dos dias com maior fluxo de coberturas esportivas. A ideia é sempre levar além do que o esperado no resultado, seja pelo editor ou leitor/ouvinte. Geralmente, durante a semana os jornalistas tendem a realizar uma prévia do que irá acontecer no fim de semana. Já no sábado, domingo e quartas-feiras se transmite o que aconteceu com uma visão mais ampla, detalhada. Só que isso exige muito do jornalista, se torna cansativo, porque tem a necessidade de assistir toda uma partida, competição, evento, para assim ter elementos para construir um conteúdo completo. A hora de entrada e saída da empresa muda, muitas vezes há acúmulo de banco de horas, porque após a cobertura in loco se escreve a matéria; e em determinadas situações, por exemplo no futebol, deve se ficar atento aos detalhes das partidas que por ventura acontecem após a já acompanhada pelo jornalista e podem interferir na tabela do campeonato. A exaustão causada por essa rotina chegou a desanimar, em alguma fase da carreira, algumas repórteres.

Era preciso ter pique para ficar até tarde na redação, principalmente em dias de jogos importantes (quartas e domingos). Era extremamente cansativo chegar de uma partida local e ter que escrever uma matéria que poderia ser capa, ou esperar o envio de material de outras competições fora do Amazonas para fechar o caderno. Não se tinha hora para chegar em casa. Trabalhar nesses dias era fora do comum, exaustivo. (Entrevistada 6, 2019, pág.190)

Apesar de todos os desafios citados acima, matérias tidas como inesquecíveis foram realizadas por elas. Coberturas voltadas aos mais variados esportes, tanto amadores (olímpicos) como o futebol. Todas ultrapassaram o perímetro urbano, foram a trabalho aos municípios do interior do Amazonas, outros Estados do Brasil. Experiências que marcaram a carreira daquelas que continuam atuando na área e das que optaram por atuar em outros segmentos do jornalismo.

A profissão exige, mesmo não explicitamente, um preparo físico e mental, não como dos atletas mas ao menos o mínimo pois existem pautas com foco no acompanhamento de atletas de alto rendimento em ambientes sem estrutura, é caso do XTerra Global. Uma das jornalistas cobriu a etapa realizada na floresta amazônica, em 2011, no chamado pelos especialistas o 'Quadrado Maldito'. Ela assistiu e viveu uma prova de resistência, apesar ocupar um lugar diferente do atleta. No final uma sensação de dever cumprido por ter realizado uma reportagem completa de uma dos maiores eventos de triathlon do mundo, no Amazonas.

Tive uma cobertura inesquecível, uma das mais cansativas, desafiadoras e incrível: o XTerra Global Tour, em junho de 2011, no "Quadrado Maldito". O motorista me buscou às 3h da manhã de sexta para sábado me deixou no ponto de encontro em algum lugar da Ponta Negra, onde embarcamos em uma balsa com destino ao local do evento, dentro do território do Centro de Instrução de Guerra na Selva (Cigs). Chegamos lá ao amanhecer, tomamos café e acompanhamos um dia louco, com centenas de atletas correndo e pedalando por trilhas na floresta e nadando no rio em busca do pódio. Cheguei em casa à noite e apaguei. Acordei na tarde de domingo, fui para o jornal e escrevi seis páginas de conteúdo, inclusive, com um diário de bordo contando a sensação de acompanhar uma das competições de triathlon mais difíceis do planeta. Pena que perdi o exemplar e nunca consegui a edição em PDF. Foi memorável! (Entrevistada 6, 2019, pág.190)

Coberturas de grande porte podem ser vistas como um reconhecimento do trabalho realizado, do domínio das regras do esporte em questão. Manaus foi eleita uma das cidades sedes da Copa do Mundo de 2014, o principal evento mundial de futebol. A capital amazonense ganhou um novo estádio, a Arena da Amazônia, com capacidade para um público 44.300 pessoas. Uma obra arquitetônica que desde a sua planta já chamava a atenção de indivíduos de vários lugares do mundo devido design semelhante a um cesto de palha indígena, além da sua sustentabilidade. A cidade foi premiada com um dos grupos mais competitivos da primeira fase da edição realizada recentemente no Brasil, com duas seleções que já foram campeãs: Inglaterra e Itália, além de Portugal com o melhor jogador eleito pela Fifa; Cristiano Ronaldo; e as seleções de Camarões, Estados Unidos, Honduras e Suíça que buscam de espaço no universo do futebol.

A entrevistada cinco teve a oportunidade de ser a personagem responsável por um feito marcante para o jornalismo feminino impresso manauara, foi a única credenciada a estar dentro da Arena para a cobertura de todos os jogos realizados no local durante a Copa. Um legado para imprensa do Amazonas. Porém relatou durante entrevista a realização de outras matérias locais inesquecíveis, uma delas ligada a valorização dos esportistas, e as Olimpíadas de 2016 (posterior ao período analisado pela dissertação)

Nossa! As olimpíadas foi incrível, a Copa do Mundo também foi maravilhosa porque era em Manaus, e na época o Cristiano Ronaldo era o melhor jogador do mundo e eu vi jogar de perto, e eu era única mulher do impresso amazonense cobrindo. Estava muito honrada de estar vivendo aquilo. Outras coberturas menores também marcaram, como uma que falou sobre gastos com atletas porque as pessoas julgam muito sem saber o quanto que eles lutam para estar ali, por uma medalha, por um lugar no pódio e fizemos uma matéria mostrando qual era o valor de um atleta; quanto custava para ser um atleta amazonense. Essa matéria foi muito legal porque é muito difícil ser atleta. No Amazonas é pior ainda, no Brasil, não tem investimento. Se você não é jogador de futebol não tem patrocínio, você tem mais dificuldade para chegar aos grandes campeonatos. (Entrevistada 5, 2019, pág.183)

Anteriormente falamos sobre a importância da emoção no texto, e realizar uma pauta onde todos os elementos colaboram para essa característica pode ganhar um espaço cativo no quadro de memórias de um repórter. Partindo deste pressuposto, fica claro que não importa o local onde o fato aconteça mas as

relações, tanto no âmbito social como emotivo. A prova disso é o episódio narrado por um dos sujeitos da pesquisa:

Teve um jogo do Nacional com o Atlético Mineiro que o jogador Garanha jogou muito. Logo nos cinco primeiros minutos do jogo ele quebrou a cabeça, o sangue escorreu, todo mundo ficou apreensivo. O árbitro parou o jogo, o médico foi até lá, acho que não levou nenhum ponto, creio que só enfaixou e passou alguma coisa para evitar o sangramento. Depois no decorrer do jogo o Garanha fez um gol de cabeça espetacular. Perto do fim do jogo, a torcida pedia o término desesperadamente, mas daí teve um escanteio e o Atlético empatou. O que marcou foi a garra do time, o Garanhão foi bravo. Tudo foi a flor da pele, resultou em uma matéria rica em detalhes. (Entrevistada 2, 2019, pág.153)

Para adentrar essa área repleta de desafios e sonhos é necessário preparação, assim como em outras especialidades trabalhistas. Contudo é importante estar ciente do que poderá se encontrar pela frente. Isso vale para as profissões tradicionais até as novas no mercado. Por exemplo, quem deseja ser médico deve ter conhecimento da enorme concorrência, que ao adentrar a faculdade e depois de formado vai perder várias noites de sono. No jornalismo além da concorrência, perderá vários compromissos em famílias, passará do horário estipulado na carteira e trabalhará, se estiver lotado em uma redação, nos fins de semana. Enfim, qualquer profissão é uma questão de escolha, seja a guiada pelo dom ou financeiro.

A profissão de jornalista esportivo exige interesse e afinidade não apenas pela paixão nacional; o futebol – carro chefe de muitas redações, mas também por outras modalidades que em alguns veículos não são exploradas com a mesma dedicação, isso devido a rotatividade do mercado. É preciso ler livros, artigos e textos nas diversas plataformas comunicacionais relacionados ao esporte e de outras editorias. O bom profissional da área estudada é sinônimo de informação. Todas as entrevistadas apontaram qualidades incomuns entre elas: “tem que entender e gostar de esportes, gostar de futebol, de verdade. Conhecer as pessoas influentes da área, além de ser curioso. Jornalista não tem somente que escrever bem, tem que apurar, saber pesquisar, ver como está o mercado esportivo. É preciso também saber se expressar.”. (Entrevistada 4, 2019, pág. 175).

No caso de ser mulher, a entrevistada três alerta para um outro tipo de preparação para a carreira: a psicológica; dado fatos salientados ao longo deste trabalho. Além é claro do quesito responsabilidade na produção do conteúdo, já que se formos analisar no contexto geral é necessário em qualquer atividade trabalhista a responsabilidade com a verdade.

Eu acho que coragem é um dos principais atributos para exercer o jornalismo esportivo no caso das mulheres, para não se abaterem neste meio que ainda vive de muito preconceito. Não é por ter mais mulheres hoje que o preconceito acabou. Ele é muito velado atualmente. Superação, de não ter vergonha em não saber sobre alguma modalidade, estudar para aquilo. Não precisa ser ótimo em todas as modalidades. Responsabilidade, ser responsável pelo seu texto e com o próprio entrevistado, não querer engrandecer só porque é o esporte; não precisa florear. Ser muito fiel ao que é aquela pessoa, principalmente com o ídolo para você não passar para o leitor um heroísmo que não se tenha. Até porque você pode frustrar um leitor por isso. O ideal do jornalismo esportivo é você está acompanhando um evento, é chegar e sair quando termina, não é só pegar o resultado. (Entrevistada 3, 2019, pág.166)

Outro ponto importante é a qualificação. Muito ainda se debate a cerca da obrigatoriedade do diploma. A regulamentação da profissão de jornalista no país é de 1969, entretanto há 10 anos o Superior Tribunal Federal a revogou. Atualmente, apesar deste cenário, ele continua sendo desejável para o exercício da atividade, principalmente nas empresas que prezam pela ética. Sendo assim, a indicação é que se faça a graduação na área, afinal aprende-se na faculdade instrumentos fundamentais para elaboração de um bom conteúdo, técnicas, o mínimo de nível de qualidade profissional. Algo defendido pela entrevistada um, que acredita ser um ato em prol de si próprio mas também de respeito aos colegas do jornalismo.

Tem que fazer uma faculdade, não quero está trabalhando com uma pessoa curiosa ao me lado, quero uma pessoa formada em respeito a mim e aos demais profissionais. Fazer cursos é importante, tem versões online, palestras. Quanto mais se puder agregar, assistir TV, escutar rádio, ler jornais e acessar conteúdos da internet melhor estará preparado para este mercado cruel. (Entrevistada 1, 2019, pág.145)

O jornalismo esportivo também exige uma preparação emocional e psicológica no sentido de abdicação de determinados momentos da vida pessoal; assunto enfatizado por todos os sujeitos. Uma rotina que costuma comprimir o fim

de semana de muitos jornalistas por conta dos principais eventos ocorrerem nestes dias. Afinal, o esporte é visto como uma prática profissional, embora em alguns casos amador, pelos atletas e do lado do público que prestigia como uma atividade de lazer; algo explorado pela sociologia do esporte por Norbert Elias. A forma como a sociedade entende os dias úteis e os de descanso influenciam nessa concepção.

Aconselho a ter certeza absoluta de que a editoria de Esportes é sua escolha, pois muitos fins de semana e noites de jogos serão necessários e aquela atividade em família, com amigos, será sacrificada. E estar preparada para torcedor com raiva, dirigente chateado e atleta que não quer dar entrevista. Mas se você gosta de acompanhar o crescimento de uma pessoa, essa é a melhor editoria. Acompanhar aquele atleta que começou criança e conquistou medalhas junto com a Seleção, como vi a ginasta Bianca Maia no Pan de 2011, é como subir ao pódio junto. Fiquei muito feliz, mesmo não estando em Guadalajara para assistir de perto. É algo que não em preço. (Entrevistada 6, 2019, pág.193)

As entrevistadas visualizam a editoria em análise como uma escola nos mais diferentes prismas. Um deles está atrelado ao fato de preparar, de acordo com elas, para atuar em qualquer editoria e escrever sobre qualquer assunto. As entrevistadas cinco e seis, por exemplo, conseguiram ganhar espaço e apesar dificuldades salientadas chegaram a ocupar o cargo de sub editora; que corresponde a um profissional que ajuda o editor chefe na execução de algumas tarefas. Etapa que as fizeram compreender uma parte das atividades executivas que o mercado do jornalismo disponibiliza, sem deixar de fazer a parte de produção de conteúdo.

O jornalismo esportivo me ensinou a viver o ditado “nunca diga nunca”. Aprendi a escrever sobre qualquer assunto, mesmo aqueles que eu nunca planejei escrever. Foi de extrema importância para quebrar barreiras pessoais e me fazer crescer profissionalmente. Representa meu amadurecimento de “foca” à editora, dominando um tema que, até então, não estava entre os meus interesses. (Entrevistada 6, 2019, pág.190)

Um outro ponto incomum entre os sujeitos da pesquisa é o da realização profissional, superação, resiliência e persistência. Uma delas é a criadora e responsável pelo Simpósio de Jornalismo Esportivo na Amazônia, que em 2019 chegará a quarta edição. Um evento que tem como palestrantes grandes nomes do segmento no Amazonas e no Brasil. Momento em que muitos estudantes do

ensino médio e universitários, curiosos da profissão, participam com a intenção de conhecer a área. Já os jornalistas com a finalidade de saber as novas tendências do mercado, reciclagem e debater sobre situações complexas da editoria. O reconhecimento do trabalho obtido frente ao público que lê os jornais ou escuta pelas ondas do rádio também é gratificante, funciona como um sinal de que o caminho está sendo traçado com qualidade no serviço.

Eu fiquei muito mais conhecida como a jornalista de esportes da *****, do que apenas jornalista da *****. As pessoas sabem quem eu sou quando estou no campo, e então você acaba que tendo o reconhecimento das pessoas que acompanham o teu trabalho. Daí tem aquela coisa: 'Realmente ela vai, ela viu o jogo, ela realmente pode falar porque estava lá, tem autonomia para falar do assunto.' (Entrevistada 4, 2019, pág.105)

O caminho para a consolidação da presença e respeito quanto a mulher no jornalismo esportivo é considerado longo por todas elas, apesar da participação crescente do gênero nas diversas atividades da área, influenciada pelo cenário nacional onde a figura da mulher possui expressividade em outros meios de comunicação que trabalham com a temática esportiva, como a TV e internet; por exemplo. Tornou-se comum vê-las apresentando programas de esportes ou assinando matérias on lines. No entanto algumas atividades ainda continuam no domínio do gênero masculino, como a de comentaristas, locutores e narradores. Por conta do preconceito, do estigma, a entrevistada um chegou a relatar que isso afeta a esperança pela tão almejada igualdade.

É muito desigual. Eu não consigo te dizer o porquê que é desigual. Eu queria conhecer uma mulher que tenha valor monetário maior que o homem, eu desconheço. O que me chama a atenção é que você não tem mulher liderando aqui em Manaus atualmente. Isso é em qualquer profissão, dificilmente tu vê uma mulher chefiando e ganhando mais que um homem, é algo cultural e social. Sinceramente eu não sei se um dia vai ser diferente. Falando sério, eu não tenho esperança alguma. (Entrevistada 1, 2019, pág.143)

Atualmente, das seis jornalistas entrevistadas nesta dissertação apenas duas continuam trabalhando efetivamente no jornalismo esportivo, outras duas realizam trabalhos de *free lance* (coberturas especiais em dias específicos, sem vínculo trabalhista pois atuam em outras especialidades jornalísticas), já uma delas optou pela atividade em assessoria de imprensa e a última atua em outra

profissão. Contudo a busca por uma sociedade igualitária para todos os gêneros, como vimos nos capítulos anteriores, não é elemento presente apenas no âmbito do jornalismo, mas da maioria das profissões, algo presente no DNA da mesma que possui aspectos, ainda muito presentes, de patriarcalidade embora as alterações dos papéis sociais estejam em constante evolução.

A mulher já conseguiu muito espaço, tem respeito, mas ainda há muito preconceito, muitos problemas de assédio e não só no esporte, é a mulher no mercado; mulher na vida. Não é uma questão particular do esporte mas educacional, cultural da sociedade. A sociedade brasileira precisa respeitar a mulher como pessoa, como sujeito, como um ser agente. Nós não somos menos por ser mulher, não é menos por ser sexo feminino, ela é a profissional. Se ela tem deficiência ou não no que está fazendo pode ser uma consequência da formação dela e não porque é mulher. Fato de ser mulher não é condição de ser melhor ou pior, mas infelizmente isso ainda é preponderante para as várias áreas, não exclusividade do esporte. (Entrevistada 2, 2019, pág.154)

3.3 PELO PRISMA DOS EDITORES-CHEFES

Conforme salientado nos capítulos anteriores, a inserção das mulheres nas editorias de esportes vem ocorrendo de forma gradativa. Tal fato se dá em função da presença feminina na TV, rádio e na internet. No jornalismo impresso não seria diferente. É possível confirmar esta informação por meio dos jornais locais *Amazonas Em Tempo*, *A Crítica*, *Diário do Amazonas* e rádio *Difusora*. Os editores dos periódicos e da radiodifusão em questão já contavam com mulheres no quadro de funcionários nos anos de 2009 a 2014. No caso do *veículo A*, no decorrer desse período, a editoria de esportes esteve a cargo de um homem; o entrevistado 7; experiente com 32 anos de serviço. Mesmo tendo percorrido diversas editorias no decorrer da sua trajetória profissional, só assumiu o cargo de editor-chefe pela primeira vez em um jornal em 1999. Segundo ele, as mulheres estão ganhando mais espaço em função de seus próprios méritos profissionais. A intimidade com a notícia e ir a fundo na investigação dos fatos são fatores que explicitam tais méritos. No entanto, o citado editor salienta a ocorrência da pouca inserção das mulheres nas editorias de esporte como resultado de outros fatores que extrapolam a questão profissional, tais como o fato de não haver uma identificação com o esporte, por um lado, ou a predominância de uma

identificação com áreas tomadas como eminentemente femininas. Segundo o seu relato:

Na busca da notícia é “pau a pau”. É briga mesmo. Só que a mulher gosta mais de produzir a notícia do esporte. Enquanto o homem é opinioso, gosta de fazer comentário, se envolve com a torcida, tendo assim uma relação com a fonte diferenciada, com muita amizade. Já a mulher é mais profissional nesse sentido. Ela procura outras fontes, investiga. (Entrevistado 7, 2019, pág.198).

Outro ponto interessante salientado pelo editor-chefe citado refere-se ao interesse das mulheres pela produção jornalística esportiva. O editor relatou que, por diversas vezes, recebeu currículos de mulheres, algo que em anos anteriores não acontecia. Para Bruschini (1998), tal vontade de participar de uma área antigamente dominada pelos homens é resultado de uma convergência de fatores que está atrelada à profissionalização e às transformações, mesmo que de forma lenta, das representações sociais construídas pela sociedade. Hoje, bem como no jornalismo esportivo, mesmo que de forma simplória, é comum ver mulheres atuando nas áreas de engenharia, direito e medicina, setores que ao longo de décadas eram ocupados somente por homens.

De um lado, uma intensa transformação cultural, a partir do final dos anos 60 e, sobretudo, nos 70, na esteira dos movimentos sociais e políticos dessa década, impulsionou as mulheres para as universidades, em busca de um projeto de vida profissional e não apenas doméstico. A expansão das universidades públicas e, principalmente, privadas, na mesma época, foi ao encontro desse anseio feminino. De outro lado, a racionalização e as transformações pelas quais passaram essas profissões abriram novas possibilidades para as mulheres que se formaram nessas carreiras, ampliando o leque profissional feminino para além dos “guetos” tradicionais (BRUSCHINI, 1998, p.16).

Todos os entrevistados com a respectiva função de editor responsável pela editoria em análise tiveram uma ou duas jornalistas esportivas no período em questão. Do universo de quatro, três apontaram uma qualidade que, na concepção dos mesmos, faz com que a mulher consiga demarcar território nesta área jornalística: o olhar. Na produção de conteúdo esse fator é determinante para a qualidade do trabalho final. Dependendo do cenário da localidade onde o jornal/rádio atuam haverá períodos com maior quantidade de pautas prováveis e outros não. Sendo assim, será preciso ir além, sair do óbvio.

O que é evidente, a partir de um certo tempo, pode se tornar tedioso na visão do receptor da notícia veiculada. Faz-se necessário neste caso utilizar-se da criatividade e de um processo de investigação mais minucioso, partindo do geral ao particular, característica que muitos intitulam como atributo feminino.

O olhar da mulher é diferenciado eu não digo que é melhor ou pior. No esporte amador local eu notei nas minhas repórteres uma acessibilidade surreal de identificar personagens, buscar histórias, criar relações fora do mundo do futebol. Não que os homens não tenham essa característica, mas eu percebia que essa acessibilidade deles era mais voltada ao futebol. O homem quando vai cobrir esportes tende a fazer futebol, essa é a verdade. Ele entra na editoria esportiva porque ele gosta de futebol, ele quer acompanhar o futebol. (Entrevistado 9, 2019, pág.229)

Em um mercado tão concorrido como o do jornalismo é preciso exercer a profissão de maneira diferenciada, mesmo que de forma inconsciente as mulheres fazem isso. Alguns acham que ser detalhista é um atributo feminino, porém esse é um elemento a ser trabalhado independente de gênero. A emoção muitas vezes é atrelada a este olhar minucioso, o famoso jornalismo de detalhes. “As mulheres gostam de colocar nas matérias coisas que os homens geralmente não colocam, como: estado de espírito de um jogador no treino. Informações à mais que enriquecem a muito a matéria.”. (Entrevistado 7, 2019, pág.198)

Tal posicionamento remete a uma definição de prática jornalística ligada a atributos supostamente inerentes e contrastantes entre o gênero feminino e masculino: emoção x razão, empatia x distanciamento, subjetividade x objetividade. Dicotomias que acabam por dificultar uma igualdade de ofícios, conduzindo a ideia de uma escrita feminina. No entanto, esta visão gera uma suposição de funções a serem pré-estabelecidas.

Falar de uma escrita jornalística ‘feminina’ é problemático porque sua definição se constrói, geralmente, segundo uma lógica dicotômica entre masculino e feminino. Esta visão binária baseia-se em definições estereotipadas de papéis de gênero e as reproduz, ajudando assim a legitimar a ideia de que alguns temas ou especializações jornalísticas seriam mais ou menos adequados a mulheres ou homens. É, portanto, difícil destacar uma prática feminina do jornalismo sem sustentar e reproduzir uma definição essencialista da mulher e do homem. (DAMIAN-GAILLARD E SAIITA, 2016, p. 129)

Parâmetros que acabam colaborando para a distribuição de pautas de futebol e esportes amadores dentro das editorias. Apesar de todos os entrevistados relatarem que não havia distinção de gênero nas coberturas realizadas, percebe-se uma tendência a menor participação das mulheres na realização de conteúdo voltado ao universo futebolístico. A entrevistada nove deixou claro no depoimento utilizado anteriormente que o olhar diferenciado fazia da mulher uma mão de obra única. Confirmando, de certa forma, o argumento de Paulo Coelho (2009) acerca de as mulheres realizarem uma quantidade maior de reportagens sobre esportes amadores e mínima sobre futebol. A entrevistada demonstra de maneira involuntária que havia uma preferência por homens para a cobertura de eventos futebolísticos pelo fato de eles já acompanharem o esporte e terem mais embasamento para corresponder às expectativas nas coberturas desta modalidade esportiva. Para ela, as mulheres só seriam imbatíveis no quesito modalidades olímpicas. Isso porque a editora acredita que é preciso ter sensibilidade e criatividade no ato de escrever.

Ora, tal posicionamento nos remete a Pierre Bourdieu em *A dominação masculina* (2007), uma vez que reforça a ideia de que a divisão do trabalho faz parte de uma série de mecanismos históricos, contribuindo para eternizar estruturas da divisão sexual. Ou seja, a distribuição de privilégios entre homens e mulheres, neste caso, remete a atribuição da tarefa ao homem devido a um coeficiente simbólico negativo, fruto de algo histórico de que a mulher deve ser ligada a atividades mais delicadas e simples. Mas a discursão vai muito além disso, tem o elemento propriedade e reconhecimento. Há editores que acreditam na confiabilidade que o gênero em questão já adquiriu com matérias dos esportes amadores, por exemplo:

Não sou de dizer que homem é melhor que a mulher e nem a mulher que o homem. Alias, de repente, dependendo da capacidade de cada um. Se você pegar um cara que é só esportivo, locutor, digamos de futebol, se você mandar ele cobrir jogos olímpicos ou outras modalidades, quando já existe profissionais para aquele lado e se tiver mulher, ele vai apanhar feio. Porque ela é especialista. É tipo medicina, tem ginecologista, neurologista, tem o pediatra, né? (Entrevistado 10, 2019, pág.238)

As mulheres são frequentemente qualificadas por estereótipos de gênero que acabam gerando obstáculos que dificultam a realização, na sua magnitude,

das atividades jornalísticas. Em decorrência dessas práticas de setorização, “as matérias produzidas pelas mulheres têm muito menos chance de estarem estampadas na capa dos jornais, o que gera uma segregação vertical, na medida em que são atribuídos valores desiguais aos trabalhos produzidos por homens e por mulheres” (Leite, 2017). Quando questionados se acreditam na existência de editorias com perfil feminino, em nenhum momento citaram a de esportes. A editoria de política foi tida pelo entrevistado 8, do veículo de comunicação B, como a de propriedade das mulheres. Ou seja, institui-se, mesmo que maneira subliminar, editorias para determinados gênero, com a expectativa de geração de bons resultados no produto final.

Eu não tenho dúvidas de que é política é a cara da mulher. Quando eu cheguei aqui em 2003, a editoria de política era toda formada por mulheres. A editora daquela época é diretora de redação atual. Eu acho que a capacidade de análise é muito avançada, uma mulherada que dá show. Creio que a mulher é mais inteligente, de pegar no ar. A política é muito esse lance de você ler as entrelinhas, de observar uma situação. Até hoje quando eu estou conversando com a minha chefe eu me surpreendo com as leituras que ela faz, que são coisas que eu não faria. (Entrevistado 8, 2019, pág.217)

Uma pesquisa divulgada pela Gênero e Número em parceria com a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo, com o apoio da Google News Lab (2018), apresentou dados sobre as editorias jornalísticas onde a mulher possui maior expressividade. A ideia era mostrar que ainda há campos onde o gênero feminino não conseguiu ganhar o espaço necessário. A proposta buscou chamar a atenção para uma necessidade de um ambiente de trabalho democrático e favorável a atuação das mulheres. Com relação as assimetrias de gênero no mercado jornalístico houve uma mudança significativa quanto a proporção de homens e mulheres nas redações, que nas últimas décadas tornou-se mais equilibrada. No universo total dos indivíduos da pesquisa em questão, a editoria de política aparece em primeiro lugar no quesito participação feminina com 13%, seguido de 9,2% em Cultura, 8,4 %, em Economia, 6,7% em Cidades e 4,6% na editoria de Esportes. É necessário frisar que nas áreas de Política, Internacional, Cultura, Cidade e Ciências, de acordo com o estudo, a quantidade de homens e mulheres editores são proporcionais. Já em áreas como Esportes, Educação e Tecnologia há discrepância, uma vez que os homens se sobressaem.

Estes dados vão de encontro ao que o entrevistado oito disse acreditar, em uma maior identificação com a editoria de Política por parte das mulheres.

Tal característica pode vir a colaborar para um menor quantitativo de contratação do gênero feminino nas editorias de esportes devido o campo social já existente, constituído por dois polos: os dominantes e dominados (editores e repórteres). Os agentes sociais inseridos no contexto vivem em um jogo constante, conscientes das regras constituídas. Sendo assim, fica nítida a ideia de que o conceito defendido por Pierre Bourdieu é resultado de métodos de diferenciação social, porém não se pode esquecer do fato dos objetos disputados serem definidos a partir de interesses específicos; e o que é motivo de lutas em um determinado campo pode não ser em outros. Por exemplo, a luta feminina por espaço nas editorias de esporte (campo ainda dominado por homens) não possui a mesma representatividade nas editorias de cultura (campo dominado por mulheres), ou seja, são panoramas opostos. “Em cada campo se encontrará uma luta, da qual se deve, cada vez, procurar as formas específicas, entre o novo que está entrando e que tenta forçar o direito de entrada e o dominante que tenta defender o monopólio e excluir a concorrência.” (BOURDIEU, 1983, p. 89).

Partindo deste princípio pode haver uma maior resistência por parte dos editores na escolha de mulheres para compor a equipe já que há estereótipos pré-estabelecidos para determinadas editorias, e como neste campo social os dominantes é que ditam as regras de seleção, bem como possuem sua própria visão do mercado o quantitativo de mulheres pode ser alterado a partir das pré-noções dos editores.

A contratação de novos integrantes para as equipes dos editores que participaram desta dissertação acontecia de duas formas: indicação ou entrevista com produção de conteúdo. No entanto havia uma característica exigida que se sobressaia no processo de admissão: gostar de esportes. Isso está ligado a dedicação e vontade do indivíduo em fazer algo interessante para o receptor da notícia. Por exemplo, um jornalista com domínio de todas técnicas textuais jornalísticas mas sem empatia pelo tema a ser explorado pode ter um bloqueio na produção, resultando em produto sem a qualidade esperada. Ou seja, é preciso ser esforçado, ter dedicação, empatia pelos temas a serem abordados pela editoria, independente de gênero, segundo eles. No caso do entrevistado oito,

não precisaria “ter nenhum gênio trabalhando na equipe, mas não abro mão do desejo e da vontade da pessoa fazer as coisas bem feitas.”. (entrevistado 8, 2019, pág.212)

Já o entrevistado 10, do veículo de comunicação D, compartilha da percepção de que “teve capacidade você não pode olhar o sexo, foi capaz, não importa se é saia, calça comprida, não interessa isso. Se você quer ganhar, escale sempre o que tem de melhor.” (Entrevistado 10, 2019, pág.239). Há também aqueles editores que exigem além destes atributos, outro muito polêmico: o da experiência no mercado jornalístico esportivo. A justificativa seria manter o padrão de qualidade. Como o quantitativo de mulheres é menor que o dos homens, se este fosse o único parâmetro existente, menos mulheres se consolidariam na área.

A gente buscava selecionar repórteres que já eram do meio esportivo assim conseguimos manter a qualidade sem perder por causa disso... A gente buscava informações com colegas do meio se conheciam alguém da área que estava disponível no mercado. ‘Ah eu conheço fulano’, então gente chamava ‘fulano’, pra fazer um teste. Então, fazia-se um teste que era ir pra rua e fazer uma matéria. Entregava uma pauta: ‘Olha vai lá no treino do Nacional, eles vão apresentar um novo jogador hoje, contratado, veio do nordeste. Vai lá e apura quem é esse cara, perfil dele, onde jogou, que títulos ganhou dos clubes do nordeste, por que ele veio pro Amazonas, de quanto tempo é o contrato dele. Vai lá e faz a matéria.’.Então ela ia, e nós disponibilizávamos a estrutura, fazia a matéria e a gente avaliava o texto, se ele estava compatível com o que a gente queria. Era assim nosso processo de seleção. (Entrevistado 7, 2019, pág.200)

O processo de seleção acaba influenciando na ideia de se ter uma equipe mista na redação. Todos os editores chefes entrevistados defendem esse modelo, chega a ser contraditório devido a forma que alguns deles selecionam os integrantes da equipe; como vimos acima.

Outro ponto relevante é a questão salarial entre homens e mulheres. Nenhum dos líderes do período em questão disse haver uma diferença entre os subordinados de gêneros diferentes. “Na época eu tive repórteres bem pagos, nós tínhamos salários equiparados.” (Entrevistado 8, 2019, pág.218). Algo que a maioria das repórteres entrevistadas desmente; conforme foi relatado neste capítulo.

Em um levantamento intitulado “Desigualdades de Gênero no Jornalismo”, do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Distrito Federal, realizado com 535

jornalistas de diversos Estados do Brasil apontou que 61,5% delas já esteve em alguma situação que seu colega recebia um salário maior que o seu, mesmo desempenhando mesma função.

Entre os editores chefes entrevistados, um deles é do gênero feminino, com relação a mesma ela diz ter recebido o mesmo valor que os demais editores de outras editorias da época. A entrevistada nove, da empresa de comunicação C, relatou que 80% da sua carreira até hoje foi dedicada, de forma direta ou indireta, ao jornalismo esportivo. Quando questionada se havia vivenciado ou passado por uma situação preconceituosa enquanto repórter ela negou, no entanto enquanto editora disse não caracterizar como preconceito, mas desconfiança por ocupar um cargo de chefia em uma editoria taxada como masculina.

Não vou me vitimizar também, mas sim existe. Eu acho que existia aquele olhar mais cauteloso das pessoas, o olhar mais crítico. Talvez um erro tomasse dimensões maiores. Porque assim, é natural a sociedade agir assim com as mulheres. Desde pequeno, o menino já acompanha futebol e menina acompanha outras coisas. Então o futebol é uma linguagem muito natural para os homens. A mulher na minha época não necessariamente todas, quando era colocada nesse ambiente esportivo tinha que criar essa intimidade com a linguagem. (Entrevistada 9, 2019, pág.227)

Vale ressaltar que os estigmatizados enfrentam diversas dificuldades, como estas apontadas pela única editora chefe do período analisado. No caso das mulheres que adentram a um universo profissional dominado pelos homens isto é perceptível. A sociedade acaba reduzindo oportunidades, não lhes atribuindo o valor merecido e instituindo uma imagem deteriorada frente ao modelo imposto. Significa dizer que a individualidade é anulada pela coletividade com o interesse de manter o padrão de poder. Neste sentido, o diferente acaba por assumir o atributo de 'incapaz', por exemplo. Quando a diferença for acentuada mais estigmatizante será para o indivíduo, que automaticamente perderá sua voz e espaço, não conseguindo apropriasse dos seus papéis sociais junto ao grupo do qual pertence.

A característica central da situação de vida, do indivíduo estigmatizado pode, agora, ser explicada. É uma questão do que é com frequência, embora vagamente, chamado de 'aceitação'. Aqueles que têm relações com ele não conseguem lhe dar o

respeito e a consideração que os aspectos não contaminados de sua identidade social os haviam levado a prever e que ele havia previsto receber; ele faz eco a essa negativa descobrindo que alguns de seus atributos a garantem. (GOFFMAN, 1988, p.11).

Todos os entrevistados da pesquisa afirmaram não ter cometido nenhum tipo de assédio moral ou sexual com integrantes femininas das equipes de jornalismo esportivo que comandaram. Prezar pelo bom relacionamento era meta para ambos. Porém, o entrevistado 8, relatou ter presenciado cenas de machismo durante reunião de pauta, porém advertiu o funcionário no mesmo momento:

Tipo assim, queria diminuir o trabalho delas. Tive uma pessoa da equipe que agia assim em, reunião de pauta, aí eu não gostava e dava uma chamada. Tipo a mulher está cobrindo futebol e dá uma opinião sobre determinada coisa, aí o outro vem querer diminuir, que mulher não entende de futebol. Não pode ser assim. Então eu acho que a maior dificuldade delas, de repente, as vezes era nessa relação com os demais colegas. Mas foram poucos episódios que a gente teve. Se eu for contar aqui nos dedos, acho que a gente só teve uns três casos desse tipo. (Entrevistado 8, 2019, pág.216)

Com relação a situações de preconceito ou assédio relatadas pelas jornalistas aos seus superiores, tanto no ambiente de trabalho como de coberturas, apenas uma profissional do veículo B expôs o ocorrido ao editor chefe, de acordo com o mesmo. Ainda segundo ele, entrevistado 8, buscava trabalhar a questão do empoderamento entre as mulheres da sua equipe: “dar a elas crença de que podem fazer coisas grandes.” (Entrevistado 8, 2019, pág.), com o intuito de mostrar a aqueles que as criticam o potencial e competência das profissionais. Entretanto, houveram reclamações diretas por parte de dirigentes de agremiações esportivas, que de acordo com o entrevistado não tinha relação ao fato da matéria ter sido escrita por uma mulher, mas ao conteúdo não estar do agrado do reclamante.

Por fim, outro assunto que merece atenção é o do mercado do jornalismo que vem ganhando espaço e conseqüentemente atraindo estudantes para área. No Sisu 2018, programa de seleção do Ministério da Educação (MEC) o curso esteve entre os dez mais concorridos da Universidade de São Paulo (USP), considerada uma das 100 melhores instituições de ensino do mundo. A procura atrai indivíduos de ambos os gêneros apesar de todos os desafios já citados nesta dissertação.

Entre todos os editores-chefes entrevistados durante a pesquisa o item conhecimento foi tido como fundamental para quem desejar adentrar a este universo de trabalho. “Você não precisa chegar sabendo tudo mas precisa estar disposto a aprender.” (Entrevistado 8, 2019, pág.219). Arelado ao conhecimento ou a busca dele outro quesito torna-se importantíssimo no exercício da profissão: a escrita. “Jornalista tem que saber escrever. Não estou falando que tem que entrar na redação de jornal possuindo um texto 100% perfeito mas português ele tem que tá kit, porque, é impressionante, qualquer pessoa pode escrever errado mas se um jornalista coloca uma vírgula no lugar indevido a proporção é absurda.” (Entrevistado 9, 2019, pág.231). Além da parte técnica os aspirantes a jornalistas esportivos devem fazer uso de uma linguagem diferenciada, “Os textos de esportes são muito soltos, é possível até mesmo fazer um texto literário, descrevendo emoções, como é que tá o ambiente. O profissional não pode escrever sobre esporte como se fosse uma matéria de economia. Ele tem que escrever bem descontraído.” (Entrevistado 7, 2019, pág.208). Sendo assim, são características externas ao fator gênero, fazem parte do conjunto de qualidades onde tanto homem quanto mulheres podem ter habilidades.

CONSIDERAÇÕES

Percebemos durante o percurso bibliográfico desta dissertação que a mulher, desde o início de sua trajetória na história do Brasil, tem sua imagem vista como o segundo sexo, ou o sexo frágil. Além do fato de que a perspectiva feminina, historicamente, sempre foi tomada como limitada. Elas eram excluídas de atividades ligadas ao conhecimento e ao pensamento.

Com o tempo pudemos perceber uma alteração neste cenário, pois as mulheres começaram a ser ouvidas (mesmo que parcialmente) pela sociedade, adquirindo voz e vez para garantir os seus direitos. O medo e a opressão foram deixados de lado com a realização de greves. No entanto, mesmo com todo esse esforço para obter os seus devidos direitos, somente no fim do século XIX começaram a aparecer as primeiras mulheres que liam e escreviam, embora ainda restritas à poesia e ao romance. Só na transição para o século XX elas passaram a integrar, efetivamente, o cenário da educação.

Enfim, aos poucos as mulheres deixaram de ser apenas um elemento da casa e tornaram-se comandantes dela, em certos casos dividindo essa tarefa com o homem. Embora isso não queira dizer que este processo tenha ocorrido de maneira célere, porém ao longo do tempo ele vem ganhando solidez. A mulher começa a invadir todos os ambientes de trabalho, até mesmo aqueles que antes eram dominados exclusivamente pelo gênero masculino.

Com essa base, este trabalho abordou a inserção das mulheres nas editorias de esportes dos jornais e rádio: *A Crítica*, *Amazonas Em Tempo*, *Diário do Amazonas* e *Difusora*; no período de 2009 a 2014. Especialidade jornalística que antigamente era destinada apenas aos homens. Por meio desta pesquisa e análise, observamos que a falta de credibilidade e de confiança em uma mulher, em relação ao esporte, não integra somente o mundo masculino, isso porque parte dos editores chefes entrevistados, entre eles uma mulher, relatou que visualizava uma maior identificação do gênero feminino com os esportes amadores, havendo conseqüentemente uma menor produção de conteúdo de futebol (universo ainda com maior participação dos homens) feita por elas. Mas também tal característica estava atrelada a diversos fatores como gênero e reconhecimento, sendo que o último só é tido com a divulgação de matérias. Porém se não há produção torna-se impossível alcançá-lo. Elemento este que colaboraria para obtenção de credibilidade por parte do chefe e do público a cerca

de todos os esportes e não somente dos olímpicos. No entanto, como dizia Paulo Coelho, “é que as mulheres na maior parte são encaminhadas para as editorias de esportes amadores. É mais fácil demonstrar conhecimento sobre vôlei, basquete [...]. Territórios onde o machismo ainda impera.” (COELHO, 2009, p. 35).

Podemos afirmar que o objetivo geral e os específicos foram alcançados por meio das entrevistas com editores de esportes dos veículos de comunicação supracitados e das jornalistas esportivas, tal como foi mostrado em nossa análise de dados. Além disso, pudemos identificar, conforme as respostas fornecidas pelos entrevistados, a diferença entre a imagem da jornalista mulher e do jornalista homem na hora de escrever uma matéria esportiva. As qualidades destacadas pelos editores estão ligadas ao fato de elas serem mais detalhistas, além de terem a capacidade de dar um toque especial a suas reportagens. Estas características foram listadas como próprias de um mundo feminino oposto ao mundo tido como masculino, sendo assim impermeado por leveza, criatividade, sensibilidade ao abordar um assunto, dinamismo e alegria.

Já em relação às nossas hipóteses, podemos dizer que nem todas foram confirmadas, uma vez que os editores escalam as jornalistas para escrever sobre esporte amador não para evitar problemas ou agradar o senso comum, mas devido as mulheres demonstrarem maior interesse sobre essas atividades esportivas. Eles também comentaram que, para ser jornalista do ramo impresso e radiofônico, não existe um perfil estabelecido; definido; entretanto é necessário gostar de esportes, ter noções das regras e gostar de escrever.

Portanto, conclui-se que a pesquisa teve total êxito em descobrir qual a visão dos editores e jornalistas referente à presença das mulheres nas editorias de esportes das empresas *A Crítica*, *Amazonas Em Tempo*, *Diário do Amazonas* e *Difusora*. Tivemos algumas surpresas ao longo da dissertação como, por exemplo, a divergência de informações. Das seis mulheres jornalistas quatro disseram ter tido salários menores do que os homens da equipe que realizavam a mesma função, enquanto que todos os chefes disseram que jamais houve qualquer distinção desta natureza.

Em relação as entrevistas concedidas pelas jornalistas é perceptível a apresentação de uma visão mais crítica ao responder a pesquisa. As seis

profissionais de jornalismo que nos ajudaram creem que todos os profissionais que escrevem para editoria de esportes têm alguma intimidade com o assunto. Para elas, a participação feminina está em crescimento e é significativa na sociedade. Além disso, afirmam que a diferença entre homens e mulheres como jornalistas esportivos está na qualidade do profissional, logo, não dependeria do sexo, mas sim da capacidade de cada um para produzir uma boa matéria. Elas notaram também que a mulher está conseguindo ampliar o seu espaço no jornalismo esportivo.

Tenho certeza que, além dos resultados que desejávamos chegar, a pesquisa pôde gerar outras explicações. Apesar das dificuldades para adentrar em campos tidos como masculino, a mulher vem ganhando espaço, mostrando que detém qualidades suficientes para obter êxito em qualquer profissão. No caso das jornalistas esportivas, isso é perceptível. Em Manaus elas já ocupam cargo de repórter e até mesmo de editora-chefe. A prova de que o preconceito pode perder força quando a dedicação e competência andam juntas. Por fim, o trabalho, a linguagem, as emoções são formas de conhecer o mundo social, assim como o seu sistema de oposições de coisas, processos, movimentos e sensações.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. A. A.; MEIRELLES, R. L. **Mulheres e homens em ocupação de cargos de direção e assessoramento superior (das) na carreira de especialistas em políticas públicas e gestão governamental (EPPGG)**. Rio de Janeiro: IPEA, 2012.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de. **A escolha na orientação profissional: contribuições da psicologia sócio - histórica**. *Psicol. educ.*[online]. 2006, n.23, pp. 11-25.

ALVES, Branca Moreira. **Ideologia e feminismo: a luta da mulher pelo voto no Brasil**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1980.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. 4ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

ALVES, José Eustáquio Diniz. **Mulher na política: 24 de fevereiro e o direito de voto**. Disponível em www.maismulheresnopoderbrasil.com.br . Acesso em 13 de setembro de 2018.

BARBEIRO, Heródoto & RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo, Contexto, 2006.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: A experiência vivida**. 10ª edição. Vol.2. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980.

BIRD, S. Elizabeth; DARDENNE, Robert W.. **Mito, registro e 'estórias': explorando as qualidades narrativas das notícias**. In: TRAQUINA, Nelson (Org). *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999. p. 263 – 277.

BISTANE, Luciana; BACELLAR, Luciane. **Jornalismo de TV**. São Paulo: Contexto, Coleção Comunicação, 2005.

BONELLI, M. da Glória (1999). **Estudos Sobre Profissões no Brasil**. IN: MICELI, Sérgio (org). *O que ler na Ciência Social Brasileira (1970-1995)*. Sociologia, 2, São Paulo: Sumaré, ANPOCS, Brasília: CAPES, 1999.

BOSCHILA, Bruno; MEURER, Sidmar dos Santos. **Refletindo sobre a participação da mulher no esporte moderno: algumas relações entre gênero e mídia impressa**. Buenos Aires: Efedportes.com, 2006. Disponível em: www.efdeportes.com/efd97/mulher.htm. Acesso em 10 de fevereiro de 2019.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação Masculina**. 1.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.
- BOURDIEU, Pierre. Algumas propriedades dos campos. In: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro; Marco Zero, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. O capital social – Notas provisórias. In: Nogueira, Maria Alice; CATANI, Afrânio (org.). **Escritos de Educação**. 7 ed. Petrópolis: vozes, 1998.
- BRUSCHINI, Cristina. **TRABALHO FEMININO NO BRASIL: novas conquistas ou persistência da discriminação?**. São Paulo. 1998. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/15244285/Trabalho-Feminino-no-Brasil-novas-conquistas-ou-persistencia-da-discriminacao>. Acesso em: 30 de agosto de 2018.
- BUITONI, Dulcília Schoroeder. **Imprensa Feminina**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1990.
- CABRAL, Eugênia Melo. **Primeiras Histórias – O surgimento das imprensas feminina e feminista no Brasil**. Disponível em www.bocc.uff.br/pag/cabral-eugenia-primeiras-historias.pdf. Acesso em 30 de agosto de 2018.
- CANILO, Ana Maria Hermeto; MACHADO, Ana Flávia; WAJNMAN, Simone. **Sexo frágil? Evidências sobre a inserção da mulher mercado de trabalho brasileiro**. 1ª edição. Belo Horizonte: Organização Gelre, 2005.
- CARREIRA, Denise; AJAMIL, Menchu; MOREIRA, Tereza. **Mudando o mundo: a liderança feminina no século 21**. São Paulo: Cortez; Rede Mulher de Educação, 2001.
- CERDEIRA, Cleide Maria Bocado. **Os primórdios da inserção sociocultural da mulher brasileira**. Disponível em www.unibero.edu.br/download/.../Cleide%20B%20Cerqueira.pdf. Acesso em 13 de outubro de 2018.
- CERVO, Amado Luiz. BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.
- CHIZZOTTI, Antônio. **A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: Evolução e Desafios**. Portugal: Revista Portuguesa de Educação. Vol. 16, n. 002. Braga: Universidade do Minho, 2003.
- COELHO, Nelly Novaes. **A Emancipação da Mulher e a Imprensa Feminina (séc. XIX – séc. XX)**. Disponível em <http://www.kplus.com.br/materia.asp?co=119&rv=Literatura>. Acesso em 29 de agosto de 2018.
- COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- COLLING, Ana Maria. **A resistência da mulher à ditadura no Brasil**. Rio de Janeiro: Record; Rosas dos Tempos, 1997.

D'ARAUJO, Maria Celina. **Pós-modernidade, sexo e gênero nas Forças Armadas.** Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.ndu.edu/chds/journal/PDF/2003/dAraujo-essay.pdf>. Acesso em: 22 de setembro de 2018.

FERREIRA, Mary. **Mulher e Política: Do voto feminino à Lei das Cotas: a difícil inserção das mulheres nas democracias representativas.** Revista Espaço Acadêmico, n 37, junho de 2004. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/037/37cferreira.htm>. Acesso em: 08 de outubro de 2018.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002.

FREIDSON, Eliot. **Para uma análise comparada das profissões: A institucionalização do discurso e do conhecimento formais.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, n.31, junho de 1996. Minas Gerais: Caxambu/ANPOCS.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (organizadoras). **Métodos de Pesquisa.** 1ª Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GRANDA, Alana. **População brasileira envelhece e taxa de fecundidade diminui, mostra Ipea.** Disponível em www.agenciabrasil.gov.br . Acesso em 29 de agosto de 2018.

GIL, Antônio Carlos; LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina Andrade. **Fundamentos metodologia científica.** 4.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

GOFFMAN, Erving. **Estigmas, Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada.** 4 ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1988.

GOUVÊA, Ana. **JORNALISMO ESPORTIVO: Tem que ser muito mulher pra conseguir ser mulher.** Disponível em <http://www.pimentasnoreino.com/2009/10/jornalismo-esportivo-tem-que-ser-muito.html>. Acesso em 13 de abril de 2019.

HOFFMANN, Rodolfo. LEONE, Eugênia Troncoso. **Participação da mulher no mercado de trabalho e desigualdade da renda domiciliar per capita no Brasil: 1981-2002.** Belo Horizonte. 2004. Disponível em: <http://www.face.ufmg.br/novaeconomia/sumarios/v14n2/140202.pdf>. Acesso em: 02 de julho de 2018.

HOLZMANN, Lorena. **Notas sobre as condições da mão-de-obra feminina frente às inovações tecnológicas.** 2000. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S15174522200000200010 . Acesso em 3 de fevereiro de 2019.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. PNAD Contínua -Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, 2017.Disponível em https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101576_informativo.pdf . Acesso em 12 de setembro de 2018.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. PNAD Contínua -Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, 2017. Disponível em https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101622_informativo.pdf . Acesso em 12 de setembro de 2018.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil, 2018. Disponível em https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf . Acesso em 12 de setembro de 2018.

LEITE, Aline. “**Editoras, repórteres, assessoras e freelancers: diferenças entre as mulheres no jornalismo**”. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 47, n. 163, p. 44-68, jan./mar. 2017.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Terceira Mulher: permanência e revolução do feminino**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LOURO, Guaciara Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**. Vozes, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

PORTO, Walter Costa. **Dicionário do voto**. Brasília: UnB, 2000.

PROBST, Elisiana Renata. **A evolução da mulher no mercado de trabalho**. Santa Catarina. Disponível em www.icpg.com.br/artigos/rev02-05.pdf . Acesso em 19 de agosto de 2018.

PROCURA-SE um amigo. **Imprensa Brasileira – dois séculos de história**. Disponível em [www.anj.org.br/.../historianobrasil/.../Imprensa Brasileira dois seculos de historia.pdf](http://www.anj.org.br/.../historianobrasil/.../Imprensa_Brasileira_dois_seculos_de_historia.pdf) . Acesso em 8 de setembro de 2018.

RIBEIRO, Antônio Sérgio. **A mulher e o Voto**. Disponível em http://www.al.sp.gov.br/web/eleicao/mulher_voto.htm. Acesso em 17 de setembro de 2018.

ROALY, Danielson. **Proibido para homens**. Disponível em <http://www.canaldaimprensa.com.br/canalant/debate/trint3/debate3.html> . Acesso em 13 de abril de 2019.

RODRIGUES, Luciana Vargas. **A representação da mulher na imprensa feminina**. Minas Gerais Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0992-1.pdf>. Acesso em: 14 de setembro de 2018.

SACCONI, Luiz Antônio. **Minidicionário Sacconi da Língua Portuguesa**. São Paulo: Atual, 1999.

SILVA, Flávio Luiz Porto. **Melodrama, folhetim e telenovela anotações para um estudo comparativo**. FACOM - nº 15 - 2º semestre de 2005.

SILVA, Gislene. **Jornalismo e construção de sentido: pequeno inventário. Jornalismo e conhecimento**, Ano 2, n. 2 , 2o semestre de 2005. Disponível em <http://posjor.ufsc.br/public/docs/182.pdf> . Acesso em 14 de abril de 2019.

SIQUEIRA, Shymenne Costa. **A inserção da mulher jornalista no núcleo esportivo das emissoras de TV de Belo Horizonte**. 2005. 79 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) - Centro Universitário De Belo Horizonte, Belo Horizonte, 2005.

SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica.” **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 20, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

SOARES, Edileuza. **A Bola no Ar: O rádio esportivo em São Paulo**. São Paulo: Summus, 1994.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 1999.

STYCER, Mauricio José. **Jornalismo Esportivo: 110 Anos Sob Pressão (Uma história de acusações de sensacionalismo, suborno, invenção de notícias e relações promíscuas com fontes e anunciantes)**. Santos, 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R2356-1.pdf> . Acesso em 22 de outubro de 2018.

TSE – Tribunal Superior Eleitoral. Estatísticas do eleitorado – Por sexo e faixa etária 2018. Disponível em <http://www.tse.jus.br/eleitor/estatisticas-de-eleitorado/estatistica-do-eleitorado-por-sexo-e-faixa-etaria>. Acesso em 12 de setembro de 2018.

TSE – Tribunal Superior Eleitoral. Estatística dos eleitos em 2018. Disponível em <http://www.tse.jus.br/eleicoes/estatisticas/estatisticas-eleitorais>. Acesso em 16 de outubro de 2018

UNZELTE, Celso. **Jornalismo Esportivo: Relatos de uma paixão**. 1 ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

VIANA, Victor. **A utopia da imparcialidade jornalística**. Rio de Janeiro. Disponível em http://observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitas/ed741_a_utopia_da_imparcialidade_jornalastica/ . Acesso em 23 de junho de 2019.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TCLE – JORNALISTA – LORENA DE SOUZA SERRÃO

APÊNDICE

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
 INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA
 TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa **Das sombras ao protagonismo: a inserção das mulheres no universo do jornalismo esportivo de Manaus**, sob a responsabilidade da pesquisadora **Taniamara Queiroz de Freitas** a qual pretende identificar os processos de inserção da mulher no jornalismo esportivo impresso e radiofônico de Manaus no período de 2009 a 2014.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevista. Quanto aos riscos aos participantes da pesquisa inclui exposição da sua imagem através de fotografias retiradas no momento da entrevista, a exposição de suas informações pessoais, visto que terá sua identidade revelada e a divulgação dos dados, fatos e esclarecimentos obtidos através da entrevista. Este termo servirá para lhe explicar o que estou fazendo e sua importância para esta pesquisa criando um ambiente amistoso para nossa conversa. Se você aceitar participar, estará contribuindo para a identificação do processo de inserção da mulher no jornalismo esportivo brasileiro, verificação dos veículos de comunicação em Manaus que tiveram em suas redações mulheres para cobrir esportes, com o intuito de elaborar um perfil social, econômico e cultural destas profissionais, além de identificar os problemas e os desafios do exercício do jornalismo esportivo realizado por mulheres na capital amazonense.

Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados e sua identidade será divulgada. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o orientador desta pesquisa o Professor Doutor **Odenei de Souza Ribeiro** no Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais – IFCHS, Departamento de Sociologia - Setor Norte–Campus da Universidade Federal do Amazonas – UFAM no endereço Av. Gal. Rodrigo Octávio, 3000 – Coroadó I, CEP 69077-000, pelo telefone (92) 3305-4595 ou pelo e-mail ribeiroode@hotmail.com ou ainda poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-5130.

Consentimento Pós-Informação

Eu, Lorena de Souza Serrão, fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pela pesquisadora, ficando uma via com cada um de nós.

Manaus Data: 20/05/2019

Assinatura do participante

Assinatura da Pesquisadora Responsável



Impressão do dedo polegar
 Caso não saiba assinar

APÊNDICE B – TCLE – JORNALISTA – NATHÁLIA FONSECA SILVEIRA

APÊNDICE

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



UFAM

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa **Das sombras ao protagonismo: a inserção das mulheres no universo do jornalismo esportivo de Manaus**, sob a responsabilidade da pesquisadora **Taniamara Queiroz de Freitas** a qual pretende identificar os processos de inserção da mulher no jornalismo esportivo impresso e radiofônico de Manaus no período de 2009 a 2014.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevista. Quanto aos riscos aos participantes da pesquisa inclui exposição da sua imagem através de fotografias retiradas no momento da entrevista, a exposição de suas informações pessoais, visto que terá sua identidade revelada e a divulgação dos dados, fatos e esclarecimentos obtidos através da entrevista. Este termo servirá para lhe explicar o que estou fazendo e sua importância para esta pesquisa criando um ambiente amistoso para nossa conversa. Se você aceitar participar, estará contribuindo para a identificação do processo de inserção da mulher no jornalismo esportivo brasileiro, verificação dos veículos de comunicação em Manaus que tiveram em suas redações mulheres para cobrir esportes, com o intuito de elaborar um perfil social, econômico e cultural destas profissionais, além de identificar os problemas e os desafios do exercício do jornalismo esportivo realizado por mulheres na capital amazonense.

Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados e sua identidade será divulgada. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o orientador desta pesquisa o Professor Doutor **Odeni de Souza Ribeiro** no Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais – IFCHS, Departamento de Sociologia - Setor Norte-Campus da Universidade Federal do Amazonas – UFAM no endereço Av. Gal. Rodrigo Octávio, 3000 – Coroado I, CEP 69077-000, pelo telefone (92) 3305-4595 ou pelo e-mail ribeiroode@hotmail.com ou ainda poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-5130.

Consentimento Pós-Informação

Eu, Nathalia Fonseca Silveira, fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pela pesquisadora, ficando uma via com cada um de nós.

Manaus

Data: 20/05/19

N Silveira

Assinatura do participante

Taniamara Queiroz de Freitas

Assinatura da Pesquisadora Responsável



Impressão do dedo polegar
Caso não saiba assinar

APÊNDICE C – TCLE – JORNALISTA – THAÍS GONÇALVES GAMA

APÊNDICE

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
 INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA
 TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa **Das sombras ao protagonismo: a inserção das mulheres no universo do jornalismo esportivo de Manaus**, sob a responsabilidade da pesquisadora **Taniamara Queiroz de Freitas** a qual pretende identificar os processos de inserção da mulher no jornalismo esportivo impresso e radiofônico de Manaus no período de 2009 a 2014.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevista. Quanto aos riscos aos participantes da pesquisa inclui exposição da sua imagem através de fotografias retiradas no momento da entrevista, a exposição de suas informações pessoais, visto que terá sua identidade revelada e a divulgação dos dados, fatos e esclarecimentos obtidos através da entrevista. Este termo servirá para lhe explicar o que estou fazendo e sua importância para esta pesquisa criando um ambiente amistoso para nossa conversa. Se você aceitar participar, estará contribuindo para a identificação do processo de inserção da mulher no jornalismo esportivo brasileiro, verificação dos veículos de comunicação em Manaus que tiveram em suas redações mulheres para cobrir esportes, com o intuito de elaborar um perfil social, econômico e cultural destas profissionais, além de identificar os problemas e os desafios do exercício do jornalismo esportivo realizado por mulheres na capital amazonense.

Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados e sua identidade será divulgada. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o orientador desta pesquisa o Professor Doutor **Odenei de Souza Ribeiro** no Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais – IFCHS, Departamento de Sociologia - Setor Norte–Campus da Universidade Federal do Amazonas – UFAM no endereço Av. Gal. Rodrigo Octávio, 3000 – Coroado I, CEP 69077-000, pelo telefone (92) 3305-4595 ou pelo e-mail ribeiroode@hotmail.com ou ainda poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-5130.

Consentimento Pós-Informação

Eu, Thaís Gonçalves Gama, fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pela pesquisadora, ficando uma via com cada um de nós.

Manaus Data: 13 / 05 / 2019

Thaís Gonçalves Gama

Assinatura do participante

Taniamara Queiroz de Freitas

Assinatura da Pesquisadora Responsável



Impressão do dedo polegar
 Caso não saiba assinar

APÊNDICE D – TCLE – JORNALISTA – NATÁLIA CAPLAN SCHWARTZ DE ARAÚJO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa **Das sombras ao protagonismo: a inserção das mulheres no universo do jornalismo esportivo de Manaus**, sob a responsabilidade da pesquisadora **Taniamara Queiroz de Freitas** a qual pretende identificar os processos de inserção da mulher no jornalismo esportivo impresso e radiofônico de Manaus no período de 2009 à 2014.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevista. Quanto aos riscos aos participantes da pesquisa inclui exposição da sua imagem através de fotografias retiradas no momento da entrevista, a exposição de suas informações pessoais, visto que terá sua identidade revelada e a divulgação dos dados, fatos e esclarecimentos obtidos através da entrevista. Este termo servirá para lhe explicar o que estou fazendo e sua importância para esta pesquisa criando um ambiente amistoso para nossa conversa. Se você aceitar participar, estará contribuindo para a identificação do processo de inserção da mulher no jornalismo esportivo brasileiro, verificação dos veículos de comunicação em Manaus que tiveram em suas redações mulheres para cobrir esportes, com o intuito de elaborar um perfil social, econômico e cultural destas profissionais, além de identificar os problemas e os desafios do exercício do jornalismo esportivo realizado por mulheres na capital amazonense.

Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados e sua identidade será divulgada. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o orientador desta pesquisa o Professor Doutor **Odeni de Souza Ribeiro** no Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais – IFCHS, Departamento de Sociologia - Setor Norte-Campus da Universidade Federal do Amazonas – UFAM no endereço Av. Gal. Rodrigo Octávio, 3000 – Coroado I, CEP 69077-000, pelo telefone (92) 3305-4595 ou pelo e-mail ribeiroode@hotmail.com ou ainda poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-5130.

Consentimento Pós-Informação

Eu, Natália Caplan Schwartz de Araújo, fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pela pesquisadora, ficando uma via com cada um de nós.

São Paulo Data: 09/02/2010

Natália Caplan

Assinatura do participante

Taniamara Queiroz de Freitas

Assinatura da Pesquisadora Responsável



Impressão do dedo polegar
Caso não saiba assinar

APÊNDICE E – TCLE – JORNALISTA – LARISSA BALIEIRO PINHEIRO

APÊNDICE

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



UFAM

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa **Das sombras ao protagonismo: a inserção das mulheres no universo do jornalismo esportivo de Manaus**, sob a responsabilidade da pesquisadora **Taniamara Queiroz de Freitas** a qual pretende identificar os processos de inserção da mulher no jornalismo esportivo impresso e radiofônico de Manaus no período de 2009 a 2014.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevista. Quanto aos riscos aos participantes da pesquisa inclui exposição da sua imagem através de fotografias retiradas no momento da entrevista, a exposição de suas informações pessoais, visto que terá sua identidade revelada e a divulgação dos dados, fatos e esclarecimentos obtidos através da entrevista. Este termo servirá para lhe explicar o que estou fazendo e sua importância para esta pesquisa criando um ambiente amigável para nossa conversa. Se você aceitar participar, estará contribuindo para a identificação do processo de inserção da mulher no jornalismo esportivo brasileiro, verificação dos veículos de comunicação em Manaus que tiveram em suas redações mulheres para cobrir esportes, com o intuito de elaborar um perfil social, econômico e cultural destas profissionais, além de identificar os problemas e os desafios do exercício do jornalismo esportivo realizado por mulheres na capital amazonense.

Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados e sua identidade será divulgada. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o orientador desta pesquisa o Professor Doutor **Odenei de Souza Ribeiro** no Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais – IFCHS, Departamento de Sociologia - Setor Norte-Campus da Universidade Federal do Amazonas – UFAM no endereço Av. Gal. Rodrigo Octávio, 3000 – Coroado I, CEP 69077-000, pelo telefone (92) 3305-4595 ou pelo e-mail ribeiroode@hotmail.com ou ainda poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-5130.

Consentimento Pós-Infomação

Eu, Larissa Balieiro Pinheiro, fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pela pesquisadora, ficando uma via com cada um de nós.

Manaus Data: 14/05/19

Larissa Balieiro Pinheiro

Assinatura do participante

Taniamara Queiroz de Freitas

Assinatura da Pesquisadora Responsável



Impressão do dedo polegar
Caso não saiba assinar

APÊNDICE F – TCLE – JORNALISTA – CIMONE BARROS SOUSA

APÊNDICE

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa **Das sombras ao protagonismo: a inserção das mulheres no universo do jornalismo esportivo de Manaus**, sob a responsabilidade da pesquisadora **Taniamara Queiroz de Freitas** a qual pretende identificar os processos de inserção da mulher no jornalismo esportivo impresso e radiofônico de Manaus no período de 2009 a 2014.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevista. Quanto aos riscos aos participantes da pesquisa inclui exposição da sua imagem através de fotografias retiradas no momento da entrevista, a exposição de suas informações pessoais, visto que terá sua identidade revelada e a divulgação dos dados, fatos e esclarecimentos obtidos através da entrevista. Este termo servirá para lhe explicar o que estou fazendo e sua importância para esta pesquisa criando um ambiente amigável para nossa conversa. Se você aceitar participar, estará contribuindo para a identificação do processo de inserção da mulher no jornalismo esportivo brasileiro, verificação dos veículos de comunicação em Manaus que tiveram em suas redações mulheres para cobrir esportes, com o intuito de elaborar um perfil social, econômico e cultural destas profissionais, além de identificar os problemas e os desafios do exercício do jornalismo esportivo realizado por mulheres na capital amazonense.

Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados e sua identidade será divulgada. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o orientador desta pesquisa o Professor Doutor **Odenel de Souza Ribeiro** no Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais – IFCHS, Departamento de Sociologia - Setor Norte–Campus da Universidade Federal do Amazonas – UFAM no endereço Av. Gal. Rodrigo Octávio, 3000 – Coroado I, CEP 69077-000, pelo telefone (92) 3305-4595 ou pelo e-mail ribeiroode@hotmail.com ou ainda poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-5130.

Consentimento Pós-Informação

Eu, Cimone Barros Sousa, fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pela pesquisadora, ficando uma via com cada um de nós.

Manaus Data: 22/05/2019

Cimone Barros Sousa

Assinatura do participante

Taniamara Queiroz de Freitas

Assinatura da Pesquisadora Responsável



Impressão do dedo polegar
Caso não saiba assinar

APÊNDICE G – TCLE – JORNALISTA – VALDIR CORREIA DE MELO

APÊNDICE

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



UFAM

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
 INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA
 TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa **Das sombras ao protagonismo: a inserção das mulheres no universo do jornalismo esportivo de Manaus**, sob a responsabilidade da pesquisadora **Taniamara Queiroz de Freitas** a qual pretende identificar os processos de inserção da mulher no jornalismo esportivo impresso e radiofônico de Manaus no período de 2009 a 2014.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevista. Quanto aos riscos aos participantes da pesquisa inclui exposição da sua imagem através de fotografias retiradas no momento da entrevista, a exposição de suas informações pessoais, visto que terá sua identidade revelada e a divulgação dos dados, fatos e esclarecimentos obtidos através da entrevista. Este termo servirá para lhe explicar o que estou fazendo e sua importância para esta pesquisa criando um ambiente amistoso para nossa conversa. Se você aceitar participar, estará contribuindo para a identificação do processo de inserção da mulher no jornalismo esportivo brasileiro, verificação dos veículos de comunicação em Manaus que tiveram em suas redações mulheres para cobrir esportes, com o intuito de elaborar um perfil social, econômico e cultural destas profissionais, além de identificar os problemas e os desafios do exercício do jornalismo esportivo realizado por mulheres na capital amazonense.

Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados e sua identidade será divulgada. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o orientador desta pesquisa o Professor Doutor **Odenei de Souza Ribeiro** no Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais – IFCHS, Departamento de Sociologia - Setor Norte-Campus da Universidade Federal do Amazonas – UFAM no endereço Av. Gal. Rodrigo Octávio, 3000 – Coroado I, CEP 69077-000, pelo telefone (92) 3305-4595 ou pelo e-mail ribeiroode@hotmail.com ou ainda poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-5130.

Consentimento Pós-Informação

Eu, VALDIR CORREIA DE MELO, fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pela pesquisadora, ficando uma via com cada um de nós.

Manaus Data: 15, 05, 19

Valdir Correia de Melo

Assinatura do participante

Taniamara Queiroz de Freitas

Assinatura da Pesquisadora Responsável



Impressão do dedo polegar
 Caso não saiba assinar

APÊNDICE H – TCLE – JORNALISTA – LEANDERSON DE LIMA CAVALCANTE

APÊNDICE

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



UFAM

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa **Das sombras ao protagonismo: a inserção das mulheres no universo do jornalismo esportivo de Manaus**, sob a responsabilidade da pesquisadora **Taniamara Queiroz de Freitas** a qual pretende identificar os processos de inserção da mulher no jornalismo esportivo impresso e radiofônico de Manaus no período de 2009 a 2014.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevista. Quanto aos riscos aos participantes da pesquisa inclui exposição da sua imagem através de fotografias retiradas no momento da entrevista, a exposição de suas informações pessoais, visto que terá sua identidade revelada e a divulgação dos dados, fatos e esclarecimentos obtidos através da entrevista. Este termo servirá para lhe explicar o que estou fazendo e sua importância para esta pesquisa criando um ambiente amistoso para nossa conversa. Se você aceitar participar, estará contribuindo para a identificação do processo de inserção da mulher no jornalismo esportivo brasileiro, verificação dos veículos de comunicação em Manaus que tiveram em suas redações mulheres para cobrir esportes, com o intuito de elaborar um perfil social, econômico e cultural destas profissionais, além de identificar os problemas e os desafios do exercício do jornalismo esportivo realizado por mulheres na capital amazonense.

Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados e sua identidade será divulgada. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o orientador desta pesquisa o Professor Doutor **Odenei de Souza Ribeiro** no Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais – IFCHS, Departamento de Sociologia - Setor Norte–Campus da Universidade Federal do Amazonas – UFAM no endereço Av. Gal. Rodrigo Octávio, 3000 – Coroadó I, CEP 69077-000, pelo telefone (92) 3305-4595 ou pelo e-mail ribeiroode@hotmail.com ou ainda poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-5130.

Consentimento Pós-Informação

Eu, Leanderson de Lima Cavalcante, fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pela pesquisadora, ficando uma via com cada um de nós.

Manaus

Data: 04, 06, 19

Leanderson de Lima Cavalcante

Assinatura do participante

Taniamara Queiroz de Freitas

Assinatura da Pesquisadora Responsável



Impressão do dedo polegar
Caso não saiba assinar

APÊNDICE I – TCLE – JORNALISTA – CLEBER OLIVEIRA MAGALHÃES

APÊNDICE

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



UFAM

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa **Das sombras ao protagonismo: a inserção das mulheres no universo do jornalismo esportivo de Manaus**, sob a responsabilidade da pesquisadora **Taniamara Queiroz de Freitas** a qual pretende identificar os processos de inserção da mulher no jornalismo esportivo impresso e radiofônico de Manaus no período de 2009 a 2014.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevista. Quanto aos riscos aos participantes da pesquisa inclui exposição da sua imagem através de fotografias retiradas no momento da entrevista, a exposição de suas informações pessoais, visto que terá sua identidade revelada e a divulgação dos dados, fatos e esclarecimentos obtidos através da entrevista. Este termo servirá para lhe explicar o que estou fazendo e sua importância para esta pesquisa criando um ambiente amistoso para nossa conversa. Se você aceitar participar, estará contribuindo para a identificação do processo de inserção da mulher no jornalismo esportivo brasileiro, verificação dos veículos de comunicação em Manaus que tiveram em suas redações mulheres para cobrir esportes, com o intuito de elaborar um perfil social, econômico e cultural destas profissionais, além de identificar os problemas e os desafios do exercício do jornalismo esportivo realizado por mulheres na capital amazonense.

Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados e sua identidade será divulgada. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o orientador desta pesquisa o Professor Doutor **Odenei de Souza Ribeiro** no Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais – IFCHS, Departamento de Sociologia - Setor Norte–Campus da Universidade Federal do Amazonas – UFAM no endereço Av. Gal. Rodrigo Octávio, 3000 – Coroado I, CEP 69077-000, pelo telefone (92) 3305-4595 ou pelo e-mail ribeiroode@hotmail.com ou ainda poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-5130.

Consentimento Pós-Informação

Eu, CLEBER OLIVEIRA MAGALHÃES, fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pela pesquisadora, ficando uma via com cada um de nós.

Manaus

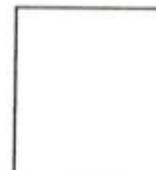
Data: 30, 05, 19

[Assinatura do participante]

Assinatura do participante

Taniamara Queiroz de Freitas

Assinatura da Pesquisadora Responsável



Impressão do dedo polegar
Caso não saiba assinar

APÊNDICE J – TCLE – JORNALISTA – MARÍLIA LOPES PIMENTA

APÊNDICE

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



UFAM

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
 INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA
 TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa **Das sombras ao protagonismo: a inserção das mulheres no universo do jornalismo esportivo de Manaus**, sob a responsabilidade da pesquisadora **Taniamara Queiroz de Freitas** a qual pretende identificar os processos de inserção da mulher no jornalismo esportivo impresso e radiofônico de Manaus no período de 2009 a 2014.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevista. Quanto aos riscos aos participantes da pesquisa inclui exposição da sua imagem através de fotografias retiradas no momento da entrevista, a exposição de suas informações pessoais, visto que terá sua **identidade revelada e a divulgação dos dados, fatos e esclarecimentos** obtidos através da entrevista. Este termo servirá para **lhe explicar o que estou fazendo e sua importância para esta pesquisa criando um ambiente amistoso para nossa conversa. Se você aceitar participar, estará contribuindo para a identificação do processo de inserção da mulher no jornalismo esportivo brasileiro, verificação dos veículos de comunicação em Manaus que tiveram em suas redações mulheres para cobrir esportes, com o intuito de elaborar um perfil social, econômico e cultural destas profissionais, além de identificar os problemas e os desafios do exercício do jornalismo esportivo realizado por mulheres na capital amazonense.**

Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados e sua identidade será divulgada. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o orientador desta pesquisa o Professor Doutor **Odenei de Souza Ribeiro** no Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais – IFCHS, Departamento de Sociologia - Setor Norte–Campus da Universidade Federal do Amazonas – UFAM no endereço Av. Gal. Rodrigo Octávio, 3000 – Coroado I, CEP 69077-000, pelo telefone (92) 3305-4595 ou pelo e-mail ribeiroode@hotmail.com ou ainda poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-5130.

Consentimento Pós-Informação

Eu, Márcia Lopes Pimenta, fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pela pesquisadora, ficando uma via com cada um de nós.

Manaus Data: 27/05/19

Márcia Lopes Pimenta

Assinatura do participante

Taniamara Queiroz de Freitas

Assinatura da Pesquisadora Responsável



Impressão do dedo polegar
 Caso não saiba assinar

APÊNDICE K – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA ABERTA COM A ENTREVISTADA 1

Tania: O que te levou ao jornalismo como um todo? E porque comunicação e não outra área?

Entrevistada 1: Desde dos 13 anos, eu sempre trabalhei. Meu primeiro emprego nessa parte de comunicação foi como vendedora no shopping Cecomiz. Eu conversava bastante, ai eu pensava assim: “Acho que é essa minha praia”, mas eu não sabia que queria ser comunicadora, muito menos jornalista. Eu ficava sempre migrando nessas duas áreas. Achava que iria ser psicóloga, comecei a estudar sobre psicologia porque gostava muito de conversar. Daí com 15 anos eu vendo muito jornal, lembro que eu assistia televisão e eu me inspirava na Arthemisa Gadelha, pensei: “Cara, acho que eu quero ser jornalista.”. Em casa eu assistia muito jornal e programa esportivo por causa da minha mãe, ela foi jogadora. Eu lembro que fiz prova para UFAM e UEA. Na UFAM passei para contabilidade, que é a profissão do meu pai, e na UEA passei para engenharia, nada a ver comigo mas tem uma remuneração boa. Eu achei que iria fazer engenharia, não tinha dinheiro pra pagar uma faculdade de jornalismo. Meu pai, que não mora comigo, disse que me ajudaria caso fizesse o vestibular em uma faculdade particular. Eram quatro opções, eu coloquei as quatro na área de comunicação, e claro jornalismo que eu queria. Nunca quis apresentar na televisão, mas eu queria reportar. Foi a melhor escolha que fiz.

Tania: Quanto tempo de trabalho como jornalista?

Entrevistada 1: Eu me considero jornalista desde a vez que na sala de aula dois jornalistas passaram na sala convidando estudantes para participar do projeto SOS Ribeirinho da Rádio Rio Mar. Aquilo eu nunca esqueci, inclusive esse ano eu relembrei quando fui dar uma palestra. Tenho uma foto daquela época; foi fevereiro de 2009. Então me considero jornalista há 10anos.

Tania: Como foi essa experiência de se sentir jornalista?

Entrevistada 1: Eu fiquei encantada porque a primeira experiência foi na Rio Mar. Lembro que era um projeto, fui para reuniões, e comecei a me sentir, não digo importante, mas de que o que eu fosse fazer ali iria impactar quem estava ouvindo a Rio Mar. Recordo que uma vez a professora Judi Tavares falou desse

jeito na sala de aula: 'A partir do momento que você se considera jornalista, você tem que ser jornalista, você não pode se considerar menos que isso!'. Pra você ver como tudo dá certo, todo dia eu ia para a Rio Mar, um dia choveu muito na cidade que alagou a Praça do Relógio e não tinha nenhum repórter na hora. Eu lembro que fui eu e a *****, mas assim, eu fui de curiosa ninguém da Rio Mar disse: 'Vai lá Larissa'. Até porque eu era aquela pessoa que só estava ali para o SOS Ribeirinho. Naquele momento estava com uma maquininha, minha primeira aquisição junto com um gravador, e aí comecei a fotografar. Cheguei na rádio ninguém ligou pra mim, mas eu lembro que a coordenadora falou comigo: 'O quê que tu viu lá Larissa? Entrevistou alguém?'. Eu falei: 'Não, eu não sabia se podia, mas eu fiz fotos.'. Aí a Diana disse: 'Não foto, tu sabe, né?!'.

Aí eu me sentei no cantinho que tinha na sala, sempre fui de pesquisar itens do Eu Repórter dos sites. Daí tinha o site do O Globo e pensei: 'Cara vou mandar'. Fiz um textinho de 300 caracteres, pouca coisa e mandei as fotos para O Globo. Fiquei na Rio Mar, a água baixou, teve reunião na Cáritas, depois fui pra faculdade e tal. Eu já tinha passado quase um mês na Rio Mar e nunca nem tinha passado perto do microfone. Lembro que eu me sentia importante porque me perguntavam as coisas da cheia. Dois dias depois, antes de eu sair da Rio Mar, chegou um e-mail informando que O Globo tinha publicado a minha matéria, dei um pulo grandão na redação, eu lembro que estavam dois coordenadores na sala, aí um falou: 'O que foi menina?'. Eu falei: 'Gente, eu não entrei ao vivo uma hora aqui, mas aqui dentro eu consegui uma coisa.', mostrei para eles a matéria publicada. A parte que mais me deixou orgulhosa é que não tinham mexido no texto. Daí eu senti o primeiro impacto da comunicação em mim. Porque mesmo estando no rádio, não entrei ao vivo, mas ali dentro eu pude vivenciar um pouco do jornalismo. Mesmo vivendo tudo ali, levando café para o padre, documento para *****, fazendo o administrativo e não o jornalismo, eu disse: 'Eu acho que é isso aqui que a área vai me oferecer se eu não conseguir galgar o meu lugar.'.

Tania: Como é que foi tua trajetória no jornalismo esportivo? Como está sendo sua trajetória? Como foi chegar ao jornalismo esportivo?

Entrevistada 1: Eu nem imaginava porque eu tenho uma paixão platônica, que eu chamo. Desde 2001 eu acompanho o Kaká; jogador; sempre. Eu tenho um acervo que o Mauro Naves disse que um dia vai fazer uma matéria comigo, são 6

mil fotos do Kaká; tudo eu recortava dele. Eu tenho dividido casamento, época do Milan, época do São Paulo. Então assim, eu sempre assisti, sempre tive um pé, mas eu nunca me imaginei trabalhar com jornalismo esportivo.

Até chegar no jornalismo esportivo foram quase quatro anos, porque depois da Rio Mar fui para o Distrito para manter a faculdade. Depois fui para assessoria da Secretaria de Cultura do Amazonas, em seguida Portal Amazônia, e nele a última coisa que me davam era o esporte. Eu fiz muito policial, muito factual, fiz tanto factual que eu me viquei até hoje em C.S.I., achava que iria virar perita de tanto que eu fiz a editoria de Polícia.

Era tudo estágio, quando foi em 2011 me ligaram da ***** mas era para o online. A parte boa é que era contrato e não estágio. Eu estava no 6º período, daí eu vim, em setembro de 2011. Quando eu cheguei já peguei duas transmissões: boi e réveillon, vivenciei o esporte também porque tinha resenha esportiva. Daí comecei a resgatar na memória a época do auge do esporte na ***** com o Rio-Nal. Todas as minhas fotos de criança, eu só conseguia dormir com o rádio ligado na *****. Quando foi em 2012, na virada do ano começou o campeonato, aí o técnico de áudio disse 'Larissa, a gente está precisando de uma produtora na equipe esportiva', que era formada por 6 homens. Eu aceitei. Comecei a ir acompanhar os jogos só pra postar foto, falar placar, cuidar da rede social da rádio; naquela época engatinhava ainda, o Facebook. Não tinha Instagram, Whatsapp. Aí eu comecei até que naquele mesmo ano, o ***** faltou, que era o repórter titular. Seu ***** disse que precisava de uma repórter. Eu não queria muito, mas aceitei. Eu gaguejava muito, gaguejava bastante, não conseguia dizer as informações, por mais que eu assistisse e gostasse, eu nunca me imaginei tendo que reportar aquilo no rádio.

Tania: Então não era um sonho trabalhar com jornalismo esportivo?

Entrevistada 1: Aconteceu, antes de chegar na parte de reportagem eu capturava áudio, comecei a produzir matéria pra resenha. Porque eu achava legal, estava lá mesmo, comecei a gostar e hoje eu digo que o esporte é algo muito fácil de você falar. No esporte a superação está bastante associada, quase você não fala em desgraça na área, é muito a questão da superação mesmo. Foi a primeira vez que eu entrei no esporte, acho que em outubro de 2012 como repórter, daí eu vi que fiquei envolvida e eu estou até hoje.

Tania: Como era o jornalismo esportivo que você fazia?

Entrevistada 1: Aqui na rádio a gente passou por uma mudança, eu vivi o esporte de ir para o interior cobrir jogo de 2012 até 2014/2015 porque veio a possibilidade da extinção da rádio na frequência AM. O futebol local, o esporte como um todo, não é algo que a pessoa pense que é a primeira coisa que os veículos vão divulgar, eles não vão divulgar! Isso é histórico e só quem faz esporte são os canais especializados. No portal, jornal, televisão e rádio, o esporte é uma coisa que só entra se tiver espaço, historicamente a vida do esporte é essa.

Vi que o esporte da rádio ***** seria extinto, daí comecei a perceber e pensei: 'É uma coisa que eu gosto tanto, não pode acabar dessa forma!'. Primeiro baque que veio foram as transmissões que começaram a diminuir, depois a AM saiu do ar. Como a AM saiu do ar a resenha também foi extinta, ela tinha 47 anos de existência. O baque maior foi quando seu ***** falou no ano passado: 'Olha, a ***** vai entrar, acabou o esporte, não tem espaço. Comercialmente falando não vou colocar futebol amazonense na FM.'. Aí eu me desesperiei porque eu faço tudo na rádio, eu devo muito a ***** , ela me moldou uma profissional eclética. Mas se alguém chegar comigo agora e perguntar o que eu quero fazer, eu vou para o esporte. Eu comecei a pensar de que forma a gente poderia falar. Sendo muito sincera com você, o esporte amazonense aqui na rádio, hoje, só a gente que gosta mesmo, falamos no ar e tem locutor que brinca, que rir. Nós já fomos proibidos de falar no ar de futebol local por locutor, não foi pela gerência ou pela chefia. Aqui quando eu falo na chefia de não ter, é não ter mesmo, cada um meio que é responsável pelo seu programa.

Então eu já sei muita coisa, sei o que eu posso falar e o que eu não posso, isso já garimpei. Quando foi ano passado eu pedi para o seu ***** 15 minutos no programa chamado No Giro pra fazer um quadro de esporte. Ele disse que era muito, somos cheios de comercial. Eu falei: 'Me dê 10 minutos!', ele disse 'Não'. Então disse: 'Me dê 5 minutos!'. Aí eu criei o quadro Sala 10. Esse nome porque a ***** existe por causa da AM, a FM tem 40 anos. Na época tinha a Sala 10 que era do J Nunes, onde ele entrava dando o resultado dos outros jogos. Então era a sala 10 do esporte da rádio. O ***** faleceu tem 3 anos, aí eu disse que iríamos

homenagear ele que era um arquivo vivo da rádio devido ser o funcionário mais antigo; único funcionário desde o fundador da rádio.

Tania: No Sala 10 é só mulher que faz?

Entrevistada 1: Não, a equipe é formado por mim, a ***** e o Zezinho. Dentro do Sala 10 eu tive a ideia de fazer uma transmissão de web radio. ***** já havia dito fora, o futebol amazonense não iria para FM como transmissão. Aí eu falei com o técnico de rádio, a gente fez o primeiro teste ano passado no jogo entre o Princesa e o Gurupi do Tocantins, pela Copa do Brasil. Nós fomos para Manacapuru fazer esse jogo. O ***** deu carro, mas assim tudo foi do nosso bolso: gasolina, lanche, internet, tudo, fomos pra lá. Quando chegamos lá, a gente trouxe um relatório de 89 pessoas que tinham escutado. Fora que o pessoal de Tocantins replicou o sinal. Então muita gente ouvindo pelo Brasil e não tínhamos noção. O Valdir gostou, disse que se nós tínhamos público pra isso poderíamos continuar. Assim, ano passado todas as nossas transmissões foram pela web. Nós tivemos resistência principalmente dos torcedores mais velhos porque queriam ouvir pelo radinho mas não tinha como.

Tania: -Agora como é a sua relação com os colegas dentro da empresa como jornalista esportiva? Como eles te vêem?

Entrevistada 1: De uns três anos pra cá eu tive mais acesso ao público de fora, jornalistas de fora, eu pude notar que aqui eu sou muito respeitada, porque lá fora os relatos são absurdos. Na ***** inteira são 85 funcionários, somente sete mulheres. Mas nunca vi os homens comentando sobre nós. Nunca me sentir assediada aqui dentro, discriminada na *****. O que acontece de vez em quando é chacota, tipo: “Só tu mesmo para viver o futebol amazonense!”. O seu ***** adora vir conversar sobre futebol comigo, adora perguntar. Ele diz pra mim: “Tu sabe mais que eu!”. Eu já senti algo próximo durante transmissão por parte de repórteres de campo antigos. É notável que você é nova e quando chega num ambiente com pessoas mais antigas há um impacto. Eles duvidavam tanto de mim no ar que queriam ficar me corrigindo onde não tinha erro, eu tinha convicção do que estava falando. Quando eu palestro, as pessoas perguntam como é o preconceito. Eu falo: ‘Primeira coisa o preconceito tu sente na pele quando tu duvida de ti, de tanto que os colegas duvidam.’. Chegou numa situação que colegas da imprensa chegaram comigo e falaram que ele estava me corrigindo.

No início eu não sabia como reagir, foi o primeiro impacto que tive na área. Teve partida de futebol semanal em 2012 que só tinha eu de mulher trabalhando. Eu nunca pensei em desistir frente a essas dificuldades, mas eu me benzi por diversas vezes para entrar no Sesi porque eu sabia que só teria eu de mulher e eu tinha que enfrentar jogador, comissão e os meus próprios colegas.

Tania: E os outros colegas da imprensa? De outras empresas.

Entrevistada 1: Eu sinto até hoje muito respeito, eles me respeitam muito.

No Sesi eu vivi a pior experiência de repórter. Quando acabou o jogo eu ainda estava ao vivo, o técnico foi expulso eu fui atrás dele, o rádio começou a chiar e eu não sabia se estava ao vivo ou não. Daí pensei: 'Quer saber, por mais que a gente não esteja ao vivo vou pegar a sonora dele porque foi expulso.'. Eu chamei o técnico na porta do vestiário, quando estava entrevistando ele um jogador percebeu que eu estava lá e que eu era uma mulher, daí ficou dançando atrás do treinador pelado. Aí eu esquivei meu rosto pra ver se era aquilo mesmo, daí quando eu fiquei vermelha, o técnico percebeu e olhou pra trás. Quando ele viu voltou rindo para a entrevista, mesmo assim continuei, só estava eu, não tinha mais ninguém de repórter lá. Quando eu terminei a entrevista, o treinador percebeu que eu desliguei o gravador e disse: 'Até parece que nunca viu homem pelado'. Eu respondi na hora: 'Professor, o que eu vejo ou deixo de ver fora do Sesi é problema meu e saí engasgada; querendo chorar. Saí tão abismada que errei o caminho. Depois encontrei a minha equipe, mas não tive coragem de contar, de tanta vergonha que eu fiquei. Estava com vergonha de sair do Sesi porque o caminho até o carro ia passar por este jogador.

Tania: Como foi encontrar com ele novamente em outra ocasião?

Entrevistada 1: Depois eu fiquei com tanta vergonha que eu cometi coisas que hoje eu não faria, tipo: 'Hoje tem jogo do Fast, eu dizia não por favor! Deixa eu cobrir o Rio Negro!'. Eu inventei três rodadas seguidas alguma coisa pra não cobrir o Fast. Ele me deu temor. Nenhum colega meu sabe. O interessante é que esse jogador hoje é jornalista. E pasme, ele não lembra. Eu já contei e ele falou: 'Larissa, eu não lembro, desculpa!'. Falei, você jamais faça isso alguém. Mas ele lembra da cena, mas não que era eu.

Teve outras situações com jogadores, de eu mandar uma pergunta pelo whats aap e o atleta já chamar para jantar, casar comigo, ir para o pagode. Teve

entrevista pessoalmente que quando terminava agradecia e o jogador falava: 'Obrigada não, vamos conversar!'. Já cheguei até a receber 'nudes' de jogador, do nada, e pedi desculpas depois. Hoje é menos porque depois de um certo tempo no futebol os jogadores ficam 'rodados', então eles vem e voltam e eu continuo aqui. Teve atleta que me abordou e disse que achava que eu não gostava de homem e disse: 'Eu gosto de homem, posso casar com jogador, mas não é caso no momento.'. Então com o tempo eles começaram a me respeitar. Não é a toa que a minha fama entre os jogadores é 'durona'.

Tania: Já sofreu assédio do público?

Entrevistada 1: Torcida. Ano passado eu estava chupando dindim e eles começaram a gritar palavras obscenas. Aí eu fiquei feliz porque um jogador que estava no banco pediu para pararem. Tipo, era um jogador novo que veio de Minas para jogar no time do Manaus. Eu fingi que não estava ouvindo. Eles gritavam: 'Olha como essa repórter chupa!'. Acho que isso incomodou o jogador e ele falou: 'Oh, você está ficando louco!'. Eu fiquei vermelha, não conseguia olhar para o lado. Lembro que teve um lance lá que o narrador me perguntou e eu deixei o dindim cair, as pessoas devem ter pensado: 'A Larissa deixou o dindim cair!', não eu fiz cair porque eu fiquei com vergonha. Não tive coragem de agradecer o jogador por conta de tanta vergonha, quando apitou eu fui para o meio do gramado, mas eu não passei por lá porque eu estava com vergonha do jogador e do torcedor.

Tania: Qual outra situação assim com torcida com público?

Entrevistada 1: Teve na ULBRA em 2013, eu passei para ir pra cabine e tinham 4 jogadores, dei boa tarde. Um deles disse: 'Oh, Larissa, mais tarde te chamo no whatsapp', aí o outro jogador falou: 'Ah, tu é dessas é?'. Eu segui para a cabine quando eu passei de volta o que tinha me provocado soltou: 'Oh, Larissa, vou pegar seu número com o *****.'. Aí eu passei, não conseguir falar nada, parece que a gente trava.

E com torcedor, eu encontrei um uma vez no pagode, acho que em 2014. Ele me viu bebendo, conversando com as amigas e se achou no direito de me pegar pelo braço. Falou: 'Vem cá, tu não é repórter?'. Eu disse na hora: 'Solta meu braço!'. Ele logo respondeu com um: 'Só quero que tu sente na minha mesa.'. Eu falava que queria que ele soltasse meu braço, ele falou que eu estava me achando pois

eu disse que iria chamar a segurança. A gente meio que começou a discutir, ele começou a levantar a voz, aí eu pensei: 'Não acredito que eu estou passando por isso não!'. A sorte que de tanto eu ir naquele pagode eu já conhecia o segurança e então eu o chamei e contei o que estava acontecendo. Ele perguntou se eu queria que ele tirasse o cara, eu disse que não, só queria que ficasse olhando. E eu pensando quem era aquele torcedor. Até que depois eu descobri que ele era torcedor do Rio Negro, porque em um jogo seguinte a gente se encontrou na Colina e ele soltou: 'Vou já jogar cerveja de novo, tá se achando, tá muito metida igual no pagode.'. Aí eu olhei e só encarei, sumiu também.

E ano passado que eu fui trabalhar e um cara veio falar palavrões nas redes sociais pra mim e para a *****. Foi a primeira vez no meio virtual. Eu sou uma pessoa que não aceita torcedor em rede social, mas como tinha marcado um colega ficou aberto para os amigos dele. Esse torcedor disse que era para eu e a ***** lavar louça. Isso aconteceu as vésperas do lançamento do Movimento 'Deixa ela Trabalhar', que eu faço parte a nível local e nacional.

Tania: Quantas mulheres participam nesse grupo local do Movimento 'Deixa ela Trabalhar'?

Entrevistada 1: 22 pessoas

Tania: Todas são jornalistas?

Entrevistada 1: Não, tem também fisioterapeuta, árbitra.

Tania: Mas jornalistas mesmo, são quantas?

Entrevistada 1: Das 22, temos 18/19 jornalistas.

Tania: Como você ver o jornalismo esportivo pra mulher?

Entrevistada 1: É muito desigual. Eu não consigo te dizer o porquê que é desigual. Eu queria conhecer uma mulher que tenha valor monetário maior que o homem, eu desconheço. O que me chama a atenção é que você não tem mulher liderando aqui em Manaus atualmente. Isso é em qualquer profissão, dificilmente tu vê uma mulher chefiando e ganhando mais que um homem, é algo cultural e social. Sinceramente eu não sei se um dia vai ser diferente. Falando sério, eu não tenho esperança alguma.

Tania: Como é que a tua família te ver trabalhando com esporte?

Entrevistada 1: Eu sou muito grata a minha família porque eu nunca criticaram as minhas decisões, nunca tive uma família que duvidou de algo que eu tinha

escolhido pra mim, desde ser jornalista. Meus tios me perguntam as coisas. Eu nunca senti falta de apoio. Meu pai é militar, super preocupado, já me perguntou se eu já tinha sofrido algo no jornalismo esportivo. Mas eu não tive coragem de contar porque eu fiquei pensando assim: 'Ele é pai, super protetor, não mora no mesmo Estado, militar, se eu conto algo pra ele vai ligar todo final de semana. Ele vai temer eu estar em estádio.'. Meu pai teme, sem saber o que já passei, apenas pela questão da segurança. Claro que o caso das redes sociais não teve como a família toda não saber.

Tania: O que o jornalismo esportivo representa na tua trajetória?

Entrevistada 1: Jornalismo esportivo representa pra mim uma outra profissional mesmo, porque foi através dele que eu lembrei que sempre tive dentro de mim a vontade de fazer evento pra área. Quando eu era estudante só tinha um seminário, o da Rede Amazônica, e em quatro anos de faculdade eu só participei de um porque era muito caro. E eu sempre botei na minha cabeça, eu vou me formar, vou ajudar esses estudantes porque eu sei o que é você sentir falta disso. O jornalismo esportivo me moldou uma profissional de verdade, é uma coisa que gosto mesmo. O esporte te leva a situações de superação, de resiliência, da perseverança, te leva a histórias fantásticas. Daí coloquei em prática o Simpósio de Jornalismo Esportivo de Manaus que organizo. Esse ano será a quarta edição.

Tania: Qual foi a cobertura inesquecível do esporte?

Entrevistada 1: O jogo Nacional x Vasco pela Copa do Brasil porque depois de muito tempo uma equipe do Amazonas chegou numa fase avançada da competição. Eu vi o SESI lotado e apesar de mais da metade da torcida ser vascaína, o clube amazonense estava em ascensão, em evidência. Todo mundo estava observando aquele jogo. É como se o Brasil colocasse os olhos para cá, e lembrasse que aqui também tem futebol. Nós sofremos um preconceito nacional de que aqui não tem. A inauguração da Arena da Amazônia também foi inesquecível, eu fui quando estavam construindo e depois vi de 'pé'.

Tania: Qual a diferença entre fazer uma matéria do dia a dia e o trabalho de fim de semana na editoria de esportes?

Entrevistada 1: Durante a semana eu posso explorar mais, produzir mais, não falar o básico. Todo o desafio do jornalismo esportivo é não falar só do gol, por

exemplo. Porque do gol todo mundo está vendo. No fim de semana você tende a falar mais do jogo em si, quem ganhou, quem perdeu.

Tania: Como você ver a questão do gênero no jornalismo esportivo?

Entrevistada 1: A mulher está em ascensão porque vivendo isso no dia a dia eu observo mais a participação feminina, mulheres querendo trabalhar na área.

Tania: Quais são as qualidades e requisitos necessários pra quem é mulher e deseja entrar nessa área de jornalismo esportivo?

Entrevistada 1: Mesmo de um homem: imediatismo, conhecimento, rapidez, improviso e entendimento.

Tania: Tem uma qualidade específica que a mulher tem e o homem de repente falhe no jornalismo esportivo?

Entrevistada 1: A mulher precisa ter confiança, o homem já se acha autoconfiante. A mulher tem que ter a confiança dobrada.

Tania: Como deve-se preparar para esta área?

Entrevistada 1: Tem que fazer uma faculdade, não quero está trabalhando com uma pessoa curiosa ao me lado, quero uma pessoa formada em respeito a mim e aos demais profissionais. Fazer cursos é importante, tem versões online, palestras. Quanto mais se puder agregar, assistir TV, escutar rádio, ler jornais e acessar conteúdos da internet melhor estará preparado para este mercado cruel.

Tania: Você prefere escrever sobre futebol ou esporte amador?

Entrevistada 1: 95% dos meus textos é sobre futebol, mas eu também escrevo sobre outros esportes. É mais fácil escrever sobre futebol porque os esportes amadores não são divulgados como deveriam. Se tu colocar no Google encontra várias tabelas de jogos de diversos times, no caso de outros esportes é mais difícil ter acesso aos dados.

Tania: O que não pode faltar no conteúdo do jornalismo esportivo?

Entrevistada 1: Uma história diferente.

APÊNDICE L – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA ABERTA COM A ENTREVISTADA 2

Tania: O que foi que te levou a comunicação? Por que jornalismo e outra área?

Entrevistada 2 : Eu acho que a utilidade pública que o jornalismo tem me trouxe esse desejo pela área. Quando era bem menina eu praticava atletismo e gostava do que o jornalismo fazia, no caso jornal impresso, mas tinha TV. Como eu tinha um destaque no atletismo e gostava muito de corrida de rua, também praticava na Vila Olímpica, comecei a aparecer de forma tímida nos veículos de comunicação por ganhar as competições. Eu morava no interior, no Iranduba na época, e aquilo foi crescendo e eu não queria mais apenas aparecer, queria divulgar e mostrar coisas que eram interessantes que pudesse ajudar outras pessoas, então isso me atraiu, a utilidade.

Tania: E quanto tempo já como jornalista?

Entrevistada 2: Eu formei em 2006, fiz UFAM, mesmo com greve só eu e uma colega nos formamos no tempo certo. Na nossa área o pessoal começa a ir muito cedo para o mercado, né. Então eu já fui para o mercado no finalzinho da faculdade, mas desde o 2º período eu já participava de projetos, fiz Pet, Pibic, estágio na UFAM. Foi uma fase muito bacana da vida.

Tania: Então começou em 2005?

Entrevistada 2: 2005 eu fui fazer estágio na Prefeitura, na assessoria de comunicação. 2006 eu fui contratada e ainda era estudante. Em 10 de setembro de 2007 eu iniciei no *****, mas eu continuava na assessoria porque eu peguei o mandato do Serafim Corrêa.

Tania: E o que você fez no *****? E qual função?

Entrevistada 2: Função repórter, editoria basicamente de Esporte mas já no finalzinho, oito meses antes de sair eu fui pra Cidades. Nos meus plantões eu continuava pagando em Esporte. Fiquei seis meses em Cidade e dois meses em Economia, aí sai de lá e fui fazer Economia no *****.

Tania: E você passou quanto tempo no *****?

Entrevistada 2: Dois anos, fiquei de setembro de 2007 até metade do ano de 2010. A gente não chegou a completar 3 anos não, acho que foi em junho/julho que eu saí do *****.

Tania: Como foi sua trajetória dentro do jornalismo esportivo?

Entrevistada 2: Foi gostoso, desafiador. Eu já entrei numa vaga que era ocupada pela ***** que era mulher e o editor o ***** tinha essa abertura para ter mulher na equipe. Embora até hoje, a partir do que a gente conversa colegas, ainda tem preconceito principalmente no futebol. No esporte amador a gente é até bem visto, sabe não tem muita piadinha, não tem muito essas questões e a gente consegue ter uma penetração muito boa, conversar uma interação.

Tania: Então quer dizer que você já sabia que a vaga era para o jornalismo esportivo. Você participou do processo seletivo sabendo disso?

Entrevistada 2: Eu já fui sabendo. Quando surgiu a vaga eu já tinha feito estágio com a ***** , a gente é da mesma turma da UFAM, e passamos no processo seletivo da Prefeitura na mesma época. Quando surgiu a oportunidade de ir para o mercado ela foi, eu estava com a minha mãe doente na época e eu preferir o serviço público porque tinha uma flexibilidade enquanto ao horário. Aí ela já estava 1 ano/2 anos no jornal e quando ela saiu, esse editor disse que tinha uma vaga e começou aquela coisa de indicação, conversou com algumas pessoas, e aí eu tive um colega que falou: 'Olha está tendo essa vaga, vai lá e participa da seleção.'. E eu fui lá, lembro que o teste era fazer uma materinha, duas, e uma delas já foi publicada. A primeira que eu fiz era o Campeonato Brasileiro de Ginástica Rítmica, nunca tinha nem ido para uma cobertura de esportes. Na época que eu frequentava a Vila a gente sempre ia lá, gostava de assistir e tal, mas assim não era de conhecer regras, conhecer as pessoas e foi muito bacana.

Tania: Ou seja, foram dois anos praticamente na editoria de esportes?

Entrevistada 2: Foram dois anos e meio de esporte, e assim a gente fala amador e profissional se referindo ao esporte, mas a gente sabe qual a situação. Naquela época, era a série D do Brasileiro e até hoje a gente chama de profissional, embora não seja tão profissional assim. Mas o pessoal do profissional recebe salário, o do amador não recebe salário ou é muito pouco. Na época a gente ainda tinha programas do Governo. Não sei como está a situação hoje, mas na época a gente tinha os projetos das bolsas de atletas profissionais, então tinha o Centro de Treinamento de Alto Rendimento. Entre o esporte amador ainda tinha os atletas que realmente iam para grandes competições, hoje já tá bem reduzido isso. Então antes eles ganhavam bolsas para se dedicar exclusivamente ao

esporte. Então nessa época tem o Sandro Viana, a Bianca Maia, filhos dessa época de incentivo.

Tania: Como era sua relação com os colegas de redação?

Entrevistada 2: Era uma equipe muito enxuta formada por dois repórteres, um editor e um sub editor. A relação com as outras editorias era boa.

Tania: E entre os colegas da editoria de esporte?

Entrevistada 2: Sempre foi uma equipe bem respeitosa, a gente sempre via o interesse da chefia, tanto do editor quanto do sub em aproveitar o que você tinha de talento, e eu procuro levar isso até hoje porque lido com estagiários. Então a gente procura explorar o que a pessoa tem de melhor. Por exemplo no futebol a gente cobria o campeonato campeonato amazonense que tinha série A, série B. A gente fazia uma divisão de três times pra cada um, às vezes até o sub pegava um ou dois times para cobrir e eu acompanhava o Nacional, América, Sul América; o que eu mais cobria mesmo era Nacional. Então eu acabava tendo as afinidades, as fontes, mas havia um respeito muito grande.

Tania: E na hora da divisão você sentia alguma distinção por você ser mulher?

Entrevistada 2: Nessa época eu não sentia isso não, a não ser questão de afinidade. Tipo, o ***** é fogo, um técnico durão, super durão. Ele teve temporadas no Nacional. ***** também era super durão. Não lembro o nome dele agora, mas lembro que riu na minha cara porque não sabia detalhes de formação, por exemplo 3-5-2, 4-4-2. Ele falou da formação do time, eu não entendi e perguntei, daí ele disse tipo assim: 'Pow, tu quer me entrevista e tu não sabe o que é que é isso?'. Aquilo de certa forma foi uma chateação muito grande e eu sei que estava bem relacionado a ser mulher, não só o fato de eu não saber, se fosse um homem ele teria sido agido diferente, teria explicado como já vi. A gente por ser jornalista tem meio que uma obrigação de saber de tudo, mesmo sem saber de nada, e tenta buscar as perguntas para obter respostas de quem sabe para fazer o texto. Foi uma das situações que eu me senti, de certa forma, agredida. Eu tenho o problema, de as vezes, uma coisa que me afeta muito apago da minha memória, eu não estou mentindo eu tenho isso assim.

Tania: Mas e com os outros colegas de profissão, que não eram do ***** . Como era esse relacionamento com eles?

Entrevistada 2: No geral era bom, mas é claro que tem aquela situação tipo: “Ah, você é mulher, você consegue esse tipo de informação”, ‘você é mulher, vai com cuidado porque esse técnico, aquele jogador, é assim, é assado’. Então tinha isso, as vezes era brincadeira mas não era legal. Mas tinha outra que era tipo de orientação, ‘fica ligada’.

Tania: Você lembrou dessa, né. Mas tinha outra que você escutou?

Entrevistada 2: Tinha piadas as vezes de jogador, aquelas xavecadas ou meio paqueras. Naquela época não era tão comum, a gente utilizar os nossos celulares particulares. Para usar o celular na redação a gente tinha que entrar na filha porque as vezes os números da redação não estavam ligando para celular. Eu lembro que estava no celular da redação e liguei para um jogador, quem atendeu foi a esposa e foi uma situação constrangedora. Quando eu falei ‘fulano’ não deu nem tempo de me apresentar porque ela já ficou irritada, talvez achou que fosse uma namoradinha ou possível sei lá. Então eu ficava meio com pé atrás de ligar, principalmente se fosse final da tarde.

Tania: Agora dentro da empresa você nunca sofreu nenhum assédio?

Entrevistada 2: Não.

Tania: E da parte de esportistas?

Entrevistada 2: Principalmente de jogador de futebol, mas não era uma coisa tão frequente. Eu não tenho um porte de mulherão do tipo bonitinha, sempre fui magrinha então sempre me viam como menininha, claro que com o tempo você vai ganhando respeito, ‘ela faz matéria certa’, ‘ela deu um furo’, não só pelo furo, mas pelas informações corretas. Então, com o tempo você vai conquistando. Mas eu não era o típico mulherão, então não era aquela pessoa que de olhar já se atrai. Eu acho que isso também, de certa forma, dava uma aliviada para mim.

Tania: Quando acontecia esses tipos de assédio, como era?

Entrevistada 2: Era mais paquerinha. Eu cortava até porque na época eu casei em 2008, sempre procurei ficar bem reservada. Na época que eu trabalhava no jornal já tinha um compromisso serio, não era casada mas já tinha meu namorado. Nunca fui de dar muita abertura, acho que tudo isso cooperava para não ter esse tipo de situação, mas mesmo assim ainda acontecia.

Eu lembro até que teve um jogador que não era casado e ele ligou algumas vezes para o meu telefone, eu lembro que até o irmão dele me ligou querendo que eu

tivesse alguma abertura com ele. Eu disse: 'Olha, se o contato é em relação a isso, não me ligue porque eu não tenho esse tipo de intenção. Meu interesse é apenas profissional porque ele é um atacante em ascensão no esporte'. No esporte amador não era tão frequente, aconteceu um caso ou outro, mas no futebol era diferente.

Tania: Por parte do público?

Entrevistada 2: Eu sempre me senti um pouco mais discriminada com relação ao futebol, o torcedor de futebol é um é bem exigente. Na verdade, quem acompanha esporte, assim como quem acompanha economia e política em geral são pessoas que de fato conhecem aquele assunto no sentido de que tem interesse. Ele está ali sempre ouvindo, lendo, acompanhando, ele procura estar próximo. E o torcedor de futebol está no pé, ele está no campo. E por exemplo se der uma informação errada ele te questiona de forma incisiva, as vezes desrespeitosa, porque não acontece só a questão do assédio sexual, o moral também é frequente. Quando você faz alguma coisa que não agrada aquele torcedor, ele chega lá com você chama a sua atenção, te ofende. O torcedor amador fala também, mas no geral ele quer mais o teu apoio.

Tania: Que tipo de assédio moral ou outro tipo de assédio você sofreu com esse público?

Entrevistada 2: Tipo, de dizer que você não entende de futebol, xingaram pelo fato de eu ser mulher, mas não eram coisas frequentes.

Tania: Como era esse tipo de xingamento?

Entrevistada 2: As vezes não eram xingamentos com palavras, eram com risadas. Na beira do campo ouvi: 'Sai daí, vai fazer outra coisa', 'vai para casa', ou 'futebol não é para mulher'. Não era uma coisa frequente, mas acontecia.

Tania: Como era a tua reação nesses casos?

Entrevistada 2: Eu geralmente não revidava, eu sou do tipo que não fala muito de cara, ficava mais na minha, algumas vezes revidei, tipo: 'Futebol não é coisa de mulher mas eu estou aqui, eu vou fazer!', 'Se não fosse coisa de mulher não estaria aqui!', 'Vê amanhã no jornal!'. Não de bater boca, mas as vezes eu procurava dar uma resposta com uma palavra, com um olhar e principalmente com o meu próprio trabalho.

Tania: Os colegas de profissão que viam isso riam de você?

Entrevistada 2: Não cheguei a acompanhar isso no campo, porém quando ainda estava se levantando a hipótese de Manaus ser sede da Copa do Mundo fui a uma coletiva e o jornal que eu trabalhava fazia oposição ao Governo e uma das perguntas que fui orientada a fazer pela diretoria era: Quais as chances de Manaus receber a seleção brasileira? E o governador riu e disse no tom irônico: 'Só Jesus sabe', e eu me senti humilhada. Nessa situação eu senti que teve colegas que se seguraram para não rir, alguns até constrangidos por mim. Fiquei muito mal e chateada porque foi sarcástico.

Tania: Agora com relação a salário, tinha uma diferenciação dentro da editoria de esportes?

Entrevistada 2: Tinha, mas era mais por conta de tempo de casa, do que por ser homem ou mulher exercendo o cargo.

Tania: Tinha uma diferenciação salarial entre a editoria de esportes e as demais?

Entrevistada 2: Sim, por exemplo na época quando eu entrei na editoria de esportes recebia, tipo, R\$1500, e quem entrava em Cidades era R\$1700. O pior é que só sabíamos o horário que iríamos sair em dias comuns, mas nos fins de semana, na quarta-feira e em época de competição esportiva não era assim.

Tania: Sinceramente, essa diferença salarial te incomodava?

Entrevistada 2: Me deixava chateada porque o que me exigia de informação de qualidade, que me exigia de notícias, de reportagens, exigiam também de Cidades, por exemplo, é claro que tudo tem o perfil de quem está na condução dos trabalhos. Infelizmente o esporte não tinha o mesmo peso do que tinha Cidades, Política.

Tania: Como é que sua família te via trabalhando na área do jornalismo esportivo com todas essas dificuldades relatadas?

Entrevistada 2: Meus pais não achavam estranho porque assim, a gente morava basicamente perto de um campo de futebol, minha vida na escola foi brincando de bola, eu sempre gostei muito de futebol, mas assim sempre foi no tom de brincadeira não de competição; o que eu competia era atletismo. Então quando eu fui cobrir o esporte meio que era uma nova fase do que eu já tinha vivido na minha infância e adolescência.

O que eu percebia deles era só orientações de cuidados e restrições. Meu namorado que hoje é meu esposo também pedia para tomar cuidado, mas ele

sempre me apoiava. Ele não é da mesma área que eu, é geólogo. Para alguns isso poderia até conflitar, mas para gente não, sempre estive do meu lado. Depois de algum tempo, eu mesma passei a me incomodar com os xingamentos, palavras obscenas. Algumas torcidas tinham isso muito forte e sempre achei um exagero. Porém esta editoria não teve tantos incômodos no geral, pior é cobrir Polícia, ver cadáver; sendo exposta em alguns lugares.

Tania: E quais foram os principais desafios que você enfrentou para se manter na área de esportes na época que você estava lá?

Entrevistada 2: Eu acho que o desafio era claro, o de superação, de que todo dia você tinha que matar um leão, mas as vezes você tinha que criar o leão. Porque as vezes o esporte estava muito fraco, tem épocas do ano que o profissional acabou e acabava o amazonense, ficava a produção fraca e às vezes a gente não tinha os campeonatos do amador; era uma oportunidade que a gente tinha de fazer aquelas matérias pautadas, mais trabalhadas. Por outro lado, a gente se deparava numa situação difícil, de fazer matéria mostrando que não tem dinheiro para viajar e competir, que não tem apoio do governo, isso também era ruim. Sabe a história de pegar o limão e fazer limonada? Era fazer limonada mesmo para fazer aquilo ficar gostoso, para que aqueles atletas pudessem ser conhecidos pelo seu trabalho e serem valorizados; muitas vezes nosso trabalho era esse: mostrar o esporte que estava sendo feito.

Tania: O que o esporte esportivo representa na sua carreira que já tem mais de 9 anos?

Entrevistada 2: Uma fase muito gostosa, para mim o jornalismo esportivo foi uma escola. Claro tinha suas regras particulares, seus jeitos de fazer jornalismo, mas foi uma escola boa, me permitiu conhecer muita gente, fui cobrir campeonato fora. Aqui mesmo quando Cielo veio, foi um furo que eu dei muito bacana e descobri através de fontes do esporte amador.

Tania: Então você pode considerar o jornalismo esportivo um tripé para o seu crescimento?

Entrevistada 2: Sim, faz parte. Acredito que por onde você passa vai subindo uma escadinha, então não foi nenhum trampolim.

Tania: Você fez alguma cobertura fora do perímetro de Manaus?

Entrevistada 2: Sim, fiz na região metropolitana, fiz em Recife um Campeonato de Motocross; a única fora do Estado. Tanto para esporte amador como futebol. Mas basicamente fazia futebol fora de Manaus.

Tania: Qual foi a cobertura inesquecível?

Entrevistada 2: Teve um jogo do Nacional com o Atlético Mineiro que o jogador Garanha jogou muito. Logo nos cinco primeiros minutos do jogo ele quebrou a cabeça, o sangue escorreu, todo mundo ficou apreensivo. O árbitro parou o jogo, o médico foi até lá, acho que não levou nenhum ponto, creio que só enfaixou e passou alguma coisa para evitar o sangramento. Depois no decorrer do jogo o Garanha fez um gol de cabeça espetacular. Perto do fim do jogo, a torcida pedia o término desesperadamente, mas daí teve um escanteio e o Atlético empatou. O que marcou foi a garra do time, o Garanhão foi bravo. Tudo foi a flor da pele, resultou em uma matéria rica em detalhes.

Tania: Qual a diferença entre fazer matéria diária e a de fim de semana?

Entrevistada 2: O conteúdo de fim de semana requer uma apuração maior, o ***** é meio que notícia, factual. O fim de semana você tem a responsabilidade de fazer uma grande reportagem, nem sempre você traz; mas esperasse que seja assim.

Tania: O que o texto do jornalismo esportivo deve ter, o que não pode faltar? Quais são os elementos necessários?

Entrevistada 2: Os critérios de noticiabilidade que se usa no jornalismo serve para qualquer área, mas no esporte por ele ser um jornalismo especializado tem que saber falar diretamente com o público dele. Então quando escrevo um material de futebol tem aqueles termos que trazem os apelos do leitor. Você precisa conhecer o perfil daquele leitor já que ele liga para o jornal. Principalmente sensibilidade, porque muitas vezes os detalhes importantes não estão na fala, mas na tua observação, por exemplo. Tem vezes que os técnicos não dizem o esquema do jogo e daí somente prestando atenção se consegue descobrir antes da partida. Outra coisa, é que o jornalismo esportivo tem que ter emoção no texto, não pode ser frio.

Tania: Há diferença entre o texto feito por mulheres e os por homens na editoria de esportes?

Entrevistada 2: Eu creio que a percepção dos fatos faça a diferença nos textos feitos por mulheres; não que a matéria seja cheia de “florzinhas”. É que tem mais detalhes. Às vezes a gente consegue dar um olhar diferenciado, um detalhe, uma forma de a pessoa se expressar mesmo. Há textos muito objetivos, aquela coisa bem técnica, e nós fazemos diferente, nos atentamos e pegamos até características corporais, por exemplo.

Tania: Como era a sua relação com as fontes? Como ela foi construída?

Entrevistada 2: Ela é diária, a minha equipe era muito boa. As minhas fontes eram as fontes dos meus colegas, inicialmente, e a partir eu fui construindo o meu próprio relacionamento com eles. Tinha fonte que ligava toda semana passando informações.

Tania: Se fosse para decidir agora, você tem escolher entre escrever uma matéria de futebol e uma de esporte amador. Qual que você escreveria e por que?

Entrevistada 2: Depende muito do momento, vamos supor que se tem algo bacana no futebol profissional ou até mesmo no amador, com os juniores, optaria por fazer. Mas não tenho uma preferência definida.

Tania: Mas é mais fácil escrever sobre futebol ou esportes amadores?

Entrevistada 2: É mais fácil o amador, devido a pressão ser menor.

Tania: A pauta do jornalismo esportivo amazonense é diferente da nacional?

Entrevistada 2: Completamente diferente, embora tenha aquelas regras básicas do jornalismo. Algo importante de saber é quem vai ler as matérias, então é preciso focar sempre no público.

Tania: Qual sua análise sobre a figura feminina no jornalismo esportivo?

Entrevistada 2: Que tem muito chão pela frete. A mulher já conseguiu muito espaço, tem respeito, mas ainda há muito preconceito, muitos problemas de assédio e não só no esporte, é a mulher no mercado; mulher na vida. Não é uma questão particular do esporte mas educacional, cultural da sociedade. A sociedade brasileira precisa respeitar a mulher como pessoa, como sujeito, como um ser agente. Nós não somos menos por ser mulher, não é menos por ser sexo feminino, ela é a profissional. Se ela tem deficiência ou não no que está fazendo pode ser uma consequência da formação dela e não porque é mulher. Fato de ser

mulher não é condição de ser melhor ou pior, mas infelizmente isso ainda é preponderante para as várias áreas, não exclusividade do esporte.

Tania: Como você ver a questão do gênero no jornalismo capital amazonense?

Entrevistada 2: A gente ainda tem dificuldades por ser mulher. Se percebe que o gênero feminino ainda entra recebendo menos salarial, embora com aquela desculpa de que ainda é iniciante porém nem sempre é por isso. A promoção demora mais a chegar para mulher.

Tania: O que se esperar do jornalismo esportivo?

Entrevistada 2: Nós estamos no momento de se reinventar, de conviver e avançar com toda essa tecnologia, com todas as mudanças que a gente vem sofrendo na sociedade sejam no âmbito tecnológico, de atitudes, políticas, culturais. A gente passou e vem passando por um momento conturbado, e isso vai impactando na área, no jornalismo que se faz.

Tania: Quais são as qualidades, na sua concepção, que são necessárias para entrar na área do jornalismo esportivo?

Entrevistada 2: Tem que gostar de esporte, além do básico: saber escrever, ouvir as pessoas, entrevistar, apurar. É preciso acompanhar o esporte, caso contrário não vai conseguir produzir, lidar com o público.

Tania: Como se preparar para essa área?

Entrevistada 2: Estudar, ler, ir a competições, produzir sobre, mesmo que do seu jeito; sem uma técnica apurada; além de praticar esporte. Networking é fundamental, ajudar muito.

APÊNDICE M – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA ABERTA COM A ENTREVISTADA 3

Tania: Por que comunicação social com habilitação em jornalismo e não outra áreas?

Entrevistada 3: Na verdade não foi um sonho de criança. Eu sempre fui muito comunicativa, minha mãe conta que eu pegava as antigas fitas e gravava programas fingindo que era apresentadora. Mas eu sempre desejava fazer Direito, porém no ensino médio diante de produção de texto, literatura, conversas com a minha professora de português, acabou que despertou esse lado do jornalismo, de acreditar que através da profissão de jornalista eu poderia colaborar de alguma forma com o mundo, na vida das pessoas, na justiça, na verdade. Enfim, no terceiro ano decidi fazer jornalismo. Eu cursei faculdade no Uninorte, instituição particular. Particpei do projeto de agência de comunicação na faculdade, gostei bastante.

Tania: Como você entrou no jornalismo esportivo?

Entrevistada 3: Eu nunca trabalhei em outra área, sempre foi no jornalismo esportivo. Abriu uma vaga de estágio na Secretaria Municipal de Esportes e fiz o teste. Passei, e logo de cara foi uma experiência muito boa. Na primeira semana já foi um desafio porque a assessora de comunicação da época viajou para Portugal. Fiquei desesperada porque nunca tinha trabalhado, estagiado, na área. Havia uma outra estagiária que me ajudou muito junto com o fotografo que tínhamos lá. Como sempre pratiquei esporte, mas nunca pensei em ser jornalista esportiva eu tive que pesquisar muito. Então eu observava como a colega fazia as atividades. 6 meses depois eu estava olhando os classificados e vi uma chamada no jornal impresso para estagiário do caderno de esportes do jornal *****, onde passei um bom tempo. Me inscrevi e participei do processo de seleção e quando cheguei para fazer o teste só tinha homem na fila, que fazia voltas. Eu pensei: “Não vou passar!”. Lembro até hoje o assunto da pauta: o XTerra, que foi realizado dentro de uma área militar em Manaus. O editor chefe *****, na época, conversou comigo por conta do que eu produzi. Acho que levei vantagem frente aos colegas porque eu conhecia muitos atletas locais devido estagiar na Secretaria. Conversei tranquila com o editor sobre os detalhes dos participantes,

do evento. Quando foi na tarde daquele mesmo fui avisada que havia passado no teste. Foi a época que me desliguei da Secretaria e fui para o caderno *** para também ser estagiária. Fiquei um ano no impresso. A equipe era formada pelo editor-chefe, quatro repórteres e eu de estagiária. Somente três meses antes de me formar fui contratada. Eu fui para o jornalismo esportivo porque eu quis, fui atrás disso. Eu vi que a partir dali também podia contribuir com a vida das pessoas, no sentido de mudança mesmo. Um atleta que precisava de patrocínio a gente fazia uma matéria, e partir dali ele conseguia algo. Eu me envolvi com o meio sem perceber, cheio de possibilidades de histórias; das tristes à alegres.

Tania: Como foi a sua relação com os colegas de redação na época que estive no caderno de esportes?

Entrevistada 3: O meu primeiro grande impacto foi com o editor, muito difícil. Eu passei uns três, quatro meses chorando todos os dias. Era visível o preconceito que ele tinha contra mulheres. Ficava sempre me questionando: ‘Meu Deus se ele tem tanto preconceito assim porque ele resolveu me contratar?’ Achava que era um teste, queria ver se eu aguentava aquilo.

Tania: Mas o que ele fazia?

Entrevistada 3: Quando ele ia corrigir meus textos, por exemplo, claro que pelo fato dos meninos estarem há mais tempo tivesse até mais respeito, sentia que ele era grosso comigo. Tipo, ele colocava minha cadeira perto dele e começava: ‘isso aqui eu não gostei não!’, ‘isso aqui tu muda!’, ‘isso aqui não dá para usar!’, tudo em tom de arrogância e esnobando, ou então ele me entupia de matéria. Enquanto uns e outros faziam uma, duas ou três matérias por dia, eu pegava 6, 7 pautas por dia. Eu tinha que dá meu jeito. Então eu tinha que fazer umas duas páginas, produzir e produzir. Antigamente o caderno tinha muitas páginas, era uma editoria grande.

Eu entrava no início da tarde e às vezes eu saía praticamente junto com o editor, à noite. Eu perdi muitos dias de aula com isso, fiquei até com medo de não conseguir me formar. Fora os tipos de tratamento ríspidos tinham as brincadeiras pesadas, brincadeira sensual de não respeitar que a gente estava na sala, intimidades não só dele mas questionando como era a minha. Eu odiava isso! Eu ficava sentada na cadeira e ele tinha um negócio de vim por trás de mim e ficar mexendo na alça do meu sutiã, o colega que sentava ao meu lado percebia meu

mau estar e sempre tentava meio que ajudar. Ai, eu fico até nervosa quando falo sobre isso! (entrevistada chora – paramos um tempo para ela se recompor e continuar caso se sentisse a vontade)....

Era muito difícil, ficava pensando: ‘Meu Deus, se eu falar para coordenação do jornal serei demitida. O que irá pesar mais? Anos de carreira do meu editor ou eu, uma simples estagiária que está começando agora?’

Então reuniões de pautas a gente pesquisava muito pra dar uma ideia para ele e tal. Eu lembro que em uma delas fui falar do Vanderlei que é um corredor, e por ignorância dele, eu acho, que não conhecia esse corredor que é olímpico; inclusive; aumentou a voz comigo, falando: ‘Como eu levava uma pauta assim, sem base!’. E aí um dos integrantes da equipe de reportagem, um excelente repórter na época, me defendeu, dizendo: ‘Não, esse corredor é um dos melhores que tem, talvez o senhor não conheça’. Tinha esse tratamento da grosseria mesmo, do assédio, porque eu via isso como assédio. As vezes eu ficava até tarde fazendo as coisas no jornal e quando eu estava chegando em casa ele ligava para reclamar, o que tinha que fazer no outro dia, isso 22h/23h. Não tinha limite, coisas que eu não via acontecer com os meninos. Eu tenho muito a falar dele no sentido de machismo, mas dos outros eu sempre fui muito bem recebida, sempre me trataram muito bem, sempre tentavam me ajudar. Tinha momentos que eu me trancava no banheiro para chorar e um deles ia me ajudar. Como os outros meninos eram muito bons, olhavam meus textos falavam quando estava bom, onde eu precisava melhorar.

E aí depois conversando com as outras jornalistas que já tinham passado lá, eu realmente percebi que era problema com mulher. Ele conseguia crescer diante de um sexo frágil, digamos assim. Nessa época minha mãe via o horário que eu chegava em casa e não queria de jeito nenhum que eu continuasse, mas eu sempre fui assim: quanto mais você faz pra eu desistir, mais eu quero te provar que sou capaz. Naquela época eu ainda tinha fôlego para isso, hoje eu já não tenho.

Tania: E como contratada, com carteira assinada, você ficou muito tempo no jornal?

Entrevistada 3: Como não melhorava esse assédio, eu tinha recebido em janeiro uma proposta para ir pra editoria de Cidades, já estava disposta a aceitar para

sair dali; não é que eu não gostasse mais de jornalismo esportivo é porque eu já não aguentava mais conviver lá. Três dias depois, o secretário de esportes do município, do lugar que estagiei no início da carreira, me chamou pra ser assessora. Foi quando eu vi uma luz pra poder sair dali porque eu já não aguentava mais. Eu fui contratada em janeiro e já saí, não fiquei nem um mês.

Quando eu sai de lá, eu fui com a chefe de redação e contei tudo para ela. Eu disse: ‘Olha ****, tu pode não perceber o que acontece na redação, mas a gente sofre assédio moral, psicológico, desrespeito mesmo.’. Contei tudo, achei que ela poderia naquele momento tomar alguma rédea da situação, mas assim pelo que eu vi nada foi feito. Então, eu dei graças a Deus por ter saído de lá, porque eram situações bem típicas, todos os dias praticamente eram as mesmas coisas.

Tania: Mas ele nunca te paquerou ou te fez um convite assim malicioso?

Entrevistada 3: Não, isso graças a Deus não aconteceu porque acho que eu realmente não aguentaria. O negócio dele era mais a grosseria, chamar palavrão, ligar sem ter horário pra nada, mandar e-mail de alguma forma ameaçando continuar ou não na equipe se não conseguisse em tal prazo realizar o que era pedido. Essas coisas que eu te falei de ficar puxando a roupa aconteciam quase que diariamente. E assim, também uma das coisas que pesou para a minha saída foi o fato de que dois meses antes de sair do jornal ter começado a namorar um colega da equipe, foi uma surpresa. Nós éramos amigos e acabou acontecendo, e como nós tínhamos esse chefe eu não quis na época revelar. Nós optamos por não expor a situação justamente por ele, pelo chefe, a gente entendeu que se isso ocorresse a minha situação iria piorar.

Tania: Por que você acredita que ele te contratou?

Entrevistada 3: Eu acho que ele gostou do que eu fiz porque não iria apostar uma vaga se eu não soubesse de nada. Mas eu soube que os meninos apoiaram muito quando eles viram meu texto. Ficou entre eu e um rapaz, quando viram o texto eles me contaram que falaram: ‘A Natália realmente é a mais preparada, acho que vai ter menos dor de cabeça aqui’.E aí ele optou também pelo apoio da equipe, e como ele já tinha esse histórico, eu acho que viu ali: ‘Ah, vou poder fazer o que eu quiser, o que eu não posso fazer com os meninos’, porque os meninos engrossavam a voz, eram homens e não iria fazer nada com eles.

Tania: Com relação aos colegas fora do jornal acrítica, como foi?

Entrevistada 3: Com os colegas em si, tipo fotógrafos, jornalistas de outros veículos, sempre foi muito tranquilo também, sempre me respeitaram de verdade. Quando eu fazia um trabalho que eles gostavam falavam também. Eu sempre me dei muito bem com fotógrafos, inclusive eu tenho vários amigos no meio hoje em dia. Mas a parte do preconceito enraizado, mesmo fora da redação onde eu trabalhava, era quando eu ia cobrir futebol porque aí eu me deparava com a torcida.

Então sempre tem uma piadinha, tipo: 'Ixi, mulher não entende de futebol, tá fazendo o que aqui?'. Ou então, aquela mais pesada: 'Ei gostosa, vem aqui me dá um beijo. Qual teu telefone?'. Isso me incomodava bastante até porque naquela época eram pouquíssimas as mulheres que cobriam esporte, então você sempre sabia pra quem estava direcionado. Muitas vezes não tinha mais nenhuma ali comigo, isso me ofendia profissionalmente. Eu estava ali trabalhando e sempre tinha uma gracinha. Aquilo era triste, uma falta de respeito mesmo.

Por exemplo, tinha um técnico específico que não vou falar o nome, bem conhecido, que tinha um problema com a imprensa, mas eu tinha cuidado e sempre que ia entrevistar gravava a conversa. Peguei esse toque com o pessoal da redação. Fiz uma matéria que saiu, se eu não me engano no domingo que tinha a fala dele. Quando foi publicada ele me ligou, acusando, dizendo que não tinha falado aquilo, e eu disse que sim e tinha gravado. Então pode ser porque eu era mulher? Pode ser também, mas isso era enraizado nele de dizer que não falou, mas tinha falado. A modalidade mais específica de preconceito era realmente o futebol, de jogador quase não senti, nunca me sentir ofendida.

Tania: Nenhum convite ou celular?

Entrevistada 3: Não, não, de verdade não, mas agora de torcida sim. Inclusive já fui abordada nesse sentido de convite, de me ligar, pedir pra sair e tal, pensar que aquela matéria poderia render algo mais. Foi de torcida porque nós fazíamos muito esse tipo de material. Eu lembro que teve um material específico do Corinthians, que foi feito entrevista com vários corintianos, e um deles pegou meu número porque tinha entrado em contato pra marcar pauta, depois ficou ligando, mandando mensagem por vários dias. Eu tive que bloquear mesmo, então esse tipo de coisa no futebol acontecia bastante.

Tania: Como foi depois que você saiu do jornal pra ser uma assessora de comunicação de uma secretaria municipal. Como foi lidar com seu antigo editor chefe?

Entrevistada 3: Esse foi meu maior medo porque tinha aquela sensação de que: 'Eu contratei e ela preferiu sair e ficar numa assessoria', isso me deu um certo medo, como é que eu vou lidar tendo que pedir para emplacar algo. Foi bem difícil, por isso que no início eu te falei que eu tive que engolir o orgulho, esquecer, porque eu tinha que tratar bem, eu não tinha uma saída. Eu iria tratar mal, como? Se eu precisava dele. E era constante, a gente produzia muitas pautas na secretaria e aí eu tinha que falar direto com ele: 'Olha tem como? Essa matéria é legal.'. E eu percebia uma certa resistência dele, às vezes era preciso o secretário ligar pra emplacar matéria e ele sabia, o secretário sabia o que eu tinha passado.

Tania: Você contou para o secretário?

Entrevistada 3: contei, até porque a outra assessora dele, a anterior a mim, tinha também sido repórter no jornal. Então ele já sabia como funcionava, dos traumas, digamos assim, que a gente levava. Tanto é que quando eu fui para secretaria, uma das primeiras coisas que eu falei para o secretário foi: 'Olha, eu aceito, agradeço, mas eu não aceito você me menosprezar, gritar comigo, eu não quero passar o que eu vivi no jornal. Não tenho mais estrutura psicológica para isso.'. Isso eu levo comigo para a vida, graças a Deus depois de lá eu não passei por nenhuma situação de assédio com chefes.

Tania: A resistência do antigo chefe demorou?

Entrevistada 3: Sim demorou. O secretário ligava logo para o dono do jornal, porque era amigo. Então a ordem vinha lá de cima, mas eu acho que até a gente começar a se falar mesmo, de eu poder ligar tranquilamente acho que foi só um ano depois. Eu falava até com repórter, mas não me dirigia a ele, não tanto só por mim, mas pela parte dele que eu via a mágoa. Hoje em dia eu falo com ele, mas assim fiz uma cura. Somente profissionalismo!

Tania: E quando você chegava em casa se sentia muito mal?

Entrevistada 3: Sim, muito. Eu chorava muito, sem brincadeira, tinha vezes que chorava todos os dias. Eu sentava na cama, chorava, chorava. Minha mãe falava: 'Minha filha você não precisa disso!' e eu 'Não mãe, eu vou conseguir!', porque o

que eu via muito era isso, tipo vou te testar até você desistir. Eu digo que ele me preparou pra vida devido todas as grosserias que eu sofri. Hoje, sou mais preparada psicologicamente, poucas coisas me fazem sair do sério.

Tania: E quando você ia para uma externa e acabava sendo assediada de alguma forma ou alguém jogava uma piadinha para você, aquilo te fazia mal?

Entrevistada 3: Eu me sentia mal principalmente se fosse do próprio entrevistado. Se fosse assim da galera em geral eu me sentia mal, com vergonha, que eu chegava a pensar: 'Será que foi a roupa que eu coloquei?'. Eu sempre andei muito de tênis, camiseta, calça jeans, nunca fui de usar saia, vestido jamais! 'Será que a minha blusa está apertada ou a calça jeans está marcando o meu corpo?'.
Tania: Como você ver o apoio da sua família?

Entrevistada 3: Eu fui a segunda mulher a ter uma coluna no jornal impresso onde eu trabalhei. Eu lembrei disso devido minha mãe ficar super orgulhosa porque eu tinha uma coluna no jornal, então aquilo pra ela era sensacional. Mas a minha família nunca foi muito de apoiar porque ela via como era a profissão, principalmente como era o esporte. Eu trabalhava de domingo a domingo praticamente, porque o esporte acontece no final de semana. Na secretaria também era assim, não tinha muito horário para ir pra casa. Eles nunca me apoiaram exatamente na profissão, sempre tiveram um preconceito vendo o que passava. Pela minha mãe eu já teria desistido, mas por outro lado eu a considera uma mulher muito empoderada. Então ela nunca falava que eu tinha que me rebaixar ou algo do tipo, pelo contrario ela sempre falava: 'Você tem que se defender, tem que procurar seus direitos, você tem que entrar com processo contra essa pessoa por abuso'. Nesse sentido ela sempre me apoiou, eu não moro com o meu pai, então eu só tenho ela. Me apoiava não no sentido da profissão e da editoria que escolhi fazer parte, mas de não deixar isso me afetar como mulher. Minha mãe é concursada, tem horários, feriados, nunca aceitou eu não ter hora para chegar em casa.

Tania: No jornal onde você trabalhava você via alguma diferença salarial entre homem e mulher?

Entrevistada 3: Todos da minha editoria ganhavam mais do que eu. Meu salário após ser contratada não nivelou ao nenhum integrante da equipe, o meu era o

menor. Quando eu era estagiária ganhava R\$1.000,00, e dentro jornal eu era a que ganhava mais na função entre homem e mulher porque trabalhava nos finais de semana. Após ser contratada como repórter de esportes passei a ganhar R\$1.500,00. O repórter que ganhava o menor salário dentro da editoria de esportes ganhava R\$3.000 e pouco, o restante ganhava bem mais. Eu ganhava menos que o dobro dos meninos, então eu sentia essa diferença salarial, sendo que fazia as mesmas coisas.

Eu fiquei arrasada quando soube o valor do salário após ser contratada. Eu sofri com tudo isso. Pensava: “Tenho boas fontes, e só ganhei R\$500,00 a mais. Eu vou ter mais responsabilidade porque nada será perdoado, vou trabalhar sem folga. Isso é injusto, mas preciso trabalhar.” Então foi um baque.

No jornalismo esportivo quando eu entrei para o jornal, eu parti do princípio que tinha que me destacar de algum maneira. Todos os meninos escreviam sobre futebol, então se eu escrevesse somente sobre isso seria só mais uma na editoria. Então eu decidi, não me especializar, digamos assim, mas ser uma pessoa que falasse do esporte amador local. Então todos os esportes de destaque daqui e lutas eu tentei me destacar. Então eu comecei a fazer luta por conta disso, para melhorar a minha técnica. Foi quando ele me deu a coluna. Por muito tempo, eu era uma das únicas pessoas que conseguia falar com o José Aldo daqui. O Aldo não gosta de dar entrevista para a galera daqui quando ele não está em Manaus.

Tania: Teve algum atleta quando você estava no ***** que passou dos limites com você?

Entrevistada 3: Teve um jogador de futebol que eu fui entrevistar, como eu sempre fui muito comunicativa acho que algumas pessoas achavam que eu estava dando mole, sabe aquela frase: ‘Eu não estou te dando mole eu estou sendo simpática.’. Eu estava conversando com ele, já tinha até terminado a pauta, conversando com ele normal e do nada veio me dar um beijo. Eu olhei assim, falei: ‘Menino, tu tá ficando doido é?’. Ele me respondeu: ‘Tu não queria?’. Eu disse: ‘Não, estou apenas conversando com você!’. Eu passei um bom tempo sem falar com ele, quando eu tinha pauta eu desviava, só falava se tivesse muita gente. Eu não fiquei traumatizada porque em nenhum momento ele me xingou. Ele teve esse ato, mas eu acho que realmente se confundiu. Depois de uns três

meses ele me ligou pedindo desculpas, que não poderia ter feito aquilo, que ele queria voltar a falar.

Tania: O que o jornalismo esportivo representa na sua carreira?

Entrevistada 3: Acho que ele representa superação e aprendizado. Aprendizado porque eu consigo aprender todos os dias coisas novas. O esporte me proporcionou isso e hoje em dia eu trabalho com política e esporte. Eles continuam a me presentear por conhecer pessoas, histórias, doenças, síndromes. Querendo ou não, o jornalismo também me dá um aprendizado de vida. Superação porque nada foi fácil até aqui, eu sempre tive que mostrar muito porque eu estou nessa área, porque eu escolhi, não só para os meus chefes mas para minha família também.

Tania: E como é fazer jornalismo esportivo durante a semana e durante o final de semana?

Entrevistada 3: Uma loucura, porque durante a semana a gente faz uma prévia do que vai acontecer e no final de semana, a gente faz os resultados, nós destacamos aqueles que se deram bem dentre as competições. E é muito cansativo porque o esporte, geralmente, você tem que assistir o todo de uma partida, por exemplo, toda uma competição, todo o evento, pra poder ter todo um raciocínio daquilo. Aí o conhecimento, acesso aos entrevistados, te possibilita um texto embasado. O jornalismo esportivo é sensacional apesar do cansaço, é gratificante. É maravilhoso ver as pessoas se superarem nas competições, o entusiasmo das pessoas, principalmente aqui que não tem muito apoio. Eu tive a oportunidade de conhecer muitos municípios do interior do Estado, dois países, outros Estados. É conhecimento, quando que eu uma menina que mora aqui em Manaus poderia achar que pelo jornalismo eu ia conhecer a China. Eu fui até lá cobrir uma competição chamada ABCC, do maior campeonato de jiu jitsu do mundo.

Tania: Quais foram os eventos inesquecíveis que você cobriu?

Entrevistada 3: Teve a do ABCC, maior campeonato de jiu jitsu do mundo. Ele é realizado todo ano, reúne os principais atletas de vários países. Tem seletivas para participar. Eu conheci uma grande atleta que eu era, sou, muito fã: Gabi Gracie. Ela tem uma história incrível de vida. Quando eu estava no jornal teve o Grand Prix de Futsal, o Falcão ainda jogava na época. Foi um grande evento, a

Arena Amadeu Teixeira teve recorde de público, lotado. Marcou a minha memória pela dificuldade de se cobrir um evento com tanta gente, com tantos atletas bons, porque tem a segurança, tem tantos minutos para falar, tem tantos minutos para o atleta falar, tem credenciamento, enfim. Outro momento é quando fui cobrir um evento esportivo da Red Bull Flugtag, em Fortaleza, que eu gostei muito. Eu não conhecia a cidade, eu fui lá passar alguns dias pelo meu trabalho, para mim isso foi incrível. Vi nesse evento, inclusive, a grande diferença de um evento expressivo, de uma marca internacional, do tratamento e cuidado com a imprensa, dos atletas, da organização. Uma das edições do beach soccer realizado em Manaus, na Arena da Amazônia, também foi marcante. Todas as vezes que envolve um público muito grande é difícil, porque envolve muitos atletas, tem aquela expectativa se vai dar algum problema ou não, alguém pode invadir a areia, tem segurança?. São eventos que jamais imaginei cobrir. Dos eventos locais, tem o Campeonato Amazonense de Futebol e o Peladão. O Amazonense ele é único, digo que tem características próprias, aqui dá briga, tem gente que bate no juiz, os resultados mudam com tapetão. Enfim, os dois eventos tem histórias, personagens, que são enriquecedoras de fazer uma matéria. Tem os eventos de luta também, em todos eles você encontra histórias de superação.

Tania: Você gosta de escrever mais sobre futebol ou esportes amadores?

Entrevistada 3: Eu gosto mais dos esportes amadores porque acho que o futebol é muito fácil de fazer. Tu não cresce vendo ginástica rítmica na TV, se vê na época das Olimpíadas. Agora que é possível assistir o UFC em canal aberto, mas na minha época não tinha. Não se vê campeonato de taekwondo todo domingo, nem natação. O futebol já é enraizado, se cresce vendo, passa na TV todos os dias algo relacionado a este esporte. Então, o futebol é mais simples, aprendendo as regras conseguiu escrever muito rápido sobre ele. Basta chegar no campo marcar 45 minutos/ 45 minutos, verificar quem faz os gols, pegar um personagem e acabou; outros não. Além das técnicas, dos nomes, de tudo isso, se desvenda pessoas que são desconhecidas do público em geral. É uma Bianca Maia que ganhou no Pan Americano de Guadalajara mas que muita gente não sabe quem é, que é daqui, que hoje em dia mora fora. Então sinceramente, eu acho mais difícil o amador porque tudo que não é do gosto da maioria é mais difícil de vender para o outro. Eu cobria a Copa Super Kart que acontecia no Kartódromo e

ela durava três meses, e todo domingo praticamente tinha que ter uma matéria sobre isso. Imagina o que é escrever um campeonato de kart em Manaus, tinha que desvendar personagem, tinha que entender como funcionava o carro, como era a pista; se era inversa ou não era; quais são os pilotos que estão na frente, que estão atrás, de onde eles vieram, porque eles entraram na competição e passar essa explicação para o público da melhor forma possível, para que haja interesse do público. Eu gosto mais desse desafio.

Tania: Há uma diferença entre o texto de um homem e uma mulher no jornalismo esportivo?

Entrevistada 3: Eu acho que a mulher tem uma forma descritiva realmente, de colocar emoção. Os detalhes, textos que alguns homens fazem e não abusam disso. A mulher tem uma pegada emocional, do detalhe, ela escreve para todos entenderem; quem conhece ou não o esporte da matéria. Porém é preciso relatar que o homem também sofre preconceito, se ele for escrever de uma forma emocional vão dizer: 'Vixe esse daí é meio gay!'. A mulher não, ela tem total liberdade de escrever dessa forma. Ele também sofre se for cobrir matérias de modalidades com características femininas.

Tania: Quais são as qualidades que um jornalista esportivo deve ter?

Entrevistada 3: Eu acho que coragem é um dos principais atributos para exercer o jornalismo esportivo no caso das mulheres, para não se abaterem neste meio que ainda vive de muito preconceito. Não é por ter mais mulheres hoje que o preconceito acabou. Ele é muito velado atualmente. Superação, de não ter vergonha em não saber sobre alguma modalidade, estudar para aquilo. Não precisa ser ótimo em todas as modalidades. Responsabilidade, ser responsável pelo seu texto e com o próprio entrevistado, não querer engrandecer só porque é o esporte; não precisa florear. Ser muito fiel ao que é aquela pessoa, principalmente com o ídolo para você não passar para o leitor um heroísmo que não se tenha. Até porque você pode frustrar um leitor por isso. O ideal do jornalismo esportivo é você está acompanhando um evento, é chegar e sair quando termina, não é só pegar o resultado.

Tania: Qual a sua análise sobre a figura feminina no jornalismo esportivo em geral?

Entrevistada 3: Eu acho que cresceu bastante, hoje em dia tem nomes muito conhecidos do público em geral. A gente vê que a própria Globo, uma referência, tem mais mulheres cobrindo esporte. Acho que isso impacta diretamente na imprensa local. Hoje em dia a situação está melhorando, mas o preconceito ele ainda existe e é diário. Infelizmente, às vezes, ele vem de onde a gente menos imagina, que é de um chefe que prega o feminismo, que prega as matérias de superação de mulheres, que prega matérias respeitando o homossexualismo mas ele tem inculido o preconceito. A atitude que é velada é a que mais prejudica, é mais difícil falar sobre algo escondido do que está aberto, é que acontece nos estádios. E aquele que é escondido, o que não pode falar porque pode perder o emprego ou causar um problema com a empresa. Quantas meninas já não desistiram por não conseguir ultrapassar isso.

APÊNDICE N – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA ABERTA COM A ENTREVISTADA 4

Tania: Thaís, o que te levou ao jornalismo? Por que comunicação?

Entrevistada 4: Na verdade eu sempre tive interesse, sempre fui muito comunicativa e gostava da área de comunicação social, sempre gostei. Na época da minha escola eles faziam testes pra gente descobrir o que queríamos fazer, e sempre eu caía em jornalismo - comunicação social - ou então psicologia, que é outra área que eu gosto muito.

E meu pai disse que desde pequena eu sempre gostei, não sabia que era a profissão repórter ou que era seguir carreira de ajudar pessoas de uma certa maneira com uma profissão. Mas desde que eu me entendi por gente, por exemplo, nos meus 15 anos o convite foi a capa de um jornal. Então eu já me identificava, eu só não sabia o que eu queria ser na vida, mas eu sabia que eu iria seguir a comunicação social de alguma forma.

Tania: Agora quanto tempo no jornalismo já atuando?

Entrevistada 4: Olha, desde 2010, como estagiária. Iniciei a faculdade em 2009, e em 2010 no 3ª período eu consegui um estágio e desde então estou na área. Foi meu primeiro emprego.

Tania: Como foi essa oportunidade? Onde era? E depois você passou por quais lugares?

Entrevistada 4: Eu comecei na Rede Amazônica, tinha um contrato de 1 ano de estágio, e em 6 meses fui contratada como produtora. Fiquei lá 2 anos e 4 meses e depois pedi pra sair e vir pra rádio. Eu nunca tive a pretensão de ser repórter de TV, como trabalhava como produtora o único crescimento que eu tinha era ser editora, que era muito difícil porque as pessoas estavam lá há milhões de anos. Então pra subir de cargo eu também poderia ser repórter, porém não tinha pretensão. Mas eu tive experiência de atuar como repórter, eu era repórter mãozinha porque mesmo contratada eu não fazia passagem.

Tania: Mas por quê? O que te impedia?

Entrevistada 4: Eu não me sentia bem no vídeo, acho que as pessoas também não iriam se sentir.

Tania: Então a decisão era sua de não aparecer?

Entrevistada 4: É, exatamente.

Tania: Mas quais eram as reportagens que você chegou a fazer lá?

Entrevistada 4: Eu fiz uma de corrida.

Tania: Sempre foi de esporte? A maioria delas?

Entrevistada 4: Nem sempre foi só de esporte. Lá eles optavam por matérias factuais, o esporte sempre era deixado de lado. Então se tinha um outro repórter pra cobrir factual ele iria, e eu iria fazer o que era o segundo plano deles, geralmente o esporte. Então como eu era produtora eles chegavam e falavam: 'Te apronta e vai para rua, fazer matéria'.

Eu fiz matéria da cheia, corrida, luta, mas fiz muitas outras; como jacaré no meio urbano, algumas coisas bem factuais do final de semana que era quando eles disponibilizavam os produtores pra fazer isso.

Tania: Com relação a rádio, teu segundo emprego e até hoje você está aqui, como foi sua trajetória para chegar ao jornalismo esportivo dentro da empresa?

Entrevistada 4: Eu vim para somar com a equipe do portal, já como contratada, só que eles deixaram o portal de lado e falaram que aqui o foco é a rádio. O foco factual tem que ser sempre a entrada na rádio, e eles tinham a equipe esportiva, que era formada pelo *****, *****, *****, eu e a *****. Eu já acompanhava o futebol, a ***** sempre estava em campo e eu acompanhava porque já gostava. Quando eu entrei na equipe da ***** eles perguntaram se eu também queria fazer esporte, e eu disse que queria. Então nós duas íamos e fazíamos as entradas, dividíamos com o ***** e também com o ***** que eram os dois repórteres setoristas da rádio, a gente meio que auxiliava eles com o que a gente tinha de informação, fazíamos algumas entradas também.

Tania: Então no caso, você passou pouco tempo no portal e já foi para o esporte?

Entrevistada 4: É, não demorou nem dois meses pra eu integrar também a equipe de esportes.

Tania: Foi uma imposição?

Entrevistada 4: Não.

Tania: Como foi a relação com os seus colegas do jornalismo esportivo aqui dentro da própria empresa?

Entrevistada 4: A relação sempre é boa, mas a gente sempre ver a questão do preconceito por ser mulher. Tinha sempre informações que eu falava na ***** e eles suspeitavam da informação: 'Como eu tinha aquilo? Como eu sabia

daquilo?', entendeu? Eles sempre perguntavam quem tinha me passado as informações e eu falava que não iria falar, se eles quisessem noticiar bem, se não era uma decisão deles. Isso aconteceu até eles perceberem que de fato eu sabia, que entendia, e que a informação poderia ir para o ar sem que eles ficassem suspeitando ou que querendo apurar também.

Tania: Tinha um programa específico de esporte? Ou vocês só trabalhavam nas transmissões?

Entrevistada 4: A gente tinha a resenha esportiva que era na AM, mas foi extinta. Era de 12h às 13h, de segunda a sábado. Só não tinha no domingo porque tinha plantão esportivo do Jotinha.

Tania: Com os teus colegas da área, fora da Difusora. Como é que era?

Entrevistada 4: Quando eu comecei as repórteres que tinham eram a *****, a ***** porque assessorava a Secretaria de Esportes, ***** e a *****, mas porque a ***** tinha o programa ***** que era voltado ao esporte e abordava muito a questão do futebol amazonense. Então assim, eram elas, você não via mais mulheres no campo. Os meninos aceitaram logo, mas aquelas pessoas mais antigas, os senhores, viam como legal: "Uma bonequinha que veio pra cá, pra enfeitar o campo. Eles não viam como: "Ah, é uma repórter profissional como eu, que vai em busca da informação.". Viam como a princesinha da *****, um fantochezinho. Mas depois, com o decorrer do nosso trabalho, conseguiram entender que a gente estava ali como um profissional igual a eles, que podia noticiar tudo que acontecia nos bastidores como eles.

Tania: Mas como você visualizava essa ameaça?

Entrevistada 4: Logo no começo eles meio que tratavam com indiferença.

Tania: Mas a ameaça assim como roubar o espaço?

Entrevistada 4: É roubar lugar, eles falavam que só estava chegando mulher, 'cadê os homens que gostavam de futebol?'. As vezes duvidavam do nosso gênero: 'Ah, são lésbicas!', sempre um preconceito, de certa forma.

Tania: A questão de levar para o lado da homossexualidade era muito forte?

Entrevistada 4: Naquela época era muito forte, muito forte, porque eles faziam de certa forma parecer que só porque nós gostávamos de futebol podiam suspeitar que nós éramos lésbicas, ou que a homossexualidade era o mais importante, que

estávamos ali porque tínhamos um gosto pelo que o homem gosta, do que é de homem, tipo: 'Lugar de homem é no campo, mulher não pode estar aqui!'

Tania: Mas teve alguém que cometeu algum tipo de assédio justamente por conta desse ou outros fatores?

Entrevistada 4: Não, os xavequinhos eram assim: "Vamos sair pra jantar?", ou outros comentários e eu falava que não precisava. Eram comentários, até assédio, por parte dos jogadores quando eles viam a gente, comentavam: 'Ah, me passa seu contato? Vou te pedir um áudio!' ou 'Ah, é só isso que você quer? Não quer uma foto ou alguma coisa?'. Eu sempre busquei apagar esses momentos da minha memória, mas depois eu vi que eu poderia me defender, que antes eu também era um pouco machista porque eu dizia: 'Realmente, por que eu estou querendo o contato dele? Mão eu estou trabalhando assim como ele. Todo mundo pode pedir o contato dele, eu também posso!'. Mas ele tem que me respeitar porque eu estou fazendo o meu trabalho e ele tem que me ajudar.

Tania: Dos colegas de profissão da empresa, você sofreu algum assédio?

Entrevistada 4: Às vezes assédio moral, a gente não entendia e não sabia como se defender, porém depois de certo tempo eles viam que não é assim que funciona.

Tania: E como eram esses assédios moral?

Entrevistada 4: Tipo: 'Quem manda sou eu, o que eu quero é o que vai sair.'. Hoje em dia não, eu tenho autonomia pra fazer o que eu quero, a gente tem um quadro na própria rádio e lá eu falo. Ninguém manda, não estou subordinada a ninguém.

Tania: Você sofreu assédio do público?

Entrevistada 4: Logo no começo, as pessoas começaram a me adicionar nas redes sociais aí eu achava normal porque acompanhavam o nosso trabalho. Alguns adicionavam porque gostavam do nosso trabalho e queriam saber como é. A receptividade deles era ótima. Só que depois que eles criam uma certa intimidade, começaram a falar: 'Ei, para de falar do meu time!'. Mas eu não entendo como assédio moral, vejo mais como clubista, torcedor. Depois de um tempo eu comecei a responder: 'Se o teu time for mal eu vou falar o que está acontecendo, eu não vou esconder.'. Só que quando a gente está iniciando fica um pouco tímida, não sabe o que responder. Fazer jornalismo é geralmente

mostrar o que as pessoas não querem ver, geralmente as pessoas do clube. Teve um tempo que o Nacional não falava com a ***** porque a gente falava do Nacional. De certa forma era um assédio que a gente sentia na beira do campo. Por que falam com as outras emissoras e com a ***** não quer falar? Alguns treinadores também, ‘não dou entrevista pra vocês’.

Tania: Mas pelo simples fato de vocês comentarem algo que não era do agrado deles?

Entrevistada 4: É, simplesmente pelo fato de falar o que estava acontecendo, mostrar a realidade do bastidor, muitas vezes, e eles não aceitavam. De certa forma isso era tentar calar a imprensa ou então fazer com que a gente tivesse que desistir de fazer o que estávamos fazendo, o nosso trabalho.

Tania: Como você olha a questão salarial do jornalismo esportivo?

Entrevistada 4: Acho que o jornalismo como um todo, aqui, é pouco valorizado, até porque assim, alguns clubes investem na assessoria de imprensa e outros não. Outros, você tem que ligar para o jogador, para o diretor do clube porque não tem uma assessoria de imprensa. Até pra você conseguir informação do time você tem que tá toda hora ligando pra diretoria. Então não há um investimento, eles não entendem como um ciclo.

Tania: Há uma diferença salarial entre homens e mulheres?

Entrevistada 4: Não há uma valorização do jornalismo esportivo. Acho que existe essa diferença, com certeza, mas porque tem poucas mulheres que são voltadas pro jornalismo esportivo. Na rádio não tem essa diferença, mas em outros lugares há, como no impresso.

Tania: Como a sua família te ver atuando no jornalismo esportivo? Como é essa visão da sua família?

Entrevistada 4: Olha, na família do meu pai eles são muito ligados ao esporte porque meu avô que eu não conheci era fastiano roxo, então ele era daquele que entrava duas, três vezes, no estádio pra ajudar a renda do clube. Quando eu comecei eles adoravam, me ouviam na resenha e falavam: ‘Pow ***** , que legal você conseguiu falar com o jogador fulano de tal’, eles adoram.

Meu pai não é de estar em estádio, mas ele acompanha o futebol. Minha família adora esse universo e ninguém teve preconceito. Eu sempre ganhei muita força de todos. Ela é de Itacoatiara e quando eu fui cobrir uma partida lá, todos os

familiares estavam no estádio. Não era nem para ver o jogo em si, mas era para ver o meu trabalho.

Tania: Quais foram, quais são ainda, os principais desafios encontrados por você pra se manter nessa área de jornalismo esportivo?

Entrevistada 4: Acho que o desafio é diário, todo dia a gente tem que mostrar que agente sabe, que a gente entende, que a gente pode ocupar a mesma vaga de um homem, não na rádio porque hoje em dia nós somos apenas três: eu, ***** e *****; então a mulher predomina aqui na questão esportiva.

Tania: Atual, porque na época não?

Entrevistada 4: Na época não, na época eram seis homens e eu e ***** de mulher. Então nós éramos minoria. Para você ver que tinha preconceito, nós éramos as últimas a ser inseridas no carro quando tinha viagem para o interior. Se os homens repórteres não quisessem ir, aí que havia a possibilidade de irmos. Nós estávamos sempre disponíveis e eles não tinham aquilo: 'Vou ver se eu vou!'. E a gente estava sempre querendo ir. A prioridade era sempre dos homens irem.

Tania: Já se sentiu constrangida em alguma cobertura?

Entrevistada 4: Já me senti em um pós-jogo. Eu lembro bem que era o ***** , treinador do Nacional. O time vinha de uma sequência de derrotas e eu fui perguntar se o trabalho que ele estava desempenhando estava refletindo no treinamento, ou então nos resultados dos jogos. Aí ele disse: 'Olha, você conhece meu trabalho? Você sabe o que eu já conquistei por aí?', eu disse: 'Olha, o senhor pode ser um treinador campeão, acumulador de títulos, mas aqui não está fazendo efeito'. Eu senti que ele tentou me intimidar, no começo eu respondi assim por teimosia porque eu queria ter ficado calada, mas eu pensei que não podia ficar calada. O problema é que aqui não tem um corporativismo no jornalismo, as pessoas riram ao invés de ficarem do meu lado porque não estava errada.

Tania: Você acha que as mulheres precisam se unir mais no jornalismo esportivo manauara?

Entrevistada 4: Hoje em dia as mulheres já estão bem mais unidas por conta do movimento 'Deixa ela trabalhar' que é nacional, mas foi abraçado pela mulheres daqui. A gente vive em uma sociedade machista que acredita que o jornalismo esportivo é dos homens. O futebol não é um meio deles, é de todos,

independente de gênero. Eu posso está lá a qualquer momento, onde eu quiser, e eles vão ter que respeitar por eu ser profissional, eu estudei para isso, estudo para isso, busco todo dia informações.

Tania: O que o jornalismo esportivo representa pra sua carreira?

Entrevistada 4: Eu sou jornalista futebolista, só cubro o futebol. As pessoas dizem assim: 'Mas tem tanto esporte aqui?'. Eu não cubro outro esporte.

Tania: Mas não cobre por você não querer? Por não ter pauta? Ou o foco da rádio é futebol?

Entrevistada 4: Na verdade a tradição da ***** é o futebol, e principalmente o amazonense. Antes quando lotava o Vivaldo Lima, a ***** sempre fazia grandes coberturas, andava o Brasil inteiro cobrindo os times amazonenses e a gente continua fazendo isso. Eu fiquei muito mais conhecida como a jornalista de esportes da *****, do que apenas jornalista da *****. As pessoas sabem quem eu sou quando estou no campo, e então você acaba que tendo o reconhecimento das pessoas que acompanham o teu trabalho. Daí tem aquela coisa: 'Realmente ela vai, ela viu o jogo, ela realmente pode falar porque estava lá, tem autonomia para falar do assunto.'.

Tania: Qual a principal cobertura que você fez no esporte?

Entrevistada 4: Acredito que foi o campeonato em que o Nacional foi campeão em 2014 e teve uma confusão lá no SESI. Teve uma briga, porrada, chute, uma grande confusão. Essa foi a mais importante porque eu estava lá e do nada os torcedores quebraram a cobertura do túnel e podia ter me cortado porque era um material de acrílico. Fiquei nervosa e tinha que noticiar, estava tendo briga no meio do campo. Marcou porque foi a primeira vez que eu tive que enfrentar uma situação conflituosa e mesmo assim está conversando com o ouvinte, falando com o narrador, explicando a situação que já estava bem tensa. Acho que essa foi a mais importante, até porque a gente não cobriu Copa do Mundo quando teve aqui.

Tania: Qual era diferença de fazer o jornalismo diário e cobrir o esporte no final de semana?

Entrevistada 4: O desafio era muito bom porque os times estavam em competição. Tinham mais de 8 times no campeonato estadual, então a gente

falava das rodadas e era legal. Se não tivesse rodada no fim de semana a gente fazia entrevista.

Tania: Qual a tua análise da figura feminina no jornalismo esportivo?

Entrevistada 4: A mulher hoje em dia ganhou um espaço muito grande por mostrar o profissionalismo, apesar de não só aqui em Manaus, como na região norte, ainda se ter poucas mulheres na área; mas muitas com vontade de ingressar. Nacionalmente falando, a mulher ganhou um espaço grande, tem uma representatividade muito boa. A gente ver a Fernanda Gentil, Cris Dias, Glenda Kozlowski em canal aberto, já nos canais fechados há muito mais. Elas cobrem centro de treinamento dos times, tanto quanto os homens. Na rádio Band News FM tem a Juliana Yamaoka e a Alinne Fanelli, que já fizeram uma transmissão onde as duas eram setoristas no âmbito nacional. Cada dia, em cada lugar desse mundinho, vai abrindo a cabeça dos profissionais que trabalham na área quanto a ideia de que mulher pode ganhar o espaço dela; e está ganhando. O olhar da mulher é muito diferente do homem. Dizem que a mulher é o sexo frágil, mas não tem nada de frágil. Precisamos desmistificar isso.”

Tania: Quais são os requisitos necessários para entrar no jornalismo esportivo?

Entrevistada 4: Eu não tenho um cargo que permite contratar, mas as dicas que eu daria é tem que entender e gostar de esportes, gostar de futebol, de verdade. Conhecer as pessoas influentes da área, além de ser curioso. Jornalista não tem somente que escrever bem, tem que apurar, saber pesquisar, ver como está o mercado esportivo. É preciso também saber se expressar.

Tania: Você acredita que é mais fácil escrever sobre futebol do que esporte amador?

Entrevistada 4: Para mim o futebol é mais fácil por conta das fontes que já tenho.

Tania: Como você se identifica ao produzir na editoria de esportes?

Entrevistada 4: Eu acho que o jornalismo não tem uma receita, apesar da questão do lide. No futebol, você pode contar histórias sem falar o lide.

Tania: A pauta do jornalismo esportivo amazonense é diferente do nacional?

Entrevistada 4: Com toda a certeza, nós temos um calendário esportivo diferente.

Tania: Atualmente a cobertura do futebol no Amazonas está mais intensa no âmbito masculino ou feminino? O que está rendendo mais?

Entrevistada 4: Rende na mesma proporção porque os jogos são diferentes, mas assim eu tenho mais facilidade de noticiar o masculino porque as fontes respondem mais rápido. Isso dificulta o furo de reportagem porque não me atendem.

APÊNDICE O – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA ABERTA COM A ENTREVISTADA 5

Tania: Por que jornalismo ao invés de outra profissão? O que te levou a comunicação?

Entrevistada 5: Eu sempre gostei de comunicação. Fui para o jornalismo depois que eu fiz um vestibular para pedagogia e não passei. Eu fiz para pedagogia porque o meu pai queria que eu fosse professora. A minha família toda é formada por professores. Mas aí eu não passei e depois decidi que iria fazer o que queria. Foi quando fui para a comunicação e escolhi o jornalismo porque era uma área que sempre admirei muito, que pensava que seria legal de trabalhar. Eu não me arrependi.

Tania: O que te levou ao jornalismo esportivo?

Entrevistada 5: Eu sempre gostei muito de esporte, mas sempre tive dificuldade pra praticar o esporte. Assistia e tal, mas vou te falar que nunca me imaginei trabalhando no jornalismo esportivo. Eu fui trabalhar na área porque na época estava começando no Portal ***** e o meu editor precisava de alguém pra fazer esporte e estava na editoria de Cidades. Nesse início de contratação ele ficou sem uma pessoa que fizesse esporte. No dia que eu cheguei, no meu primeiro dia de trabalho no portal, ele falou: “Você não vai mais ficar em Cidades, você vai fazer esporte!”, e eu disse: “ Tá!”.

Achei uma oportunidade legal pra trabalhar com uma coisa que já gostava apesar de não me imaginar trabalhando com o jornalismo esportivo, foi uma grata surpresa na minha vida. Eu me descobri jornalista esportiva, fui muito feliz durante todo o tempo que trabalhei nessa área. Ela encanta mesmo apesar de ser difícil. As pessoas acham que fazer jornalismo esportivo é muito fácil basta entender de futebol e não é. Ele é um universo inteiro de modalidades, normas, regras, atletas; uma área que você se apaixona e que exige muito de você. Imagina! O jornalismo esportivo é aquele que acontece de segunda a segunda, mas os grandes eventos acontecem no final de semana, então isso também passa a ser um desafio para você, porque final de semana geralmente temos outros planos, a gente quer aproveitar, curtir a família. Mas a gente se envolve tanto que isso vira apenas uma parte desse trabalho que é tão maravilhoso. Costumo dizer que eu

cai de paraquedas no jornalismo esportivo, mas já estava escrito também que eu seria jornalista esportiva, que iria trabalhar nessa área que eu fui muito feliz. Sempre que chamam para falar, tenho a oportunidade de lembrar essa época fico muito satisfeita porque foi uma fase muito bonita da minha carreira, da minha vida profissional e pessoal.

Tania: Quanto tempo de jornalismo esportivo, só no *****?

Entrevistada 5: Eu fiquei de 2011 até 2016, que foi quando eu cobri as Olimpíadas no Rio. Logo que voltei decidi trocar de área, mas eu já havia tentando várias vezes. Não porque eu não gostava mais dessa área, eu estava me sentindo muito acomodada, daí eu queria experimentar outras coisas.

No ***** eu tive a oportunidade de participar da cobertura da Copa do Mundo em Manaus, fui a única jornalista de impresso local a participar da cobertura na cidade. Tinham jornalistas, mas eram todos homens e eu era a única mulher do impresso amazonense cobrindo. E em 2016, a gente foi para as Olimpíadas, o jornal ***** fez parte da cobertura também.

Eu fiquei entre 2011/2016 fazendo o jornalismo esportivo no ***** , entre portal, impresso e até TV que eu fiz também na empresa. eu sempre participava lá com as meninas a gente criou uns projetos pra envolver mais. Por exemplo, na Copa do Mundo a TV fez um programa que era apresentado por uma mulher e eu sempre participava comentando, fazendo análise dos jogos, da seleção brasileira. E dentro do jornal ***** também, que era apresentado pela ***** . No final de 2016, começo de 2017, eu fiquei no jornal como sub editora no jornal, fazendo um pouco de tudo, sempre metendo uma pauta de esporte no meio. Eu saí de lá no final de 2017 pra ir para assessoria de comunicação da Secretaria de Esporte do Governo, que é a SEJEL, onde fiquei até junho de 2018, porque como a secretária mudou então passei pouco tempo. Aí eu vivi o outro lado da moeda porque eu era repórter e depois eu fui para assessoria de esporte. Então foi outra experiência relacionada ao esporte também, eu pude ver os dois lados e comparar; foi muito legal.

Tania: Como é que era a sua relação com os outros colegas de profissão no *****?

Entrevistada 5: Então, lá no caderno de esportes do jornal cheguei verde, verde, pra fazer esporte e fui muito bem acolhida por algumas pessoas do *****

especificamente, o ***** e a *****. O repórter ***** principalmente porque ele já era contratado, sempre quis fazer esporte e querendo ou não; culturalmente; o homem já acaba nascendo com esse lance de esporte. Então ele tinha mais conhecimento que nós duas, ***** também era estagiária, só que do impresso na época, a gente entrou quase na mesma época.

Então eles dois me ajudavam bastante, a gente trocava muito também, porque sempre tive muitas ideias. Eles também foram bastante importantes nesse projeto inicial. Algo engraçado! O ***** era jornalista do ***** e naquela época a concorrência era enorme. Eu nem o conhecia pessoalmente, a gente era amigo de Twitter e aí quando eu comecei falei: 'Meu Deus, eu não tenho agenda!', daí eu mandei uma 'dm' para ele falando que estava começando no esporte e não tinha contatos. Até hoje eu não sei porque eu pedi dele e não de um amigo pessoal, que também trabalhou com esporte. Ele me passou a agenda inteira dele de contatos, e eu era concorrente, e isso é muito legal.

Na minha época existia essa rivalidade entre os donos dos veículos, no entanto a gente era muito unido e todo mundo meio que se ajudava. Em relação, como eu fui recebida depois no ***** , o impresso, que é um caderno de esporte, algo diferente das outras editorias, só tinha uma mulher, no caso eu naquele momento mas passaram outras antes. Então era assim: um universo com 5/6 homens e uma mulher, sendo que a mulher era estagiária ou aquela mulher que não cobriria o futebol, faria os outros esportes.

Na época, a gente não tinha visão do que se tem hoje: do empoderamento feminino, do que é machismo claramente, então naquele tempo eu achava legal, até porque amo cobrir esporte poliesportivo. Óbvio que gosto muito de futebol, mas meu sonho dentro do jornalismo esportivo eu consegui realizar: cobrir as Olimpíadas devido ser todos os esportes que eu era apaixonada. Os atletas das outras modalidades acabam sofrendo muito mais do que os do futebol. Quando cheguei no Craque não fazia futebol, só os meninos, ficava com aqueles esportes que eram considerados mais fáceis, olímpicos também chamados de amadores.

Teve uma época que começou o campeonato amazonense com muitos times, não tinha equipe suficiente para cobrir, e aí o chefe disse: "Lorena, tu vai ter que fazer futebol!". Só por isso.

Tania: Ou seja só foi futebol porque não tinha mais um homem para cobrir?

Entrevistada 5: Exatamente, aí eu fui. Nossa é muito diferente fazer futebol, ir para um estádio. Lembro que sempre fui de estudar muito, conversar muito com quem já sabia e com os meninos da equipe, que sempre me ajudaram bastante. Teve uma época que eu fui até para a rádio ser comentarista. E eu vi que era capaz de fazer qualquer coisa, posso escrever sobre futebol, natação, vôlei e tão bem quanto os colegas da redação. Era um ambiente totalmente masculino onde eu ouvia muitas piadinhas machistas, tipo, falando de corpos de mulheres: “Ah, a fulana conseguiu isso porque ela era desse jeito, porque ela usava uma roupa assim. Tenho fotos dela com calcinha, sem calcinha.”; e eu era uma menina sabe. Era uma forma de mostrarem que era o espaço deles, que não deixariam de falar porque tinha uma mulher no ambiente.

Aquilo me incomodava muito porque sempre fui tímida, apesar de não parecer, mas naquela época era mais. Aí imagina você chegar para trabalhar na editoria de esportes vista como uma área masculina, apesar de não ser uma área só masculina, então me incomodava bastante. Daí eu tive que usar fone de ouvido, coisa que não posso usar por muito tempo, para evitar ouvir coisas desagradáveis, desrespeitosas. Tem um episódio específico, foi quando eu me senti muito inferior e sozinha. A partir daí eu pensei em sair do *****. Eu era muito apaixonada pelo ***** , pelo jornalismo esportivo, amava ficar na redação de domingo a domingo, não tinha problema, às vezes eu entrava 9h da manhã e saia 22h, não era problema. Fui fazer uma pauta em São Gabriel da Cachoeira, sempre fui uma jornalista curiosa então não fazia só impresso na empresa, se pedisse para fazer vídeo, eu fazia; se pedisse pra fazer rádio, eu fazia; se pedisse para eu fazer TV, fazia, e era uma pauta muito importante com o ministro do Esporte da época. Isso foi em 2013 ou 2014. Só tinha vaga para duas pessoas, a gente iria no avião do Exército e a diretora executiva do ***** me chamou e falou assim: ‘Olha, você vai porque vai ter que fazer para o portal, impresso e TV, faz passagem.’, eu disse: ‘Tudo bem!’. A gente saiu super cedo, tipo umas 6h a gente já estava no aeroporto, era uma pauta cansativa porque você vai para outra cidade, São Gabriel é longe apesar de ir no avião do Exército que é melhor e tal. Daí quando eu voltei de lá estava sem internet na redação, mas o meu texto do portal estava pronto então eu passei, e meu texto impresso estava encaminhado também, enfim só cheguei pra revisar e colocar algumas falas.

E aí um sub editor que não estava editando o meu texto resolveu pegar pra ler por curiosidade e começou a questionar algumas coisas que não tinham haver coma minha pauta, tipo: 'Mas essa tribo faz o que? Ela é de onde? Qual é a origem?', eu tinha contado isso, o que iria influenciar. Eu comecei a argumentar com essa pessoa, falei que ele nem estava editando meu texto e não tinha porque está me questionando, meu editor era outro. O meu editor- chefe ao invés de chegar e ficar ao meu lado, qualquer pessoa que chegasse iria ver que estava certa, gritou comigo. Eu não vi ele agindo desse jeito com nenhum dos meninos. Minha reação foi ir ao banheiro chorar, porque eu me senti humilhada, estava trabalhando desde às 6h da manhã e eram tipo 9h da noite. Ele disse que se eu quisesse ter uma vida fácil deveria ter escolhido uma outra profissão porque jornalismo é isso. Cara, eu me senti humilhada porque eu sempre fui uma pessoa muito responsável no meu trabalho e sou até hoje, então eu tenho certeza absoluta que estava entregando o melhor que eu podia fazer. Ali, o que ele estava questionando não tinha nada haver com a minha pauta. Não tive o apoio do meu chefe porque eu era mulher, se eu fosse homem não iria gritar comigo na frente da redação. A partir dali eu coloquei na minha cabeça que eu não iria viver exclusivamente do jornalismo esportivo porque ele simplesmente já fazia parte da minha vida, eu não estava recebendo o que achava que merecia receber em troca. A partir dali, a paixão meio que mudou, eu vejo que aquela situação era puro machismo dos dois envolvidos. Mas foi um episódio isolado. Posso te falar que eu nunca senti machismo, por exemplo, em uma cobertura por parte dos meus amigos. É claro que quando você é mulher quando entra no estádio deve está preparada para ouvir coisas absurdas, infelizmente. Particularmente eu nunca ouvi, mas eu tinha muito medo de ser xingada. Eu não me acho um mulherão, sempre fui menininha, magrela. Então meu maior medo era da torcida me vaiar, ser xingada, chamada de magrela, que era isso ou aquilo mas nunca aconteceu. Sempre escutei história de jornalistas, inclusive nacional, de TV e rádio que usavam os dois lados do fone porque estavam sendo xingadas e chamadas de gostosa. Caramba, é o nosso ambiente de trabalho para chegar lá e ser chamada de palavras de baixo calão, de piranha, ouvir coisas. Graças a Deus nunca tive problema desse tipo com torcedor e atleta de nenhum dos esportes. Eu sempre tive uma relação muito boa com os atletas que tive mais proximidade.

Não lembro de nenhum ter me desrespeitado, pelo contrário eles sempre foram muito respeitosos, existia limites. Mas eu era muito reservada também, eu não dava tanta intimidade. Tem atletas que eu sou amiga na internet, que converso até hoje. Sempre me respeitaram muito, até me sinto privilegiada em relação a isso porque eu sei que tem muita, muita mulher que já sofreu assédio por atletas, por técnicos. Eu já presenciei técnico de futebol ser arrogante com mulher. O Luxemburgo, por exemplo, quando veio com o Flamengo e uma repórter fez uma pergunta, realmente não foi uma pergunta excelente, mas a forma como ele a tratou não foi adequada, quis dizer que ela não tinha conhecimento. Óbvio que não foi uma pergunta 100% mas dava para ele responder sem ser grosso.

Tania: Você sofreu um tipo de assédio na empresa como relatou, mas você viu outra mulher passando pela mesma situação?

Entrevistada 5: Todas as mulheres que tinham passado por lá, antes de mim, já me contavam coisas, então quando cheguei eu já sabia onde ia pisar, já sabia com quem eu ia lidar. Acho que por isso não tenha sofrido tanto. Todas tiveram uma situação de chorar, de se sentir humilhada enquanto profissional, enquanto mulher. Uma coisa que também era chato, não sei se tem muito haver, mas as vezes o chefe segurava a gente até mais tarde por bobagem, nós entregávamos o material e ele ficava enrolando, enrolando. Era bem chato. Então eu ouvi muitas coisas das meninas que passaram por lá, é obvio que esse episódio foi o que me marcou, mas outros episódios aconteceram de eu me sentir mal enquanto mulher, tipo essas piadas machistas. Em 2016, quando eu fui para as Olimpíadas no Rio eu já não era mais repórter, já era subeditora eu já estava naquela fase de me impor mais, e a minha amiga que foi comigo estava no início. Então ainda não tinha a voz que eu tinha, meu chefe nesse dia já estava estressado, entrou no grupo de whatsapp e falou assim: 'Vai cobrir no sei o que!', e ela perguntou: 'Mas qual o horário?', daí ele disse: 'Você vai querer que eu desenhe pra você?', ou seja chamando ela de burra porque não tinha entendido. Houve outras situações de grosseria. E eu falei: 'Olha, é o seguinte, você não pode tratar ela desse jeito, eu não sei o que está acontecendo, isso aqui é um sonho para todo mundo, todos queriam estar aqui, não sei se você está com problema em casa; isso também não me interessa; eu só quero ser respeitada e quero que você respeite não só ela, mas toda a equipe, porque você está sendo grosso e estúpido.'. Ele disse que

queria que eu provasse quando ele tinha sido estúpido com a gente e eu tinha o print da conversa. Nesse dia eu fiquei muito satisfeita porque era uma menina que estava comigo e ela não conseguia falar com medo de ser demitida, já eu não tinha mais nada a perder. Foi bem chata essa situação, mais uma vez tenho certeza que ele não falaria isso para nenhum dos meninos. Ele não trataria nenhum dos meninos como ele tratou ela.

Tania: Quais foram as matérias que te marcaram?

Entrevistada 5: A das Olimpíadas 2016, era meu sonho, eu tinha cobrido muito poliesportivo. Tive a oportunidade de estar no Maracanã no dia que a seleção brasileira conquistou o ouro inédito, a seleção de futebol. Vi o ouro do Alisson e do Bruno do vôlei de praia. Entrevistei o Diego Hipólito logo depois que ganhou medalha de prata, vi ele saindo do ginásio e indo correndo para abraçar a Dani; isso foi muito emocionante pra mim. Acho que foi uma das cenas mais bonitas que já vi. Nossa! As olimpíadas foi incrível, a Copa do Mundo também foi maravilhosa porque era em Manaus, e na época o Cristiano Ronaldo era o melhor jogador do mundo e eu vi jogar de perto, e eu era única mulher do impresso amazonense cobrindo. Estava muito honrada de estar vivendo aquilo. Outras coberturas menores também marcaram, como uma que falou sobre gastos com atletas porque as pessoas julgam muito sem saber o quanto que eles lutam para estar ali, por uma medalha, por um lugar no pódio e fizemos uma matéria mostrando qual era o valor de um atleta; quanto custava para ser um atleta amazonense. Essa matéria foi muito legal porque é muito difícil ser atleta. No Amazonas é pior ainda, no Brasil, não tem investimento. Se você não é jogador de futebol não tem patrocínio, você tem mais dificuldade para chegar aos grandes campeonatos. Entrevistar a ginasta Bianca Maia depois dela ter voltado para Manaus após conquistar três medalhas no Pan Americano quando estava na seleção brasileira de ginástica rítmica também foi muito legal. Tem muita coisa, o campeonato amazonense de futebol que é um lugar onde a gente aprende muito sobre futebol, muito sobre torcida. Vou te falar, pautas bacanas para mim também eram quando estava escalada para o futebol no interior porque o povo ia mesmo para o estádio, incentivava. Uma coisa que faz muito falta para o atleta, pro esporte, e no interior é diferente. A torcida é receptiva com o atleta, o jornalista então, eu gostava muito de ir.

Tania: E como você ver a questão salarial no jornalismo esportivo?

Entrevistada 5: Infelizmente é um problema muito sério, eu não queria estar aqui falando que mulheres ganham menos pelo simples fato de serem mulheres. Isso, infelizmente, não é só um problema do jornalismo esportivo. Mas o jornalismo esportivo já é uma área que paga menos porque as pessoas pensam que não é uma editoria necessária, se você for comparar com as mais tradicionais. Quando é tão importante quanto. O jornalismo esportivo pode salvar vidas, ajudar, alegrar. Tem histórias bonitas apesar de histórias tristes também. Então, ela é uma editoria importante dentro do jornalismo.

Eu acho essa questão salarial muito ruim em todas as áreas, principalmente no jornalismo porque a gente acaba sofrendo muito mais por ser mulher por conta de tudo que já ouvi. Ter que ir para o estádio de futebol fazer o seu trabalho e ao mesmo tempo se preparar para ser xingada, pra ser vaiada, pra ser desrespeitada dentro do ambiente de trabalho e chegar no final do mês ganhar um salário menor que o do seu colega que não teve que se preocupar com isso, que na hora de escolher uma roupa ele não pensou se a calça era justa e que chamaria atenção. Então é muito injusto em todas as áreas. Vou defender meu peixe, porque o jornalismo esportivo é uma área muito difícil de fazer, exige muito da gente.

Tania: Mas você tinha conhecimento que o seu colega ganhava mais que você?

Entrevistada 5: Sim, mas eu achava que era porque eu era de outro lugar, como havia chegado naquele momento, daí pensava: 'Estou ganhando menos porque eu vim de outro lugar.', quando na verdade não. Na verdade o jornal não queria aumentar meu salário porque era uma questão pra eles econômica; uma profissional que podia trabalhar em qualquer mídia ganhando menos; mas eles contavam comigo sempre. Tinha o lance de eu ser mulher, mas também tinha a questão do próprio jornal se fazer de morto.

Tanto é que quando eu virei sub editora, meu salário melhorou, ganhei um pouquinho mais; mas ainda era baixo comparando aos dos meus colegas. Lembrei, sabe o machismo que eu sofri e tinha esquecido de comentar foi de quando eu virei sub editora, tinha um repórter que não gostava que eu editasse o texto dele porque ele se sentia mal por eu ser mulher.

Tania: Mas você já era sub editora?

Entrevistada 5: Sim, então quando eu editava qualquer coisa do texto dele, ele dizia: 'Não, mas isso é assim!', só aceitava quando o meu chefe vinha e falava que realmente não fazia nenhum sentido o que ele estava falando. Era ruim porque: 'Como assim? Eu estou aqui sendo chefiado por uma mulher!'. Era essa visão dele, eu percebia isso, ele deixava isso muito claro. Mas eu fazia questão de pegar o texto dele, de corrigir, de mostrar que o texto dele poderia ficar melhor.

Tania: Você chegou a ser editora chefe?

Entrevistada 5: Não, editora chefe não. O editor chefe do jornal era sempre homem.

Tania: Como sua família te ver atuando em uma área que o povo diz que é predominantemente masculina?

Entrevistada 5: Sabe que minha mãe e meu pai tinham maior orgulho, minha família toda na verdade. Eu sempre tive uma boa relação com meu pai e com meu irmão, mas quando eu fui atuar no jornalismo esportivo as nossas conversas eram sempre sobre esporte. Era sempre sobre um atleta, campeonato de futebol e isso foi legal porque acabou me aproximando mais ainda deles. Nós tínhamos assuntos incomuns para falar, ir ao estádio assistir o jogo.

A minha mãe ficava mais receosa, principalmente, na época da Copa e também das Olimpíadas que a gente foi para uma outra cidade e estava na época de ameaças de bomba. Ela se preocupava com isso, mas não porque eu fazia jornalismo esportivo, pelo contrário ela achava um máximo.

Tania: E como é fazer um jornalismo esportivo diário sendo que os principais eventos acontecem na quarta ou só nos finais de semana?

Entrevistada 5: Você tem que se virar nos 30 durante os dias comuns, mas o jornalista esportivo ou de qualquer outra área que é competente, esforçado, tem fontes, sempre terá uma boa história pra contar. Então, o grande diferencial, é que os grandes eventos aconteciam no final de semana, mas durante a semana tinha muito treino. Então era você ir para o treino e não olhar só para o treino em si, era captar outras histórias, se aproximar dos atletas, buscar histórias diferenciadas, mesmo em um treino de futebol, por exemplo. O jornalista esportivo tem que ir lá com a mente aberta para buscar novas histórias e era isso que eu fazia. Eu gostava de ter o diferencial mesmo indo numa coletiva, coisa que acontece durante a semana, sempre buscava puxar por um assunto que eu sabia

que a galera não ia buscar. É fazer o diferencial onde tende a ser feijão com arroz. Ou seja, dá trabalho também. Olha só, se estava vindo um jogo de futebol: Vasco e Flamengo, atentava muito as assessorias para conseguir exclusiva com jogador para contar uma história diferente para o leitor. Fiz muito isso com o José Aldo quando ele estava no auge do UFC, sempre consegui exclusiva com ele para fazer histórias diferentes. Eu consegui colocar ele para fazer hambúrguer, levei ele no programa ***** da TV ***** . É isso, é buscar além do que esperado no resultado.

Tania: Qual a diferença de um texto feito por uma mulher e por um homem? Já que foi sub editora.

Entrevistada 5: Acho que não tem muita diferença não, a gente entende de futebol, de qualquer esporte, até melhor de que muitos homens por ai. Então, o meu texto de futebol era tão bom quanto os dos meus amigos, depois que eu passei a fazer. O meu texto de natação às vezes era melhor porque eu colocava mais emoção. Então, não tem esse negócio de texto de mulher e texto de homem. Somos todos iguais, buscando uma boa história para contar. Aí a forma como você vai contar depende muito por onde você vai puxar essa história.

Tania: E pra quem quer fazer jornalismo esportivo. O que essa pessoa precisa ter?

Entrevistada 5: Primeira coisa, você não vai ter o final de semana com a família, mas eu acho que pra qualquer área você precisa ter amor pelo que faz, dedicação, tentar dar sempre o seu melhor. Entender que as dificuldades existem e que fazer jornalismo esportivo não é apenas entender de regras e de normas das modalidades, vai muito além. Vai de você buscar histórias. Às vezes, o nosso trabalho consegue ajudar vários atletas, pessoas que nem são reconhecidas, que não tem patrocínios, mas que amam o esporte e querem ser atletas. Com o nosso trabalho a gente consegue ajudar. Uma vez lá no jornal a gente fez uma matéria de uma menina que era do jiu jitsu e queria um kimono. Então durante o dia trabalhava de auxiliar de pedreiro e a noite ela ia treinar. Nós contamos essa história e uma empresa de Kimono doou para atleta. Isso é muito gratificante, entender que o jornalismo esportivo é tão necessário quanto o jornalismo de Cultura, de Cidades, porque ele tem um pouco de tudo. O esporte também é arte,

tem esse lado da humanidade, do serviço que é mais editoria de Cidades. É uma área fascinante!

Tania: E o que o texto de esporte deve ter?

Entrevistada 5: Deve ter emoção. Não dá para ser feijão com arroz, nunca, você tem que pôr emoção, tem que se envolver com a história. Por isso que eu digo que tem que ter muita paixão.

Tania: A diferença entre escrever sobre futebol e esportes olímpicos, tidos como amadores?

Entrevistada 5: Não tem muita diferença, esporte é esporte sempre. A diferença é que o futebol tem um público maior porque o Brasil é o país do futebol. Então as pessoas acabam se interessando mais por histórias que envolvam o futebol.

Tania: Qual a sua análise sobre a presença feminina no jornalismo esportivo?

Entrevistada 5: Como eu te disse, quando eu trabalhava no ***** era a única mulher em um ambiente de homens, assim como as outras meninas que passaram por lá. Eu fico muito feliz quando eu vejo mulheres fazendo, cobrindo esportes. Eu acho que não é uma área dos homens, mas uma área para quem gosta de esporte, para quem quer escrever sobre esporte. Qualquer pessoa pode escrever, dedicada, apaixonada, e que queira levar emoção através do texto, da rádio, da TV. Então eu vejo que ainda não é o ideal a quantidade de mulheres cobrindo, ainda gera uma estranheza, por exemplo, a gente não ver comentaristas nos grandes campeonatos de futebol. Falta muito ainda, o caminho é muito longo, mas eu acho que a gente já conseguiu alcançar muita coisa.

APÊNDICE P – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA ABERTA COM A ENTREVISTADA 6

Tania: O que a levou ao jornalismo? Por que comunicação?

Entrevistada 6: Sempre me destaquei nas aulas de Redação na escola; amo ler e escrever desde a alfabetização. Me identifico com a arte de escrever e literatura. Sempre escrevi muitos poemas, histórias e músicas desde pequena.

Tania: Quanto tempo de trabalho como jornalista?

Entrevistada 6: Atuo na área desde antes de começar o 2º período da faculdade, em 2005. São mais de 14 anos trabalhando como jornalista (de estagiária, passando por repórter, subeditora e editora).

Tania: Qual a sua trajetória até o jornalismo esportivo?

Entrevistada 6: Foi totalmente por acaso. Estava há 1 ano trabalhando em portal de notícias online, quando recebi a proposta de estagiar em jornal impresso. Queria ter a experiência de redação e poder escrever mais, pois na web os textos eram pequenos.

Tania: Foi uma opção sua o jornalismo esportivo? Ou uma imposição da chefia? Como isso aconteceu?

Entrevistada 6: A vaga para entrar no jornal era para justamente repórter de Esportes.

Tania: Se foi imposta o que a fez aceitar?

Entrevistada 6: Eu dizia que nunca ia escrever sobre isso, mas não quis abrir da oportunidade. Acabou que me surpreendi e comecei a gostar bastante.

Tania: Como era sua relação com os colegas do jornalismo esportivo?

Entrevistada 6: Depois da primeira experiência em Esportes, fui chamada para compor a equipe de outro jornal. No início, o clima era bom e eu amava trabalhar com a equipe. Com o passar dos anos, o ambiente se tornou tóxico e eu me dividia entre várias editorias para ganhar mais. Depois que saí, vi que não valeu à pena, pois só ia para casa dormir.

Tania: Agora, como era sua relação com os colegas homens da área?

Entrevistada 6: Nunca tive problema com os colegas homens, que sempre respeitaram as mulheres. Éramos maioria, com direito à editora mulher no comando. O problema estava “em cima”.

Tania: Você sofreu assédio (de qualquer tipo) dentro da empresa? Como foi?

Entrevistada 6: Sofri assédio moral várias vezes, com gritos, acusações e ameaças por parte de um dos editores executivos. Ele e outros integrantes da editoria executiva na época, colocavam os colegas uns contra os outros. No meu caso, inventaram que eu queria tomar o lugar da minha editora. Isso resultou em um mal-estar terrível na equipe e nunca mais fomos unidas da mesma forma. Pelo excesso de trabalho, chegando a fazer quase 20h de carga horária em algumas ocasiões, tive um esgotamento físico e mental. Precisei ser afastada pelo INSS e fui acusada de estar mentindo, mesmo com os laudos dos peritos. Não conseguia dormir nem com remédios tarja preta. Meu corpo inteiro doía e eu só pensava que nunca mais queria voltar a trabalhar em jornal outra vez.

Tania: Você sofreu assédio por parte dos esportistas? Como foi?

Entrevistada 6: Alguns presidentes de federações esportivas insinuavam coisas para mim, mas eu simplesmente ignorava e fingia que não entendia. Me elogiavam, dizendo que eu era bonita e não aparentava ser tão nova com um tom de voz que me deixava constrangida. E dirigentes ficavam admirados por eu saber cobrir treinos e partidas de futebol. Não lembro nomes, porque faz tanto tempo... E nem gosto de pensar nisso. Mas tinha outros que eram gentis e respeitosos. Os atletas eram super legais e alguns me chamavam de “musa do esporte amazonense” na brincadeira.

Tania: Você sofreu assédio por parte dos colegas de trabalho? Como foi?

Entrevistada 6: Nunca sofri assédio por ser repórter de esportes. Mas como citei na pergunta sobre assédio dentro da empresa, os editores executivos causavam atritos entre todos. Fui hostilizada por colegas de outras editorias por ser “falsa” e querer “puxar o tapete” da editora, sendo que jamais fiz isso. Tudo se tornou claro anos depois, quando reencontrei pessoas da época e soube o que falavam pelas minhas costas.

Tania: Você sofreu assédio por parte do público? Como foi?

Entrevistada 6: Não.

Tania: Como você ver a questão salarial no jornalismo esportivo? Havia uma diferença entre homens e mulheres?

Entrevistada 6: Na época, os salários eram muito diferentes quando se tratava de cargos. Por exemplo, o repórter ganhava três ou quatro vezes menos que o editor da mesma equipe. Mas desconheço diferenças por gênero.

Tania: Como a família a enxergava atuando nessa área?

Entrevistada 6: Minha família achava estranho, pois eu nunca gostei de futebol, nem pratiquei esportes. Todos ficaram admirados pela minha facilidade em escrever sobre o tema.

Tania: Quais foram os principais desafios que enfrentou para se manter na área?

Entrevistada 6: Era preciso ter pique para ficar até tarde na redação, principalmente em dias de jogos importantes (quartas e domingos). Era extremamente cansativo chegar de uma partida local e ter que escrever uma matéria que poderia ser capa, ou esperar o envio de material de outras competições fora do Amazonas para fechar o caderno. Não se tinha hora para chegar em casa. Trabalhar nesses dias era fora do comum, exaustivo.

Tania: Você se sentiu constrangida ao fazer uma cobertura? Como foi?

Entrevistada 6: Não.

Tania: O que o jornalismo esportivo representa para a sua carreira?

Entrevistada 6: O jornalismo esportivo me ensinou a viver o ditado “nunca diga nunca”. Aprendi a escrever sobre qualquer assunto, mesmo aqueles que eu nunca planejei escrever. Foi de extrema importância para quebrar barreiras pessoais e me fazer crescer profissionalmente. Representa meu amadurecimento de “foca” à editora, dominando um tema que, até então, não estava entre os meus interesses.

Tania: Você realizou coberturas fora do perímetro da cidade de Manaus? Quais foram?

Entrevistada 6: Fiz parte da equipe de jornalistas convidados pela Confederação Brasileira de Atletismo (CBAt), viajando para Rio de Janeiro, São Paulo e Belém (PA), onde acompanhamos três edições do Circuito Brasileiro Caixa de Atletismo. Foram as únicas viagens que fiz fora de Manaus como repórter de esportes.

Tania: Quais foram as coberturas inesquecíveis? Por que?

Entrevistada 6: Tive uma cobertura inesquecível, uma das mais cansativas, desafiadoras e incrível: o XTerra Global Tour, em junho de 2011, no “Quadrado Maldito”. O motorista me buscou às 3h da manhã de sexta para sábado me

deixou no ponto de encontro em algum lugar da Ponta Negra, onde embarcamos em uma balsa com destino ao local do evento, dentro do território do Centro de Instrução de Guerra na Selva (Cigs). Chegamos lá ao amanhecer, tomamos café e acompanhamos um dia louco, com centenas de atletas correndo e pedalando por trilhas na floresta e nadando no rio em busca do pódio. Cheguei em casa à noite e apaguei. Acordei na tarde de domingo, fui para o jornal e escrevi seis páginas de conteúdo, inclusive, com um diário de bordo contando a sensação de acompanhar uma das competições de triathlon mais difíceis do planeta. Pena que perdi o exemplar e nunca consegui a edição em PDF. Foi memorável!

Tania: Como era fazer jornalismo esportivo diário?

Entrevistada 6: Quando eu era apenas repórter, era super tranquilo. Todos os dirigentes de esportes amadores e dos clubes de futebol me conheciam. Fazia uma ronda diária e, muitas vezes, eles me procuravam para divulgar informações com exclusividade. A vantagem de se dedicar a mesma editoria por anos é que ganhamos credibilidade das fontes. Amava essa parte!

Tania: Como era fazer jornalismo esportivo nos fins de semana?

Entrevistada 6: Dependendo da programação, eventos locais, estaduais ou nacionais (Campeonato Brasileiro, por exemplo), poderia ser muito bom ou extremamente cansativo. Eu parei de curtir quando eram raros os fins de semana livres. Quanto mais a equipe diminuía, mais fins de semana tínhamos que trabalhar. Estava acostumada, porém, sugava até as últimas energias..

Tania: Qual a sua análise sobre a figura feminina em Manaus, no Brasil e no mundo globalizado?

Entrevistada 6: Infelizmente, se o Brasil está atrasado, Manaus está ainda mais. Vivemos no século 21, com muitas mulheres ainda sendo subestimadas e tratadas como se estivéssemos no século 19. Para conquistarmos espaço como profissionais, precisamos “mostrar serviço” de uma maneira que os homens não precisam. E somos cobradas a ser mães, deixando a carreira de lado ou abrindo mão de tempo de qualidade para nós mesmas, enquanto pais podem exercer a paternidade quando e se quiserem. Sei que o papel de mãe é único, mas cansa vê-las se sacrificando tanto, sem rede apoio ou uma licença-maternidade que realmente atenda à necessidade de quem quis ter filhos. Poucos são os países que valorizam as mulheres, não as tratando como homens – algo que discordo,

porque na essência sempre seremos diferentes –, mas proporcionando direitos necessários. Sou contra feminismo e machismo. São dois extremos que só causam divisão e ódio. Sou a favor de direitos, conforme a necessidade de cada um.

Tania: Como você ver a questão de gênero no jornalismo esportivo?

Entrevistada 6: Na época em que atuei, não tive problemas com o fato de ser mulher. Não sei se por lidar com atletas e dirigentes que nunca me subestimaram, ou se por isso ter vindo à tona nos últimos anos. Afinal, fui repórter de esportes até março de 2014, quando precisei me afastar por motivos de saúde. Voltei a fazer poucas matérias para cobrir um colega durante as férias e só. Não tive mais contato. Mas acompanhei relatos de colegas assediadas em jogos de futebol simplesmente por ser mulher. A torcida gritava que homens deveriam cobrir futebol, não mulheres.

Tania: O que se espera do jornalismo esportivo?

Entrevistada 6: Um dos conteúdos mais lidos e esperados pelos brasileiros é o esporte. Tanto que as edições de jornal impresso mais vendidas sempre eram no dia seguinte aos jogos e competições. As pessoas esperam boas notícias, vitórias, que seus times comprem aquele jogador em destaque, ou que o técnico seja trocado após um resultado negativo. O brasileiro respira futebol com uma paixão que, se a tabela do Brasileirão tiver um pontinho errado, chove reclamações. Mas ninguém liga para o gabinete do político após a aprovação de uma lei prejudicial. Prioridades, eu acho...

Tania: Quais as qualidades e requisitos necessários para ser um jornalista esportivo? Por que?

Entrevistada 6: O principal é estar disposto a entender milhares de esportes, com milhares de regras e atletas. Cada modalidade tem suas peculiaridades e, se o repórter quer escrever bem sobre cada uma, precisa se aprofundar. Não basta dar o resultado do placar ou do pódio. Repórter esportivo explica questões técnicas, tabelas e detalhes de uma maneira que desde o governador até o vendedor de bombom do sinal possa entender. A informação deve ser clara e simples para quem nunca nem leu sobre esportes na vida e pegou o jornal pela primeira vez.

Tania: Como se preparar para a carreira?

Entrevistada 6: Aconselho a ter certeza absoluta de que a editoria de Esportes é sua escolha, pois muitos fins de semana e noites de jogos serão necessários e aquela atividade em família, com amigos, será sacrificada. E estar preparada para torcedor com raiva, dirigente chateado e atleta que não quer dar entrevista. Mas se você gosta de acompanhar o crescimento de uma pessoa, essa é a melhor editoria. Acompanhar aquele atleta que começou criança e conquistou medalhas junto com a Seleção, como vi a ginasta Bianca Maia no Pan de 2011, é como subir ao pódio junto. Fiquei muito feliz, mesmo não estando em Guadalajara para assistir de perto. É algo que não em preço.

Tania: Qual a diferença entre trabalhar como repórter e subeditora?

Entrevistada 6: Repórter entrevista, cobre eventos e escreve. Subeditora tem que fazer praticamente o mesmo que uma editora: editar/revisar textos, colocar títulos e legendas, escolher fotos. A diferença é que a capa, as principais pautas e todo o planejamento do caderno são decididos pela editora.

Tania: Você chegou ao cargo já tendo experiência nesta área jornalística?

Entrevistada 6: Sim. Foram 8 anos em Esportes, começando como estagiária, passando por repórter, subeditora e editora interina por algum tempo.

Tania: Como é ajudar a comandar uma equipe enquanto mulher?

Entrevistada 6: Era tranquilo, pois éramos três mulheres (repórter, sub e editora) e um homem (repórter). A sintonia era ótima até aquela intriga sem sentido.

Tania: Seu salário mudou com a ascensão de cargo? Você acha que esse valor seria diferente caso fosse homem?

Entrevistada 6: Nunca recebia aumento oficialmente. Era sempre como bonificação, podendo ser retirada se quisessem. Mas acredito que ainda foi pouco, diante de todo o trabalho que eu exercia.

Tania: Quais os principais conflitos enfrentados enquanto subeditora?

Entrevistada 6: Não deixei de ser repórter. Então, além de manter a produtividade com matérias diárias (fechava uma página sozinha) e especiais de domingo (às vezes, era página dupla, com 6 mil caracteres), tinha que editar/revisar textos e auxiliar no fechamento do caderno. Por isso, tinha dias que precisava chegar de manhã e ir embora à noite.

Tania: O que você acha de mulheres ocupando cargos de chefia?

Entrevistada 6: Acho que a pessoa deve ser valorizada pelas suas qualificações e experiência, nunca pelo gênero. Nesse ponto, não deveria haver diferenças de cargos e salários.

Tania: Já sofreu algum tipo de assédio por alguém abaixo de você? Como reagiu?

Entrevistada 6: Não.

Tania: No período em que você ocupou o cargo teve alguma mulher na equipe?

Entrevistada 6: Como já respondi, sempre teve muitas mulheres.

Tania: Como costumava dividir as pautas? Divisão de tarefas?

Entrevistada 6: Por ser uma equipe pequena, costumávamos revezar na cobertura de futebol e outros esportes (amador), com cada uma responsável por fazer uma matéria especial de domingo e produzir material diário suficiente para fechar uma página. Reuniões de pauta costumavam ser sempre nas tardes de segunda-feira, com todos dando ideias e decidindo juntos quais seriam as prioridades.

Tania: As mulheres tinham algumas pautas específicas?

Entrevistada 6: Todos faziam temas variados, mas futebol era mais com os homens, por escolha das mulheres mesmo.

Tania: Você costumava olhar o trabalho realizado pelas mulheres com uma outra perspectiva de produção?

Entrevistada 6: A maneira de escrever sobre futebol, por exemplo, era bem diferente. A mulher vai além do básico e da técnica, conseguindo dar mais vida à matéria. A diferença na forma de descrever uma partida era visivelmente singular. Mas na hora de editar/revisar os textos, os das mulheres eram melhores. Os homens tinham dificuldades de escrever de maneira clara e objetiva, com muitos erros gramaticais, ortográficos e de concordância.

Tania: Qual a dificuldade de se ter uma equipe mista?

Entrevistada 6: Quem olha a equipe de fora pode questionar que mulheres tenham respaldo para gerenciar homens, quando se trata de esportes. Mas dentro da equipe era normal ter homens e mulheres lado a lado.

Tania: Na sua opinião, qual a editoria que as mulheres possuem mais propriedade (expressividade) sobre o que escrevem?

Entrevistada 6: Creio que isso não depende de gênero, mas de interesses. Conheço mulheres que escrevem muito bem sobre futebol e não têm muito afinco para escrever sobre moda. Assim como há jornalistas que arrasam em política e economia, mas detestam escrever sobre cidades e polícia. Ou, escrevem sobre tudo, sem preferências. A mulher se destaca naquilo que ela mais ama, não importa a editoria. Não gosto de futebol e nem torço para nenhum time, mas amava escrever sobre esportes. Porém, mulheres que escrevem para mulheres se destacam. Revistas como “Cláudia” e “Marie Claire”, por exemplo, são segmentadas para temas do universo feminino, gerando expressão maior para as autoras.

Tania: Na sua opinião, qual a editoria que as mulheres possuem menos propriedade (expressividade) sobre o que escrevem?

Entrevistada 6: Eu detestava escrever sobre homicídios, mas tem repórteres mulheres que se destacam no caderno policial e são especialistas na editoria. Portanto, creio que a resposta da pergunta acima complementa essa.

Tania: Quais são as matérias de esportes que as mulheres possuem mais facilidade de escrever, na sua concepção?

Entrevistada 6: Matérias relacionadas ao esporte amador, pois têm uma variedade maior de modalidades, atletas e assuntos. Ficar focada só em futebol é ruim.

Tania: Você acha que as mulheres entendem de futebol?

Entrevistada 6: Eu, mesmo sem gostar, entendia o essencial para levar a informação ao leitor. Quem dirá as mulheres que gostam e torcem. Muitas jornalistas entendem mais que os homens, se duvidar.

Tania: Você acha que as mulheres entendem de esportes amadores?

Entrevistada 6: Sim. É ainda mais interessante pesquisar e conhecer o esporte amador, justamente por não ser a febre nacional.

Tania: Com o que você se identificava ao escrever na editoria do jornalismo esportivo?

Entrevistada 6: Com os atletas que lutavam por seu espaço, em busca de um sonho. Mesmo sem patrocínio, vendendo rifas, pedindo ajuda... eles subiam ao pódio e provavam o seu valor, quando ninguém mais acreditava. Vê-los

conquistar cada medalha/troféu era uma vitória pra mim também. Me motivava a lutar pelos meus sonhos.

Tania: É mais fácil escrever sobre esportes olímpicos ou futebol?

Entrevistada 6: Cada um tem suas peculiaridades e dificuldades. Para mim, escrever sobre esportes pouco reconhecidos era um desafio maior, porque pouco se falava sobre eles. Ou as matérias eram muito básicas, sem explorar o potencial de cada modalidade. Futebol é popular, está em todo lugar.

Tania: A pauta do jornalismo esportivo manauara é diferente do âmbito nacional?

Entrevistada 6: Bastante, principalmente, porque o tempo de ouro do futebol amazonense se foi há muitos anos. O jornalismo baré tenta resgatar e valorizar os times locais, mas não existe estrutura ou gente (leia-se dirigentes) realmente empenhada em mudar o cenário. Ao mesmo tempo, o esporte amador não é tão estimado quanto deveria, com atletas de alto nível sendo deixados de lado. No eixo Rio-São Paulo ainda tem centros de treinamento, com times conhecidos em diferentes modalidades – nem vou comentar futebol. A cultura do esporte é mais forte no Sudeste do que no Norte.

APÊNDICE Q – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA ABERTA COM A ENTREVISTADO 7

Tania: Quanto tempo você trabalha com comunicação, jornalismo?

Entrevistado 7: Com jornalismo são 32 anos, fazendo as contas de 87 à 2019.

Tania: Mas por que jornalismo e não outra profissão?

Entrevistado 7: O jornalismo foi uma segunda alternativa. Minha primeira opção era administração. E administração na época que eu fiz vestibular era muito concorrido, ele era dividido em duas etapas. Fiz faculdade no Rio de Janeiro, na UERJ. E aí como eu não consegui classificação na segunda etapa, tive que ficar com a minha segunda opção.

Pra não perder a viagem pro Rio já que eu fui só pra estudar, pra não ter que voltar eu fiz comunicação. Então passei pra jornalismo e não me arrependo, foi uma escolha perfeita.

Tania: Agora, como foi sua trajetória dentro do jornalismo?

Entrevistado 7: Conheço tudo do jornalismo, da circulação, que é o cara que vende jornal, até a produção final, editorialização; que é o posicionamento político do jornal; o editorial, aquela coluna que os jornais impressos publicam; que alguns publicam até hoje, outros não. Mas assim, eu comecei da base mesmo do jornalismo. Comecei no jornalismo no radiofônico fazendo no rádio. Depois da rádio fui pra televisão, da televisão pro impresso e do impresso eu vim pro web jornalismo de internet, ou seja, vivi a experiência de todos os veículos da comunicação. Então, eu conheço o processo industrial da produção de notícias, eu conheço tudo.

Tania: No jornalismo impresso como foi sua trajetória? Começou como repórter?

Entrevistado 7: Quando comecei no ***** eu era repórter de esporte, e ai fui editor de esportes, fui pra economia, fui editor de economia, fui sub editor geral e fui editor executivo. Eu já fiz de tudo, reportagem, colunas, edição. Não existe uma única função, até porque eu gosto de fazer tudo.

Tania: Foi editor chefe de esporte?

Entrevistado 7: Ainda fui editor-chefe de esporte. Pra mim, a edição é só era função a mais, ela não era a minha ocupação exclusiva.

Tania: Como surgiu o convite para assumir o cargo de editor chefe de esporte?

Entrevistado 7: Eu estava no esporte mesmo, trabalhava com *****, e ***** era editora na época. Ela pretendia sair do jornal porque tinha proposta de uma assessoria. Então ela me indicou como substituto no jornal à direção, que aceitou e eu fiquei sendo editor e esporte.

Tania: Como era exercer o cargo de editor chefe de esporte? Como era lidar com pessoas diferentes?

Entrevistado 7: Sempre foi uma convivência muito boa, primeiro porque a nossa equipe era a menor que tinha no jornal. A gente não tinha dificuldades de relacionamento, porque nós discutíamos muito as pautas de esporte. Depois entrou uma terceira pessoa, porque eu precisava de um sub editor, que foi o *****. Como o jornal trabalhava no fim de semana e tinha que circular na segunda, então a gente precisava revezar as equipes. Um final de semana você trabalhava e no outro folgava. Então eu precisava de um sub editor, ele ficava como repórter num fim de semana e eu ficava como repórter no outro final de semana. Eram 4 pessoas, não havia problemas porque eles já sabiam o que a gente queria, uma pauta muito flexível sobre esporte, os repórteres convivem com os fatos a serem cobertos de clube de futebol, jogadores e atletas. Eles conheciam e sabiam de tudo.

Então era muito fácil, a produção da notícia fluía muito facilmente. Eles produziam bem até porque tinham fontes, eles já conheciam as pessoas, então não tinham problemas em conseguir as informações. Era muito bom.

Tania: Como era ter uma equipe mista, composta por homens e mulheres? Como era trabalhar com mulher?

Entrevistado 7: O trabalho com as mulheres sempre foi mais, como que te definiria...mais dinâmico e mais eficiente porque elas gostam mais do detalhe. O jornalismo é detalhe. Os homens não, eles vão mais na informação macro. Elas já gostam das coisas mais emocionais. As mulheres gostam de colocar nas matérias coisas que os homens geralmente não colocam, como: estado de espírito de um jogador no treino. Informações a mais que enriquecem a muito a matéria.

Na busca da notícia é “pau a pau”. É briga mesmo. Só que a mulher gosta mais de produzir a notícia do esporte. Enquanto o homem é opinioso, gosta de fazer comentário, se envolve com a torcida, tendo assim uma relação com a fonte

diferenciada, com muita amizade. Já a mulher é mais profissional nesse sentido. Ela procura outras fontes, investiga.

Tania: E a *****?

Entrevistado 7: A ***** era prática. Eu lembro que a ***** era mais voltada pro factual mesmo, mas sempre tinha uma pitada de emoção. Era o fato como ele é puro e simples. Até porque a nossa editoria no jornal era uma das que se fechava mais cedo. Você sabe que o jornal impresso tem o chamado dead line; horário do fechamento das editorias.

Ela era uma excelente repórter, conseguia ter percepção dos fatos jornalísticos, principalmente no futebol, porque o grosso da nossa cobertura era o futebol. A gente cobria o atletismo, judô, natação; mas o grosso do noticiário esportivo era o futebol. A gente tinha pesquisa de opinião que o jornal fez pra concentrar a cobertura em determinados assuntos que geravam mais leitura e mais procura. O futebol era disparado o carro chefe.

Tania: Mas havia uma delimitação? Claro o futebol era prioridade. Mas vamos dizer que está acontecendo às Olimpíadas, quem vai escrever sobre os esportes amadores, seria a *****? Ou seria os homens? Havia essa divisão?

Entrevistado 7: Não havia essa divisão. Não tinha essa distinção de esporte. A ***** gostava muito de futebol, gostava de estar nos estádios acompanhando os jogos, ia aos treinos, gostava de futebol. Mas não havia essa distinção não. Era a disponibilidade de quem estava no horário que ia acontecer. Aí os jogos, por exemplo, a gente tinha no fim de semana então a equipe já ia cobrir o futebol, se tivesse outra competição ela entraria depois, a gente esperaria um release ou faria uma matéria depois do futebol. Mas não houve essa distinção não, era de igual para igual.

Tania: E divisão de pautas como funcionava?

Entrevistado 7: Eram duas pautas por dia pra cada repórter porque a gente tinha preocupação de qualidade no noticiário. Então nós não tínhamos preocupação de quantidade devido o noticiário nacional. Então, por exemplo, lá no jornal, foi feita uma pesquisa e o futebol era disparado o esporte preferido do leitor. Ele gosta de futebol, ele não quer saber de outro esporte, ele quer saber de futebol, do Flamengo. Era em primeiro lugar o Flamengo, segundo o Vasco, terceiro Corinthians, lembro bem disso, quarto Fluminense e quinto era o Botafogo. O que

acontecia? A gente direcionava a maior parte do noticiário pro Flamengo. No noticiário do futebol local quem dominava era o Nacional, Fast e Princesa do Solimões (de Manacapuru). Então a gente concentrava no noticiário de futebol nesses clubes.

Não havia uma divisão, mas tinha direcionamento como faz o Esporte Espetacular, Globo Esporte, da Globo que dá 5 minutos para o Flamengo e 2 minutos pro Vasco, porque é a maior torcida e eles buscam audiência. No caso dos jornais impressos, eles buscavam leitores, então a gente priorizava esse tipo de informação. Mas não deixava de dá esporte amador.

Tania: E como você fazia o processo de seleção, contratação?

Entrevistado 7: A gente procurava pessoas do meio, por exemplo, repórteres que trabalhavam já em esporte, foi o caso do ***** que já trabalhava há muito tempo com esporte no Amazonas, ele era editor lá no jornal *****. O ***** que era nosso repórter, que já trabalhava com esporte na rádio, o Bruno Elander que trabalhou com a gente, fazia cobertura de futebol na rádio Rio Mar, inclusive ele era repórter de campo na transmissão de jogos. Então a gente queria pessoas do meio. O fato delas já estarem habituadas facilita a produção da notícia ou matéria porque ela já tem a fonte, já conhece o estilo de texto, sabe onde encontrar as pessoas, já tem noção de tamanho de matéria. Uma grande diferença do jornal impresso e o web jornalismo é que no mundo online tu pode escrever um milhão de caracteres, no jornal impresso é uma lauda ou uma lauda e meia, tinha um limite, na web não tem. A gente buscava selecionar repórteres que já eram do meio esportivo assim conseguimos manter a qualidade sem perder por causa disso.

Tania: E as mulheres, vocês contrataram quem já tinha experiência?

Entrevistado 7: Também, é até uma característica padrão você substituir um profissional por outro que já seja do meio, por exemplo, das mulheres eu lembro também que era a Cimone, tinha uma outra.

Tania: A Cimone substituiu a Marília?

Entrevistado 7: Foi. A Cimone substituiu a Marília.

A gente buscava informações com colegas do meio se conheciam alguém da área que estava disponível no mercado. “Ah eu conheço fulano”, então gente chamava “fulano”, pra fazer um teste aqui.

Então, fazia-se um teste que era ir pra rua e fazer uma matéria, entregava uma pauta: 'Olha vai lá no treino do Nacional, eles vão apresentar um novo jogador hoje, contratado, veio do nordeste. Vai lá e apura quem é esse cara, perfil dele, onde jogou, que títulos ganhou dos clubes do nordeste, por que ele veio pro Amazonas, de quanto tempo é o contrato dele. Vai lá e faz a matéria.'

Então ela ia, e nós disponibilizávamos a estrutura, fazia a matéria e a gente avaliava o texto, se ele estava compatível com o que a gente queria. Era assim nosso processo de seleção.

Tania: E no caso, por exemplo, a Cimone passou por esse processo também?

Entrevistado 7: Passou por esse processo.

Tania: Sempre tinha aquela ideia de "vamos sempre ter uma mulher na equipe" ou não tinha?

Entrevistado 7: Não. Não tinha. Quando eu assumi a editoria, se eu não estou enganado, ficou um tempo sem uma mulher, ficou só eu , *****, ***** e o *****. Ficamos nós quatro, e aí o ***** disse que a gente precisava ter uma mulher na equipe, até porque determinado tipo de esporte a mulher se dá melhor na cobertura.

Tania: Quais seriam eles?

Entrevistado 7: Ginastica rítmica, ginastica esportiva, judô, mulher cobre melhor. O futebol tem suas particularidades femininas também. Então, ele disse, a gente precisa ter uma mulher, eu disse: 'Tá bom então, vamos atrás de uma mulher.', e encontramos a *****.

Tania: Agora, o que se esperar do jornalismo esportivo? Você já saiu do meio, mas creio que ainda tem um carinho por essa área, mesmo que não atue.

Entrevistado 7: Na verdade, mudou muito o jornalismo esportivo daqui, mudou muito da minha época pra hoje. No início dos anos 2000 até 2014, na Copa do Mundo, a gente tinha uma cobertura do esporte nos jornais impressos e nas rádios muito forte, muito presente todo dia. Hoje já não tem. Eu não sei te dizer a que se deve essa mudança, eu posso te falar exclusivamente assim do futebol. O futebol sempre foi a categoria de esporte dominante no noticiário da mídia amazonense tanto no impresso, rádio, TV, sempre. Porque tinha mais leitores, mais telespectadores, e ouvintes.

O futebol era um esporte da rádio porque você tinha transmissão dos jogos, aquele folclore da transmissão que você não via o jogo, mas pela narração do narrador você imaginava, fazia todo um teatro. Isso foi evoluindo com a TV, hoje a gente tem a internet, mas mudou em relação ao futebol; mudou devido a falência dos clubes amazonenses. O futebol no Brasil e no mundo todo sofreu uma transformação na qual os clubes e os jogadores não estavam preparados para essa transformação: de ser um profissional de uma empresa e não de ser jogador de futebol de um clube.

Eu lembro quando comecei no jornalismo, que trabalhava na Rádio Federal do Rio de Janeiro; que pertencia a Rede Manchete aglomerado do Clube Blok; onde eu cobria o Vasco da Gama na época do Roberto Dinamite, Mauricinho, grandes jogadores. Então eram jogadores identificados com seus clubes. O Roberto jamais jogou no Flamengo, Geovani que era um grande craque do Vasco, jamais jogou no Flamengo, são os rivais. O Zico jamais jogou no Vasco, que é ídolo do Flamengo até hoje, então eram jogadores identificados com seus clubes.

Quando veio a Lei Pelé de transformar os clubes em empresas porque os clubes viviam do recurso público, do dinheiro federal, das loterias esportivas, eles iam se endividando e chegou uma hora que a Lei veio para que cessasse concessão de dinheiro público para os clubes. Os clubes foram obrigados a tratar de estrutura empresarial, que eles não tinham e não tem até hoje, são raríssimos quem tenha essa estrutura empresarial no país. No Brasil somente o Internacional, o Grêmio, os dois de Porto Alegre e o Palmeiras de São Paulo, os outros ainda são todos clubes. Então o que aconteceu? Isso se espalhou pelo Brasil. No Amazonas quem fazia o campeonato era o Governo do Estado, que dava dinheiro, quem pagava os clubes era o governo do estado. Sempre foi o estado que proporcionou e bancava. Quando isso acabou os clubes faliram porque não tinham estrutura empresarial. Por exemplo, a gente teve o São Raimundo na serie B do Campeonato Brasileiro que ficou a um degrau pra participar da elite do futebol no país. E o que aconteceu no São Raimundo? Foi parar na série D. Faliu o São Raimundo.

Todos os clubes amazonenses perderam suas identidades. O torcedor se desgostou. Você vai no jogo do Campeonato Amazonense se você contar mil pessoas é um milagre. Inclusive a gente criava termos no esporte, que lá tem uma

linguagem totalmente diferenciada da imprensa. A gente brincava que éramos testemunhas dos jogos e não torcedores. Essa é uma das razões.

Os outros esportes é porque nunca tiveram realmente apoio do Estado. O Estado dava passagem para que o atleta fosse viajar e competir, mas não bancava estrutura de treinamento, que era o que precisava pra poder continuar. Atletas que a gente diz que conseguiram viver do esporte no Amazonas: Sandro Viana do atletismo, hoje o José Aldo do UFC e a Bianca Maia da Ginástica porque teve o apoio do pai, nunca teve apoio do Estado.

Eu lembro que a gente fazia as matérias sobre atletas que ficavam nos semáforos vendendo maçã, vendendo rifa para conseguir dinheiro pra treinar e competir. Quando o Amazonino em seu primeiro governo decidiu criar o Centro de Treinamento na Vila Olímpica aquilo foi uma revolução para o esporte amazonense porque Manaus ia ter um centro de auto rendimento com referência mundial, o Amazonas fez um negócio fabuloso. Mas quem foi treinar no Centro da Vila Olímpica foram os atletas da seleção brasileira de atletismo, ginástica, de judô. Não foi o amazonense, esse foi o erro do Centro de Treinamento. O esporte já era esquecido e quando veio o centro que botou atletas da elite brasileira lá e deixou os amazonenses de fora, não atingiu o objetivo que pretendia, que era trabalhar na região norte, atletas da região. Lá eles tinha um alojamento, um hotel belíssimo, não sei como é que tá hoje, mas a função era trazer atletas de Roraima, Rondônia, Belém. Alojamento lá e dá uma boa formação técnica.

Tania: Consequentemente isso atrapalha o jornalismo?

Entrevistado 7: Exatamente, foi uma época em que o jornalismo, todo dia tinha matéria. Hoje, por exemplo, se vai à vila olímpica cobrir o quê? Não tem. Se você abrir os jornais impressos, você não vê noticiário de esporte, você só vê futebol e UFC por causa do José Aldo e porque UFC tem grande audiência e leitores. Os jornais se concentram nisso, fora isso tu não tens. Essa foi uma razão. Eles mudaram porque os clubes faliram, o torcedor se desgostou, noticiário caiu e nos outros esportes nunca tiveram apoio nenhum.

Tania: Quais os principais conflitos você já enfrentou enquanto editor chefe?

Entrevistado 7: Era convencer o dono do jornal de que determinado fato merecia notícia e outros fatos não. Eu nunca tive problemas assim com pautas e equipe, nunca. Porque a equipe era muito bem consciente da cobertura jornalística do

esporte. Mas o dono do jornal não, como ele vive de um meio que precisa ganhar dinheiro, para ele determinado tipo de noticiário não dava audiência e leitura consequentemente não traria anunciante. Então, o grande conflito não foi com equipe, não foi de cobertura jornalística, foi editorial e isso é comum porque se você trabalha num veículo de comunicação, todo veículo tem seu interesse político e econômico, isso vai sempre prevalecer sobre o noticiário, em qualquer veículo de comunicação, sem distinção. A não ser que seja o seu, que você decida que isso não vai fazer parte. Mas é impossível você fazer jornalismo sem negócio.

Tania: Alguma das suas jornalistas relatou algum tipo de assédio em cobertura?

Entrevistado 7: Não, Nunca! Até porque uma das orientações pra elas eram o respeito. No *****, a gente sempre orientava o seguinte: 'Se uma fonte pedir pra você não publicar determinada informação, você pergunta se ela tá falando em off ou publicamente. Se ela tá falando só em off pra você, tem que respeitar o pedido, se ela não falar em off você vai publicar. Nunca deixe que a fonte oriente a tua publicação.' As meninas nunca relataram problemas de assédio na cobertura jornalística, inclusive era uma surpresa, elas cobriam muito futebol e gostavam. A ***** gostava. Porque o futebol ele tem uma característica totalmente diferenciada de outros esportes. Muitos esportes são individuais, atletismo, judô, ginástica, é só o atleta competindo contra ele mesmo e o adversário. O futebol não, tem o envolvimento da torcida, tem o envolvimento do time adversário, tem o envolvimento do ambiente do futebol de campo.

Tania: E de preconceito, elas falaram se tinham sofrido preconceito no estádio ou com um treinador?

Entrevistado 7: Não. Nunca. Lembro-me da ***** ter tido problemas com *****, mas não no sentido de discriminação e de preconceito, foi no sentido de que como o ***** é um cara temperamental. Ele adotava determinadas medidas no treino que a ***** achava que não deveria cumprir e burlava essas medidas e eles entravam em conflito, mas de discussão, nada de discriminação e preconceito, sempre foram muito respeitadas.

Entrevistado 7: A gente sabe que em uma partida de futebol muitos repórteres tem o costume de tentar entrar no vestiário e como era a situação das meninas?

Entrevistado 7: Nunca foram em vestiário porque não era nosso interesse fazer vestiário como cobertura jornalística, então elas ouviam os jogadores no campo e eu falava: 'Olha, nosso trabalho é campo.'. Terminou o jogo ouve os jogadores ali no campo, beira de campo tudinho, dali acabou não tem vestiário até porque o vestiário hoje já não se permite repórter entrar no vestiário, é uma decisão do técnico do treinador que quer passar orientações e as vezes até dá bronca que é intimo do espaço deles. Eles não querem que isso saia na imprensa. Então nunca foi uma prioridade nossa cobrir o vestiário, nem para elas e nem os meninos.

Tania: E a torcida ligou pro jornal reclamando de uma matéria produzida por uma mulher?

Entrevistado 7: Ah não, isso nunca teve não. O que eu lembro de reclamações era de dirigentes.

Tania: Reclamavam das mulheres?

Entrevistado 7: Não reclamavam das mulheres, reclamavam da matéria.

Tania: Isso tanto de homem quanto de mulher?

Entrevistado 7: Tanto de homem quanto de mulher, não tinha uma reclamação específica porque foi uma mulher que fez, não! Nunca tive isso. Era o fato em si que foi publicado. Já houve, mas assim, nada que gerasse um problema de relacionamento do repórter com a fonte e vice versa.

Tania: Agora pra quem quer iniciar a carreira, seja homem ou mulher, principalmente se for mulher, o que é preciso fazer para se preparar para esse mercado de trabalho? Quais são as dicas que você daria?

Entrevistado 7: Se ela vai entrar no jornalismo, se a preferência dela é pelo jornalismo esportivo, eu aconselho a estudar o esporte. Por exemplo, na minha época quando comecei no esporte, estudei o esporte, eu ia na CBF me informar. Hoje o esporte tem diversas características, é principalmente muito cobrado, o esporte é uma atividade cara, envolve muito dinheiro, futebol nem se fala. O jornalista tem que ter noção do mercado esportivo. Hoje o esportivo ele não se processa como uma atividade lúdica, de lazer recreativa. O esporte é uma área de negócio riquíssimo, gera uma soma de dinheiro altíssimo, você precisa ter conhecimento desse mercado, as mulheres principalmente, porque se não tiver, quando for entrevistar a fonte, ela pode gerar uma desconfiança. A fonte pode não se sentir segura em dar a informação porque ela demonstra um

desconhecimento. É preciso ter conhecimento. E a outra questão é o esporte, ele não pode ter mais a emoção que tinha antes. Se tiver é uma coisa diferenciada, você vai contar a história de jogador jovem, brilhante que tinha um futuro pela frente, numa entrada, num treino e o cara quebrou a perna dele, nunca mais vai jogar bola, essa é uma coisa a parte, uma exceção. Mas o esporte futebol, esporte UFC isso não tem emoção, é negocio, a emoção hoje no esporte ela é sensacionalista; ela quase não existe; é usada como um instrumento para conseguir audiência. A TV é um exemplo claro disso, ela apela pra emoção do telespectador. Lá ela tem que fazer o atleta chorar, o cara tem que demonstrar a emoção, se não, não vale. Acho que hoje o conhecimento é fundamental, você tem que conhecer o que é o esporte hoje, se não você não consegue fazer uma matéria de esportes. Se você for cobrir o São Raimundo hoje, o Nacional, você tem que ter noção de que aquilo ali é um custo, quem é que banca esse custo? O clube, a torcida que é sócio efetivo do clube? É ele que paga o clube? Como essa participação financeira do torcedor influencia no desempenho do time numa competição? É preciso ter esse conhecimento. Aí quando fizer uma matéria ela vai fazer passando conteúdo, publicando o que realmente é, e não aquilo que aparenta ser.

Tania: Nesse caso dá pra entender que você acredita que elas entendam, estudando lógico, tanto de futebol, quanto de esporte amadores, UFC. Só precisa conhecer?

Entrevistado 7: Só precisa conhecer. Hoje não dá pra você entrar em uma área e ir aprendendo conforme tua experiência ali, você já tem que ter uma noção prévia, tem que ter, porque está muito competitivo. Os veículos de comunicação não aceitam, não aceitavam. Hoje mudou completamente porque o bom profissional custa caro, então eles preferem pegar estagiários ou recém formados e tentam ensinar, porque eles pagam muito barato o salário; abaixo do mercado. Os veículos de Manaus todos fazem isso. Os grandes veículos nacionais também. Por exemplo, em São Paulo tem a TV Bandeirantes, eles demitiram muita gente. Demitiram profissionais que não rendiam o esperado e ficaram com os bons, eles enxugaram a folha de pagamento em quantidade, mas mantiveram o nível alto de salário, mas em compensação os caras davam um show de notícias, porque os caras eram bons.

Tania: Então as mulheres possuem mais facilidade pra escrever de acordo com o conhecimento, é esse seu posicionamento?

Entrevistado 7: Eu não diria facilidade de escrever, mas eu diria facilidade de entender, porque escrever já é uma questão técnica. Escrever você já usa a técnica da escrita, a gramática, a língua portuguesa, isso aí é dificuldade de todos, não tem distinção. Mas elas tem mais facilidade de entender o fato, de ter uma visão, uma percepção de que ali tem uma coisa a mais, e isso facilita muito pra mulher, isso facilita principalmente na entrada dela no mercado de trabalho e outra coisa. O esporte, hoje nos grandes veículos, nas grandes emissoras e canais de esporte, tem mais mulheres cobrindo futebol. Lembro que vi outro dia, uma transmissão do Sportv de futebol e eram duas mulheres como repórteres de campo, não eram homens. Ficou uma em cada time, quer dizer eles buscam isso porque eu acho que a mulher ela dá, deixa eu pensar, não é uma graça, é uma descontração aquela cobertura que era exclusiva do homem.

Tania: Agora com relação a salário, alguns teóricos dizem que a editoria de esportes em muitos locais é uma das que paga menos. Onde você trabalhava, no *****, funcionava assim naquela época?

Entrevistado 7: Não. O local que se pagava menos era Polícia porque não exigia um profissional pra fazer, pegavam qualquer estagiário e botavam lá. O esporte era uma editoria média, eles pagava bem, pagava no mesmo nível de Cidades, só tinha um salário menor em relação ao pessoal de Política e Economia porque precisam de um profissional que realmente conheça, o salário era maior. E não havia distinção do salário do homem para mulher, na minha editoria, aliás em nenhuma editoria havia. Por exemplo, o salário pra quem vai entrar em Política é esse tanto faz ser homem ou mulher, pra quem vai entrar em economia é esse tanto para homem quanto para mulher. Essa era uma vantagem da empresa, ela conseguia equilibrar o ganho profissional.

Tania: A diferença poderia ser só dissídio, né?

Entrevistado 7: Talvez seja só dissídio, como os de Economia e Política ganhavam mais do que os de Cidades, Esporte e Polícia, quando vinha o dissídio era um índice só, mas aí aplicava para todos. Aquele que ganhava mais era por conta do índice maior de aumento.

Tania: Como é que você identificava nas técnicas de escrita talento pro jornalismo esportivo?

Entrevistado 7: Era complicado. Que a escrita ela é difícil, a escrita é muito difícil. Mas, o texto esportivo era o mais fácil de fazer, porque além de técnica, você não precisava se prender as regras da técnica jornalística, claro que você tinha que ter lide, sub lide, corpo e a conclusão do texto, a estrutura. Mas o texto do esporte, você não precisa ter essa rigidez da técnica, você pode usar gírias, figuras de linguagem, piadas, termos que expressem uma piada. Porque esse é o ambiente do esporte, não é uma coisa sisuda, o esporte não é a editoria de Política que é aquela coisa do paletó e gravata, tem que ficar rígido. No esporte não tem isso não, você trabalha a linguagem de forma muito solta, Os textos de esportes são muito soltos, é possível até mesmo fazer um texto literário, descrevendo emoções, como é que tá o ambiente, um sol escaldante, a gente inclusive fazia títulos geniais no *****. O profissional tem que ter esse traquejo, ele não pode escrever esporte como se ele fosse escrever uma matéria de economia com aqueles números, com aquelas coisas de economia. Ele tem que escrever bem descontraído tanto os homens as mulheres eles tinham esse dom.

Tania: E as mulheres conseguiram emplacar enquanto você foi editor algumas capas de jornal?

Entrevistado 7: Sim. Com certeza. Eu lembro que a ***** fazia matérias geniais, muito legais.

Ela gostava de coisas especiais, matérias especiais. Ela buscava coisas diferenciadas, ela conseguia botar na primeira pagina manchete de jornais com esportes. É muito difícil você conseguir emplacar a capa do jornal a gente conseguiu duas vezes lá, não lembro ao certo se foi a Seleção brasileira em uma dessas Copas do Mundo e outra se foi um jogador famoso que morreu assassinado pelo marido de uma mulher que ele dava em cima, era um jogador do nacional, foram as duas únicas. O futebol dominava, mas ela tinha um jeito diferenciado, lembro que a ***** cobria muito treino, e as matérias de esportes no domingo a gente fechava na sexta feira. Ela sempre conseguia fazer a manchete do domingo no caderno, porque ela buscava no treino uma coisa diferenciada que ninguém mais dava. A ***** também tinha essa percepção, não com a mesma

frequência que a *****. Ela era mais direta. Mas também tirava de letra. Nunca tive problemas com elas.

APÊNDICE R – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA ABERTA COM A ENTREVISTADO 8

Entrevista com Leanderson Jornal acrílica

Tania: Leanderson, o que te levou ao jornalismo?

Entrevistado 8: Eu me considero um jornalista acidental, diferente dos meus colegas. Era um músico que gostava de tocar, enquanto eu trabalhava com música a família sempre ficava naquela coisa de encher o saco dizendo que eu tinha que ter um plano B. E eu não sabia o que seria o plano B para mim, cheguei a cursar administração com habilitação em comercio exterior. Mas eu achei uma 'bosta', desculpa o palavrão, o curso não tinha ação, nada haver comigo. Cara, aí fiquei pensando: 'o que gosto de fazer além de música? Eu gosto de escrever!'. É algo que gosto de fazer desde pequenininho, participava de concurso de redação e tudo mais. Eu brincava, tenho gravações em casa como locutor e repórter. Eu acho que era uma coisa que eu tinha dentro de mim, mas não era uma coisa manifestada.

Basicamente comecei a fazer jornalismo 'tocando o barco', só que dentro do curso aconteceu uma transformação extraordinária na minha vida, porque na medida que eu fui conhecendo o dia a dia, ai eu fui começando a ter aquela sensação e dizer: 'Eu deveria está fazendo isso a vida inteira e eu não sabia', ai eu simplesmente larguei a música porquê eu queria lagar mesmo, profissionalmente tocando. Hoje eu só toco em casa mesmo.

Eu venci um prêmio de jornalismo na minha faculdade e foi o que abriu a porta para o meu primeiro emprego com comunicação que foi na TC Imagem Comunicação, uma empresa que não existe mais. A partir dali não parei. Comecei a trabalhar em jornal impresso em 2003, que sempre foi o que sempre almejei desde quando eu abracei a comunicação. Eu queria porque via toda aquela coisa de tipo poder sair do local sem ninguém saber, nem me ver, diferente da galera que trabalha com TV. Quando eu vim para o ***** em 2003, comecei com esportes, eu pensei: 'Cara eu nasci para isso, para contar história, para escrever.'

Tania: Então quando você foi para o impresso sua primeira experiência foi logo na editoria de esportes?

Entrevistado 8: Eu fui indicado por uma colega chamada Alicia, na verdade foi ela que foi chamada para essa vaga, só que como já era uma jornalista de

televisão, disse pra mim: 'Pow Lê não tem nada a ver comigo, tem a tua cara o jornal impresso. Você sempre falou que tem muito texto, escreve pra caramba.'. Aí ela me indicou.

Minha relação com esporte começou antes do jornal, eu fui atleta, jogava futebol, nadava, fazia maratona. Isso me deu a questão da memória afetiva e quando cheguei para o jornalismo já tinha uma bagagem. Eu estava um período desligado do esporte quando vim para o jornalismo esportivo, mas foi rápido reativar tudo. Quando eu comecei no dia a dia de esportes fui me descobrindo, foi uma delícia, contar as histórias com paixão, com a energia que o esporte tem. Pra mim foi sensacional.

Tania: Você foi repórter por quanto tempo até chegar ao cargo de editor?

Entrevistado 8: Eu tive uma carreira muito cheia de cargos, bem dinâmica até certo ponto. Eu comecei como jornalista de esporte em 2003 no *****, e eu fiquei 1 ano cravado como repórter da editoria. Aí depois, a empresa tinha uma política de fazer um rodízio com os novatos daí passei pelas editorias de Cidades, fui repórter de Polícia, depois fui pra Política, cobri eleição. Aí, eu virei subeditor de Cultura e entretenimento do ***** e fechei como um subeditor de economia, isso já em 2005. Nesse momento eu recebi um convite para ir para o Correio Amazonense, na época eu estava um pouco infeliz com essa coisa de estar fazendo rodízio, os mais velhos diziam que era bom. Hoje eu sei que eles estavam falando uma coisa correta, de se aprender o máximo que puder e circular nas várias editorias saber trabalhar com tudo. Mas aí eu estava um pouco chateado com isso e aceitei a proposta do Correio no final de 2005. Eu trabalhei lá como editor, sub editor de Esportes, de Cidades, repórter especial e editor executivo. No Correio, eu considero o primeiro grande momento da minha carreira. Quando eu cheguei, como era um jornal novo e os chefes na época disseram que eu podia fazer o que eu quisesse, isso foi música para os meus ouvidos porque até então o ***** era engessado , muito formal. Daí eu pensei: 'Cara isso vai ser legal!'. Tive a oportunidade de trabalhar com pessoas que agregaram muito na minha vida porque o jornalismo tem uma coisa de que não é todo mundo que quer ensinar, não é todo mundo que pede para você sentar do lado e diz que não é assim, faz dessa forma que vai dar um resultado bacana. Tem muito moleque que sai da faculdade um poço de arrogância achando que sabe tudo e tem muita gente velha

que não tá nem aí, que se 'foda' quem está chegando agora. Tem gente que tem a ideia de que as pessoas novas vão roubar o lugar. Foi lá que eu fui para a minha primeira final de prêmio nacional. Eu considero o Correio um divisor de águas, eu não teria feito as coisas que fiz se eu não tivesse passado por lá. Devido a crise que passou por lá, a situação não ficou legal e eu pedi para sair antes deles fecharem, e voltei para o ***** após um convite para trabalhar como sub editor de Cidades, isso no fim 2006. Mas eu volto numa situação diferente não mas sendo entrevistado pelo editor chefe do caderno mas pela dona do jornal, já era uma negócio melhor, um salário melhor. Até porque eu tinha conseguido ir para o Correio e mostrar um trabalho que eu considero bom, muito legal. Fiquei acho que três meses como sub editor e aí depois assumo a editoria de cidades, fui muito feliz porque a gente conseguiu o prêmio Embratel de Jornalismo com uma matéria que eu iniciei a investigação e a gente enviou um repórter para o sul do Amazonas, no arco da destruição, trouxemos um material do cacete de lá, fiz uma edição 'porrada' e a gente venceu. Daí eu recebi uma proposta para a editoria de Esporte. O Diário do Amazonas tinha trazido o Lance aqui para Manaus e ele estava incomodando o ***** porque tinha Flamengo, Vasco, aquela coisa. O povo amazonense que eu costumo chamar de o bairro mais longe do Rio de Janeiro que a gente tem. Hoje para o rico é Miami mas para periferia ainda continua sendo o Rio de Janeiro. No primeiro momento eu disse não, porque o esporte naquela época sofria. Por exemplo eu fui numa final de campeonato cobrir em Coari e a gestão antiga não tinha liberado um fotógrafo para ir, fui eu mesmo fazer foto com febre, tipo a gente não tinha estrutura. Na verdade, o esporte era tratado como se fosse um lixo da redação, o estorvo na equipe. Mas aí eu escutei a proposta dos caras, tipo: 'O momento é outro, não é mais como era, a gente está com esse concorrente aqui e a gente precisa criar um produto para concorrer'. Eu ouvi de novo aquilo que escutei no Correio: 'Você vai poder fazer o que você quiser.'. Quando eu ouço isso eu pedi para fazer o editorial, também substituir equipe se precisasse porque não adianta assumir um negócio desse com uma equipe engessada que as vezes não entende a filosofia do trabalho que tu tá fazendo. E eu vou muito nisso, eu tento trabalhar como gestor, primeiro apresentar e mostrar para as pessoas o que eu pretendo fazer, aí eu vou ver o que a pessoa tem para oferecer. Eu assumi a editoria de Esportes

em 2007 durante a Copa América, já num evento de grande porte, onde eu consegui enviar uma equipe para cobrir na Venezuela, com dois jornalistas e fotógrafo. Meu primeiro momento como editor de Esportes foi para reformular visualmente o caderno porque o conceito que se fazia de esportes era aquela coisa quadrada, antiga. O conteúdo de esporte tem que ter leveza, graça, não é papagaiada, mas tem que ter uma sacada, uma coisa mais leve, uma linguagem diferenciada. Já com base naquilo que eu tinha feito no Correio Amazonense. Daí foram nove meses para o lançamento do ***** que viria ser até hoje o trabalho que eu mais amei fazer. Nasceu o ***** em 3 de março de 2008 e a aí a gente começa uma história nova no jornalismo esportivo, até porque trouxe aquele conceito de capa, primeira página, é como se fosse um jornal dentro do jornal. Como editor de esporte, eu fiquei de 2007 até 2018, foram 11 anos na editoria de esporte. Começamos a fazer um trabalho que eu considerei revolucionário porque eu pesquisei o que foi feito antes. O mais perto que chegou do trabalho que a gente fez foi o jornal de esporte dos anos 70 que era com Belmiro Vianez, o editor que apesar de não ter os recursos gráficos que a gente tinha na época, fazia um jornal bom com arte e ilustração, que não era o que a gente tem hoje, mas já era engraçado e dinâmico.

Tania: Como você montava sua equipe? Qual era o perfil?

Entrevistado 8: --Eu tenho umas coisas que eu não abro mão, por exemplo, eu não preciso ter nenhum gênio trabalhando na equipe, mas não abro mão do desejo e da vontade da pessoa fazer as coisas bem feitas. Por exemplo, já trabalhei com muita gente boa, mas que as vezes por algum motivo a pessoa de repente não estava afim de dar tudo o que tinha, tudo que podia para a equipe. Eu uso sempre esse exemplo: Você tem o Ronaldinho Gaúcho e o Dunga, quem joga mais bonito? O Ronaldinho Gaúcho! Quem é que é mais raçudo? O Dunga. O Ronaldinho Gaúcho já fez uma carreira muito boa mas poderia ter feito uma carreira espetacular se tivesse tomado cuidado um pouco mais de si, se tivesse tomado algumas direções diferentes na carreira dele. Então assim, o quê que eu dizia e digo até hoje, não adianta eu ter um craque, o cara espetacular que não quer jogar, as vezes você precisa ter o cara que é muito esforçado que não é nenhum gênio da espécie mas que vai responder ali dentro o que você espera.

Eu tive vários perfis, mas assim esse é a mola mestra. É preciso ter sangue nos olhos, faca nos dentes, ir pra cima e está dentro daquele ambiente que a gente criou. Criamos uma atmosfera, um negócio que era diferente, porque o pessoal no ***** era formal e tal, e a gente veio para quebrar isso aí. Nós tínhamos um campo de golfe dentro da redação, jogávamos, ficávamos zoando, fazendo barulho. A gente transformou esse negócio. Minha forma de gerir é muito por criar um ambiente.

Tania: No tempo que eu estou estudando passaram na sua equipe duas mulheres Natalia e Lorena. Como você as retrata como profissionais?

Entrevistado 8: Passou só a Natalia e a Lorena na época que você está estudando porque a gente tinha dificuldade de achar mulher. Eu nunca montei equipe com base em não sei quantos homens e não sei quantas mulheres, nunca pensei nisso. A minha meta sempre foi encontrar gente que soubesse, que pudesse dar o que a gente precisava de conteúdo e informação. A Natália, eu dei um desafio para ela: que foi lançar e assinar uma coluna de esporte amador, fez muito bem só que ela passou rápido na nossa equipe; acho que naquela época recebeu um convite para ser assessora e está até hoje nesse ramo. Cara não compara a grana de assessor e repórter, e ela foi. A Lorena, tipo eu tenho maior orgulho do que ela se tornou porque era muito tímida, insegura. A evolução dela foi mais rápida do que eu imaginava e chegou o momento que eu a chamei para ser minha sub editora. Ela cobriu Olimpíadas, Copa do Mundo. Das mulheres que trabalharam na equipe ela teve a maior ascensão de todas.

Tania: Como era o conteúdo produzido por essas mulheres?

Entrevistado 8: A Natalia, eu dei um desafio para ela que foi lançar uma coluna de esporte amador, fez muito bem, só que ela passou muito rápido na nossa equipe, eu acho que ela recebeu um convite para ser assessora do ***** que está até hoje; pow, não compara a grana de assessor e de repórter; ela foi mas fez um trabalho bom.

Lorena é uma pessoa que eu tenho maior orgulho do que ela se tornou. Era muito tímida, tinha muita insegurança, trabalhava no portal, e eu fiquei enchendo o saco dela: 'bora trabalhar no *****'. Ela trabalhava no portal e o primeiro contato que eu tive foi num programinha de vídeo que a gente fazia, era um bate papo sobre esporte. Então assim, o primeiro contato que a gente teve foi ali, o segundo foi

quando puxei ela pra trabalhar comigo no *****. Vi a evolução dela gradativamente, e foi mais rápido do que eu imaginava, teve um momento que eu falei: ‘Cara, preciso de alguém pra tocar a editora comigo!’ e eu convidei a Lorena para ser minha sub editora.

Trabalhou comigo na subeditora, cobriu a Olimpíada, cobriu Copa do Mundo. Das mulheres que trabalharam na minha equipe, ela teve o maior destaque de todas. A Natalia também se destacou mas migrou para assessoria. A Lorena foi a pessoa que teve a carreira mais longa comigo e alcançou como mulher um posto maior no *****.

Tania: Como era o conteúdo produzido por essas mulheres?

Entrevistado 8: Olha como eu te falo, nunca procurei...Por exemplo, a Lorena falava de esporte amador, poliesportivo, como ninguém. Ela praticamente veio cobrir essa lacuna, porque assim o jornalismo esportivo, às vezes, é muito o clube do bolinha. A galera gosta muito de cobrir só futebol e assim você não tem as vezes um olhar para outras modalidades então a gente sofre um pouquinho pra achar.

As meninas, às vezes, não sei se pelo espaço que se abre ou pelo gosto no caso, acho que um pouco dos dois, acaba migrando para essa direção. Agora eu não escolhia: ‘Ah, vou escolher por ser mulher’, na minha época tinha um negócio que eu achava meio escroto. Tinha uma menina que trabalhou comigo no início da minha carreira de esportes, como repórter, que se chamava Graciane, e tinham uma visão até machista com ela. Ouvi falarem: ‘Ah, essa matéria aqui é pra falar de homem bonito então passa para fulana’, eu pessoalmente, naquela época pensava que se um dia eu fosse editor de esporte não agiria assim porque essa atitude é meio que diminuir. As mulheres que trabalharam comigo cobriram futebol, outros esportes, então assim não teve essa coisa. Eu queria e sempre quis ter gente na equipe que tivesse capacidade de resolver a minha vida como um gestor de equipe, eram umas meninas que falavam de igual para igual com a macharada, não só no conteúdo esportivo, mas nas brincadeiras .

Tania: Já a Lorena que era mais tímida?

Entrevistado 8: --Tem uma palavra que se fala muito hoje e sempre fiz sem saber, o tal do empoderamento que eu faço com as pessoas: é emponderar, dar a elas crença de que podem fazer coisas grandes. A ***** eu nem tive muito tempo

de trabalha isso com ela, foi uma passagem bem rápida mesmo, mas a ***** eu acho que é meu case de empoderamento porque realmente ela era muito tímida quando começou.

No primeiro momento ela tinha maior medo de sair do portal pra ir para o impresso porque era uma coisa que ela não tinha feito e eu todo tempo lá: 'Olha, vamos lá' e aí teve essa passagem. No fundo eu acho que é isso que eu faço, as vezes até um pouco exagerado, de tanto dá aquela coisa de se empoderar que pode chegar o momento que a pessoa pode chegar a falar: 'Não quero mais participar dessa porra não!', de se sentir pica das galáxias e não sentir mais necessidade de direcionamento. Tipo eu sou tão 'foda' que eu não preciso mais de ninguém. Mas eu também penso da seguinte forma, quando uma pessoa chega nesse patamar é porque eu fiz o que tinha que fazer.

Tania: Teve algum momento das meninas falarem que sofreram preconceito na externa cobrindo futebol ou que sofreu algum assédio?

Entrevistado 8: Das meninas, as vezes uma coisa do entrevistado agir com saliência, tipo era aquela situação de terminar a entrevista e o cara dizer: 'E ai dá pra gente sair', ou algo do tipo. Eu lembro de ter escutado algumas histórias assim.

Tania: Mas qual era seu comportamento frente a isso, quando elas chegavam com esse tipo de situação?

Entrevistado 8: Na verdade as meninas que trabalharam comigo elas nem precisavam de conselho meu, porque elas sempre foram emancipadas mesmo de chegar e meter o pé na porta.

Tania: Com relação ao público, esportistas, treinadores, cometer alguma atitude preconceituosa ou até de assédio mesmo com as suas repórteres, teve?

Entrevistado 8: Eu não me lembro, se teve não sei. Eu tive isso com homem, de técnico ligar e perguntar que jogo que seu repórter assistiu? Uma forma de intimidar o meu repórter.

Tania: Como você costumava dividir as pautas entre a equipe?

Entrevistado 8: O campeonato amazonense pede que você faça uma setorização dos profissionais porque você tem 8/10 times e você tem que dividir tarefas, mas no geral as minhas regras com o pessoal sempre foram assim: se você conseguir uma boa pauta ela é sua, não interessa se for a pauta que o outro

cobre. Agora é claro, você conhece seus repórteres, você conhece a habilidade e afinidade de cada um com determinados temas, daí você direciona. Assim você consegue dizer: essa pauta tem a cara do fulano.

Tania: Como você vê a questão da mulher com relação à produção de conteúdo? A mulher tem um olhar diferenciado?

Entrevistado 8: Eu acho que isso é de repórter para repórter, no grosso não, é a mesma coisa. É igual cara, inclusive foi o que me fazia contratar, não é o fato de ser uma mulher, ou de ser um homem que define. É aqueles outros critérios que eu te falei: aplicação, desejo, prazer, a vontade, a faca nos dentes, a gana de realizar alguma coisa.

Tania: Qual é a maior dificuldade de se ter uma equipe mista?

Entrevistado 8: Cara, o machismo por incrível que pareça de algumas pessoas que faziam parte da equipe. Tipo assim, queria diminuir o trabalho delas. Tive uma pessoa da equipe que agia assim em, reunião de pauta, aí eu não gostava e dava uma chamada. Tipo a mulher está cobrindo futebol e dá uma opinião sobre determinada coisa, aí o outro vem querer diminuir, que mulher não entende de futebol. Não pode ser assim. Então eu acho que a maior dificuldade delas, de repente, as vezes era nessa relação com os demais colegas. Mas foram poucos episódios que a gente teve. Se eu for contar aqui nos dedos, acho que a gente só teve uns três casos desse tipo.

Tania: Na sua opinião, há uma editoria que a mulher consegue atuar de maneira exemplar? Você que já passou por várias?

Entrevistado 8: Eu não tenho dúvidas de que a política é a cara da mulher. Quando eu cheguei aqui em 2003, a editoria de política era toda formada por mulheres. A editora daquela época é diretora de redação atual. Eu acho que a capacidade de análise é muito avançada, uma mulherada que dá show. Creio que a mulher é mais inteligente, de pegar no ar. A política é muito esse lance de você ler as entrelinhas, de observar uma situação. Até hoje quando eu estou conversando com a minha chefe eu me surpreendo com as leituras que ela faz, que são coisas que eu não faria.

Tania: E agora, tem alguma editoria que a mulher, no seu ver, ainda tem muitas dificuldades?

Entrevistado 8: Cara, até numa área mais complicada, teoricamente, a de polícia a gente tem um espetáculo chamado Joana Queiroz, que é uma pessoa que tem várias matérias ‘fodas’. Então eu não consigo visualizar uma que seja menos. Por exemplo, se você der para mulher fazer cultura, ela vai fazer muito bem, se der política ela vai fazer absurdamente bem. Por exemplo, olha na Globo News a quantidade que tem de mulheres que são analistas de diversas áreas. A mulher está dominando geral, então eu não sei dizer uma área que eu ache que a mulher vai fazer menos do que o esperado.

Tania: A pauta do jornalismo esportivo manauara é bem diferente da nacional?

Entrevistado 8: Primeiro, eu costumava dizer e digo ainda que é a arte de tirar leite de pedra porque a gente não tem time na elite do futebol brasileiro, então assim, se tem uma situação que você tem que tornar esse tipo produto algo interessante para vender. O que o ***** fez de diferente nesse aspecto? A linha editorial que a gente seguia era de privilegiar mais notícias de fora, começamos a fazer um negócio de realizar entrevista com atleta que estava no Rio, São Paulo, que a galera queria saber o que estava rolando. Minha equipe entrevistou ídolos como o Zico e o Dinamite, fora os jogadores que estavam no auge no momento. Então, essa foi uma forma que a gente encontrou de estar trazendo conteúdo interessante para o nosso público. O olhar que nós tínhamos para fazer as coisas daqui também tinha que ser diferenciado para poder captar as coisas que estavam aparecendo, mas assim o que eu te digo, o Amazonas é muito ‘foda’ no assunto de gerar conteúdos bons. Olha só, o grande prêmio de jornalismo que eu ganhei foi o da Petrobras, quando cobri um evento chamado Copa Gay de Futebol, que foi realizada logo após a Copa de 2014. Tem muita coisa boa para se cobri, curiosas por aqui. Por exemplo tem uma competição que só acontece aqui, o Torneio de Pênalti. Tem coisas no Amazonas que são extraordinárias no ponto de vista da cobertura, do diferencial, coisas que você não vai encontrar em lugar nenhum.

Tania: A editoria de esportes é considerada por alguns a que se dá menos atenção quanto a investimento. Você concorda?

Entrevistado 8: Acabou que com essa crise no jornalismo acabou voltando, mas assim a gente conseguiu. Uma coisa que eu tenho orgulho de dizer é que fizemos coisas que nunca foram feitas na história do jornalismo esportivo do Amazonas.

Vou te dar um exemplo: cobertura da Copa do Mundo de 2014 e Olimpíadas, tivemos uma equipe grande cobrindo. A gente chegou até uma equipe de até 10 pessoas.

Tania: Quando se estar em crise se corta a equipe do esporte?

Entrevistado 8: Hoje em dia eu acredito que não se corta mais no esporte, está cortando em tudo. O que acontece, os jornais impressos entraram em um colapso, poucos estão conseguindo fazer o processo de transição para o universo on line. Vou citar aqui o Zero Hora e a Gazeta do Povo. O que eles fizeram? Foram gradativamente fazendo a sua migração, O Gazeta é um case curioso, um jornal regional de Curitiba que está se expandindo para se tornar um veículo nacional, dada a qualidade do produto deles. Eles tiraram a produção do impresso que era diária para uma edição semanal, que é a edição de domingo. São poucos os grupos de comunicação que conseguiram fazer essa transição de modelo de consumo de informação de uma forma tranquila, no geral é um verdadeiro desastre.

Tania: Agora, é verdade que esportes é a editoria que paga menos?

Entrevistado 8: Na época eu tive repórteres bem pagos, nós tínhamos salários equiparados. Eu como editor chefe tinha um dos maiores salários do jornal e os repórteres também ganhavam uma grana legal, a coisa foi caindo no decorrer dos anos.

Tania: Havia diferença salarial entre homem e mulher?

Entrevistado 8: Não que eu me lembre.

Tania: Na sua opinião quais são os requisitos básicos para quem quer adentrar na área do jornalismo esportivo?

Entrevistado 8: Primeiro você tem que conhecer aquilo que está fazendo porque haverá uma facilidade ao escrever. No caso da mulher pode ter situações de machismo numa cobertura e como que ela quebra isso? Com conhecimento. Eu vi isso para os dois, homem e mulher, se tu vai para entrevista e o cara sente que tu não sabe sobre o que tá falando vai deitar e rolar em cima. Mas isso não vale somente para o esporte, vale para tudo. Eu já tive homem da minha equipe que perguntou do entrevistado o que era o volante, quando eu soube chamei a atenção: 'Cara, porque tu não ligou para mim?'. Passou por um constrangimento à toa. Com mulher eu não passei por nenhuma situação desse tipo, por isso que

eu te digo que não vejo diferença. Você não precisa chegar sabendo de tudo mas precisa estar disposto. Eu tive uma das meninas que trabalhou comigo que não entendia muito de futebol mas sabia de outros esportes. Ela passou a ir pro jogo na hora da folga dela, passou a perguntar dos familiares, amigos, namorado, quando passou um determinado tempo ela já sabia mais do que os outros.

Tania: Então as mulheres não ficavam só com o esporte olímpico (amador)?

Entrevistado 8: Futebol normal e faziam de tudo. Às vezes por uma ou outra coisa que a gente esquece, nós também agíamos diferente. A gente tinha uma equipe muito grande e também separava por setores, mas de acordo com a afinidade do trato. 'Pow', as meninas cobriam futebol e as vezes cobriam melhor que alguns caras que trabalharam comigo, por isso que eu te digo nunca tive problema de um dirigente ligar para cá para criticar uma das meninas, tipo dizendo que escreveu alguma besteira, mas eu tive com homem. Eu tive mais problema com repórter homem de não saber de termos de algumas modalidades, por exemplo, como já falei: Tive um repórter que perguntou de um entrevistado o que era um volante. Quando ele me contou que fez isso eu pirei, questionei porque não havia me ligado, eu teria explicado e não teria passado vergonha na frente do cara. Nenhuma mulher fez algo desse tipo. Você não precisa chegar sabendo de tudo, mas precisa ter interesse.

Tania: O que se espera do jornalismo esportivo?

Entrevistado 8: Acho que no nível local, a primeira coisa que eu espero é sobrevivência no atual momento, porque o que eu estou vendo muito é que as redações de futebol praticamente acabaram no jornalismo impresso, jornal impresso com redação de esportes só tem aqui onde estou. Nos outros veículos, o cara tem que dar conta do esporte do jornal e do outro jornal menor. Eu não acho que a nossa profissão esteja acabando como muita gente gosta de dizer. O negócio é o seguinte, se está no processo de mudança de consumo, da forma de se consumir notícia, isso é óbvio. Eu vejo que no primeiro momento é o sobreviver e depois descobrir os novos mecanismos. Uma coisa é certa, sempre terá gente para consumir. Essa é a minha perspectiva local, segundo descubra os novos nichos, os mecanismos para colocar o negócio, porque ele não vai deixar de existir. Em nível nacional, nós temos uns desafios tão grandes como temos aqui porque se tem uma quantidade gigantesca de mão de obra. Acho que o desafio é

se criar novos espaços, por exemplo: Hoje se tem a internet, rede social. Eu tô dirigindo o ***** mas não perdi minha conexão com esporte, continuo como comentarista esportivo na TV e já tenho um projeto que estou na fase embrionária.

APÊNDICE S – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA ABERTA COM A ENTREVISTADO 9

Tania: O que te levou ao jornalismo? Quanto tempo na área? Por que comunicação e não outra área, por exemplo?

Entrevistado 9: Na realidade acho que isso foi meio que implantado na minha cabeça desde que eu estudava na escola. Eu sempre gostei muito de escrever, criar histórias, fazer poesia. Eu achava inicialmente que era coisa de adolescente mesmo, mas depois que eu entrei no ensino médio mudou. Acho que é uma coisa meio automática, as pessoas olham pra você que gosta de escrever e já dizem que vai ser jornalista. Quando eu fui prestar vestibular acho que eu não pensei em nada não, fui logo em jornalismo. Eu sempre fui uma pessoa muito comunicativa e o fato de gostar de escrever já me remeteu a isso.

Eu estou no jornalismo e eu entrei no mercado de trabalho em 2005 quando fiz parte da comunicação da Prefeitura, Semcom na época, era a turma de assessoria de comunicação do Serafim que na época era prefeito e agora é deputado. Eu era estagiária, mas era aquelas estagiárias que já andava na equipe dele fazendo umas matérias, acompanhava as pautas. Eu entrei em 2005, passei só um ano lá e já me mudei para o Correio Amazonense.

No Correio Amazonense eu fiquei 1 ano também, e de lá eu já fiz uns 'free' no Jornal do Comercio e já migrei para o Diário do Amazonas. Fui pro Correio Amazonense já com a proposta de ser repórter esportiva, e aí eu fiquei como repórter nesse período já aprendendo bastante as coisas de edição e tudo. Quando eu fui para o Diário do Amazonas foi como repórter esportiva também, eu era repórter de campo mesmo. No início eu gostava muito do esporte amador. Geralmente os jornais colocam os novos para cobrir o esporte amador. A gente chama de esporte amador o que não é futebol, só que desde o Correio eu fui jogada pra cobrir futebol foi meio que desesperador no início, porque eu confesso que eu não tinha muita familiaridade, tinha receio na realidade, eu era aquela torcedora, mas não tinha aquele conhecimento de acompanhar, de saber regras e essas coisas.

Quando eu fui para o Diário do Amazonas eu fui como repórter esportiva, mas lá eu já tive minha primeira experiência como editora, porque eu fiquei substituindo o ***** que era o editor na época, fiquei dando suporte nos plantões dos finais de

semana, na edição do caderno, tínhamos um ou duas páginas locais. E aí eu já editava. Quando eu saí do Diário, acho que em 2007/2008, fui pro ***** , mas aí eu já fui como editora de esporte, já migrei rapidamente pra edição. Eu não lembro ao certo quanto tempo eu passei na edição de esporte, acho que 80/90% desse tempo foi esporte, mas aí eu migrei pra Cidades e Polícia por uma época, e depois pulei para o Esporte de novo. Mas sempre na edição.

Tania: Não como repórter?

Entrevistado 9: Não como repórter. Eu sempre gostei muito de escrever, então às vezes eu me dava o direito de produzir uma série aqui, uma matéria especial ali, e a gente acaba que não consegue muito ficar sem escrever; mas foi meu período de edição mesmo não tinha muito pra onde fugir. Quando eu saí do ***** , nesse meio tempo eu conciliei jornal com assessoria de imprensa, já passei pela assessoria do Implurb, assessoria do ManausMed e assessoria política; onde estou até agora.

Tania: Você estudou na Ufam?

Entrevistado 9: Estudei na Ufam, entrei em 2002.

Tania: Você foi repórter de esporte pra depois chegar a editora. Como é que foi a sua experiência enquanto repórter?

Entrevistado 9: Na realidade acho que ser repórter é a melhor função no jornalismo. A edição te proporciona noções de chefia, coordenação, relacionamento, salário; porque na época que eu participava da redação o salário era melhor do que o de hoje. Na época surgiram jornais novos, tinha toda a questão da valorização mesmo das equipes. Quando eu fui repórter me apaixonei pelo atletismo, eu viajava. Na época era o Sandro Viana que estava em evidência e foi justamente naquela época que ele conquistou o Troféu Brasil, então eu ia e fazia questão de cobrir.

Mas eu fazia matérias de todos os amadores e o atletismo era o que eu gostava mais. No Correio Amazonense foi minha primeira experiência com futebol. Lembro que na primeira cobertura me disseram assim: 'Cola no pessoal de rádio.', e foi basicamente o que eu fiz. Cheguei sem muita noção, sem nada, fui com meu fone e coleí no pessoal da rádio, que geralmente é o pessoal que tem mais rapidez na identificação dos jogadores e tudo mais.

Eu sobrevivi a primeira cobertura, desde então eu comecei a ganhar intimidade, criei intimidade de tal forma que mesmo sem estar de plantão nos fins de semana de folga eu ia para o estádio acompanhar os jogos do Campeonato Amazonense, eu ia porque eu gostava, sabia, conhecia os jogadores. Durante minha passagem pelo Diário do Amazonas eu fiquei com o Nacional, eu lembro que eu ficava com ele diariamente, e com o Fast que na época era Itacoatiara

Tania: Ou seja ficou com o Nacional em Manaus e o Faste em Itacoatiara?

Entrevistado 9: Eu cobria os outros também, mas obrigatoriedade de cobertura de treino era o Nacional. Eu fiz umas viagens a Itacoatiara, Manacapuru para cobrir os jogos de lá. Então, assim todos os técnicos mais antigos já me conhecem. Na época quem era o presidente do Nacional era o Maneca, e a gente criou uma amizade bem legal, Amadeu Teixeira ainda estava no América.

Mas assim eu criei bons laços, teve toda aquela reação de ser mulher. Diariamente chegando em campo de futebol passei por algumas situações de jogarem pra você e acharem que você não está entendendo nada em campo, mas de no outro dia perceberem que tu entendeu, passou isso para o papel; passou o que estava sendo visto em campo para o papel que não era para falar; enfim era aquela coisa mulher não deve entender de esquema tático então eu posso treinar com ela aqui dentro. Mas essa altura eu já estava tranquila, eu acompanhava tudo quanto é tipo de futebol.

Tania: Como era sua relação com os colegas de trabalho?

Entrevistado 9: Eu nunca tive problema não. Eu lembro que quando entrei na editoria de esporte, se eu não me engano, só tinha homem, depois foram surgindo as mulheres na minha editoria, que foi a Nathalia. Ela entrou como repórter, tinha conhecido a Nathalia no Correio Amazonense, nós tínhamos sido repórteres juntas, e lá ela só cobria amador, não cobria futebol.

Tania: Isso quando você já foi editora?

Entrevistado 9: Isso. Eu não vou dizer que fui vítima de preconceito, porque eu acho que seria exagerado. Eu sei que existe uma resistência, que os homens sempre acham que sabem mais. Na época mais, creio que já deve ter mudado esse conceito porque tem muita mulher no ambiente esportivo, nos jornais e TV's. Quando você trabalha em uma redação que o diagramador é homem, que o editor

chefe é homem, que os teus repórteres são homens você acaba tendo que aproveitar isso de uma forma positiva.

Tania: E com os colegas de trabalho (profissão) realizando cobertura, fazendo matérias, teve alguma situação constrangedora?

Entrevistado 9: Super tranquilo, eles falavam até que eu tinha uma certa preferência. Que eu acabava levando vantagem, por ser mulher não vão tratar mal, não vão negar informação. Na verdade era tudo uma consequência, pode ter sido que sim e por consequência diária porque eu cobria determinados times.

Tania: E com os esportistas? Com técnicos? Sofreu alguma coisa?

Entrevistado 9: Não. O ***** ficava extremamente irritado, com toda razão, com a falta de conhecimento, quanto a pessoa que vai pra campo sem conhecimento. E eu sempre fui muito preocupada em ter conhecimento, quando eu trabalho com alguma coisa eu mergulho muito naquele universo. Se agora eu estou trabalhando com politico você não tenha dúvidas que eu estou mergulhada no mundo politico de todas as formas possíveis, em todos os meios de comunicação e veículos possíveis; pode ter certeza. Então por isso acho que eu nunca tive problema.

Tania: Nenhum assédio?

Entrevistado 9: Não, acho assim, eu sempre tive isso na minha cabeça que o primeiro contato iria ser o que estabeleceria nossa relação dali para frente. Quando você surge no campo de futebol vai ter uma reação, é uma mulher entrando no ambiente que na minha época praticamente era masculino, como era só eu de repórter esportiva então tinha sim aquele primeiro choque, aquele primeiro olhar, aquela primeira risada. Nunca ninguém foi de fato desrespeitoso. É porque os técnicos sempre foram muito firmes nisso, e acabou que construíram uma relação a gente virava brother, sabe de ás vezes falar assim: 'Ei, eu tô aqui!'. Há tu é brother, tu não conta, tirando brincadeira entre eles e eu estava ali no meio. Eles já desconsideravam o fato de eu ser mulher.

Tania: Mas isso não era constrangedor?

Entrevistado 9: Não, nunca foram brincadeiras desrespeitosas. Era bagunça entre eles e tal, assim nunca foram desrespeitosos comigo.

Tania: E com o publico, houve?

Entrevistado 9: Engraçado, nessa época eu era a única repórter esportiva que eu lembro mulher. Teve um dia engraçado, que eu estava em Manacapuru eu não lembro qual o estádio, e aí a pessoa gritou assim: 'Oi, Marília!'. Eu olhei e fiquei pensando quem é aquele. Isso aconteceu porque na época, no Correio Amazonense nós tínhamos uma coluna, então as colunas iam com fotos e acabava que era fácil a identificação. Os torcedores do Nacional sabiam que era eu, então já me cumprimentavam pelo nome. Os torcedores que vão todos os dias para o estádio assistir os treinos sabiam, os jogadores já sabiam.

Então eles iam criando essa identificação e com o passar do tempo já era normal eu estar no meio. Eu te confesso que eu nunca recebi nenhum tipo de rejeição descarada. Lembro que uma vez só, mas não foi pela questão de ser mulher foi uma questão de trabalho mesmo. Eu fui para um treino, era véspera de jogo, e o técnico colocou um time em campo e não considerou que eu estava ali. Fez várias alterações, quando foi na matéria no dia seguinte eu falei que ele tinha feito algumas alterações, tinha mudado o esquema tático. No outro dia os jogadores estavam chateados comigo, porque disse que eu tinha falado o jogo e não sei o que. Eu disse 'Pow, ele não me viu aqui porque não me disse isso aí?'. Sinceramente acho que o treinador pensava que eu não saberia fazer aquela leitura, ele não entendeu até que ponto eu fazia uma leitura de campo. Mas tudo bem, nunca senti nenhuma rejeição, nenhum tipo de piadinha de torcedor pelo fato de eu ser mulher.

Tania: Qual a diferença de trabalhar como repórter e editora chefe?

Entrevistado 9: O repórter vai pra rua. O repórter vive as coisas, ele vivencia. Ele cria relações, ele é a pessoa que tem o poder de visualizar o que realmente importa.

Acho que logo quando você assume uma diretoria, qualquer cargo de chefia tua maior missão é entender que o outro não vai fazer como tu fazes. Mas isso é normal. Eu sempre fui muito cri cri, até hoje eu sou. Quando eu virei editora parei de construir essa relação com entrevistadi, tanto que as minhas relações de esporte são bem antigas, pessoal antigo mesmo do futebol. Novas relações também eu não construí porque eu não ia mais pra campo. Então algumas eu falava por telefone, fazendo uma matéria ou outra, mas a diferença é muita. É

pegar um material que já vem pronto, eu sempre fui muito questionadora com relação a matérias.

Mas não tem comparação vida de repórter é uma coisa surreal foi quando eu tive a oportunidade de viajar e construir relações, de ver de fato, o que é captar uma matéria. A edição te deixa mais presa, a tua relação cabe aos teus repórteres, se tem mais o teu poder de coordenação, organização da equipe. Depois de um tempo é uma rotina, você tenta o máximo fugir daquilo. Mas é uma rotina, existe uma rotina na edição de um jornal. Não propriamente na rotina do jornal porque todo dia é uma coisa diferente, todo dia é uma pauta diferente e uma capa diferente; mas você sabe que você vai pegar o material editar, selecionar e mandar no G6. É muito diferente.

Tania: Como é comandar uma equipe? Uma coisa é ser repórter, agora comandar, ter esse papel de chefia.

Entrevistado 9: É difícil, porque se relacionar com ser humano é difícil, comandar o ser humano é difícil, nós somos muito diferentes. É engraçado, toda vez que eu ocupo um cargo de chefia, eu aprendo um pouquinho mais. Parece que a gente nunca aprende o suficiente, a gente sempre vai corrigindo uma coisa aqui, outra coisa ali. Quando você ocupa um cargo de chefia tem que entender, justamente o que te falei minha primeira missão é entender que nem todo mundo é igual a mim, que nem todo mundo vai trabalhar da forma que eu trabalharia ou vai escrever da forma que eu escreveria. Hoje eu sou um misto dos meus antigos chefes. Eu fui herdando um pouquinho de cada, e hoje em dia eu olho e não suporto certas formas de escrita e não tem quem me faça aceitar, porque ele me disse naquela época que não era legal; ele era uma referência pra mim. Então eu herdei isso, e aos poucos a gente vai passando, vai transferindo e as pessoas já vão adotando e vão falando pra outras. Eu considero uma função muito difícil porque você tem que ter muito jogo de cintura, ser extremamente organizada, você tem que ser política. Porque existem situações que os teus subordinados, os teus repórteres não vão entender, não vão aceitar necessariamente o que tu falas ou a forma que tu pensa, ou a forma que tu achas que ele deveria ter feito.

Existe problemas entre os repórteres da equipe que você tem que saber lidar: as ciúmeiras, os egos, as vaidades que surgem por capa ou seja qual for o motivo. Ainda existe, também, as relações de amizade, porque eu sempre digo em

qualquer ambiente que eu chego que amizade é consequência. Ela não é o início, ela é consequência de uma relação diária de trabalho que é criada. Depois que você sai desse ambiente de trabalho consegue visualizar de fato as tuas amizades que ficaram.

Tania: Agora quanto a editora chefe de esporte, qual foi o conflito?

Entrevistado 9: Não, Não... Assim, conflitos tem. Já tive confusão quando eu era repórter ainda em campo com fotógrafo, de fotógrafo querer liderar a equipe, de querer levar o carrinho embora e me deixar pra trás, já fui pra diretoria do jornal reclamar. Essa foi a pior, hoje eu já sou até amiga desse fotógrafo, mas assim já tive, mas na realidade não foi confusão. A minha relação até hoje com as pessoas que eram meus repórteres é muito boa. Lógico que tinham questionamentos. Tem repórter que não concordam com a tua ideia, que volta puto da vida porque tu mandou reescrever o texto, que não gosta do destaque. Mas isso aí é rotineiro, nada que eu possa dizer assim: 'Meu Deus isso mudou completamente a minha relação com essa pessoa.'

Tania: Agora o que tu acha de mulher ocupando cargo de editora-chefe no universo que é tido como masculino? Na editoria de esporte.

Entrevistado 9: É, na minha época eu sentia sim, não vou me vitimizar também, mas sim existe. Eu acho que existia aquele olhar mais cauteloso das pessoas, o olhar mais crítico. Talvez um erro tomasse dimensões maiores. Porque assim, é natural a sociedade agir assim com as mulheres. Desde pequeno, o menino já acompanha futebol e menina acompanha outras coisas. Então o futebol é uma linguagem muito natural para os homens. A mulher na minha época não necessariamente todas, quando era colocada nesse ambiente esportivo tinha que criar essa intimidade com a linguagem. Até onde eu sei ao menos as mulheres que trabalharam comigo construíram uma intimidade com a linguagem do futebol. Mas assim acho que principalmente por conta da direção na época eu durei bastante na editoria de esporte, eu só sair do esporte por uma decisão minha mesmo por que foi quando eu resolvi sair do jornal foi mais propriamente uma decisão de saída do jornal do que da editoria.

Tania: Agora, você sofreu algum tipo de assédio dentro do ***** quando ocupou o cargo de chefia de esportes, tanto por alguém que estava abaixo ou acima de você?

Entrevistado 9: Não, relacionado a diretoria não. Eu acho que talvez uma situação ou outra, mas eu acho que isso é mais uma questão de tato mesmo, questão da pessoa não saber argumentar, não saber discutir, não saber entender, eu sempre fui teimosa mesmo. Eu lembro que eu tive um chefe que falava que enquanto eu não falasse que estava bom não acabava a discursão, ele falava: 'Tá, Marília, você tem razão cansei de brigar!', mas assim de assédio, de exposição, de gritar, de me desvalorizar na frente dos outros, não. Eu acho que nesse sentido eu tive sorte de não ter sofrido nenhum tipo assédio, não tenho nenhuma mágoa. Eu guardei o que essa galera me passou de bom.

Tania: Agora, quando você ocupou o cargo de editora chefe teve alguma mulher que trabalhou com você?

Entrevistado 9: Sim, teve sim. Quando eu fui editora, lembro de duas que trabalharam. Foram repórteres e evoluíram para editores e sub editores. A ***** foi minha sub editora. Ela foi repórter no Correio Amazonense, foi pro ***** como repórter e cobria mais amadores e assumiu a sub editoria, mas trabalhava paralelamente fazendo matérias e me ajudando na edição. A ***** trabalhou comigo, era repórter, me ajudou muito na editoria no processo de edição, mas nenhuma das duas hoje trabalha com esporte; uma migrou para a área policial, pra assessoria policial e a outra viajou tomou outros ares, atua como jornalista e doula.

Tania: E como você dividia as pautas, as tarefas?

Entrevistado 9: A ***** sempre gostou de cobrir esporte amador, futebol não era muito a área dela. Ela não gostava na realidade, mas assim não tinha muito o que escolher, você não escolhe. As meninas sempre gostaram muito de trabalhar com o esporte amador, que são outros esportes que não necessariamente o futebol, mas foram bastante para campo. Acho que a ***** até foi mais para campo pra cobrir futebol, para pré-treino, que na realidade pra mim tinha que ter. Afinal sou daquela que acredita que você tem que ter conhecimento, tu cobre esporte então tu tem que entender tudo; não tem saber só de atletismo, só basquete, só de vôlei. Tem que entender de tudo. Em uma editoria de esporte tu tem que ter o mínimo de conhecimento sobre futebol, porque o futebol é o carro chefe dos cadernos de esporte daqui. Então tu tem que ter esse conhecimento.

Tania: E os homens?

Entrevistado 9: Vou te ser sincera, homem já é futebol. Homens não cobriam só futebol mas eles já estavam automaticamente no futebol, não porque eles entendiam mais, é porque existe muita afinidade . E ela faz o repórter render muito mais quando gosta do que cobre. Por exemplo, os meninos que trabalharam comigo tinham muita identificação com o futebol, todos cobriam os outros esportes, faziam a ronda diária. Eu não posso te dizer as meninas cobriam os amadores e os meninos o futebol, todo mundo cobria futebol. O amador as meninas tiveram preferência, tinham aquela delicadeza, o cuidado de achar um personagem diferente, de cobrir a ginástica, de achar um personagem, de conversar com aquele personagem, de montar uma história a partir dali. E como todo mundo cobria futebol eu sentia essa questão tática, essa questão da preocupação, a acessibilidade por parte dos meninos porque eles já estavam mergulhados nesse mundo há mais tempo, mas eu nunca disse homem cobre futebol ou só mulher cobre futebol porque eu já tinha ido para campo. O olhar da mulher é diferenciado, eu não digo que é melhor ou pior, digo que para o esporte amador local eu notei nas minhas repórteres mulheres uma acessibilidade surreal de identificar personagem, de catar histórias, de criar relações fora desse mundo futebol. Não que homens não tenham criado, mas eu percebia que essa acessibilidade deles estivesse muito voltada ao futebol. O homem quando vai cobrir esporte, ele cobre futebol essa é a verdade. Ele que entrar na editoria esportiva porque gosta de futebol, ele quer acompanhar futebol.

Tania: Tem alguma dificuldade de ter uma equipe mista?

Entrevistado 9: Não, eu não considero uma dificuldade, considero isso uma vantagem. Dá para dar essa mesclada para poder ter de dar esse olhar mais detalhado da mulher e da praticidade do homem porque eles são mais práticos. Nunca vi desvantagem ter uma equipe mista. Eu gostava de ter uma equipe mista

Tania: O que se espera do jornalismo esportivo dessa editoria?

Entrevistado 9: Eu vou ser bem sincera, passei muitos anos no jornalismo esportivo e depois que eu parei de cobrir o jornalismo esportivo; não sei talvez por ter saído em uma situação tão chata acabei refletindo para a cobertura do esporte. Quando eu sai do jornal, sai extremamente cansada. Foram muitos anos. Como eu fui me distanciando da cobertura esportiva, primeiro eu me dei férias de leitura esportiva. Confesso que eu fui mergulhando em mundos diferenciados,

sentindo a necessidade de entender outras questões. Hoje em dia eu gosto de ler sobre esporte, se eu vejo uma competição de atletismo eu consigo identificar alguma coisa ou outra. Eu lembro de um atleta ou outro quando eu vejo matérias antigas. Eu gostava muito!

Tania: Acredita que o jornalismo esportivo tende a crescer aqui?

Entrevistado 9: Aqui em Manaus eu não sei, o esporte local estagnou, parou na época que eu cobria o São Raimundo, que caiu. Isso prejudica o jornalismo esportivo conseqüentemente. Hoje em dia eu vejo muito raramente, tenho medo de ser injusta. Vejo umas matérias ou outras, vejo mais voltadas para o esporte amador. Um personagem aqui, uma galerinha ali, que foi representar o Amazonas em outro Estado. Mas eu acho que o esporte daqui infelizmente por falta de investimento, visão; quando eu falo de investimento eu não falo do Governo do Estado nem da Prefeitura. Eu falo de empresas mesmo, por falta de visão, que acaba que o esporte daqui não passe daquilo. Temos noção, impressão que se o cara não sai aqui do Estado ele não cresce, não vai crescer.

Tania: Agora seu salário mudou com a ascensão para o cargo de editora chefe?

Entrevistado 9: Radicalmente, eu lembro que na época eu tinha dois anos de repórter e tinha acabado de sair do Diário Amazonas quando fui chamada para o ***** para assumir a editoria. Eu fiquei desesperada com a responsabilidade do cargo mas muito feliz. Eu te confesso, era umas três vezes mais o que eu ganhava ou até quadro vez mais do que eu ganhava como repórter esportivo.

Tania: Havia distinção de valor salarial entre homem e mulher? Você soube?

Entrevistado 9: Na época eu recebia o mesmo salário que um homem, o salário era padronizado para editor e sub editor. Quem entrou depois já não era o mesmo salário, já foram oferecendo salários diferenciados, salários menores. Mas na minha época não vi diferenciação de editor não.

Tania: Quem desejar entrar na área, como deve se preparar? O que você aconselharia fazer?

Entrevistado 9: Eu acho que hoje em dia com o acesso desenfreado de notícias você tem acesso a informação muito fácil. Hoje em dia é muito fácil. Costumo dizer que acho um absurdo a possibilidade de uma pessoa não está bem informada sendo que tem as redes sociais abertas 24 horas por dia, porque se eu uso as redes sociais, eu uso para me informar também. Então assim, hoje como

sempre foi, acho que qualquer pessoa que pretende entrar no mundo esportivo; seja para ser repórter; é importante a redação de jornal. Para mim a redação de jornal é extremamente importante. Eu não quero desvalorizar a assessoria de imprensa, mas para mim a redação de jornal é o início de tudo; é aonde você aprende a identificar o realmente importa, onde você encara a loucura que é o jornalismo, é onde você aprende de fato que o textual é muito importante. Não sei hoje em dia, mas eu tive sorte de ter editores bem rígidos com relação ao texto. Primeiro se você é jornalista, precisa ter preocupação com o que escreve, com o seu texto. Jornalista tem que saber escrever. Não estou falando que ele tem que entrar na redação de jornal possuindo um texto 100% perfeito porque nem todo mundo consegue, é muito, mas português ele tem que tá kit, porque é impressionante qualquer pessoa pode escrever errado mas se um jornalista coloca uma vírgula no lugar indevido a proporção é absurda. Até para mim que sou jornalista vendo eu já crio, imagina para quem não é. Para mim jornalista, independentemente de estar em esportes ou não tem que estar informado de tudo. Eu acho inadmissível um repórter que cobre esportes não saber o nome do presidente da Assembleia e da Câmara, por exemplo. Ele tem que entender que o mundo dele vai muito além daquilo. Eu sempre tive muito receio dos meus repórteres serem encarados como alienados: 'Ah, eu cubro esportes, só sei disso. Eu só tenho a obrigação de saber a escala do Fast.'. Então para mim o jornalista tem que se preocupar com a formação textual, com o conhecimento de fato, lê bastante. Eu sou muito cri cri. O repórter esportivo tem muito acesso a informação: internet, rádio, tv. O repórter esportivo tem que ter responsabilidade com o que ele escreve, as vezes a gente se acostuma tanto com a ideia de que o esporte ficou a margem nos jornais que a gente tem pouca preocupação com o que se produz. Eu sempre fui uma pessoa que brigou muito pelo esporte na capa do jornal, mas eu não queria que ele fosse pelo jogo do Flamengo, do Vasco, por conta do jogo do Brasil. Eu queria que o esporte fosse para a capa por conta de uma matéria que um repórter meu tinha escrito porque ele foi para rua, porque ele achou um baita de um personagem, porque a matéria rendeu pra caramba, as fotos ficaram lindas, o texto estava perfeito. Eu acho que o repórter esportivo não pode perder essa vontade de contar história mesmo.

Tania: O texto de esportes é bem diferente do das outras editorias?

Entrevistado 9: Cada editoria tem um jeito, um perfil. Cultura geralmente dá uma abertura maior, os repórteres dela se permitem mais. Mas eu acho que é padrão dos textos em editoria de jornal, não sei dizer se é uma coisa absurdamente diferente porque querendo ou não tu vai seguir teu lide. Se você faz uma matéria de Polícia, a prisão será aquele formato basicamente. Mas se você pega uma matéria de Cidades e sai uma apreensão do Batalhão ambiental vai ter um formato padrão. Se você pega o material de Cidades e vai fazer o material de domingo ou um material mais produzida de um assunto diferenciado é uma outra forma, você ganha liberdade. Por isso que eu acho que os jornais criaram a ideia do material de domingo que trabalha histórias. O esporte não é nada mais, nada menos, do que isso. Eu acho que o cuidado que a gente deve ter é de não transformar o futebol em rotina, porque o futebol rende matérias impressionantes. Tanto que o jornalismo esportivo de TV nacional consegue sugar isso, buscar personagens e talvez por isso as pessoas se encantem tanto pelo esporte amador porque diariamente ele te exige isso. O esporte amador daqui não tem competição diária, não tem uma rotina de tabela, de campo. Ele te exige isso, que você crie, venda uma história, você construa uma história para atrair o leitor.

Tania: A diferença de fazer um jornal diário e o do fim de semana?

Entrevistado 9: É muita, eu não estou menosprezando o material da semana. Ele é fatural. Existe muito aquela preocupação em priorizar o imediatismo dos fatos, você peneira, muita coisa cai, às vezes você escreve e não vai. Existe muito aquela preocupação de você mostrar o que de fato importa naquele dia. O material de domingo não, é aquele material que se tem a semana para trabalhar, que você conta uma história capta aquilo ali, é sua, não é uma cobertura onde todo mundo foi para uma coletiva e pegou o mesmo material. Lógico que o material diário não te tira a responsabilidade de procurar o diferencial, mas é sobre aquele mesmo assunto. Geralmente ele é um pouco terror porque ele acaba entrando no fechamento de sexta-feira e é uma correria. Mas é o que você tem mais cuidado, é que você consegue captar, consegue fugir do teu dia a dia. Eu amava página dupla. Eu adoro trabalhar com foto grande, vender realmente, tornar a página bem atrativa. Mas a minha vontade é que as pessoas tivessem um interesse maior, eu confesso.

Tania: Se surgisse uma proposta boa você voltaria?

Entrevistado 9: Sabia que eu nunca pensei nisso. Eu vou ser muito sincera, meu problema não é com esporte, é com a situação das redações de jornal. Eu acho que estou igual a aqueles que foram de redação de jornal e hoje em dia estão em assessorias, empresas privadas, estão em portais da vida. Tem uma galera antiga que perdeu muito aquele frisson, o desejo de estar na redação. Talvez porque as redações estejam como estão, reduzidas a pouquíssimos repórteres, sobrecarregados, com acúmulo de função, pagando muito menos do que na época. Ele é obrigado a escrever sobre tudo, no mesmo dia, de uma forma bem rápida, de uma maneira bem superficial. Eu acho que eu tive o meu momento, agora eu estou em um outro. Eu suguei o que eu pude, extrai mesmo. A melhor fase da minha vida como repórter foi na editoria de esportes, escrevi matérias em Cidades, mas a minha melhor época foi a de Esporte. Ele me proporcionou uma base, a minha vontade de escrever diferente, de ir atrás, foi o esporte que fez. Eu fui de berço uma repórter esportiva. Fui editora. A editoria que me ensinou a base.

APÊNDICE T – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA ABERTA COM A ENTREVISTADO 10

Tania: Sabendo que a trajetória da Rádio ***** no esporte vem de várias décadas. Como é trabalhar com o jornalismo esportivo? Como vocês trabalharam nessa transição da Rádio AM para a FM, as mídias sociais, as mudanças que ocorreram no meio jornalístico?

Entrevistado 10: Bem, lá atrás antes de ter a migração da AM para FM, quem transmitia futebol exatamente eram as emissoras AM, FM quase não fazia futebol. Aqui e também lá fora, raríssimas exceções a Rádio Globo fazia. A Nacional, Tupi com AM e nós fazíamos. Nós tínhamos a programação a FM musical e fazíamos a resenha, boletim esportivo, transmissão, tudo pela emissora AM. Isso desde os anos 70, 80.

Na ***** já tinha uma participação de uma voz feminina que era da Fezinha. Ela entrava com alguns slogans durante a transmissão, por exemplo: 'A Difusora só da bola pra você'. Isso na hora da transmissão, na passagem de tempo no estádio durante a transmissão. Não era uma participação de noticiário e nem de esportes, era apenas uma participação, mas dentro de uma transmissão.

Sobre o avanço de tecnologia, tudo que foi surgindo todas as emissoras tiveram que se adaptar, todas. O que piorou a respeito de participação feminina, ou masculina, especificamente, é que o nosso futebol foi pro fundo do poço. Eu cansei de transmitir jogo no Vivaldo Lima lotado, Ismael Benigno Colina lotado, Parque Amazonense lotado (não é do seu tempo). E nós tínhamos os nossos ídolos, nós participamos da primeira divisão do futebol brasileiro. No início do Campeonato Brasileiro cada estado tinha direito, principalmente da região norte, nordeste, e o Rio entrava com as forças máximas: Flamengo, Fluminense, Vasco e Botafogo, já São Paulo vinha com Santos, Palmeiras, Corinthians e o próprio São Paulo. Rio Grande do Sul entrava com dois grandes, e por ai a fora, Minas e os dois grandes. Então era um Campeonato Brasileiro bem gigante e nós tínhamos boas transmissões, os estádios lotados e tinha faturamento, então as emissoras AM sobreviviam.

Nós tínhamos um departamento esportivo que se pagava às vezes até dez funcionários, entre repórteres, comentaristas, noticiário e narradores esportivos. E qualquer emissora de rádio é uma empresa, o mundo é capitalista. Foi caindo o

futebol, os anunciantes foram fugindo e com isso diminuindo a participação de profissionais dentro do rádio.

Aí você trabalha com a quarta divisão do futebol brasileiro, que praticamente nem existe. É quase dois meses, mais ou menos isso, você tem uma equipe o ano inteiro pra pagar doze meses, pra pagar dois meses de competição. Fica difícil, e isso foi afundando; como afundou aliás.

Com essa mudança toda de tecnologia o avanço veio e nós passamos, a AM já ninguém ouvia, já não tinha mais jogos, nós sempre fizemos tabelinha com os jogos do Campeonato Brasileiro pegando carona na Rádio Gaúcho de Porto Alegre, super Rádio Tupi do Rio de Janeiro, Itatiaia de Belo Horizonte. Então nós estávamos na verdadeira carona e entrávamos só com os nossos comerciais.

Depois teve uma mudança, São Raimundo teve uma fase boa aqui na segunda divisão, e aí as meninas começaram a preencher a nossa equipe. Nós fazíamos transmissão já na FM, coisa que não se fazia, já não tinha mais todos os repórteres de antigamente. Trabalhar com dez nem pensar, que chegamos a chamar de até de super equipe Difusora. Mantinha a Rio Mar também bem equipada, Baré, todo mundo fazia isso, as principais Baré, Rio Mar e Difusora. Aí vieram as meninas: ***** e a *****.

O São Raimundo também depois também afundou, ficamos muito mais de estúdio, vez por outra tem jogo de terceira ou quarta divisão, isso demora muito, tipo dois meses aí nós vamos fazer, as meninas vão. Tem o Arnaldo, o Edson Santos do Baiano. A gente faz uma salada aí e vê no que dá.

Sobre a tecnologia de avanço, redes sociais e tudo isso, só fez melhorar. Antigamente, você precisava de muita coisa pra fazer uma entrevista, você tinha que ir lá no estádio. Hoje você faz por telefone, liga, conversa, faz e grava no estúdio, então com a internet tudo se melhorou.

Tania: Até transmissão vocês já fizeram via web, não é isso?

Entrevistado 10: Exatamente, a gente faz isso, se você quiser você faz uma transmissão até pelo celular, então tudo isso melhorou. Mas esse advento que veio, essa melhora de tecnologia todinha, lamentavelmente o futebol do Amazonas não acompanhou. Ele foi pro fundo do poço, por falta de dirigentes, por falta de ídolos, por falta de planejamento, por tudo isso.

O Pará sobrevive muito bem, o Amazonas não. Porque o Amazonas é atípico de outros Estados. Se você colocar aqui Nacional e Flamengo pra jogar, 98% da torcida do estádio é Flamengo. Vai lá em Belém, bota Flamengo e Remo pra ver uma coisa, é 70% ou mais da torcida do Remo ou do Paysandu e 30% do time de fora. Se você colocar hoje, aqui, Nacional e Paysandu eu acho que dá mais torcida hoje do Paysandu e Remo do que do Nacional, que era o time de maior torcida do Estado.

Então, a tecnologia avançou, progrediu, e nós teríamos que fazer um seminário pra ressuscitar o gigante adormecido. Eu acho até que alguém chegou com um pau deu outra porrada e acabou de matar o gigante. Por que não existe mais nada no nosso futebol, lamentavelmente.

Essa situação do momento a gente sobrevive aqui FM, por consideração ainda dos clubes que ainda estão na batalha. O programa Sala 10 tem o *****, o *****, a *****, a *****. Vez por outra nós vamos fazer o jogo do Campeonato Amazonense, que é curto e corrido e o restante é tudo de fora.

Então você vê, eu fazia jogo para 35 mil pessoas no estádio Vivaldo Lima lotado. Hoje você não bota 2 mil torcedores numa decisão de Campeonato Amazonense, não tem como o rádio fazer investimento. A rádio é uma empresa como uma outra qualquer, ela quer saber se dá lucro, todos, não deu lucro, ela não vai pagar pra transmitir e nós temos feito isso as vezes, nós pagamos pra transmitir, a ***** acho que é exceção.

Tania: Você tem as duas que trabalham com esporte, além dos rapazes. Enfim como é feito a montagem da equipe? Como vocês selecionam uma pessoa para trabalhar quando tem uma cobertura de esporte ou alguma atividade esportiva já que vocês não tem a AM de antigamente?

Entrevistado 10: Não existe especificamente uma equipe esportiva mais. É tipo terceirizada, dois repórteres a gente contrata para dois jogos, paga, gratifica. Funcionários da rádio são a *****, a ***** e o *****, mas as duas não ganham especificamente pra fazer reportagem esportiva, elas são funcionárias da rádio, mas são versáteis sabem fazer tudo, vão pro jogo e gostam. Então se vai ter um jogo nós organizamos a equipe e escalamos, ***** narrando, ***** comentando e as duas meninas na reportagem, mais o ***** e o *****.

Tania: E qual a diferença das meninas integrando a equipe?

Entrevistado 10: Deu um charme, mas é um bom dizer que nós copiamos isso do jornal de fora. Isso começou com Sportv, praticamente, que contratou várias repórteres esportivas. Hoje você vai para o Sportv, CBN, esse todo esse pessoal lá de fora e tem muitas mulheres, tem até como âncora, falando bem do futebol, discutindo com os homens.

Eu acho que foi um avanço muito grande, é uma coisa diferente. Eu vejo muita honestidade quando a mulher faz o esporte porque tem uns homens... quando o cara é corintiano, flamenguista é difícil você derrubar um repórter. Mas eu não vejo isso em uma mulher quando faz reportagem, eu vejo mais sinceridade na matéria, naquilo que o telespectador quer ver ou do ouvinte. Elas avançaram muito em reportagem e programa de estúdio. Narração, isso ainda é muito devagar, na narração ainda são os homens. Na reportagem, estúdios, isso aí as mulheres avançaram muito, mas muito mesmo.

Tania: Quais são as características femininas no jornalismo esportivo, que as diferencia do homem? Além dessas que você já citou.

Entrevistado 10: Eu acho que hoje está muito dividido, muito bem escalado. Houve um avanço muito grande na imprensa esportiva brasileira, se paga bem lá fora não falo daqui, porque lá fora tem material pra você trabalhar todos os dias. Você tem Libertadores, tem Sul Americana, Campeonato Paulista, Campeonato Carioca e até a quarta divisão de São Paulo emprega gente. É uma coisa, assim, monstruosa. Eu acho que a escalação é de acordo com aquele perfil daquela profissional.

De repente tem uma profissional que é muito boa para cobrir o Corinthians e outro já se dá bem cobrindo o São Paulo. Eu faria sempre, numa transmissão dividiria dois repórteres de campo, um homem e uma mulher. Faria sempre isso pra ficar um tom diferente durante a transmissão. Mas vejo muito talento no pessoal que surgiu.

Tania: Você acha que tem domínio na informação passada pelas meninas? Ou talvez a informação fosse passada de uma forma mais clara. Você acredita nisso?

Entrevistado 10: O que aconteceu é um seguinte, as meninas estão subindo, estão surgindo. A maioria dos repórteres são antigos, eles quase não precisam editar nada, abriu o microfone eles desenvolvem a matéria bem tranquilo. As mulheres ainda estão editando um pouco, com aquele carinho, com aquele

cuidado mais especial. Os homens já são mais liberais nessa parte, se você jogar rapidamente ele vai de improviso, vai rápido, a mulher ainda edita um pouquinho, tem medo de errar ainda. Mas nessa rapidez de improviso o homem ainda está levando vantagem, no improviso.

Tania: Você acha que as mulheres tem mais desenvoltura pra abordar pautas que tem haver com esportes olímpicos? Ou com o futebol? O com ambos?

Entrevistado 10: Depende da especialidade, você tem um profissional para cada uma. Existe no Brasil os especialistas para jogos olímpicos, jogos amadores. Há narradores só pros jogos olímpicos. A não ser quando entra um esporte mais de massa, vôlei, por exemplo, aí já botam narradores de futebol inclusive no vôlei, basquete, no futebol que agora faz parte.

Mas esse da pauta depende, tem uma repórter, por exemplo, que ela diz: 'Eu sou mais ativa para jogos amadores', existe esses departamentos todos. Eu tô falando de jogos olímpicos, mas nós não podemos fazer nenhuma análise, como é que nós vamos trabalhar os jogos olímpicos aqui na região norte porque nós não temos condições de fazer . Você pode fazer boletim de estúdio aqui, porque isso tudo é vendido, são direitos, você não vai com a transmissão sem pagar. A Globo recentemente tinha perdido pra Record se eu não me engano.

Tania: Mas e o Boletim?

Entrevistado 10: Ah, boletim você faz dentro da sua casa, dentro do seu estúdio.

Tania: Você acha que elas tem desenvoltura?

Entrevistado 10: Tem, porque ai é uma pauta, você primeiro vai conduzir pra fazer. Não sou de dizer que homem é melhor que a mulher e nem a mulher que o homem. Alias, de repente, dependendo da capacidade de cada um. Se você pegar um cara que é só esportivo, locutor, digamos de futebol, se você mandar ele cobrir jogos olímpicos ou outras modalidades, quando já existe profissionais para aquele lado e se tiver mulher, ele vai apanhar feio. Porque ela é especialista. É tipo medicina, tem ginecologista, neurologista, tem o pediatra, né? Então, hoje existe especialista cada qual na sua. Se você ver na televisão quase quem aborda os jogos olímpicos nem transmite o jogo e nem participa de futebol, ta transmitindo futsal, vôlei e basquete.

Tania: Agora o que você acha das mulheres, por exemplo, nós tivemos no período de 2011 a 2014, por exemplo, uma mulher que comandou uma editoria de

esporte no jornal ***** , sei que é impresso, mas o que você acha delas estarem ocupando esses lugares de chefia no esporte que ainda é tido como masculino pelo público? Você acha que ainda é uma ascensão positiva?

Entrevistado 10: Eu acho que tudo isso depende da capacidade de cada um, homem ou mulher. Vamos lá: O Carlos Alberto, nunca jogou futebol e foi campeão do mundo como treinador, e não é fácil você ser campeão do mundo. Dizem que o maior presidente da FIFA de todos os tempos, João Havelange, nunca jogou futebol, era nadador . Então é a capacidade de quem vai administrar. Você vai comandar um departamento esportivo, rádio, jornal ou televisão, trata-se de um comando, e o comando é selecionar os melhores, fazer as pautas, você tem seus assessores, você passa a ser um administrador. O administrador não significa que ele entenda de tudo, ele é cercado de assessores, agora ele tem que saber administrar, chama um, chama outro. Ele passa a ser comandante.

Tania: Então a rádio teria uma editora chefe?

Entrevistado 10: Sim, Claro. Por exemplo, aqui eu coloquei. Claro que não é um programa esportivo, só é uma parte esportiva. Botei a ***** para comandar, são dois homens, mas o comando agora é dela.

Então teve capacidade você não pode olhar o sexo, foi capaz, não importa se é saia, calça comprida, não interessa isso. Se você quer ganhar, escale sempre o que você tem de melhor.

Tania: Você já viu ou soube nessas transmissões que as meninas participaram ou até mesmo por telefone, whatsapp ,redes sociais, uma das meninas sendo criticada por alguém por serem mulheres e estarem comentando sobre futebol? O senhor já recebeu uma ligação dizendo: Ah, eu não gosto da ***** , ela não entende nada de futebol, o que ela está comentando aí?

Entrevistado 10: Não, elas são inteligentes. Elas vão no básico, não inventam.

Tania: Nem no campo, assim alguém gritando ou ofendendo uma das suas repórteres?

Entrevistado 10: Não. Às vezes o treinador não quer dar entrevista, nem o jogador, mas ninguém nega uma entrevista para uma mulher, tem isso aí. A mulher ela não é muito polêmica. Ela não entra naquele jogo que existe, de as vezes não gostar daquele jogador, perseguir, faz não sei o que. Ela só não gosta mesmo quando jogador atua ruim e se mete num assunto que não é dele. A

mulher vai mais no certo, ela não vai com maldade, vai muito mais profissionalismo.

Tania: Com experiência que você tem ao longo dos anos, o que uma mulher deve fazer para entrar e se manter no universo do jornalismo esportivo?

Entrevistado 10: Só por gostar, eu posso apenas procurar passar um pouco que eu aprendi na minha vida. Agora pra você exercer a profissão eu não tenho como ajudar, porque só pode trabalhar profissional, eu posso dizer qual é o caminho.

Uma coisa é ter dom não adianta chegar lá, por exemplo, no futebol, e não saber de nada. Ninguém ensina futebol a ninguém, ensina vôlei e basquete com treinamento, futebol é um dom, você já traz aquilo. Então na comunicação também. Eu quando fui entrevistar jogador, dirigente ou treinador, eu olhava os treinamentos, a aqueles quando estiverem fazendo faculdade podem dizer já passei por aquilo ali. Aquilo ali passa a ser tipo um estágio você vai unir as duas coisas esse é o caminho, só dentro da faculdade não dá. Eu quero ver uma faculdade ensinando uma pessoa a ser narrador de futebol, por exemplo. Não conheço nenhuma.

Tania: Somente as técnicas são aprendidas, assimiladas na faculdade, seria isso? Por que a experiência e a vivência é no dia a dia, é o gostar e a dedicação?

Entrevistado 10: Como narrador esportivo em faculdade não conheço nenhum dos famosos. O jornalista já é mais a faculdade. Esse outro lado também ajuda, tem que gostar, tem que entender, se não entende de futebol, não entende de regras, não assiste jogo, nada, só dentro da faculdade, tá no local errado, tem que participar, tem que olhar como é que se chuta, como é que se faz, tática de jogo, tudo isso, tem que unir as duas coisas. Só lá dentro sem vê jogo nenhum, vai analisar o quê?

Tania: E as mulheres estão mostrando essa dedicação ao estudar esporte?

Entrevistado 10: Sim, elas estão participando direto, acabou aquela história.

Tania: Será que agora o espaço está muito mais competitivo do que era antigamente só com os homens, você acredita?

Entrevistado 10: Evolução, é uma evolução. Vai ter sempre espaço, qualquer profissional, por exemplo, uma repórter começa a se destacar hoje, se ela tá numa emissora de nível B daqui a pouco A vai contratar, isso até no futebol já

esta acontecendo. Não é só um rostinho bonito, tem que entender. Quem entende bem vai pra frente.

Tania: E a questão salarial, você acredita que as mulheres estão recebendo menos que os homens no jornalismo esportivo?

Entrevistado 10: Isso eu acredito também, eu nem precisaria ser comunicador para ver isso. Lamentavelmente, essa é uma reclamação bem antiga, em todos os setores, não é só no esporte não. Você vê reclamações, tem debates a respeito disso, as mulheres querem condições de igualdade.

Você hoje, dependendo das empresas, olha aquela diretora administrativa que ganha R\$30 mil, mas o outro que estava lá antes ganhava R\$60 mil, no mesmo cargo, eu acho errado. Se está ocupando o cargo, aquele cargo tem que ser R\$60 mil para os dois. Mas até no esporte que não é diferente de outros empregos eu acho que eles pagam menos para as mulheres.

Tania: Pelo fator do gênero?

Entrevistado 10: Você deve sentir na pele que são reclamações há mais de 30 anos ou 40, não houve mudança, talvez devagar, mais não teve mudança, lamentavelmente.

Tania: Qual a sua visão e perspectiva pro jornalismo esportivo daqui em diante?

Entrevistado 10: Eu acho que é um caminho, eu devo tudo ao rádio, embora sendo jornalista também, eu tenho 2 registros: jornalista e radialista profissional. Só de ***** tenho 42 anos. Uma coisa é trabalhar em São Paulo, Belo Horizonte, Rio Grande do Sul, eu tô até deixando o Rio por último, paga pessimamente o Rio de Janeiro. Quem melhor paga é São Paulo. São Paulo paga um narrador de futebol R\$150 mil. O Galvão Bueno meio milhão de reais. Tem uns narradores que ganham 250 mil, mais ou menos assim. Aí você vem descendo, todo mundo depende de outra profissão. Eu sou um, que durante muitos anos, tive que ter profissão paralela para sobreviver junto com a minha família. Uma coisa é você achar legal, a outra é você saber que vai ter que sustentar uma família. A maioria dos meus colegas tem dois ou três empregos por fora. Então eu sou um caso assim com mais 2 ou 3 no meio de 100. A maioria tem que ter outras profissões pra sobreviver.

Ai eu digo as pessoas que estão fazendo jornalismo lá em São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, digo: 'Olha a pessoa tá fazendo uma profissão pra

ter uma sobrevivência boa, digna , honrada.’. Afinal você esta fazendo uma faculdade, o que você está gastando aqui poderia está gastando pra fazer medicina, pra ser um medico, ser advogado.

Então a vida ensina, uma coisa é você gostar e a outra é a sua sobrevivência. Você tem que dar um bom colégio para seus filhos, você tem que andar com dignidade, ter transporte, ter tudo. E a maioria anda de ônibus. Eu tô falando de Brasil.

E não é fácil você ser um jornalista, radialista, não é fácil. Aí você chega no Chile todos jornalista de paletó, tem seu carro. Então eu dou esse conselho, que pense bastante: Ah o fulano está ali, ele tem o carro dele, tem uma casa boa. No meio de 100 procura quantos?

Tania: Mesmo assim ainda tem muita gente procurando fazer comunicação.

Entrevistado 10: É Porque você quando é jovem sonha muito. Eu adoro minha profissão. Eu sou um dos homens mais felizes do mundo. Eu sou o homem mais feliz do mundo porque me pagam pra fazer o que gosto. E eu recebo hoje pra fazer o que eu gosto, a minha vida é o radio desde os 14 anos, já estou pra encerrar carreira. Mas dei sorte, antes eu trabalhava na ***** e era caminhoneiro, a noite eu era taxista, depois deixei de ser caminhoneiro e fui trabalhar em drogaria. Então isso durou muito tempo. Até que um dia cheguei na rádio *****. Tem que ter sorte, não tem espaço pra você viver só disso aqui na região. Hoje, tem raríssimas exceções, estou falando pra você ter um bom apartamento, ter seu carro, ter tudo. Os jovens estão entrando, a gente sonha, eu também sonhava, mas depois você casa, e aí vem a família. Mas se uma filha minha quisesse seguir carreira, eu diria: ‘Vamos fazer uma Medicina, um Direito, e tal’. Eu sei o que passei.

Tania: O que te levou a chegar no cargo que exerce hoje?

Entrevistado 10: Só tinha uma vaga, só tinha essa aqui. Quantos estão no mercado? É uma dura realidade, e eu não falo assim desprezando o futebol pelo contrário, tudo que tenho devo ao microfone. Mas tem que ter muita sorte, muita. A porta tem que tá aberta quando você tá passando pra entrar.

ANEXOS

ANEXO 1 - PROTOCOLO DE APROVAÇÃO NO CEP

DETALHAR PROJETO DE PESQUISA

- DADOS DA VERSÃO DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Das sombras ao protagonismo: a inserção das mulheres no universo do jornalismo esportivo de Manaus
 Pesquisador Responsável: TANIAMARA QUEIROZ DE FREITAS
 Área Temática:
 Versão: 1
 CAAE: 01059818.2.0000.5020
 Submetido em: 04/10/2018
 Instituição Proponente: PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA
 Situação da Versão do Projeto: Aprovado
 Localização atual da Versão do Projeto: Pesquisador Responsável
 Patrocinador Principal: Financiamento Próprio



Comprovante de Recepção:  PB_COMPROVANTE_RECEPCAO_1230323

+ DOCUMENTOS DO PROJETO DE PESQUISA

- LISTA DE APRECIÇÕES DO PROJETO

Apreciação ↕	Pesquisador Responsável ↕	Versão ↕	Submissão ↕	Modificação ↕	Situação ↕	Exclusiva do Centro Coord. ↕	Ações
PO	TANIAMARA QUEIROZ DE FREITAS	1	04/10/2018	25/10/2018	Aprovado	Não	   

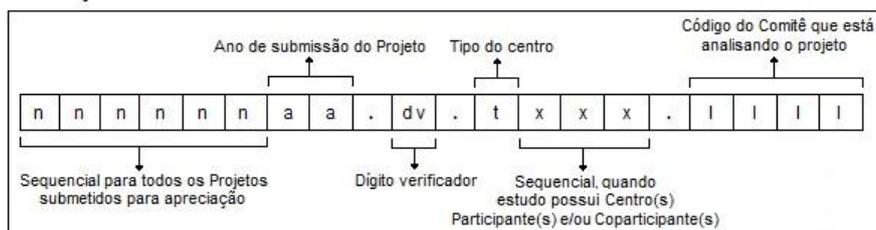
+ HISTÓRICO DE TRÂMITES

LEGENDA:

(*) Apreciação

PO = Projeto Original de Centro Coordenador	POp = Projeto Original de Centro Participante	POc = Projeto Original de Centro Coparticipante
E = Emenda de Centro Coordenador	Ep = Emenda de Centro Participante	Ec = Emenda de Centro Coparticipante
N = Notificação de Centro Coordenador	Np = Notificação de Centro Participante	Nc = Notificação de Centro Coparticipante

(*) Formação do CAAE



[Voltar](#)